PESQUISA DO NOVO TESTAMENTO

MATEUS – APOCALIPSE

DR. BOB UTLEY

Bible Lessons International

ÍNDICE

UM GUIA PARA BOA LEITURA DA BÍBLIA

UMA BUSCA PESSOAL PELA VERDADE VERIFICÁVEL

Podemos conhecer a verdade? Onde ela é encontrada? Podemos verificá-la logicamente? Há uma autoridade final? Há absolutos que podem guiar nossas vidas, nosso mundo? Há significado para a vida? Por que estamos aqui? Onde estamos indo? Estas perguntas – perguntas que racionalmente as pessoas contemplam – têm atormentado o intelecto humano desde o princípio do tempo (Ec 1.13-18; 3.9-11).

Eu posso lembrar minha busca pessoal por um centro de integração para minha vida. Eu me tornei um crente em Cristo numa idade jovem, baseado principalmente no testemunho de outros significativos em minha família. Enquanto eu crescia à idade, perguntas sobre mim mesmo e meu mundo também cresciam. Simples clichês culturais e religiosos não trouxeram significado para as experiências sobre as quais eu lia ou me deparava. Foi um tempo de confusão, procura, desejo e freqüentemente um sentimento de desesperança na face do mundo insensível, difícil em que eu vivia.

Muitos afirmavam ter respostas para estas perguntas fundamentais, mas depois de pesquisa e reflexão eu encontrei que suas repostas estavam baseadas em: (1) filosofias pessoais, (2) mitos antigos, (3) experiências pessoais, ou (4) projeções psicológicas. Eu precisei de algum grau de verificação, alguma evidência, alguma racionalidade em que basear minha visão de mundo, meu centro de integração, minha razão para viver.

Estas eu encontrei em meu estudo da Bíblia. Eu comecei a buscar pela evidência de sua confiabilidade, que eu encontrei em: (1) a confiabilidade histórica da Bíblia a partir da arqueologia, (2) a precisão das profecias do Velho Testamento, (3) a unidade da mensagem da Bíblia durante os mil e seiscentos anos de sua produção, e (4) os testemunhos pessoais de pessoas cujas vidas tinham sido permanentemente mudadas pelo contato com a Bíblia. O cristianismo, enquanto um sistema unificado de fé e crença, tem a habilidade para lidar com questões complexas da vida humana. Isto não só forneceu uma estrutura racional, mas o aspecto experimental da fé bíblica trouxe-me alegria e estabilidade emocional.

Eu pensei que tinha encontrado o centro de integração para minha vida – a Bíblia. Foi uma experiência emocionante, uma libertação emocional. Eu posso ainda lembrar o choque e a dor quando comecei a compreender quantas interpretações diferentes deste livro eram defendidas, às vezes mesmo dentro das mesmas igrejas e escolas de pensamento. Afirmar a inspiração e confiabilidade da Bíblia não era o fim, mas apenas o começo. Como eu verifico ou rejeito as interpretações variadas e conflitantes das muitas passagens difíceis na Escritura daqueles que estavam afirmando sua autoridade e confiabilidade?

Esta tarefa tornou-se a meta de minha vida e peregrinação da fé. Eu sabia que minha fé em Cristo tinha me trazido grande paz e alegria. Minha mente ansiava por absolutos no meio da relatividade de minha cultura e o dogmatismo de sistemas religiosos conflitantes e arrogância denominacional. Em minha busca por abordagens válidas para a interpretação de literatura antiga, eu fui surpreendido ao descobrir meus próprios preconceitos históricos, cultural, denominacional e experimental. Eu tinha freqüentemente lido a Bíblia simplesmente para reforçar minhas próprias opiniões. Eu a usava como um banco de dados para atacar outros embora afirmando minhas próprias inseguranças e impropriedades. Quão dolorosa esta compreensão foi para mim!

Embora eu nunca possa ser totalmente objetivo, eu posso me tornar um leitor melhor da Bíblia. Eu posso limitar meus preconceitos identificando-os e reconhecendo a presença deles. Eu não estou ainda livre deles, mas eu tenho confrontado minha própria debilidade. O intérprete é freqüentemente o pior inimigo da boa leitura da Bíblia!

Portanto, deixe-me listar algumas pressuposições que eu trago para meu estudo da Bíblia para que você, o leitor, possa examiná-las junto comigo:

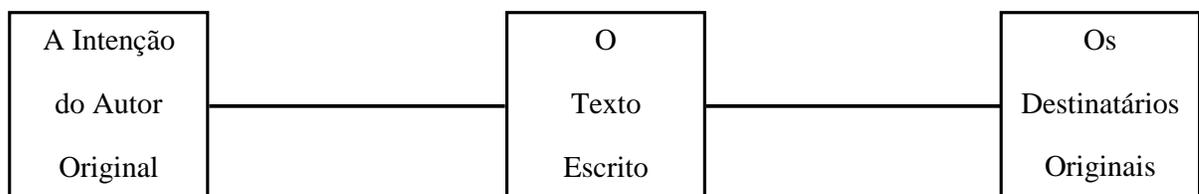
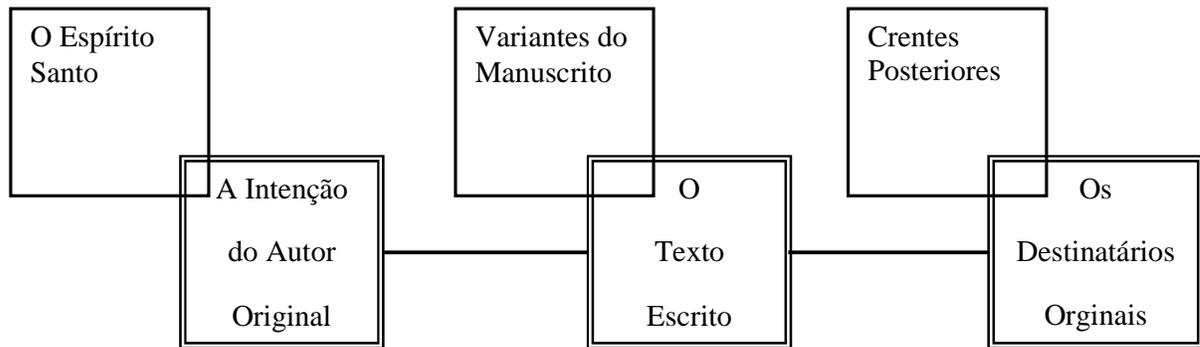
Pressuposições

1. Eu acredito que a Bíblia é a única auto-revelação inspirada do único Deus verdadeiro. Portanto, ela deve ser interpretada à luz da intenção do autor divino original através de um escritor humano num cenário histórico específico.

2. Eu acredito que a Bíblia foi escrita para o homem comum – para todos os homens! Deus acomodou-Se para falar-nos claramente dentro de um contexto histórico e cultural. Deus não esconde a verdade – Ele quer que nós compreendamos! Portanto, ela deve ser interpretada à luz do seu dia, não o nosso. A Bíblia não pode significar para nós o que ela nunca significou para aqueles que primeiro leram ou ouviram-na. É compreensível pela mente humana comum e usa formas e técnicas de comunicação humana normal.
3. Eu acredito que a Bíblia tem uma mensagem e propósito unificado. Ela não se contradiz, embora ela realmente contenha passagens difíceis e paradoxais. Assim, o melhor intérprete da Bíblia é a Bíblia mesma.
4. Eu acredito que cada passagem (excluindo profecias) tem um e somente um sentido baseado na intenção do autor original, inspirado. Embora nunca possamos estar absolutamente certos que conhecemos a intenção do autor original, muitos indicadores apontam em sua direção:
   a. O gênero (tipo literário) escolhido para expressar a mensagem.
   b. O cenário histórico e/ou a ocasião específica que trouxe à tona a escrita.
   c. O contexto literário do livro todo assim como cada unidade literária.
   d. O plano textual (esboço) das unidades literárias tal como elas se relacionam com a mensagem toda.
   e. As características gramaticais específicas empregadas para comunicar a mensagem.
   f. As palavras escolhidas para apresentar a mensagem.

O estudo de cada uma destas áreas torna-se o objeto de nosso estudo de uma passagem. Antes de eu explicar minha metodologia para a boa leitura da Bíblia, deixe-me delinear alguns dos métodos inapropriados sendo usados hoje que têm causado tanta diversidade de interpretação e que conseqüentemente deveriam ser evitados:

1. Ignorar o contexto literário dos livros da Bíblia e usar cada sentença, oração, ou mesmo palavras individuais como declarações da verdade sem relação com a intenção do autor ou o contexto maior. Isto é freqüentemente chamado “texto-prova”.
2. Ignorar o cenário histórico dos livros da Bíblia substituindo por um suposto cenário histórico que tem pouco ou nenhum apoio do texto mesmo.
3. Ignorar o cenário histórico dos livros da Bíblia e lê-la como um jornal matutino da cidade natal escrito primariamente para cristãos modernos distintos.
4. Ignorar o cenário histórico dos livros da Bíblia alegorizando o texto numa mensagem filosófica/teológica totalmente sem relação como os primeiros ouvintes e o intenção do autor original.
5. Ignorar a mensagem original substituindo pelo próprio sistema de teologia de alguém, doutrina predileta, ou questão contemporânea sem relação com o propósito e mensagem declarada do autor original. Este fenômeno freqüentemente segue a leitura inicial da Bíblia como um meio de estabelecer a autoridade de um orador. Isto é freqüentemente referido como “resposta do leitor” (interpretação “o-que-o-texto-significa-para-mim”).

Pelo menos componentes relacionados podem ser encontrados em toda comunicação humana escrita:

No passado, técnicas diferentes de leitura têm focado em um dos três componentes. Mas para verdadeiramente afirmar a inspiração única da Bíblia, um diagrama modificado é mais apropriado:

Na verdade todos os três componentes devem ser incluídos no processo interpretativo. Para o propósito da verificação, minha interpretação foca nos dois primeiros componentes: o autor original e o texto. Estou provavelmente reagindo aos abusos que tenho observado: (1) alegorizar ou espiritualizar textos e (2) a interpretação "resposta do leitor" (o-que-o-texto-siginifca-para-mim). Abuso pode ocorrer em cada estágio. Devemos sempre examinar nossos motivos, preconceitos, técnicas e aplicações. Mas como examiná-los se não há nenhuma fronteira para interpretações, nenhum limite, nenhum critério? Isto é quando a intenção autoral e a estrutura textual fornecem-me alguns critérios para limitar o escopo de possíveis interpretações válidas.

À luz dessas técnicas de leitura inapropriadas, quais são algumas abordagens para boa leitura da Bíblia e interpretação que oferecem um grau de verificação e consistência?

Possíveis Abordagens para Boa Leitura da Bíblia

Neste ponto, não estou discutindo as únicas técnicas de interpretar gêneros específicos, mas princípios hermenêuticos gerais válidos para todos os tipos de textos bíblicos. Um bom livro para abordagens de gêneros específicos é *Entendes o que lês?*, de Gordon Fee e Douglas Stuart, publicado por Edições Vida Nova.

Minha metodologia foca inicialmente no leitor permitir o Espírito Santo iluminar a Bíblia através de quatro ciclos de leitura pessoal. Isto torna o Espírito Santo, o leitor e o texto primários, não secundários. Isto também protege o leitor de ser excessivamente influenciado pelos comentaristas. Tenho ouvido isso dito: "A Bíblia lança muita luz nos comentários". Isto não deve ser considerado um comentário depreciador sobre auxílios de estudo, mas antes um apelo para um momento apropriado para seu uso.

Devemos poder do texto mesmo apoiar nossas interpretações. Cinco áreas fornecem pelo menos verificação limitada:

(1) Cenário histórico
(2) Contexto literário
(3) Estruturas gramaticais (sintaxe)
(4) Uso contemporâneo de palavra
(5) Passagens paralelas relevantes
(6) Gêneros

Precisamos poder fornecer as razões e lógica por trás de nossas interpretações. A Bíblia é a nossa única fonte para fé e prática. Infelizmente, os cristãos com freqüência não estão discordam sobre o que ela ensina ou afirma.

Quatro ciclos de leitura são idealizados para fornecer as seguintes percepções interpretativas:

(1) O primeiro ciclo de leitura
   (a) Leia o livro durante uma sessão. Leia-o novamente numa tradução diferente, com sorte de uma teoria de tradução diferente.

(i) Palavra-por-palavra (NKJV, NASB, NRSV)
(ii) Equivalente dinâmico (TEV, JB)
(iii) Paráfrase (Bíblia Viva, Amplified Bible)
(b) Procure o propósito central do escrito inteiro. Identifique seu tema.
(c) Isole (se possível) uma unidade literária, um capítulo, um parágrafo ou uma sentença que claramente expresse esse propósito central ou tema.
(d) Identifique o gênero literário predominante:
(i) Antigo Testamento
a) Narrativa hebraica
b) Poesia hebraica (literatura de sabedoria, salmo)
c) Profecia hebraica (prosa, poesia)
d) Códigos de lei
(ii) Novo Testamento
a) Narrativas (Evangelhos, Atos)
b) Parábolas (Evangelhos)
c) Cartas/epístolas
d) Literatura apocalíptica
(2) O segundo ciclo de leitura
(a) Leia o livro todo novamente, buscando identificar os tópicos ou assuntos principais.
(b) Esboce os tópicos principais e em poucas palavras e resuma seus conteúdos numa informação declarativa.
(c) Examine sua declara de propósito e esboço geral com auxílios de estudo.
(3) O terceiro ciclo de leitura
(a) Leia o livro todo novamente, buscando identificar o cenário histórico e a ocasião específica para o escrito.
(b) Liste os itens históricos:
(i) O autor
(ii) A data
(iii) Os destinatários
(iv) A razão específica para escrever
(v) Aspectos do cenário cultural que se relacionam com o propósito do escritor.
(vi) Referências a pessoas e eventos históricos
(c) Expanda seu esboço para nível de parágrafo para aquela parte do livro bíblico que você está interpretando. Sempre identifique e esboce a unidade literária. Isto pode ser vários capítulos ou parágrafos. Isto lhe possibilita a seguir a lógica do autor original e o projeto textual.
(d) Examine seu cenário histórico usando auxílios de estudo.
(4) O quarto ciclo de leitura
(a) Leia a unidade literária específica novamente em várias traduções.
(b) Procure as estruturas literárias e gramaticais:
(i) Frases repetidas
(ii) Estruturas gramaticais repetidas
(iii) Conceitos contrastantes
(c) Liste os seguintes itens:
(i) Termos significantes
(ii) Termos incomuns
(iii) Estruturas gramaticais importantes
(iv) Palavras, orações e sentenças particularmente difíceis
(d) Procure passagens paralelas relevantes:
(i) Procure a passagem de ensino mais clara em seu uso do assunto:
a) Livros de “teologia sistemática”
b) Bíblias de referência
c) Concordâncias
(ii) Procure um possível par paradoxo no seu assunto; muitas verdades bíblicas são

apresentadas em pares dialéticos; muitos conflitos denominacionais vêm de metade do texto-prova de uma tensão bíblica. Tudo da Bíblia é inspirado, e devemos perseverar na busca de sua mensagem completa a fim de fornecer um balanço escriturístico a nossa interpretação.
   (iii) Procure pelos paralelos no mesmo livro, mesmo autor ou mesmo gênero; a Bíblia é seu melhor intérprete porque tem um autor, o Espírito.
(e) Use auxílios de estudo para examinar suas observações de cenário e ocasião histórica
   (i) Bíblias de estudo
   (ii) Enciclopédias, manuais e dicionários bíblicos
   (iii) Introduções bíblicas
   (iv) Comentários bíblicos (neste ponto em seu estudo, permita a comunidade crente, passada e presente, auxiliar e corrigir seu estudo pessoa).

Aplicação

Neste ponto nos dirigimos para aplicação. Você pagou o preço para compreender o texto em seu cenário original; agora deve se aplicar à sua vida, sua cultura. Eu defino autoridade bíblica como "compreender o que o autor bíblico original estava dizendo para seu tempo e aplicando essa verdade ao nosso tempo".

A aplicação deve seguir a interpretação da intenção do autor original tanto no tempo quanto na lógica. Ninguém pode aplicar uma passagem da Bíblia ao seu próprio tempo até que ele saiba o que ela estava dizendo para o seu tempo! Uma passagem bíblica não pode significar o que ela nunca significou!

Seu esboço detalhado, ao nível de parágrafo (ciclo de leitura nº 3), será seu guia. A aplicação deveria ser feita no nível de parágrafo, não nível de palavra. Palavras só têm significado no contexto; orações só têm significado no contexto; sentenças só têm significado no contexto. A única pessoa inspirada envolvida no processo interpretativo é o autor original. Nós somente seguimos sua direção pela iluminação do Espírito Santo. Mas iluminação <u>não</u> é inspiração. Para dizer "assim diz o Senhor", nós devemos permanecer na intenção do autor original. Aplicação deve relacionar-se especificamente com a intenção geral do escrito todo, a unidade literária específica e desenvolvimento de pensamento do nível de parágrafo.

Não deixe as questões de nossa época interpretar a Bíblia; deixe a Bíblia falar! Isto pode exigir-nos buscar o princípio do texto. Isto é válido se o texto apóia um princípio. Infelizmente, muitas vezes nossos princípios são apenas isso, "nossos" princípios – não os princípios do texto.

Ao aplicar a Bíblia, é importante lembrar que (exceto na profecia) um e somente um significado pode ser válido para um texto da Bíblia em particular. Esse significado está relacionado com a intenção do autor original como ele se dirigiu a uma crise ou necessidade em sua época. Muitas aplicações possíveis podem ser derivadas deste único significado. A aplicação estará baseada nas necessidades dos destinatários mas deve estar relacionada com o significado do autor original.

O aspecto espiritual da interpretação

Até agora eu tenho discutido o processo lógico envolvido na interpretação e aplicação. Agora deixe-me discutir em poucas palavras o aspecto espiritual da interpretação. A lista seguinte tem sido útil para mim:

1. Ore pela ajuda do Espírito (cf. I Co 1.26-2.16).
2. Ore pelo perdão e purificação pessoal do pecado conhecido (cf. I Jo 1.9).
3. Ore por um desejo maior de conhecer Deus (cf. Sl 19.7-14; 42.1 ss.; 119.1 ss).
4. Aplique qualquer nova percepção imediatamente a sua própria vida.
5. Permaneça humilde e ensinável.

É difícil manter o equilíbrio entre o processo lógico e a liderança espiritual do Espírito Santo. As seguintes citações têm me ajudado a equilibrar os dois:

1. De James W. Sire, *Scripture Twisting* [Distorção da Escritura], IVP, p. 17, 18:
   "A iluminação vem à mente do povo de Deus – não só à elite espiritual. Não nenhuma classe de guru no cristianismo bíblico, nenhum iluminado, nenhuma pessoa através de quem toda interpretação adequada deve vir. E assim, enquanto o Espírito Santo concede dons especiais de sabedoria, conhecimento e discernimento espiritual, Ele não designa esses cristãos talentosos para serem os únicos intérpretes autoritários de Sua Palavra. Depende de cada um de Seu povo aprender, julgar e discernir pela referência à Bíblia que permanece como a autoridade mesmo para aqueles a quem

Deus tem dado habilidades especiais. Para resumir, a suposição que estou fazendo pelo livro todo é que a Bíblia é a revelação verdadeira de Deus para toda humanidade, que ela é a nossa autoridade final em todas as matérias sobre o que ela fala, que ela não é um mistério total mas pode ser adequadamente compreendida pelas pessoas comuns em cada cultura".

2. Em Kiekegaard, encontrado em Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation* [Interpretação Bíblica Protestante], (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1970), p. 75:
   De acordo com Kiekegaard, o estudo gramatical, lexical e histórico da Bíblia foi necessário, mas preliminar para a verdadeira leitura da Bíblia. "Para ler a Bíblia *como palavra de Deus* alguém deve lê-la com seu coração em sua boca, na ponta dos pés, com ansiosa expectativa, em conversação com Deus. Ler a Bíblia desatenciosamente ou descuidadamente ou academicamente ou profissionalmente não é ler a Bíblia com Palavra de Deus. Quando você a lê como uma carta de amor é lida, assim você a lê como a Palavra de Deus".
3. H. H. Rowley em *The Relevance of the Bible* [A Relevância da Bíblia], p. 19:
   "Nenhuma compreensão meramente intelectual da Bíblia, por mais que completa, pode possuir todos os seus tesouros. Ela não despreza tal compreensão, pois é essencial para uma compreensão completa. Mas deve levar a uma compreensão espiritual dos tesouros espirituais desse livro se ela deve ser completa. E para essa compreensão espiritual algo mais do que agilidade intelectual é necessário. Coisas espirituais são discernidas espiritualmente, e o estudante da Bíblia precisa de uma atitude de receptividade espiritual, uma ânsia para encontrar Deus que ele possa render-se a Ele, se ele deve ir além de seu estudo científico para a herança mais rica deste maior de todos os livros".

PALESTRA DE ABERTURA

I. DEFINIÇÃO DE TERMOS COMUMENTE USADOS

A. NOMES PARA DIVINDADE

1. Senhor (YHWH / Kurios)
2. Deus (Elohim/Theos)
3. Filho do Homem
4. Filho de Deus
5. Salvador

B. NOME DE TEXTOS E TRADUÇÕES

1. Texto massorético
2. Septuaginta
3. Targuns
4. Vulgata
5. Peshita
6. Rolos do Mar Morto

C. GLOSSÁRIO DE TERMOS (VER APÊNDICE UM)

D. CRÍTICA TEXTUAL (VER APÊNDICE DOIS)

E. TERMOS GRAMATICAIS GREGOS QUE IMPACTAM A INTERPRETAÇÃO (VER APÊNDICE TRÊS)

II. MAPA BÁSICO DO MUNDO MEDITERRÂNEO DO PRIMEIRO SÉCULO

A. Extensões de Água
1. Mar Mediterrâneo
2. Mar Negro
3. Mar Adriático
4. Mar Egeu
5. Rio Nilo
6. Rio Jordão

B. Países Mencionados no NT
1. Egito
2. Judéia
3. Samaria
4. Decápolis
5. Galiléia
6. Síria
7. Fenícia
8. Cilícia
9. Capadócia
10. Galácia
11. Panfília
12. Lícia
13. Ásia
14. Bitínia
15. Ponto
16. Acaia
17. Macedônia
18. Ilírico
19. Itália

C. Ilhas Mencionadas no NT
1. Chipre
2. Creta
3. Patmos
4. Sicília
5. Malta

D. Cidades Principais
1. Alexandria
2. Mênfis
3. Jerusalém
4. Antioquia
5. Tarso
6. Éfeso
7. Pérgamo
8. Corinto
9. Atenas
10. Roma
11. Tessalônica

IMPERADORES ROMANOS

Augusto (27 a.C, - A.D. 15)

Tibério (A.D. 15 - 37)

A VIDA DE CRISTO

MARCOS (A.D. 50-60?)

- Ministério de João Batista 1.1-11
- Tentação 1.12,13
- Ministério Galileu Inicial 1.4-3.12
- Ministério Galileu Posterior 3.13-6.29
- Período de Retirada 6:30-9.32
- Ministério Galileu final 9.33-50
- Ministério na Judéia e Peréia 10.1-52
- A Última Semana 11-15
- Eventos da ressurreição (conclusão curta) 16.1-8

MATEUS (A.D. 50-70?)

- Genealogia 1.1-17
- Nascimento de Jesus 1.18-25
- Magos e Fuga para o Egito 2.1-23
- Ministério de João Batista 3.1-17
- Tentação 4.1-11
- Ministério Galileu Inicial 4.12-14.12
- Período de Retirada 14.13-17:20
- Ministério Galileu Posterior 17.22-18.35
- Ministério na Judéia e Peréia 19-20
- A Última Semana 21-27
- Eventos da ressurreição 28.1-20

LUCAS (A.D. 70-80?)

- A Anunciação 1.5-56
- Nascimento de Jesus 1.57-80
- Nascimento e Infância de Jesus 2.1-52
- Ministério de João Batista 3.1-22
- Genealogia 3.23-38
- Tentação 4.1-13
- Ministério de Jesus na Galiléia 4.14-9.9
- Período de Retirada 9.10-50
- Ministério de Jesus na Judéia 9.51-13.26
- Ministério de Jesus na Peréia 13.27-19.27
- A Última Semana 19.28-23.50
- Eventos da ressurreição e Ascensão 24.1-53

JOÃO (A.D. 85-95?)

- LOGOS
- Prólogo 1.1-18
- Ministério de João Batista 1.19-34
- Água em Vinho em Caná 2.1-11
- Jesus Purifica o Templo 2.12-25
- Nicodemos, 3
- Mulher no Poço e Cura 4.1-54
- Festa em Jerusalém 5.1-47
- Alimentação de 5.000 6.1-59
- Festa em Jerusalém 7-8
- Curando Homem Cego 9.141
- Jesus como Bom Pastor, 10.1-39
- Lázaro, 11.1-57
- Última Semana 12-19
- Ressurreição e Aparições Especiais 20-21

6-4 a.C. — Morte de Herodes o Grande

A.D. 25-26 — Ministério público de João

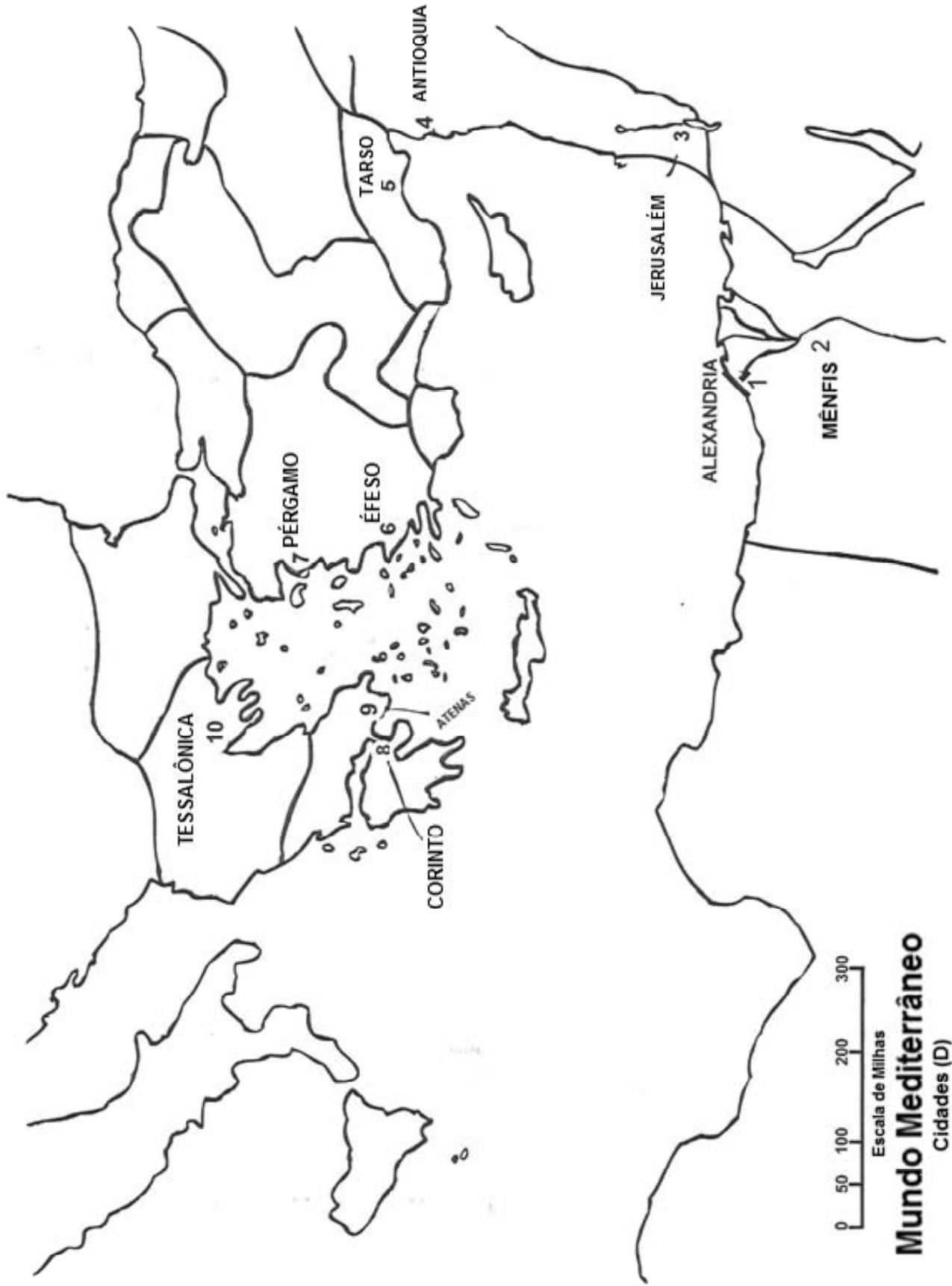
A.D. 30 — Semana da Paixão

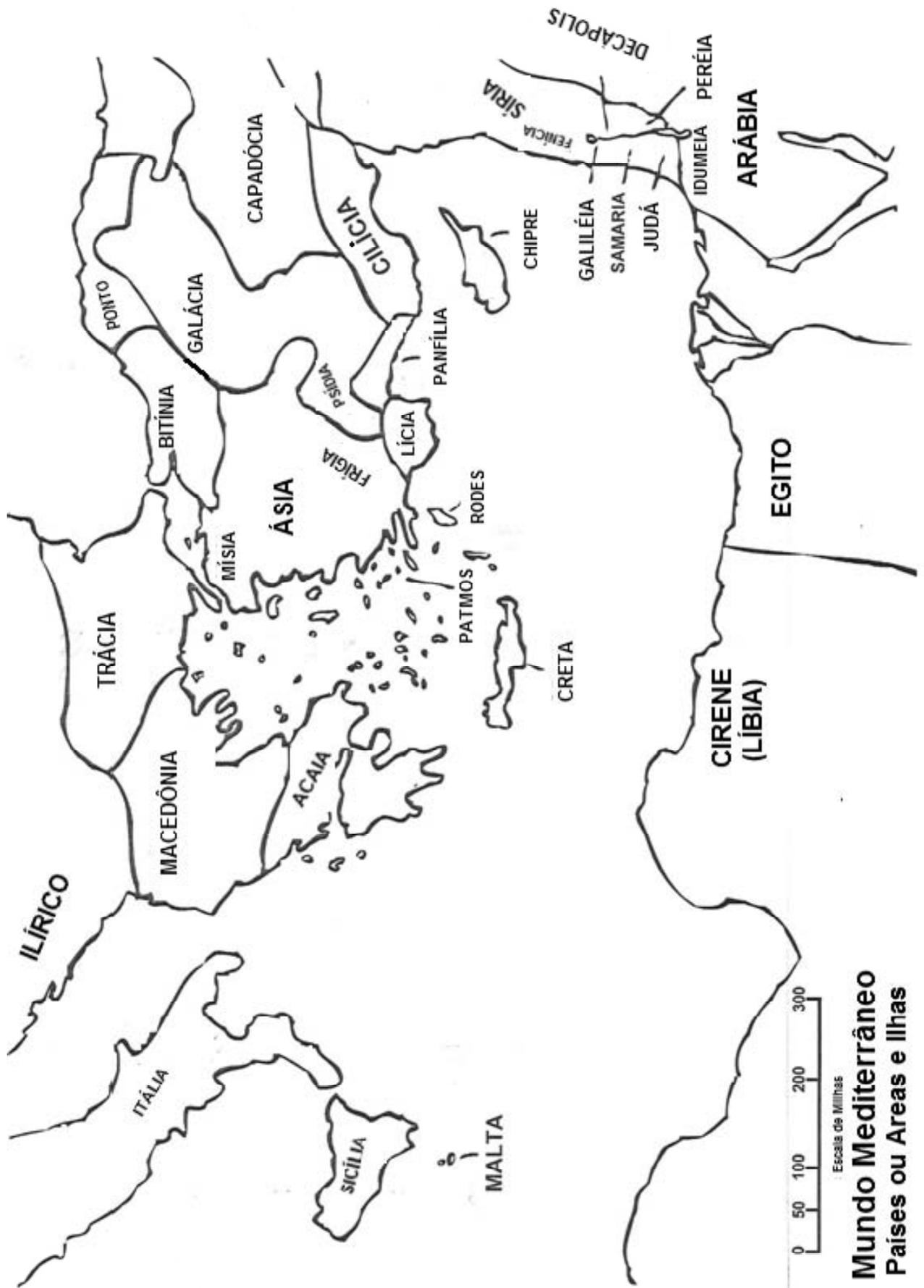
ATOS

- Cristo Aparece 1.1-11
- Esperando pelo Espírito 1.12-26
- Pentecoste 2.1-13
- Sermão de Pedro 2.14-41
- Pregação e Prisão de Pedro e João 3.1-4.31
- Barnabé & Ananias 4.23-5.1

Calígula
(A.D. 37-42)
A.D. 42
Claudio
(A.D. 42-54)
(A.D. 54-68)
A.D. 68
Vespasiano (A.D. 69-79)
Tito (A.D. 79-82
A.D. 82
A.D. 90
PERÍODO APOSTÓLICO
Tiago (antes de 50)
Gálatas [Teoria do sul [48-53]
I Tessalonicenses [51/52]
II Tessalonicenses [52]
Gálatas [teoria do norte, 53-57]
I Co [55]
Romanos [57]
II Co [55]
Ef/Cl [60]
Filemom [60]
Filipenses [61]
I Pedro [60-68]
II Pedro [65-68?]
Hebreus [antes de 70]
I Tm [65-67]
Tito [65-67]
II Tm [65-68]
Judas [65-80]
I João [85-95]
João [85-95]
II João
III João
Apocalipse
A.D. 46
A.D. 48
A.D. 49
A.D. 52
A.D. 56
A.D. 58
A.D. 60
A.D. 61
A.D. 63
A.D. 64
A.D. 68
A.D. 70
A.D. 95-100
Pedro perseguido 5.17-12
Os Sete, 6
Estêvão,7
Filipe , 8
Saulo Salvo, 9
Dorcas, 9.32--41
Cornélio, 10-11
Igreja em Antioquia 11.19-30
Pedro na Prisão 12.1-19
Morte de Herodes 12.19-35
Primeira Viagem Missionária de Barnabé e Paulo 13-14
Concílio de Jerusalém
Segunda Viagem Missionária de Paulo 15.36-18.23
Terceira Viagem de Paulo 18.23-21.17
Detenção de Paulo em Jerusalém e Encarceramento em Cesaréia 21.27-26.32
Paulo em Prisão Domiciliar em Roma 27.1-28.32
Paulo liberto
Quarta Viagem Missionária de Paulo
Morte de Pedro e Paulo
Destruição de Jerusalém e o Templo por Tito
ATOS (63-70?)
ATOS
Bible Lessons International
© 2000

MAR ADRIÁTICO
3
MAR NEGRO 2
MAR EGEU
6
MAR MEDITERRÂNEO
1
RIO JORDÃO
5
RIO NILO 4
0 50 100 200 300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo
Extensões de Água (A)

18
19
17
15
14
10
7
9
13
8
16
11
12
MALTA
PATMOS
RODES
6
CRETA
CHIPRE
5
3
4
2
1
0 50 100 200 300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo
Ilhas por Nome (C)
Países por Número (B)

TESSALÔNICA
10
PÉRGAMO
7
ÉFESO
6
TARSO
5
ANTIOQUIA
4
9
8
CORINTO
ATENAS
JERUSALÉM
3
ALEXANDRIA
1
MÊNFIS
2
0
50
100
200
300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo
Cidades (D)

ILÍRICO
ITÁLIA
SICÍLIA
MALTA
MACEDÔNIA
TRÁCIA
ACAIA
CRETA
PATMOS
RODES
MÍSIA
ÁSIA
BITÍNIA
PONTO
GALÁCIA
FRÍGIA
PSÍDIA
LÍCIA
PANFÍLIA
CILÍCIA
CAPADÓCIA
CHIPRE
SÍRIA
FENÍCIA
DECÁPOLIS
GALILÉIA
SAMARIA
JUDÁ
IDUMEIA
PERÉIA
ARÁBIA
EGITO
CIRENE
(LÍBIA)
0 50 100 200 300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo
Países ou Areas e Ilhas

INTRODUÇÃO A MATEUS

I. DECLARAÇÃO DE ABERTURA

A. Até a época da Renascença/Reforma, pensou-se que o Evangelho de Mateus tinha sido o primeiro Evangelho escrito (e ainda é pela Igreja Católica Romana).

B. Foi o Evangelho mais copiado, mais citado, mais usado no catecismo e na liturgia pela igreja durante os dois primeiros séculos.

C. William Barclay em *The First Three Gospels* [Os Três Primeiros Evangelhos], p. 19, disse "Quando nos voltamos para Mateus, voltamo-nos para o livro que pode muito bem ser chamado o mais importante documento individual da fé cristã, pois nele nós temos o relato mais completo e mais sistemático da vida e dos ensinos de Jesus".
Isto é porque desenvolveu os ensinos de Jesus de maneira temática. Foi usado para ensinar novos convertidos (tanto judeu quanto gentio) sobre a vida e a mensagem de Jesus de Nazaré, o Cristo.

D. Ele forma uma ponte lógica entre os Pactos Antigo e Novo, entre os crentes judeus e crentes gentios. Usou o Antigo Testamento num formato promessa/realização como fizeram os primeiros sermões de Atos que eram chamados *kerygma*. O Antigo Testamento é citado mais de cinqüenta vezes e aludido muito mais. Também, muitos dos títulos e analogias usadas para YHWH são aplicados a Jesus.

E. Portanto, os propósitos do Evangelho Segundo Mateus foram evangelismo e discipulado, os aspectos duplos da Grande Comissão (28.19,20).
   1. Eles deviam ajudar os convertidos judeus informando-lhes da vida e ensinos de Jesus.
   2. Eles deviam discipular tanto os judeus e gentios crentes em como eles deveriam viver como cristãos.

II. AUTORIA

A. Embora as primeiras cópias do NT grego (200-400 A.D.) tenham a designação "segundo Mateus", o livro mesmo é anônimo.

B. A tradição uniforme da igreja primitiva é que Mateus (Também conhecido como Levi, cf. Marcos 2.14; Lucas 5.27,29; coletor de imposto (cf. Mt 9.9; 10.3) e discípulo de Jesus, escreveu o Evangelho.

C. Mateus, Marcos e Lucas são notavelmente similares (i.e, sinótico= "ver junto")
   1. Eles muitas vezes concordam em forma nas citações do AT que não são encontradas no Texto Massorético nem na Septuaginta,
   2. Eles com freqüência citam Jesus em construções gramaticais incomuns, mesmo usando palavras gregas raras,
   3. Eles muitas vezes usam frases e mesmo sentenças de exatamente as mesmas palavras gregas,
   4. Obviamente empréstimo literário ocorreu.

D. Várias teorias têm sido desenvolvidas a respeito do relacionamento entre Mateus, Marcos e Lucas (os Evangelhos Sinóticos)

1. A tradição uniforme da igreja primitiva é que Mateus (Levi), o coletor de imposto e discípulo de Jesus, escreveu o Evangelho. O Apóstolo Mateus foi unanimemente afirmado ser o autor até a Renascença/Reforma.
2. Por volta de 1776, A. E. Lessing (e depois Gieseler em 1818) teorizou um estágio oral no desenvolvimento dos Evangelhos Sinóticos ("ver junto"). Ele afirmou que eles eram todos dependentes das tradições orais mais antigas que os escritores modificaram para seus próprios públicos-alvo.
   a. Mateus: Judeus
   b. Marcos: Romanos
   c. Lucas: Gentios

   Cada um estava relacionado com um centro geográfico separado do Cristianismo.

   a. Mateus: Antioquia, Síria
   b. Marcos: Roma, Itália
   c. Lucas: Cesaréia junto ao mar, Palestina
   d. João: Éfeso, Ásia Menor
3. No começo do século dezenove, J. J. Griesbach teorizou que Mateus e Lucas escreveram relatos separados da vida de Jesus, completamente independente um do outro. Marcos escreveu um Evangelho curto tentando mediar esses outros dois relatos.
4. No começo do século vinte, H. J. Holtzmann teorizou que Marcos foi o primeiro Evangelho escrito e que tanto Mateus quanto Lucas usaram a estrutura de seu Evangelho mais um documento separado contendo os ditos de Jesus chamado Q (alemão *quelle* ou "fonte"). Isso foi rotulado a teoria das "duas fontes" (também endossada por Fredrick Schleiermacher em 1832).
5. Depois B. H. Streeter teorizou uma teoria das "duas fontes" modificada chamada a teoria das "quatro fontes", teoria que colocou um "proto Lucas" mais Marcos mais Q.
6. As teorias acima da formação dos Evangelhos Sinóticos são somente especulação.
   Não há nenhuma evidência histórica nem exata de manuscrito de nem uma fonte "Q" nem um "proto Lucas".

   A erudição moderna simplesmente não sabe como os Evangelhos desenvolveram nem quem os escreveu (o mesmo é verdadeiro da Lei do AT e Profetas antigos). No entanto, essa falta de informação não afeta a visão da Igreja de sua inspiração ou confiabilidade tanto histórica assim como documentos de fé.

   Há similaridades óbvias na estrutura e texto entre os Sinóticos, mas há também muitas diferenças interessantes. Diferenças são comuns em relatos de testemunha ocular. A igreja primitiva não foi incomodada pela divergência desses três relatos de testemunha ocular da vida de Jesus.

   Pode ser que o público-alvo, o estilo do autor e as línguas diferentes envolvidas (aramaico e grego) expliquem as discrepâncias aparentes. Deve ser afirmado que os escritores, editores ou compiladores inspirados tiveram a liberdade para selecionar, organizar, adaptar e resumir os eventos e os ensinos da vida de Jesus (cf. *Entendes O Que Lês?* de Fee e Stuart, pp. 98-119).

E. Há uma tradição da igreja primitiva de Papias, o bispo de Hierápolis (130 A.D.) que foi registrada na *História Eclesiástica* de Eusébio 3:39:16 que Mateus escreveu seu Evangelho em aramaico. No entanto, a erudição moderna tem rejeitado essa tradição porque
   1. O grego de Mateus não tem características de uma tradução do aramaico,
   2. Há jogos de palavras gregas (cf. 6.16; 21.41; 24.30),
   3. A maioria das citações do AT são da Septuaginta (LXX) não dos Textos Massoréticos Hebraicos.

   É possível que 10.3 seja um indício na autoria de Mateus. Acrescenta "publicano" depois de seu nome. Este comentário auto-reprovador não é encontrado em Marcos. Mateus também não foi

uma pessoa famosa no NT ou na igreja primitiva. Por que tanta tradição teria desenvolvido em volta de seu nome e este primeiro evangelho apostólico?

III. DATA

A. De muitas maneiras a data do Evangelho está relacionada ao problema sinótico. Que Evangelho foi escrito primeiro e quem tomou emprestado de quem?
   1. Eusébio em *História Eclesiástica* 3:39:15 disse que Mateus usou Marcos como guia estrutural,
   2. Agostinho, no entanto, chamou Marco "um seguidor de campo" e um abreviador de Mateus.

B. A melhor abordagem seria tentar estabelecer os limites de datas possíveis
   1. Deve ter sido escrito antes de 96 ou 115 A.D
      a. Clemente de Roma (96 A.D.) fez uma alusão ao Evangelho de Mateus em sua carta aos Coríntios.
      b. Inácio (110-115 A.D.), o Bispo de Antioquia, citou Mateus 3.15 em sua carta *To the Smyrneans* [Aos Esmirniotas], 1.1
   2. A questão mais difícil é quão cedo poderia ter sido escrito?
      a. Obviamente depois dos eventos registrados que seria no meio dos anos 30,
      b. Algum tempo teria que passar para sua necessidade, composição e circulação,
      c. Qual é o relacionamento do capítulo 24 com a destruição de Jerusalém em 70 A.D.? Partes de Mateus implicam que o sistema sacrificial ainda estava no devido lugar (5.23,24; 12.5-7; 17.24-27; 26.60,61). Isto significa uma data antes de 70 A.D.,
      d. Se Mateus e Marcos foram escritos durante o tempo do ministério de Paulo (48-68 A.D.), por que ele nunca se refere a eles? Irineu é citado por Eusébio em *História Eclesiástica* 5:8:2, para dizer que Mateus escreveu seu Evangelho enquanto Pedro e Paulo estavam em Roma. Pedro e Paulo foram ambos mortos durante o reinado de Nero que terminou 68 A.D.,
      e. A suposição mais antiga da erudição moderna é 50 A.D.

C. Muitos eruditos acreditam que os quatro Evangelhos estão relacionados mais com os centros geográficos do cristianismo do que com os autores tradicionais. Mateus pode ter sido escrito de Antioquia da Síria, por causa de suas questões da igreja judaica/gentia, possivelmente mais ou menos 60 A.D. ou pelo menos antes de 70 A.D.

IV. DESTINATÁRIOS

A. Como a autoria e a data do Evangelho são incertas, também são os destinatários. Parece melhor relacioná-lo tanto com judeus quanto gentios crentes. A Igreja de Antioquia da Síria do primeiro século enquadra-se nesse perfil melhor.

B. Orígenes é citado por Eusébio em *História Eclesiástica* 6:25:4 que foi escrito por crentes judeus.

V. ESBOÇO ESTRUTURAL

A. Como o Evangelho está estruturado? Alguém pode melhor encontrar a intenção do autor original inspirado analisando a estrutura do livro todo.

B. A erudição tem sugerido várias estruturas

1. Os movimentos geográficos de Jesus
   a. Galiléia
   b. Norte da Galiléia
   c. Peréia e Judéia (enquanto viajando para Jerusalém
   d. Em Jerusalém
2. Cinco unidades temáticas de Mateus. Elas são discerníveis pela frase recorrente “E quando Jesus acabou essas coisas” (cf. 7.28; 11.1; 13:53; 19.1; 26.1). Muitos eruditos vêem essas cinco unidades como tentativa de Mateus para retratar Jesus como o “novo Moisés”, com cada unidade sendo análoga a um dos cincos livros de Moisés (Gn, Êx, Lv, Nm, Dt).
   a. Uma estrutura quiástica que alterna entre seções de narrativa e discurso,
   b. Um formato teológico/biográfico que pega a frase recorrente “Desde então, Jesus começou...” (cf. 4.17; 16.21) desse modo dividindo o livro em três seções (1.1-4.16; 4.17-16.20; e 16.21-28.29),
   c. A ênfase de Mateus nas passagens preditivas do AT pelo uso do termo-chave “cumprimento” (cf. 1.22; 2.15,17,23; 4.14; 8.17; 12.17; 13.35; 21.4; 27.9; e 27.35).

C. Os “Evangelhos” são gêneros literários únicos. Não são biográficos. Não são narrativas históricas. Eles são um tipo literário altamente estruturado, teológico seletivo. Cada um dos escritores do Evangelho escolheu eventos e ensinos da vida de Jesus para exclusivamente apresentá-Lo ao seu público-alvo. Os evangelhos eram folhetos evangelísticos.

VI. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Messias, 1.1
2. Virgem, 1.23,25
3. Emanuel, 1.23
4. Magos, 2.1
5. Nazareno, 2.23
6. Arrepender, 3.2
7. Confessar, 3
8. Fariseus, 3.7
9. Saduceus, 3.7
10. “levar Suas Sandálias”, 3.11
11. “Este é o Meu Filho amado”, 3.17
12. “pináculo do templo”, 4.5
13. “a Lei ou os Profetas”, 5.17
14. “carta de divórcio”, 5.31
15. “escabelo de Seus pés”, 5.35
16. Sinagoga, 6.2
17. “a porta estreita”, 7.13
18. Escriba, 8.19
19. “endemoninhado”, 8.28
20. “sentado à mesa”, 9.10
21. “odres”, 9.17

22. “tocadores de flauta”, 9.23
23. Apóstolos, 10.2
24. Jugo, 11.29,30
25. “esta era ou era por vir”, 12.32
26. Parábola, 13.3
27. Joio, 13.25
28. “a tradição dos anciãos”, 15.2
29. Inferno, 16.18
30. Transfigurado, 17.2
31. Lunático, 17.15
32. “o imposto das duas dracmas”, 17.24
33. Denário, 20.2,9
34. Hosana, 21.9
35. “princípio das dores”, 24.8
36. “abominação da desolação”, 24.15
37. talento, 25.20
38. “todo o conselho”, 26.59
39. “vindo sobre as nuvens do céu”, 26.64
40. “Campo de Sangue”, 27.8
41. Pretório, 27.27
42. Gólgota, 27.33
43. “mas alguns duvidaram”, 28.17

VII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Zorobabel, 1.12
2. Herodes, 2.13
3. Filho de Davi, 9.27
4. Filho do Homem, 10.23
5. Meu Servo, 12.18
6. Belzebu, 12.24
7. Herodias, 14.6
8. Simão Bar Jonas, 16.17
9. “principais sacerdotes e anciãos”, 21.23
10. Herodianos, 22.16
11. Rabi, 23.7
12. Caifás, 26.3
13. Pilato, 27.2
14. Barrabás, 27.16
15. Maria Madalena, 27.56
16. José de Arimatéia, 27.57

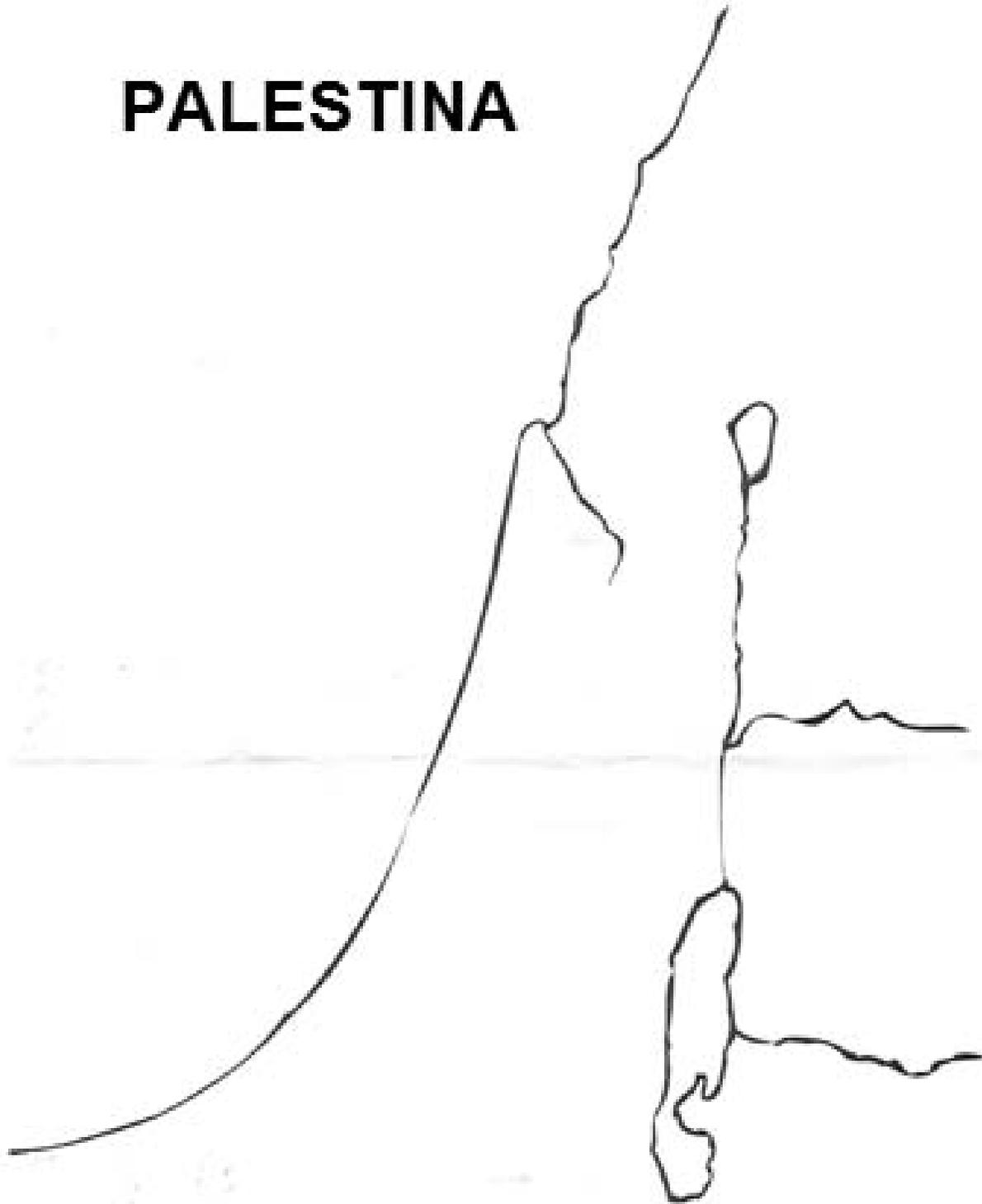
VIII. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Belém, 2.1
2. Deserto da Judéia, 3.1
3. Galiléia, 3.13

4. Nazaré, 4.13
5. Cafarnaum, 4.13
6. Sodoma e Gomorra, 10.15
7. Betsaída, 11.21
8. Sidom, 15.21
9. Cesaréia de Filipe, 16.13
10. Monte das Oliveiras, 21.2
11. Getsêmani, 26.36

IX. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Por que as genealogias de Mateus e Lucas diferem?
2. O que Tamar, Raabe e Rute têm em comum?
3. O que Elias e João Batista têm em comum?
4. O que é “o reino dos céus”?
5. O que exatamente Satanás estava tentando Jesus fazer no deserto?
6. Explique 5.17 em suas próprias palavras.
7. Explique 5.48 em suas próprias palavras.
8. Explique 7.6 em suas próprias palavras.
9. Por que 8.5-13 é tão incomum e significante?
10. Explique 10.38 em suas próprias palavras.
11. Explique 10.19 em suas próprias palavras.
12. Por que Jesus curou no sábado?
13. Qual é a blasfêmia contra o Espírito? (12.31,32)
14. Como a germinação está relacionada com dar fruto na parábola do semeador?
15. Explique 13.44 em suas próprias palavras.
16. Explique 15.11 em suas próprias palavras.
17. Explique 16.20 em suas próprias palavras.
18. Explique 18.8 em suas próprias palavras.
19. Cada crente tem um anjo da guarda?
20. Explique 19.17 em relação a Jesus ser o Filho de Deus.
21. Explique 21.18,19 em suas próprias palavras.
22. Por que Jesus falou tão severamente com os escribas e fariseus no capítulo 23?
23. Qual é o significado de 24.36?

PALESTINA

INTRODUÇÃO A MARCOS

I. DECLARAÇÃO DE ABERTURA

A. A igreja antiga geralmente evitava copiar, estudar e ensinar Marcos em preferência a Mateus e Lucas porque eles viam Marcos como uma versão "resumo do leitor" (i.e. evangelho resumido), uma visão que é especificamente afirmada mais tarde por Agostinho.

B. Marcos não é com freqüência citado pelos pais da igreja grega ou apologistas (defensores da fé) do segundo século.

C. Desde a ascensão da abordagem histórico-gramatical moderna à interpretação bíblica, o Evangelho de Marcos tem se apoderado de nova significância quando é visto como o primeiro Evangelho escrito. Tanto Mateus quanto Lucas usam-no em suas apresentações da vida e significância de Jesus. Por isso Marcos se torna o documento fundamental da igreja, o primeiro relato oficial da vida de Jesus.

II. GÊNERO

A. Os Evangelhos não são biografias ou histórias modernas. Eles são escritos teológicos seletivos usados para apresentar Jesus a públicos diferentes e trazê-los a fé nEle. Eles são relatos das "boas novas" da vida de Jesus para o propósito de evangelismo (cf. João 20.30,31).

B. Marcos é constituído de quatro cenários históricos distintos ou propósitos teológicos.
   1. A vida e ensinos de Jesus
   2. A vida e ministério de Pedro
   3. As necessidades da igreja primitiva
   4. O propósito evangelístico de João Marcos

C. Os Evangelhos são na literatura do oriente próximo e greco-romana. Os autores inspirados tiveram a tarefa conduzida pelo Espírito de selecionar daqueles ensinos e ações de Jesus que claramente revelavam Seu caráter ou propósito.

   Eles organizaram essas palavras e ações de Jesus de maneiras diferentes. Um exemplo seria ao comparar o Sermão do Monte de Mateus (Mt 5.-7) com o Sermão da Planície de Lucas. Torna-se óbvio que Mateus tendeu reunir todos os ensinos de Jesus em um longo sermão, enquanto Lucas espalha esses mesmos ensinos por todo Seu Evangelho.

   Isto implica a habilidade dos escritores do Evangelho não só para selecionar e organizar os ensinos de Jesus, mas também para adaptá-los aos seus próprios propósitos teológicos (veja *Entendes o Que Lês?* de Fee e Stuart, p. 98-119). Quando ler o Evangelho você deve continuar a perguntar que ponto teológico esses escritores estão tentando produzir. Por que incluem este evento, milagre, lição particular aqui?

D. O Evangelho de Marcos é um bom exemplo do grego coinê como segunda língua do povo do mundo mediterrâneo. A língua-mãe de Marcos era o aramaico (como era de Jesus e todos os judeus na Palestina do primeiro século). Este sabor semítico é característico do Evangelho de Marcos.

III. AUTORIA

A. João Marcos tem sido tradicionalmente identificado com o Apóstolo Pedro ao escrever este Evangelho. O trabalho mesmo (como todos os Evangelhos) é anônimo.

B. Uma outra evidência do relato de testemunha ocular de Pedro é o fato de que Marcos não registra três eventos especiais em que Pedro foi pessoalmente envolvido.
   1. Seu caminhar sobre a água (cf. Mt 14.28-33)
   2. Sendo o porta-voz em Cesaréia de Filipe pela fé dos doze (cf. Mt 16.13-20). Em Marcos somente 8.27-30 e as passagens “sobre esta pedra” e “chaves do reino” são omitidas.
   3. Sua procuração do imposto do templo para ele mesmo e Jesus (cf. Mt 17.24-27)
   Talvez a modéstia de Pedro motivou-o a não enfatizar esses eventos em seus sermões

C. A tradição da igreja primitiva
   1. Papias, o Bispo de Hierápolis, mais ou menos 130 A.D., escreveu *Interpretation of the Lord’s Sayings* [Interpretação dos Ditos do Senhor], que é citado por Eusébio (275-339 A.D.) em sua *História Eclesiástica* 3:39:15.
      Ele afirma que Marco foi intérprete de Pedro que registrou precisamente, mas não cronologicamente, as memórias de Pedro de Jesus. Aparentemente Marcos tomou e adaptou os sermões de Pedro e os organizou numa apresentação de Evangelho. Papias afirma ter recebido esta informação do “ancião”, que poderia referir ao Apóstolo João.
   2. O Prólogo anti-marcionista para Marcos, escrito mais ou menos 180 A.D., identifica Pedro como a testemunha ocular do Evangelho de Marcos. Também afirma que Marcos escreveu o Evangelho da Itália depois da morte de Pedro (i.e. tradicionalmente em Roma por volta de 65 A.D.).
   3. Irineu, escrevendo mais ou menos 180 A.D., menciona João Marcos como intérprete de Pedro e compilador de suas memórias depois de sua morte (cf. *Contra Haereses* 3:1:2).
   4. O Fragmento Muratoriano (i.e. cânon), escrito mais ou menos 200 A.D. de Roma, embora o texto esteja incompleto, parece afirmar o registro de João Marcos dos sermões de Pedro.
   5. Walter Wessel em *The Expositor’s Bible Commentary* [Comentário da Bíblia do Expositor] Vol.8 p. 606, faz o comentário interessante de que as tradições da igreja primitiva acima são de centros da igreja geograficamente diversos.
      a. Papias da Ásia Menor
      b. Prólogo anti-Marcião e o Fragmento Muratoriano ambos de Roma
      c. Irineu (cf. *Adv. Haer.* 3:1:1) de Lion na França. A tradição de Irineu é também encontrada em Tertuliano (cf. *Adv. Marc.* 4.5) da África do norte e Clemente de Alexandria, Egito (cf. *Hypotyposeis* 6 citado por Eusébio *Hist. Ecl.* 2:15:1-2; 3:24:5-8; 6:14:6-7). Essa diversidade geográfica dá crédito para sua confiabilidade por causa da ampla aceitação da tradição no cristianismo primitivo.

D. O que nós sabemos sobre João Marcos

1. Sua mãe uma crente bem conhecida em Jerusalém em cuja casa a igreja reunia (possivelmente a noite da Ceia do Senhor, cf. Marcos 14.14,15; Atos 1.13,14; Atos 12.12). Ele era possivelmente o homem não identificado que fugiu do Getsêmani (Marcos 14.51,52).
2. Ele acompanhou seu tio Barnabé (cf. Cl 4.10) e Paulo de volta para Antioquia de Jerusalém (Atos 12.25).
3. Ele foi um companheiro de Barnabé e Paulo na primeira viagem missionária (Atos 13.5), mas retornou para casa de repente (Atos 13.13).
4. Depois Barnabé quis levar Marcos numa segunda viagem missionária, mas isso causou uma horrível discussão entre Barnabé e Paulo (Atos 15.37-40).
5. Ele foi depois reconciliado com Paulo e tornou-se um amigo e cooperador (Cl 4.10; II Tm 4.11; Filemom 24).
6. Ele foi um companheiro e um cooperador com Pedro (I Pe 5.13), possivelmente em Roma.
7. I Clemente, escrito de Roma mais ou menos 95 A.D., alude a Marco (como faz o *Pastor de Hermas*).
8. Justino Mártir (150 A.D.), ao citar Marcos 3.17, acrescenta que vem da memória de Pedro.
9. Clemente de Alexandria (195 A.D.) afirma que aqueles que ouviram Pedro pregar em Roma pediram Marcos para registrar esses sermões.
10. Tertuliano (200 A.D.) em *Against Marcion* [Contra Marcião] (4:5) diz que Marcos publicou as memórias de Pedro.
11. Segundo a *His. Ecl.* 4:25 de Eusébio, Orígenes (230 A.D.) em *Commentary on Matthew* [Comentário sobre Mateus] (não há nenhum comentário conhecido sobre Marcos de ninguém até o quinto século) diz que Marcos escreveu o Evangelho como Pedro lhe explicou.
12. Eusébio mesmo discute o Evangelho de Marcos em *His. Ecl.* 2:15 e diz que Marcos registrou os sermões de Pedro no comando daqueles que os ouviram de modo que poderiam ser lidos em todas as igrejas. Eusébio baseia esta tradição nos escritos de Clemente de Alexandria.
13. O envolvimento de Marcos parece confirmado por 14.51,52, onde um homem foge nu do Jardim do Getsêmani, pouco depois da prisão de Jesus. Este detalhe incomum e totalmente inesperado parece refletir experiência pessoal de Marcos.

IV. DATA

A. O evangelho é o relato de testemunha ocular e interpretação da vida, ações e ensinos de Jesus, aparentemente tirados dos sermões de Pedro. Eles foram compilados e distribuídos depois de sua morte, assim diz o Prólogo anti-Marcionita e Irineu (que também acrescenta depois da morte de Paulo). Tanto Pedro quanto Paulo foram martirizados sob Nero (54-68 A.D.) em Roma (tradição da igreja). As datas exatas são incertas, mas se verdadeiro, então provavelmente a data de Marcos foi no meio dos anos sessenta.

B. É possível que o Prólogo Anti-Marcionita e Irineu não se refiram à morte de Pedro, mas sua partida (i.e. êxodo) de Roma. Há alguma evidência tradicional (i.e. Justino e Hipólito) que Pedro

visitou Roma durante o reinado de Cláudio (41 a 54 A.D.), (*His. Ecl.* 2:14:6 de Eusébio).

C. Parece que Lucas conclui Atos com Paulo ainda na prisão no começo dos anos sessenta. Se for verdadeiro que Lucas usou Marcos em seu Evangelho então deve ter sido escrito antes de Atos e, portanto, mais cedo do que o começo dos anos sessenta.

D. A autoria e data de Marcos de maneira nenhuma afeta as verdades histórica/teológica/evangelística deste (ou qualquer) evangelho. Jesus, não o autor, é a figura-chave.

E. É surpreendente que nenhum dos Evangelhos (mesmo João, escrito 95-96 A.D.) refere-se ou alude à destruição de Jerusalém (cf. Mt 24; Marcos 13; Lucas 21) em 70 A.D. pelo general romano, depois imperador, Tito. Marcos foi provavelmente escrito antes deste evento. É ainda possível que Mateus e Lucas foram também escritos antes deste julgamento importante sobre o judaísmo. Simplesmente deve ser afirmado que as datas exatas para a composição dos Evangelhos Sinóticos é incerta neste momento (como é seu relacionamento literário um com o outro).

V. DESTINATÁRIOS

A. Marcos é ligado a Roma por vários escritores da igreja primitiva.
   1. I Pedro 5.13
   2. Prólogo Anti-Marcionita
   3. Irineu (Roma, cf *Adv. Haer.* 3:1:2)
   4. Clemente de Alexandria (Roma cf. Eusébio *He* 4:14:6-7; 6:14:5-7)

B. Marcos não declara especificamente seus propósitos ao escrever o Evangelho. Tem havido várias teorias.
   1. Um folheto evangelístico (cf. 1.1) escrito especificamente para os romanos (cf. 1.15; 10.45)
      a. Elementos judaicos interpretados (cf. 7.3,4; 14.12; 15.42)
      b. Palavras aramaicas traduzidas (cf. 3.17; 5.41; 7.1,34; 10.46; 14.36; 15.22,34)
      c. Uso de palavras latinas (cf. speculator, 6.27; sextanus, 7.4; census, 12.14; quadrans,12.42; praetorium, 15.16; centurio, 15:39; flagellare, 15.42)
      d. Linguagem inclusiva em relação a Jesus
         (1) Linguagem inclusiva em relação àqueles na Palestina (cf. 1.5,28,33,39; 2.13; 4.1; 6.33,39,41,55)
         (2) Linguagem inclusiva em relação a todas as pessoas (cf. 13.10)
   2. Perseguição seguindo o incêndio em Roma em 64 A.D., que Nero culpou os cristãos, iniciou uma onda terrível de morte e perseguição para com os crentes. Marcos com freqüência menciona perseguição (cf. sofrimento de Jesus 8.31; 9.39; 10.33,34,45 e sofrimento dos Seus seguidores 8.34-38; 10.21,35-44)
   3. A Segunda Vinda demorada
   4. A morte de testemunhas oculares de Jesus, especialmente os Apóstolos

5. A ascensão de heresias dentro das igrejas cristãs espalhadas
    a. Judaizantes (Gálatas)
    b. Gnósticos (I João)
    c. A combinação de a. e b. (i.e. Colossenses e Efésios; II Pe 2)

VI. ESBOÇO ESTRUTURAL

A. Marcos está estruturado de tal maneira que a última semana da vida de Jesus é o foco de mais de um terço do livro. A significância teológica da Semana da Paixão é óbvia.

B. Visto que Marcos é, segundo a tradição da igreja, tirado dos sermões de Pedro (provavelmente em Roma), torna-se evidente por que nenhuma narrativa do nascimento é incluída. Marcos declara onde a experiência de Pedro começa, com Jesus adulto, e teologicamente relacionado com a mensagem de arrependimento e fé de João Batista na preparação da obra do Messias.

Os sermões de Pedro devem ter usado os conceitos de “Filho do Homem” e “Filho de Deus”. O Evangelho reflete a própria teologia de Pedro da pessoa de Jesus. Em princípio Ele foi um grande Mestre e curador, mas Ele veio a ser o Messias! Este Messias não o esperado general conquistador, mas um Servo Sofredor.

C. O esboço geográfico básico de Marcos é compartilhado pelos outros Evangelhos Sinóticos (i.e. Mateus e Lucas)
    1. Um ministério Galileu (1.14-6.13)
    2. Ministério fora da Galiléia (6.14-8.30)
    3. A viagem para Jerusalém (8.31-10.52)
    4. A última semana na área de Jerusalém (11.1-16.8)

D. É ainda possível que a estrutura de Marcos imite o modelo básico da pregação apostólica primitiva (i.e. Atos 10.37-43; cf. *New Testament Studies* [Estudos do Novo Testamento] de C. H. Dodd, pp. 1-11). Se isto é verdadeiro, então os Evangelhos escritos são o auge de um período de tradições orais (i.e. *kerygma*). O judaísmo considerava o ensino oral ser superior a testos escritos.

E. Marcos é caracterizado por um relato de movimento rápido da vida de Jesus. Marcos não registra longas sessões de ensino, mas move rapidamente de evento para evento (i.e. seu uso repetido de “imediatamente”). O Evangelho de Marcos revela Jesus por Suas ações. Contudo, esse relato de passo rápido está coberto de detalhes vívidos de testemunha ocular (i.e. Pedro).

VII. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Batismo de arrependimento, 1.4
2. Roupas com pelo de camelo, 1.6
3. Como uma pomba, 1.10
4. Quarenta dias, 1.13
5. O reino de Deus está próximo, 1.15

6. Sinagoga, 1.23
7. Blasfêmia, 2.7
8. Escribas, 2.6
9. Odres, 2.22
10. Parábolas, 4.2
11. Vestimenta, 5.27
12. Fermento dos fariseus, 8.15
13. Retira-te de diante de mim, Satanás
14. Transfigurado, 9.2
15. Inferno (Geena), 9.47
16. Uma casa de oração para todas as nações, 11.17
17. Diário, 12.15
18. A Páscoa, 14.1
19. Nardo, 14.3
20. Este cálice, 14.36
21. A hora chegou, 14.41
22. Dia da Preparação, 15.42
23. Primeiro dia da semana, 16.2

VIII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Simão, 1.16
2. Zebedeu, 1.20
3. Espírito imundo, 1.23
4. Levi, 2.14
5. Abiatar, 2.26
6. O cananeu, 3.18
7. Belzebu, 3.22
8. Legião, 5.9
9. Rei Herodes, 6.14
10. Herodias, 6.17
11. Siro-fenícia, 7.26
12. Bartimeu, 10.46
13. César, 12.14
14. Abominação da desolação, 13.14
15. Os escolhidos, 13.20
16. Falso Cristo, 13.22
17. Principais dos sacerdotes, 14.1
18. Aba, 14.36
19. O concílio, 14.55
20. Barrabás, 15.7,11
21. Simão Cireneu, 15.21
22. Salomé, 15.40
23. Centurião, 15.45

IX. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Judéia, 1.4
2. Jerusalém, 1.4
3. Rio Jordão, 1.5
4. Nazaré, 1.9
5. Galiléia, 1.9
6. Cafarnaum, 1.21
7. Iduméia, 3.8
8. Tiro, 3.8
9. Sidom, 3.8
10. Gadarenos, 5.1
11. Decápolis, 5.20
12. Betsaída, 6.45
13. Dalmanuta, 8.10
14. Jericó, 10.46
15. Monte das Oliveiras, 11.1
16. Getsêmani, 14.32

X. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. O que é o batismo com o Espírito? (1.8)
2. Quais são os requisitos do novo pacto? (1.15)
3. Por que os ouvintes de Jesus estavam maravilhados com Seus ensinos? (1.22)
4. Por que Jesus não permitiu que os demônios falassem? (1.34)
5. Por que Jesus disse àqueles que Ele curou para não contar a ninguém? (1.43)
6. Por que Jesus é acusado de blasfêmia no capítulo 2?
7. Explique 2.17 em suas próprias palavras.
8. Por que Jesus curou no sábado tão freqüentemente?
9. Por que Jesus ensinou em parábolas? (3.10-13)
10. Explique a parábola dos solos em suas próprias palavras (4.3-9)
11. Por que Jesus não pôde fazer muitos milagres em Sua própria cidade natal? (6.4-9)
12. Por que Jesus andou sobre a água no capítulo?
13. Explique a profecia de Isaías em 7.6,7.
14. Explique 7.15 em suas próprias palavras.
15. Por que Marcos cita as palavras aramaicas de Jesus?
16. Explique 8.38 em suas próprias palavras.
17. Por que os fariseus perguntam a Jesus sobre o divórcio no capítulo 10?
18. Por que os discípulos ficaram surpresos (10.26) pelo que Jesus disse em 10.25?
19. Por que Jesus anda num jumentinho no capítulo 11?
20. Por que Jesus purificou o templo no capítulo 11?
21. Por que 11.28 é uma pergunta tão importante?

22. Por que a parábola no começo do capítulo 12 é tão poderosa para quem ela se refere?
23. Qual é o maior mandamento do Antigo Testamento?
24. Por que 13.30 é tão difícil de interpretar?
25. Explique 15.34 em suas próprias palavras.

PALESTINA
0 10 20 30 40
ESCALA DE MILHAS

INTRODUÇÃO A LUCAS

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. Lucas é o Evangelho mais longo. Lucas/Atos (se alguém rejeitar Hebreus como paulino) contêm o maior número de páginas de qualquer autor do Novo Testamento e ele é um gentio, cristão de segunda geração!

B. Lucas escreve o melhor grego coinê de todos os escritores do Novo Testamento com a possível exceção do autor de Hebreus. O grego era sua língua-mãe. Ele era também altamente educado, possivelmente mesmo um médico (cf. Cl 4.14).

C. Lucas se importa com aqueles que outros nem mesmo pensam.
   1. Mulheres
   2. Os pobres (cf. as bem-aventurança de Lucas, Lucas 6.20-23)
   3. Os ignorados
      a. Mulheres imorais (cf. 7.36-50)
      b. Samaritanos (cf. 9.51-56; 10.29-37; 17.11-16)
      c. Leprosos (cf. 17.11-19)
      d. Coletores de imposto (cf. 19.1-10)
      e. Criminosos (cf. 23.39-43)

D. Lucas registra as memórias de testemunha ocular de Maria (os dois primeiros capítulos de Atos) e também possivelmente a genealogia dela (3.23-28). O Evangelho de Lucas ilustra a preocupação de Jesus pelas mulheres, tanto judias quanto gentias.

II. AUTOR

A. Tradição unânime da igreja primitiva
   1. Irineu (175-195 A.D., *Against Heresies* [Contra Heresias] 3.1.1; 3.14.10) diz especificamente que Lucas registrou num livro o evangelho pregado por Paulo.
   2. O Prólogo Anti-Marcião para Lucas (175 A.D) diz que Lucas foi o autor.
   3. Tertuliano (150/160-220/240 em *Against Marcion* [Contra Marcião] IV.2,2; IV.5.3) diz que Lucas escreveu o resumo do evangelho de Paulo.
   4. O Fragmento Muratoriano (180-200) identifica Lucas como o autor e o chama companheiro médico de Paulo. Também diz que ele escreveu seu relato por tradição oral (significando que Ele entrevistou testemunhas oculares).
   5. Eusébio (*Hist. Ecl.* III.4.2,6-7) também afirma a autoria de Lucas de tanto Lucas quanto Atos.

B. Evidência interna para a autoria de Lucas
   1. O livro, como tantas obras bíblicas, é anônimo.
   2. Se Lucas/Atos é uma coleção de dois volumes, que parece verdadeiro a partir das introduções similares, então as seções “nós” de Atos (cf. 16.10-17; 20.5-16; 21.1-18; 27.1-28.16) implica um relato de testemunha ocular da atividade missionária de Paulo.
   3. A introdução a Lucas (1.1-4) afirma que Lucas pesquisou relatos de testemunha ocular para escrever uma abordagem histórica da vida de Jesus, que mostra que ele era um crente

de segunda geração. A introdução de Lucas também cobre Atos.

III. LUCAS, O HOMEM

A. O Prólogo Anti-Marcião para Lucas (175 A.D.)
   1. Narrativa de Antioquia da Síria
   2. Médico
   3. Solteiro
   4. Escreveu da Acaia
   5. Morreu na idade de 84 anos em Beócia

B. Eusébio de Cesaréia (275-339 A.D.) em *Hist. Ecl.* III.4.2
   1. De Antioquia
   2. Companheiro missionário de Paulo
   3. Escreveu o Evangelho de Atos

C. Jerônimo (346-420) em *Migna* XXVI(. 18)
   1. Escreveu de Acaia
   2. Morreu em Beócia

D. Ele foi um homem altamente educado
   1. Boa gramática do grego coinê
   2. Grande vocabulário
   3. Métodos de pesquisa
   4. Ele provavelmente foi um médico (cf. Cl 4.14). Também, o comentário negativo de Marcos sobre médicos em Marcos 5.26 é omitido no paralelo em Lucas 8.43. Lucas usou termos relacionados a medicina, curas, doenças, etc. pelo menos 300 vezes (cf. W. K. Hobart, *The Medical Language of Luke* [A Linguagem médica de Lucas], ou melhor, A. Harnack, *Luke the Physician* [Lucas o Médico).

E. Ele foi um gentio
   1. Paulo parece fazer uma distinção em sua lista de ajudantes em Cl 4.10,11 (i.e. “que são da circuncisão”) e outros ajudantes (i.e. Epafras, Lucas e Demas).
   2. Em Atos 1.19 Lucas diz “na sua própria língua”, referindo-se ao aramaico, que implica que não era sua língua.
   3. No seu Evangelho, Lucas omite todas as controvérsias com os fariseus a respeito da Lei Oral Judaica.

F. De todas as pessoas para ser o escritor do Evangelho mais longo e, com Atos, o escritor da maior parte do Novo Testamento, é surpreendente que um gentio pouco conhecido, não-testemunha ocular (i.e não-Apóstolo) seria escolhido! Contudo, esta é a tradição unânime da igreja primitiva, sem dissidentes!

IV. DATA DO ESCRITO

A. Ninguém nunca sabe o relacionamento exato entre as notas da pesquisa original de Lucas (provavelmente feitas enquanto Paulo estava na prisão em Cesaréia [cf. Atos 23-26 e especificamente 24.27]) e seu esboço final (i.e. o Evangelho de Lucas como nós o conhecemos) e a circulação de Lucas/Atos.

B. Antes de 95 A.D. se I Clemente tenha citações ou ilustrações de Atos
   1. Atos 13.22 – I Clemente 18.1
   2. Atos 20.36 – I Clemente 2.1

C. Antes da destruição de Jerusalém (70 A.D.) pelo general romano, Tito
   1. Nenhuma menção das mortes de
      a. Tiago o Apóstolo (62 A.D.)
      b. Paulo o Apóstolo (64-67 A.D.)
   2. O sermão de Estevão em Atos 7 não inclui a destruição do Templo, que ilustraria a o julgamento de Deus.
   3. Paulo visita Jerusalém em Atos 21 e Lucas, se ele escreveu depois de 70 A.D., provavelmente teria mencionado a destruição.

D. Se Lucas usou o Evangelho de Marcos como um esboço e/ou Lucas escreveu perto do tempo de sua pesquisa na Palestina, então o final dos anos cinqüenta e o começo dos anos sessenta (com Atos escrito logo depois que Paulo estava ainda na prisão em Roma, 62-63 A.D.).

V. DESTINATÁRIOS

A. Para Teófilo (cf. Lucas 1.1-4; Atos 1.1). Teorias sobre quem ele era:
   1. Um oficial governamental romano porque Lucas o chama “excelentíssimo” em Lucas 1.3 e ele usa este mesmo título para Félix (Atos 23.26; 24.3) e Festo (Atos 26.25)
   2. Um patrocinador rico (Teófilo era um nome comum entre judeus e gregos) que ajudou pagar as despesas para escrever, copiar e distribuir Lucas e Atos
   3. Seu nome significa “Deus amou”, “amante de Deus”, portanto, é possível uma referência críptica aos cristãos

B. O Evangelho de Lucas dirigia-se aos gentios
   1. Explica costumes judaicos
   2. O evangelho é para todo o povo (cf. 2.10)
   3. Cita profecias que se referem a “toda carne” (cf. 3.5,6, que é uma citação de Isaías 40)
   4. A genealogia volta até Adão (i.e. todos os humanos, cf. 3.38)
   5. Muitos exemplos do amor de Deus para os gentios (e.g. Lucas prolonga as fronteiras daqueles recebidos para o banquete messiânico, 13.29)
   6. Exemplos do Antigo Testamento anunciam o amor de Deus pelos gentios (cf. 2.32; 4.25-27)
   7. A Grande Comissão de Lucas – perdão pregado a todas as nações (cf. 24.47)

VI. PROPÓSITOS DOS ESCRITOS DE LUCAS

A. Todos os Evangelhos foram escritos para se dirigir a grupos específicos de pessoas para o propósito de evangelismo (cf. João 20.30,31).
   1. Mateus para os judeus
   2. Marcos para os romanos
   3. Lucas para os gentios
   4. João para os gentios

B. Outros possíveis propósitos
   1. Explicar a Segunda Vinda demorada
      a. Lucas 21 é diferente de Mateus 24 e Marcos 13, no que se refere ao iminente retorno de Cristo e o fim do mundo.
      b. Lucas fala do evangelismo do mundo, que leva tempo para a igreja realizar (cf. 24.47).
      c. Lucas enfatiza que o Reino de Deus está aqui agora (cf. 10.9,11; 11.20; 17.21)

   2. Explicar o cristianismo aos oficiais governamentais romanos
      a. O título "excelentíssimo" na introdução
      b. Lucas 23 Pilatos dizendo três vezes, "Não acho culpa alguma neste homem" (cf. 23.4,14,15,22)
      c. Os oficiais do governo em Atos são apresentados numa boa luz e os discursos de Paulo para os oficiais romanos mostram respeito a eles e eles respondem positivamente em retorno a ele (e.g. Atos 26.31,32)
      d. O centurião na crucificação dá um testemunho positivo de Jesus (cf. Lucas 23.47)

C. Há alguns temas teológicos únicos que desempenham um papel no propósito (s) para os escritos de Lucas
   1. Os pobres vs. os ricos (e.g. as Beatitudes de Lucas 6.20-23)
      a. Os excluídos
         (1) Mulheres imorais (Lucas 7.36-50)
         (2) Samaritanos (Lucas 9.51-56; 10.29-37)
         (3) Fugitivos rebeldes (Lucas 15.11-32)
         (4) Coletores de imposto (Lucas 19.1-10)
         (5) Leprosos (Lucas 17.11-19)
         (6) Criminosos (Lucas 23.39-43)
   2. Lucas menciona o Templo em Jerusalém. O Evangelho começa com os judeus e suas Escrituras (i.e. Jesus cumpre as profecias do AT), mas eles O rejeitam (cf. 11.14-36) e Ele se torna o Salvador do mundo todo (cf. 10.1-24)

VII. AS FONTES PARA O EVANGELHO DE LUCAS

A. Várias teorias têm sido desenvolvidas em relação ao relacionamento entre Mateus, Marcos e Lucas (os Evangelhos Sinóticos)
   1. A tradição uniforme da igreja primitiva é que Lucas, o médico gentio, escreveu o Evangelho.
   2. Por volta de 1776, A. E. Lessing (e depois Gieseler em 1818) teorizou um estágio oral no desenvolvimento nas tradições orais mais antigas, que os escritores modificaram para seus próprios públicos-alvo
      a. Mateus: Judeus
      b. Marcos: Romanos
      c. Lucas: Gentios

      Cada um estava relacionado com um centro geográfico separado do Cristianismo.

      a. Mateus: Antioquia, Síria ou Judéia
      b. Marcos: Roma, Itália
      c. Lucas: Cesaréia junto ao mar, Palestina ou Acaia
      d. João: Éfeso, Ásia Menor

3. No começo do século dezenove, J. J. Griesbach teorizou que Mateus e Lucas escreveram relatos separados da vida de Jesus, completamente independente um do outro. Marcos escreveu um Evangelho curto tentando mediar esses outros dois relatos.
4. No começo do século vinte, H. J. Holtzmann teorizou que Marcos foi o primeiro Evangelho escrito e que tanto Mateus quanto Lucas usaram a estrutura de seu Evangelho mais um documento separado contendo os ditos de Jesus chamado Q (alemão *quelle* ou "fonte"). Isso foi rotulado a teoria das "duas fontes" (também endossada por Fredrick Schleiermacher em 1832).

   Alguns especulam que esta lista de citações de Jesus, estruturada como a literatura de sabedoria do AT, pode ser o que Papias registra que Mateus escreveu. O problema é que nenhuma cópia desta lista dos ditos sobreviveu. Se a igreja valorizava os Evangelhos tanto, como eles poderiam perder uma lista dos ditos do Fundador da Fé usada tanto por Mateus quanto Lucas?
5. Depois B. H. Streeter teorizou uma teoria das "duas fontes" modificada chamada a teoria das "quatro fontes", teoria que colocou um "proto Lucas" mais Marcos mais Q.
6. As teorias acima da formação dos Evangelhos Sinóticos são somente especulação. Não há nenhuma evidência histórica nem exata de manuscrito de nem uma fonte "Q" nem um "proto Lucas".

   A erudição moderna simplesmente não sabe como os Evangelhos desenvolveram nem quem os escreveu (o mesmo é verdadeiro da Lei do AT e Profetas antigos). No entanto, essa falta de informação não afeta a visão da Igreja de sua inspiração ou confiabilidade tanto histórica assim como documentos de fé.
7. Há similaridades óbvias na estrutura e texto entre os Sinóticos, mas há também muitas diferenças interessantes. Diferenças são comuns em relatos de testemunha ocular. A igreja primitiva não foi incomodada pela divergência desses três relatos de testemunha ocular da vida de Jesus.

   Pode ser que o público-alvo, o estilo do autor e as línguas diferentes envolvidas (aramaico e grego) expliquem as discrepâncias aparentes. Deve ser afirmado que os escritores, editores ou compiladores inspirados tiveram a liberdade para selecionar, organizar, adaptar e resumir os eventos e os ensinos da vida de Jesus (cf. *Entendes O Que Lês?* de Fee e Stuart, pp. 98-119).

B. Lucas especificamente afirma que ele fez pesquisou (cf. Lucas 1.1-4) na vida de Jesus a partir de testemunha ocular. O encarceramento de Paulo em Cesaréia junto ao mar na Palestina concedeu tempo e acesso a essas pessoas. Os capítulos 1-2 podem refletir as memórias de Maria (cf. Sir William Ramsay, *Was Christ Born at Bethlehem?* [Cristo Nasceu em Belém?]), como faz a genealogia do capítulo 3.

C. Várias das fontes da igreja primitiva mencionam que Lucas era um companheiro missionário viajante do Apóstolo Paulo. Algumas dessas fontes primitivas também afirmam que o Evangelho de Lucas foi afetado pela pregação de Paulo. Não pode ser negado que a missão universal do evangelho é clara e cumpriu a profecia em tanto Lucas/Atos e escritos de Paulo.

VIII. A SINGULARIDADE DE LUCAS

A. Os dois primeiros capítulos são únicos a Lucas e podem ter vindo de Maria, como faz a genealogia de 3.23-28.

B. Milagres únicos a Lucas
   1. Filho da viúva de Naim ressuscitado, 7.12-17
   2. Mulher doente na sinagoga curada no sábado, 13.10-17
   3. Homem doente na sinagoga curado no sábado, 14.1-6
   4. Os dez leprosos curados, somente um, um samaritano, retorna para agradecer, 17.11-18

C. Parábolas únicas a Lucas
   1. O bom samaritano, 10.25-37
   2. O amigo persistente, 11.5-13
   3. O rico insensato, 12.13-21
   4. A moeda perdida, 15.8-10
   5. Os dois filhos, 15.11-32
   6. O mordomo injusto, 16.1-8
   7. O homem rico e Lázaro, 16.19-31
   8. O juiz iníquo, 18.1-8
   9. O fariseu e o publicano, 18.9-14

D. Parábolas em Lucas que estão também em Mateus, mas usadas diferentemente
   1. 12.39-46 (Mt 24.43,44)
   2. 14.16-24 (Mt 22.2-14)
   3. 19.11-27 (Mt 25.14-30)

E. Outros relatos únicos
   1. Os eventos dos dois primeiros capítulos
   2. Zaqueu o coletor de imposto, 19.1-10
   3. Jesus enviado para Herodes por Pilatos para ser examinado, 23.8-12
   4. Os dois na estrada para Emaús, 24.13-32

F. Os elementos mais singulares em Lucas são encontrados em 9.51-18.14. Aqui Lucas não depende de Marcos ou "Q" (i.e. ditos de Jesus possivelmente escritos por Mateus). Mesmo pontos de eventos ou ensinos similares são colocados numa forma diferente. O tema unificador desta seção é "no caminho para Jerusalém" (cf. 9.51; 13.22,33; 17.11; 18.31; 19.11,28), que é realmente sua jornada para a cruz.

IX. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Estéril, 1.7
2. Redenção, 1.6,8
3. Chifre de salvação, 1.69
4. Censo, 2.1

5. Zelote, 6.15
6. O reino de Deus, 6.20
7. Tocamos a flauta, 7.32
8. Oficial da sinagoga, 8.49
9. O Filho do Homem deve sofrer 9.22
10. Samaritano, 10.33
11. Ai de vós! 11.42-44, 47,52
12. Arrepender, 13.3,5
13. A porta estreita, 13.24
14. Levar sua própria cruz, 14.27
15. Mamom, 16.11
16. A Lei e os Profetas, 16.16
17. Seio de Abraão, 16.22
18. Pedra de moinho, 17.2
19. Até que os tempos dos gentios se completem, 21.24
20. O concílio dos anciãos, 22.66
21. Paraíso, 23.43

X. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Teófilo, 1.3
2. Zacarias, 1.5
3. Um anjo do Senhor, 1.11; 2.9
4. Gabriel, 1.26
5. Quirino, 2.2
6. Ana, 2.36
7. Tibério, 3.1
8. Herodes o tetrarca, 3.1,19
9. Caifás, 3.2
10. Naamã, 4.2
11. Rainha do sul, 11.31
12. Zacarias, 11.51
13. Lázaro, 16.23
14. Zaqueu, 19.2
15. José, 23.50
16. Cleopas, 24.18

XI. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Galiléia, 1.26
2. Nazaré, 1.4
3. Belém, 1,4
4. Ituréia, 3.1
5. Betsaída, 9.10

6. Corazim, 10.13
7. Tiro, 10.13
8. Cafarnaum, 10.15
9. Samaria, 17.11
10. Sodoma, 17.29
11. Jericó, 19.1
12. Emaús, 24.13
13. Betânia, 24.50

XII. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Qual é o significado de Deus revelar o nascimento de Jesus para os pastores primeiro?
2. Qual é o significado da afirmação de Jesus em 2.49?
3. Por que a genealogia em Lucas faz todo o caminho de volta a Adão?
4. Como os discípulos estavam quebrando a lei em 6.1-5? Que lei eles estavam quebrando?
5. Explique as palavras de Jesus em 6.46.
6. Por que João duvidou que Jesus fosse o Messias prometido no capítulo 17.18-23?
7. Por que os gadarenos queriam que Jesus partisse?
8. Explique em suas próprias palavras as implicações de 9.62.
9. Quando Satanás caiu do céu? (10.18)
10. Por que os judeus odiavam os samaritanos?
11. 12.41-48 implica graus de punição ou níveis de inferno?
12. Explique 13.28-30 em suas próprias.
13. Qual é o propósito(s) da parábola do filho pródigo em 15.1-32?
14. Explique 16.18 em suas próprias palavras, mas não deixe de interpretá-lo à luz de seu cenário histórico.
15. 17.34,35 apóia um rapto secreto? Por que ou por que não?
16. Por que 20.2 é uma pergunta tão importante?
17. Quem são os lavradores de 20.10?
18. Judas era responsável por seus atos à luz de 22.3?
19. Por que 23.20 seria um verso importante para Lucas registrar?

PALESTINA
0 10 20 30 40
ESCALA DE MILHAS

INTRODUÇÃO A JOÃO

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

2. Mateus e Lucas começam com o nascimento de Jesus, Marcos começa com Seu batismo, mas João começa antes da criação.

3. João apresenta a completa divindade de Jesus Nazaré do primeiro verso do primeiro capítulo e repete esta ênfase por todo o Evangelho. Os Evangelhos Sinóticos encobrem esta verdade até tarde em suas apresentações (“O Segredo Messiânico”).

4. Aparentemente João desenvolve seu Evangelho à luz das afirmações básicas dos Evangelhos Sinóticos. Ele tenta suplementar e interpretar a vida e os ensinos de Jesus à luz das necessidades da igreja primitiva (primeiro século). Ele foi a última testemunha apostólica.

5. João parece estruturar sua apresentação de Jesus o Messias ao redor de
   1. Sete milagres/sinais e a interpretação deles;
   2. Vinte e sete entrevistas e/ou diálogos com indivíduos;
   3. Certos dias de adoração e festa
      a. O Sábado
      b. A Páscoa (cf. capítulos 5-6)
      c. Os Tabernáculos (cf. capítulos 7-10)
      d. Hanukkah (cf. 10.22-39)
   4. Declarações “Eu sou”
      a. Relacionadas ao nome divino (YHWH)
         I. Eu sou Ele (4.26; 8.24,28; 13.19; 18.5,6)
         II. Antes que Abraão era Eu sou (8.54-59)
      b. Com nominativos predicativos
         A. Eu sou o pão da vida (6.35, 41, 48, 51)
         B. Eu sou a luz do mundo (8.12)
         C. Eu sou a porta do aprisco (10.7, 9)
         D. Eu sou o bom pastor (10.11, 14)
         E. Eu sou a ressurreição e a vida (11.25)
         F. Eu sou o caminho, a verdade e a vida (14.6)
         G. Eu sou a videira verdadeira (15.1, 5)

6. As diferenças entre João e os outros Evangelhos
   1. Embora seja verdade que o propósito primário de João é teológico, seu uso da história e geografia é extremamente preciso e detalhado. A razão exata para as discrepâncias entre os Sinóticos e João é incerta.
      a. Um ministério judeu primitivo (purificação do Templo no começo)
      b. Cronologia e data da última semana da vida de Jesus

2. Seria útil aproveitar um momento para discutir a diferença óbvia entre João e os Sinóticos. Deixe me citar George Eldon Ladd de *Teologia do Novo Testamento* sobre as diferenças:

   a. "O Quarto Evangelho é tão diferente dos Sinópticos que, para que a questão seja tratada honestamente, deve ser avaliado se ele registra precisamente os ensinamentos de Jesus ou se a fé cristã modificou a tradição, a ponto de a história ter sido absorvida pela interpretação teológica" (p. 325).

   b. "A solução mais razoável que se apresenta é a de que os ensinamentos de Jesus são expressos no modo peculiar de expressão de João. Se essa é a solução correta e se devemos concluir que o Quarto Evangelho é expresso no modo peculiar de João, segue-se esta importante questão: Até que ponto a teologia do Quarto Evangelho é a teologia de João e não a de Jesus? Até que ponto é possível que o ensinamento de Jesus tenha sido tão assimilado pela mente de João que seria possível dizer que o temos é uma interpretação joanina, em lugar de uma representação precisa do próprio ensino de Jesus?" (pp. 325,326).

   c. Ladd também cita W. F. Albright de "Recent Discoveries in Palestine and the Gospel of John" [Descobertas Recentes na Palestina e o Evangelho de João] em *The Background of the New Testament and Its Eschatology* [A Origem do Novo Testamento e Sua Escatologia] editado por W. D. Davies e D. Daube

      "Não diferença fundamental de ensino entre João e os Sinópticos; o contraste entre eles reside no fato da concentração de tradição ao longo de certos aspectos dos ensinamentos de Cristo, particularmente, aqueles que parecem se assemelhar mais diretamente ao ensino dos essênios.

      Não há absolutamente nada que mostre que qualquer dos ensinamentos de Jesus tenha sido distorcido ou falsificado, ou de algum novo elemento vital lhe tenha sido a acrescentado. Deve ser admitido prontamente que as necessidades da igreja primitiva influenciaram a seleção de itens e sua inclusão no Evangelho, mas não há razão para supormos que as necessidades daquela igreja foram responsáveis por quaisquer invenções ou inovações de importância teológica.

      Uma das mais estranhas pressuposições dos estudiosos críticos do Novo Testamento é que o pensamento de Jesus foi tão limitado que qualquer contraste aparente entre João e os Sinópticos deve ser atribuído a diferenças existentes entre teólogos cristãos primitivos. "Todo grande pensador, assim como toda grande personalidade, será interpretada de modo diferente por diferentes amigos e ouvintes, que selecionarão o que lhes parecer mais adequado ou útil daquilo que viram e ouviram" (pp. 330, 331).

   d. E mais uma vez de George E. Ladd:

      "A diferença entre eles não está no fato de que João seja teológico e os outros não; mas de que todos são teológicos de modos diferentes. Uma história interpretada pode representar com mais fidelidade os fatos de uma situação do que uma mera crônica de eventos. Se o relato de João é um a interpretação teológica, esta é uma interpretação de eventos que João estava convicto de terem ocorrido na história. Obviamente, o intento dos Evangelhos Sinópticos não é fornecer um registro da *ipsissima verba* (as palavras exatas) de Jesus, e tampouco uma biografia dos eventos de sua vida. Eles são descrições de Jesus e resumos de seu ensinamento. Mateus e Lucas sentiram-se livres para dar uma nova disposição ao material de Marcos, e para registrar o ensinamento de Jesus com considerável liberdade. Se João utilizou mais

liberdade que Mateus e Lucas, foi por desejar fornecer uma descrição mais profunda e, em última análise, mais real de Jesus" (p. 331).

II. AUTOR

A. O Evangelho é anônimo, mas faz alusão à autoria de Jesus
   1. Um autor testemunha ocular (cf. 19.35)
   2. A frase "o discípulo amado" (tanto Policrato quanto Irineu identificam-no como João o apóstolo)
   3. João, filho de Zebedeu, nunca mencionado pelo nome

B. O cenário histórico é óbvio do Evangelho mesmo, portanto, a questão de autoria não é um fator crucial na interpretação. A afirmação de um autor inspirado é crucial!
   A autoria e data do Evangelho de João não afetam a inspiração, mas a interpretação. Comentaristas buscam um cenário histórico, um ocasião que fez o livro ser escrito. Alguém deveria comparar o dualismo de João a (1) as duas eras judaicas; (2) o mestre de justiça de Qumran; (3) religião zoroastra; (4) pensamento gnóstico; ou (5) perspectiva única de Jesus?

C. A visão tradicional primitiva é que João o Apóstolo, filho de Zebedeu, é a fonte humana, testemunha ocular. Isto deve ser clarificado porque fontes externas do segundo século parecem relacionar outros na produção do Evangelho:
   1. Crentes compatriotas e anciãos efésios encorajaram o Apóstolo envelhecido a escrever (Eusébio cita Clemente de Alexandria)
   2. Um Apóstolo companheiro, André (o Fragmento Muratoriano, 180-200 A.D, de Roma)

D. Alguns eruditos modernos têm suposto um outro autor baseados em várias suposições sobre o estilo e a matéria de assunto do Evangelho. Muitos supõem uma data no começo do segundo século (antes de 115 A.D.):
   1. Escrito pelos discípulos de João (um círculo joanino de influência) que lembraram seus ensinos (J. Weiss, B. Lightfoot, C. H. Dodd, O. Cullmann, R. A. Culpepper, C. K. Barrett)
   2. Escrito pelo "ancião João", (um de uma série de anciãos primitivos da Ásia influenciados pela teologia e terminologia de João o Apóstolo) que é derivado de uma passagem obscura em Papias (70-146 A.D.) citado por Eusébio (280-339 A.D.)

E. Evidência para João mesmo como a fonte primária para o material do Evangelho
   1. Evidência interna
      a. O autor conhecia os ensinos e rituais judaicos e compartilhou a visão deles do mundo do AT
      b. O autor conhecia a Palestina e Jerusalém em sua condição pré 70 A.D.
      c. O autor afirma ser uma testemunha ocular
         1) 1.14
         2) 19.35
         3) 21.24
      d. O autor era membro do grupo apostólico, pois ele está familiarizado com
         1) Detalhes de tempo e espaço (processos da noite)

2) Detalhes de números (vasos de água de 2.6 e peixe de 21.11)
3) Detalhes de pessoas
4) Detalhes de eventos e reação a eles
5) O autor parece ser designado como “o discípulo amado”
   a) 13.23,25
   b) 19.26,27, 34,35
   c) 20.2-5,8
   d) 21.7, 20-24
6) O autor parece ser membro do círculo íntimo junto Pedro
   a) 13.24
   b) 20.2
   c) 21.7
7) O nome João, filho de Zebedeu, nunca aparece neste Evangelho, que parece altamente incomum porque ele era membro do grupo apostólico íntimo

2. Evidência externa
   a. Evangelho conhecido por
      1. Irineu (120-202 A.D.) que foi associado com Policarpo conhecia João o Apóstolo (cf. *História Eclesiástica* de Eusébio 5:20:6-7) – “João o discípulo do Senhor que reclinou sobre Seu peito e ele mesmo publicou o Evangelho na Ásia” (*Haer*, 3:1:1, citado na *Hist. Ecl.* 5:8:4 de Eusébio).
      2. Clemente de Alexandria (153-217 A.D.) – “João que foi instado por seus amigos e divinamente movido pelo Espírito compôs um Evangelho espiritual (*História Eclesiástica* 6:14:7 de Eusébio)
      3. Justino Mártir (110-165 A.D.) em seu *Dialogue with Trypho* [Diálogo com Trifo] 81.4
      4. Tertuliano (145-220 A.D.)
   b. Autoria de João afirmada por testemunhas muito primitivas
      1. Policarpo (70-156 A.D., registrado por Irineu), que era bispo de Esmirna (155 A.D.)
      2. Papias (70-146 A.D., registrado pelo Prólogo Anti-Marcionita de Roma e Eusébio), que era o bispo de Hierápolis na Frígia e informou ser discípulo de João o Apóstolo

F. Razões usadas para duvidar da autoria tradicional
   1. A conexão do Evangelho com temas gnósticos
   2. O apêndice óbvio do capítulo 21
   3. As discrepâncias cronológicas com os Sinóticos
   4. João não teria referido a si mesmo como “o discípulo amado”
   5. O Jesus de João usa vocabulário e gêneros diferentes do que os Sinóticos

G. Se nós supormos que foi João o Apóstolo então o que podemos supor sobre o homem?
   1. Ele escreveu de Éfeso (Irineu diz “publicou o Evangelho de Éfeso”)
   2. Ele escreveu quando era um homem mais velho (Irineu diz que ele viveu até o reinado de Trajano, 98-117 A.D.)

III. DATA

1. Se adotarmos João o Apóstolo
    1. Antes de 70 A.D., quando Jerusalém foi destruída pelo general romano (depois imperador), Tito
        a. Em João 5.2, “Ora, em Jerusalém há, próximo à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebreu Betesda, o qual tem cinco alpendres...”
        b. Uso repetido uso do título primitivo “discípulos” para denotar o grupo apostólico
        c. Supostos elementos gnósticos mais recentes têm agora sido descobertos nos Rolos do Mar Morto, que mostram que eram parte do jargão teológico do primeiro século
        d. Nenhuma menção da destruição do Templo e da Jerusalém em 70 A.D.
        e. O famoso arqueólogo americano W. F. Albright afirma uma data para o Evangelho no fim dos anos setenta e começo dos anos oitenta.
    2. No final do primeiro século
        a. A teologia desenvolvida de João
        b. A queda de Jerusalém não mencionada porque ocorreu uns vinte anos antes
        c. Uso de João da fraseologia e ênfase tipo gnóstica
        d. As tradições primitivas da igreja
            1. Irineu
            2. Eusébio

2. Se adotarmos “João o ancião” então a data seria do começo para metade do segundo século. Este teoria começou com a rejeição de Dionísio da autoria de João o Apóstolo (por razões literárias). Eusébio, que rejeitou a autoria de João o Apóstolo do Apocalipse por razões teológicas, achou que tinha encontrado um outro “João” no momento certo e no lugar certo na citação de Papias (*História Eclesiástica* 3:39:5,6), que lista dois “Joãos” (1) o Apóstolo e (2) um Ancião (presbítero).

IV. DESTINATÁRIOS

A. Originalmente foi escrito para as igrejas da Província Romana da Ásia Menor, particularmente Éfeso.

B. Por causa da profunda simplicidade e profundidade deste relato da vida e pessoa de Jesus de Nazaré, este se tornou um Evangelho favorito para tanto crentes gentios helenistas quanto grupos gnósticos.

V. PROPÓSITOS

A. O Evangelho mesmo afirma seu propósito evangelístico, 20.30,21
    1. Para leitores judaicos
    2. Para leitores gentios

3. Para leitores gnósticos incipientes

B. Parece ter uma idéia apologética
   1. Contra os seguidores fanáticos de João Batista
   2. Contra os falsos mestres gnósticos incipientes (especialmente o Prólogo); esses grupos podem ser vistos nos livros do NT
      a. Efésios
      b. Colossenses
      c. As Epístolas Pastorais (I Timóteo, Tito, II Timóteo)
      d. I João (I João pode ter servido como uma carta de capa para o Evangelho)

C. Há a possibilidade de que a declaração de propósito de 20.31 possa ser compreendida como encorajando a doutrina da perseverança assim como evangelismo por causa do uso consistente do TEMPO PRESENTE para descrever a salvação. Neste sentido João, como Tiago, pode estar equilibrando uma ênfase exagerada da teologia de Paulo por alguns grupos da Ásia Menor (cf. II Pedro 3.15,16). É surpreendente que a tradição da igreja primitiva identifica João com Éfeso, não Paulo (cf. *Peter, Stephen, James and John: Studies in Non-Pauline Cristianity* [Pedro, Estevão, Tiago e João: Estudos no Cristianismo não-Paulino] de F. F. Bruce, pp. 120-121).

D. O Epílogo (capítulo 21) parece responder questões específicas da igreja primitiva
   1. João suplementa os relatos dos Evangelhos Sinóticos. No entanto, ele foca no ministério judeu, particularmente Jerusalém.
   2. As duas questões cobertas no Apêndice, capítulo 21
      a. Restauração de Pedro
      b. Longevidade de João
      c. O retorno demorado de Jesus

E. Alguns vêm João como desenfatizando o sacramentalismo intencionalmente ignorando e não registrando ou discutindo as ordenanças apesar das oportunidades contextuais perfeitas no capítulo 3 (para batismo) e capítulo 6 (para a Eucaristia ou a Ceia do Senhor).

VI. ESBOÇO BASEADO EM

A. Um Prólogo filosófico/teológico (1.1-18) e um Epílogo prático (capítulo 21)

B. Sete sinais de milagre durante o ministério público de Jesus (capítulos 2-12) e sua interpretação:
   1. Transformando água em vinho numa festa de casamento em Caná (2.1-11)
   2. Curando do filho do oficial da corte em Cafarnaum (4.46-54)
   3. Cura do homem coxo no tanque de Betesda em Jerusalém (5.1-18)
   4. Alimentação de cerca de 5.000 na Galiléia (6.1-15)
   5. Caminhando sobre o Mar da Galiléia (6.16-21)
   6. Cura do homem nascido cego em Jerusalém (9.1-41)
   7. Ressurreição de Lázaro em Betânia (11.1-57)

C. Entrevistas e diálogos com indivíduos
   1. João Batista (1.19-34; 3.22-36)

2. Discípulos
    a. André e Pedro (1.35-42)
    b. Filipe e Natanael (1.43-51)
3. Nicodemos (3.1-21)
4. Mulher de Samaria (4.1-45)
5. Judeus em Jerusalém (5.10-47)
6. Multidão na Galiléia (6.22-66)
7. Pedro e discípulos (6.67-71)
8. Irmãos de Jesus (7.1-13)
9. Judeus em Jerusalém (7.14-8.59; 10.1-42)
10. Discípulos no cenáculo (13.1-17.26)
11. Prisão e julgamento judaico (18.1-27)
12. Julgamento romano (18.28-19.16)
13. Conversas pós-ressurreição, 20.11-29
    a. Com Maria
    b. Com os dez Apóstolos
    c. Com Tomé
14. Diálogo do epílogo com Pedro, 21.1-25
15. (7.53-8.11, a história da mulher adúltera, não era originalmente parte do Evangelho de João!)

D. Certos dias de adoração/festa
1. Os Sábados (5.9; 7.22; 9.14; 19.31)
2. As Páscoas (2.13; 6.4; 11.55; 18.28)
3. A festa dos Tabernáculos (capítulos 8-9)
4. Hanukkah (festival das luzes, cf. 10.22)

E. Uso de declarações “Eu Sou”
1. Eu sou Ele (4.26; 6.20; 8.24,28,53-59; 13.19; 18.5,6)
2. Eu sou o pão da vida (6.35, 41, 48, 51)
3. Eu sou a luz do mundo (8.12; 9.5)
4. Eu sou a porta do aprisco (10.7, 9)
5. Eu sou o bom pastor (10.11, 14)
6. Eu sou a ressurreição e a vida (11.25)
7. Eu sou o caminho, a verdade e a vida (14.6)
8. Eu sou a videira verdadeira (15.1, 5)

VII. TERMOS E FRASE PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. O Verbo, 1.1
2. Crer, 1.7
3. “o mundo foi feito por Ele”, 1.10
4. “o Verbo se fez carne”, 1.14
5. Verdade, 1.17

6. O Profeta, 1.21
7. “o Cordeiro de Deus”, 1.29
8. “como uma pomba”, 1.32
9. Rabi, 1.38
10. “Na verdade, na verdade”, 1.51
11. “os anjos de Deus subindo e descendo”, 1.51
12. “seis talhas d pedra”, 2.6
13. “príncipe dos judeus”, 3.1
14. “nascer de novo”, 3.3
15. “o Filho do Homem seja levantado”, 3.14; 12.34
16. “vida eterna”, 3.16
17. “Eu sou o pão da vida”, 6.35,48
18. “Festa dos Tabernáculos”, 7.2
19. “Tens demônio”, 7.20; 8.48; 10.20
20. A Dispersão (diáspora), 7.35
21. “Jesus não foi ainda glorificado”, 7.39
22. “antes que Abraão nascesse, Eu sou”, 8.58
23. “expulso da sinagoga”, 9.22
24. “porta das ovelhas”, 10.7
25. “a Festa da Dedicação”, 10.22
26. Blasfemando, 10.36
27. “achando um jumentinho, assentou-se sobre ele”, 12.14
28. “a hora”, 12.23
29. “Satanás entrou nele”, 13.27
30. “um novo mandamento”, 13.34
31. “moradas”, 13.34
32. “permanecei em mim”, 15.4
33. “levantando Seus olhos ao céu”, 17.1
34. “único Deus verdadeiro”, 17.3
35. “antes da fundação do mundo”, 17.24
36. Açoitou, 19.1
37. Gabatá, 19.13
38. Gólgota, 19.17
39. “rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas”, 19.31
40. “o dia judaico da preparação”, 19.42

VIII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

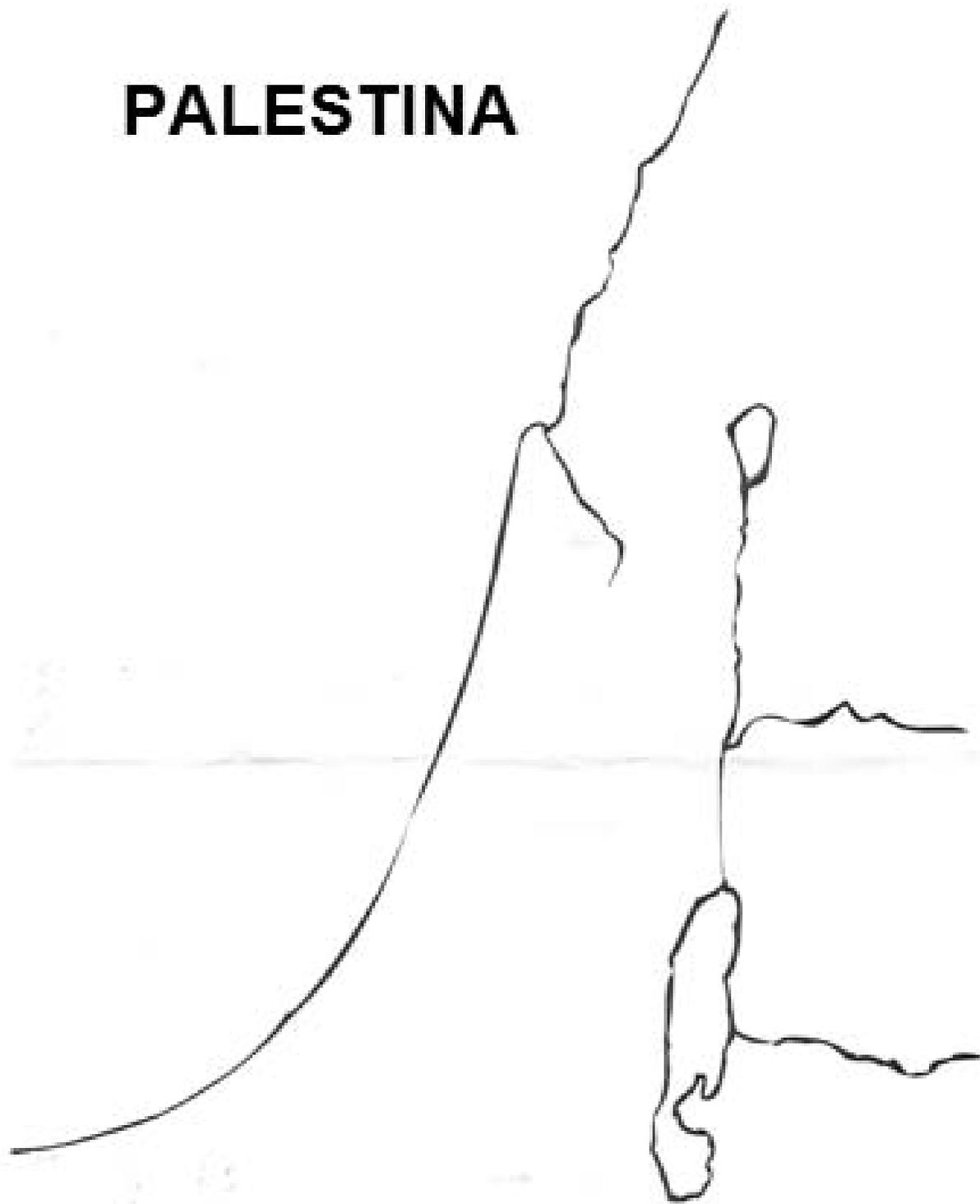
1. João, 1.6
2. Filho de Deus, 1.34
3. Messias, 1.41
4. Cefas, 1.42
5. Nicodemos, 3.1
6. O Profeta, 7.40

7. Lázaro, 11.2
8. Dídimo, 11.16
9. Judas Iscariotes, 13,2
10. O Consolador, 14.26
11. Malco, 18.10
12. Anás, 18.24
13. Maria mulher de Clopas, 19.25

IX. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Galiléia, 1.43
2. Nazaré, 1.45
3. Caná, 2.1
4. Cafarnaum, 2.12
5. Enom junto a Salim, 3.23
6. Samaria, 4.4
7. Tiberíades, 6.1
8. Belém, 7.42
9. Betânia, 11.1
10. Cedrom, 18.1
11. Mar de Tiberíades, 21.1

X. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Por que João 1.1 é tão importante?
2. Por que o batismo de João era incomum?
3. O que nascer de novo significa?
4. Como “crer” e “obedecer” estão relacionados em 3.35?
5. O que 4.24 significa?
6. Por João 5.4 está entre parênteses?
7. 9.2 implica reencarnação?
   Se não, explique por quê?
8. Explique a ironia de 9.41.
9. Explique 10.34,35 em suas próprias palavras.
10. Por que Jesus lavou os pés dos discípulos no capítulo 13? Qual o cenário dos capítulos 13-17?
11. Por que João 14.6 é tão significante?
12. Por que João 14.23 é tão importante?
13. Explique João 15.16.
14. João 17 é chamado “oração sacerdotal de Jesus”. Ele ora por três pessoas ou grupos diferentes, identifique-os.
15. Explique o intercâmbio entre Jesus e Pilatos em João 18.33-38.
16. Os discípulos receberam o Espírito em 20.22 ou no Pentecostes em Atos q?
17. Por que João 20.31 é significante?

PALESTINA
0 10 20 30 40
ESCALA DE MILHAS

INTRODUÇÃO A ATOS

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. Atos forma uma conexão entre os relatos da vida de Jesus e sua interpretação e aplicação dessas verdades nas Cartas Apostólicas do Novo Testamento.

B. A igreja primitiva desenvolveu e circulou duas coleções dos escritos do Novo Testamento: (1) os Evangelhos e (2) o Apóstolo (i.e. cartas de Paulo). Contudo, com as heresias cristológicas primitivas do segundo século, o valor do livro de Atos se tornou óbvio. Atos revela o conteúdo e o propósito da pregação apostólica e os resultados incríveis do evangelho.

C. A precisão histórica de Atos tem sido acentuada e confirmada pelas descobertas arqueológicas modernas especialmente em relação ao título dos oficiais governamentais romanos (ex. *stratëgoi*, 16.20, 22, 35, 36, 38 [também usado para os capitães do templo, Lucas 22.4, 52; Atos 4.1; 5.24-26] ; *politarcas*, 17.6,8, e *prötö*, Atos 28.7, cf. A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* [Sociedade Romana e Lei Romana no Novo Testamento]. Lucas registra as tensões dentro da igreja, mesmo a briga entre Paulo e Barnabé (cf. Atos 15.39). Isto reflete um escrito histórico/teológico justo, equilibrado, pesquisado.

D. O título do livro é encontrado em formas ligeiramente diferentes nos textos gregos antigos.
   1. Manuscrito א (i.e. Sinaítico), Tertuliano, Dídimo, Eusébio têm “Atos” (ASV, NIV)
   2. Manuscritos B (i.e. Vaticano), D (i.e. Beza) e א numa subscrição, Irineu, Tertuliano, Cipriano, Atanásio têm “Atos dos Apóstolos” (KJV, RSV, NEB)
   3. Manuscritos A^2 (i.e. primeiro corretor do Alexandrino), E, G, Crisóstomo têm “Atos dos Santos Apóstolos”

   É possível que a palavra grega, *praxeis*, *práxis* (i.e. atos, modos, comportamento, feitos, prática), reflita um gênero literário mediterrâneo antigo, que denota as vidas e ações de pessoas famosas e influentes (i.e. João, Pedro, Estevão, Filipe, Paulo). O livro provavelmente não tinha nenhum título originalmente.

E. Há duas tradições textuais distintas de Atos. A mais curta é a alexandrina (MSS P^{45}, P^{74}, א, A, B, C). A família ocidental de manuscritos (P^{29}, P^{38}, P^{48} e D) parece incluir muito mais detalhes). É incerto se elas do autor ou foram inserções posteriores dos escribas, baseadas em tradições da igreja primitiva. A maioria dos eruditos textuais acredita que os manuscritos ocidentais têm adições posteriores porque eles (1) suavizam ou tentam consertar textos incomuns ou difíceis; (2) acrescentam detalhes adicionais; (3) acrescentam frases para ressaltar Jesus como o Cristo; (4) não são citadas por nenhum escritor cristão primitivo nos três primeiros séculos (cf. F. F. Bruce, *Acts: Greek Text* [Atos: Texto Grego], pp. 69-80). Para uma discussão mais detalhada, consulte *A Textual Commentary on The Greek New Testament* [Um Comentário Textual sobre o Novo Testamento Grego] de Bruce M. Metzger, publicado pelas United Bible Societies, pp. 259-272.

II. AUTOR

A. O livro é anônimo, mas Lucas é fortemente sugerido.
   1. As singulares e surpreendentes seções “nós”, 16.10-17 (segunda viagem missionária em Filipos); 20.5-15; 21.1-18 (fim da terceira viagem missionária) e 27.1-28.16 (Paulo enviado como prisioneiro a Roma) implicam firmemente Lucas como o autor.
   2. A conexão entre o terceiro Evangelho e Atos é óbvia quando alguém compara Lucas 1.1-4 com Atos 1.1,2
   3. A menção de um médico gentio em Colossenses 4.10-14, Filemom 24, e II Tm 4.11 sugerem Lucas, o único escritor gentio do Novo Testamento.
   4. O testemunho unânime da igreja primitiva
      a. O Fragmento do Cânon Muratoriano (180-200 A.D. de Roma diz, “compilado por Lucas o médico)
      b. Os escritos de Irineu (130-200 A.D.)
      c. Os escritos de Clemente de Alexandria (156-215 A.D.)
      d. Os escritos de Tertuliano (160-200 A.D.)
      e. Os escritos de Orígenes (185-254 A.D.)
   5. A evidência interna do estilo e vocabulário (especialmente termos médicos) confirmam Lucas como o autor (i.e. Sir William Ramsay e A. Harnack).

B. Nós temos fontes de informação sobre Lucas.
   1. As três passagens do NT (Cl 4.10-4; Filemom 24; II Tm 4.11) e o livro de Atos mesmo.
   2. O Prólogo Anti-Marcionita do segundo século para Lucas (160-180 A.D.)
   3. O historiador da igreja primitiva do quarto século, Eusébio, em *História Eclesiástica* 3.4, diz “Lucas, por raça, um nativo de Antioquia, e por profissão, um médico, tendo se envolvido com Paulo e tendo acompanhado com o resto dos apóstolos menos de perto, deixou-nos o exemplo dessa cura de almas que ele adquiriu deles em dois livros inspirados, o Evangelho e Atos dos Apóstolos”.
   4. Este é um perfil composto de Lucas.
      a. Um gentio (listado em Cl 4.12-14, com Epafras e Demas como ajudantes e não com os ajudantes judaicos)
      b. Ou da Antioquia da Síria (i.e. prólogo anti-Marcião para Lucas) ou Filipos da Macedônia (i.e. Sir William Ramsay sobre Atos 16.19)
      c. Um médico (Cl 4.14, ou pelo menos um homem bem educado)
      d. Tornou-se um convertido no meio da idade depois que a igreja estava iniciada em Antioquia (prólogo Anti-Marcião)
      e. Companheiro de viagem de Paulo (as seções “nós” de Atos)
      f. Solteiro
      g. Escreveu o terceiro Evangelho e Atos (introdução similar e estilo e vocabulário similares)
      h. Morreu na idade de 84 anos na Beócia

C. Desafios para a autoria de Lucas
   1. A pregação de Paulo na Colina de Marte usa categorias e termos filosóficos gregos para formar um terreno comum (cf. Atos 17), mas em Rm 1 e 2 Paulo parece considerar qualquer “terreno comum” (i.e. natureza, testemunho moral interior) com fútil.

2. Pregação e comentários de Paulo em Atos descrevem-no como um cristão judaico que leva Moisés a sério, mas as cartas de Paulo depreciam a Lei como problemática e morta.
3. A pregação de Paulo em Atos não tem o foco escatológico que seus livros mais antigos têm (i.e. I e II Tessalonicenses).
4. Este contraste de termos, estilos e ênfases é interessante, mas não conclusivo. Quando os mesmos critérios são aplicados aos Evangelhos, o Jesus dos Sinóticos fala de uma maneira muito diferente do Jesus de João. Contudo, muito pouco estudiosos negariam que ambos refletem a vida de Jesus.

D. Quando discutir a autoria de Atos é crucial que discutamos as fontes de Lucas porque muitos estudiosos (ex. C. C. Torrey) acreditam que Lucas usou documentos de fonte aramaica (ou tradições orais) para muitos dos primeiros quinze capítulos. Se isso é verdadeiro, Lucas é um editor desse material, não um autor. Mesmo nos últimos sermões de Paulo Lucas dá somente um resumo das palavras de Paulo, não relatos literais. O uso de Lucas das fortes é uma questão tão crucial quanto à autoria de Lucas do livro.

III. DATA

A. Há muita discussão e desacordo quanto ao tempo da escrita de Atos, mas os eventos mesmos cobrem de mais ou menos 30-63 A.D. (Paulo foi liberto da prisão em Roma no meio dos anos 60 e detido novamente e executado sob Nero, provavelmente nas perseguições de 65 A.D.

B. Se alguém adotasse a natureza apologética do livro no que se refere ao governo romano, então uma data (1) antes de 64 A.D. (o início da perseguição de Nero dos cristãos em Roma) e/ou (2) relacionado à revolta judaica de 66-73 A.D.

C. Se alguém tentar relacionar Atos com o Evangelho de Lucas em seqüência, então a data para o Evangelho influencia a data da escrita de Atos. Visto que a queda de Jerusalém para Tito em 70 A.D. é profetizada (i.e. Lucas 21), mas não descrita, parece exigir uma data antes de 70 A.D. Se assim for, então Atos escrito como uma continuação deve ser datado nos anos 80.

D. Se alguém é incomodado com o final abrupto (i.e. Paulo ainda na prisão em Roma, F. F.), então uma data relacionada com o fim do encarceramento de Paulo, 58-63, é favorecida.

E. Algumas datas históricas relacionadas com eventos históricos registrados em Atos.
1. Vasta fome sob o imperador Cláudio, Atos 11.28, 44-48 A.D.
2. Morte de Herodes Agripa I, Atos 12.20-23, 44 A.D. (primavera)
3. Proconsulado de Sérgio Paulo, Atos 13.7, nomeado em 53 A.D.
4. Expulsão dos judeus de Roma por Cláudio, Atos 18.2, 49 A.D. (?)
5. Proconsulado de Gálio, Atos 18.12, 51 ou 52 A.D. (?)
6. Proconsulado de Félix, Atos 23.26; 24.27, 53-56 A.D. (?)
7. Substituição de Félix por Festo, Atos 24.27, 57-60 A.D. (?)
8. Oficiais romanos da Judéia
   a. Procurador
      - Pôncio Pilatos, 26-36 A.D.
      - Marcelo, 36-37 A.D.
      - Marulo, 37-41 A.D.

b. Em 41 A.D. o método de procuradoria da administração romana foi mudado para um modelo empírico. O imperador romano, Cláudio, nomeou Herodes Agripa I em 41 A.D.

c. Depois da morte de Herodes Agripa I, 44 A.D., o método de procurador foi restabelecido até 66 A.D.
- Antônio Félix
- Pórcio Festo

IV. PROPÓSITO E ESTRUTURA

A. Um propósito do livro de Atos foi documentar o crescimento rápido dos seguidores de Jesus: de raízes judaicas para ministério mundial; do cenáculo para o palácio de César.

1. Este padrão geográfico segue Atos 1.8, que é a Grande Comissão de (Mt 28.19,20)
2. Esta expansão geográfica é expressa de várias maneiras.

a. Usando cidades importantes e fronteiras nacionais. Em Atos há 32 países, 54 cidades, e nove ilhas mediterrâneas mencionadas. As três mais importantes são Jerusalém, Antioquia e Roma (cf. Atos 9.15).

b. Usando pessoas-chave. Atos pode quase ser dividido em duas metades: os ministérios de Pedro e Paulo. Há mais de 95 pessoas mencionadas em Atos, mas as mais importantes são: Pedro, Estêvao, Filipe, Barnabé, Tiago e Paulo.

c. Há duas ou três formas literárias que aparecem repetidamente em Atos que parecem refletir tentativa consciente do autor na estrutura.

(1) declarações de resumo	(2) declarações de crescimento	(3) uso de números
1.1 – 6.7 (em Jerusalém)	2.47	2.41
6.8 – 9.31 (na Palestina)	5.14	4.4
9.32 – 12.24 (para Antioquia)	6.7	5.14
12.25 – 15.5 (para Ásia Menor)	9.31	6.7
16.6 – 19.20 (para Grécia)	12.24	9.31
19.21 – 28.31 (para Roma)	16.5	12.21,24
	19.20	12.24
		14.1
		19.20

B. Atos está obviamente relacionado com o mal-entendido que rodeava a morte de Jesus (por traição). Aparentemente, Lucas está escrevendo para gentios (Teófilo, possivelmente um oficial romano). Ele usa (1) os discursos de Pedro, Estevão e Paulo para mostrar a conspiração dos judeus e (2) a positividade dos oficiais governamentais romanos para com o cristianismo. Os romanos não tinham nada a temer dos seguidores de Jesus.

1. Os discursos dos líderes cristãos

a. Pedro, 2.14-40; 3.12-26; 4.8-12; 10.34-43
b. Estevão, 7.1-53
c. Paulo, 13.10-42; 17.22-31; 20.17-25; 21.40-22.21; 23.1-6; 24.10-21; 26.1-29

2. Contatos com oficiais governamentais
    a. Pôncio Pilatos, Lucas 23.13-25
    b. Sérgio Paulo, Atos 13.7,12
    c. Principais magistrados de Filipos, Atos 16.35-40
    d. Gálio, Atos 18.12-17
    e. Asiarcas de Éfeso, Atos 19.33-41 (esp. v. 31)
    f. Cláudio Lísias, Atos 23.26
    g. Félix, Atos 24
    h. Pórcio Festo, Atos 25
    i. Agripa II, Atos 26 (esp. v. 32)
    j. Públio, Atos 28.7-10
3. Quando alguém compara os sermões de Pedro com os de Paulo, fica óbvio que Paulo não é um inovador, mas um proclamador fiel das verdades apostólicas do evangelho. O *kerygma* está unificado!

C. Lucas não só defendeu o cristianismo diante do governo romano (cf. John W. Mauk, *Paul on Trial: The Book of Acts as a defense of Cristianity* [Paulo em Julgamento: O Livro de Atos como uma defesa do Cristianismo]), mas também defendeu Paulo diante da igreja gentia. Paulo foi repetidamente atacado por grupos judaicos (i.e. judaizantes dos gálatas; os "super-apóstolos" de II Co 10-13) e grupos helenistas (i.e. gnosticismo dos Colossenses e efésios). Lucas mostra a normalidade de Paulo ao claramente revelar seu coração e teologia em suas viagens e sermões.

D. Embora Atos não tivesse a intenção de ser um livro doutrinário, registra para nós os elementos da pregação primitiva dos Apóstolos que C. H. Dodd chamou "o *kerygma*" (i.e. verdades essenciais sobre Jesus). Isso nos ajuda ver o que eles acharam que eram pontos essenciais do evangelho, especialmente como eles se relacionam com a morte e ressurreição de Jesus.

TÓPICO ESPECIAL: O *KERYGMA* DA IGREJA PRIMITIVA

A. As promessas de Deus feitas no Antigo Testamento foram cumpridas então com a vinda de Jesus o Messias (Atos 2.30; 3.19,24; 10.43; 26.6,7,22; Rm 1.2-4; I Tm 3.16; Hb 1.1,2; I Pedro 1.10-12; 2 Pedro 1.18,19).
B. Jesus foi ungido como Messias por Deus em Seu batismo (Atos 10.38).
C. Jesus começou Seu ministério na Galiléia depois de Seu batismo (Atos 10.37)
D. Seu ministério foi caracterizado por fazer o bem e realizar obras poderosas do poder de Deus (Marcos 10.45; Atos 2.22; 10.38).
E. O Messias foi crucificado de acordo com o propósito de Deus (Marcos 10.45; João 3.16; Atos 2.23; 3.13-15,18; 4.11; 10.39; 26.23; Rm 8.34; I Co 1.17,18; 15.3; Gl 1.4; Hb 1.3; I Pedro 1.2,19; 3.18; I João 4.10).
F. Foi ressuscitado dos mortos e apareceu aos Seus discípulos (Atos 2.24,31,32; 3.15,26; 10.40,41; 17.31; 26.23; Rm 8.34; 10.9; I Co 15.4-7,12ss; I Ts 1.10; I Tm 3.16; I Pedro 1.2; 3.18,21).
G. Jesus foi exaltado por Deus e dado o nome "Senhor" (Atos 2.25-29,33-36; 3.13; 10.36; Rm 8.34; 10.9; I Tm 3.16; Hb 1.3; I Pedro 3.22).
H. Ele deu o Espírito Santo para formar a nova comunidade de Deus (Atos 1,8; 2.14-18,38,39; 10.44-47; I Pedro 1.12).
I. Ele virá novamente para julgamento e restauração de todas as coisas (Atos 3.20,21; 10.42; 17.31; I Co 15.20-28; I Ts 1.10).
J. Todos que ouvem a mensagem deveria se arrepender e ser batizado (Atos 2.21,38; 3.19; 10.43,47,48; 17.30; 26.20; Rm 1.17; 10.9; I Pedro 3.21).

Esse plano serviu como uma proclamação essencial da igreja primitiva, embora diferentes do Novo Testamento possam deixar de fora uma porção ou enfatizar outros dados em sua pregação. O Evangelho todo de Marcos segue de perto o aspecto petrino do *kerygma*. Marcos é tradicionalmente como estruturando os sermões de Pedro, pregados em Roma, num Evangelho escrito. Tanto Mateus quanto Lucas seguem a estrutura básica de Marcos.

E. Frank Stagg em seu comentário, *The Book of Acts, the Early Struggle for an Unhindered Gospel* [O Livro de Atos, a Luta Primitiva por um Evangelho Sem Impedimento], afirma que o propósito é fundamentalmente o movimento da mensagem sobre Jesus (i.e. o evangelho) de um judaísmo estritamente nacionalista para uma mensagem universal para todos os humanos. O comentário de Stagg foca no propósito(s) ao escrever Atos. Um bom resumo e análise das teorias diferentes são encontrados nas pp. 1-18. Stagg escolhe focar no termo “sem impedimento” em 28.31, que é uma maneira incomum de terminar um livro, como a chave para compreender a ênfase de Lucas na propagação do cristianismo superando todas as barreiras.

F. Embora o Espírito Santo seja mencionado mais de cinqüenta vezes em Atos, não é “os Atos do Espírito Santo”. Há onze capítulos onde o Espírito Santo nunca é mencionado. Ele é mencionado mais freqüentemente na primeira metade de Atos, onde Lucas está citando outras fontes (possivelmente originalmente escritas em aramaico). Atos <u>não</u> é para o Espírito o que os Evangelhos são para Jesus! Isto não é considerado para depreciar o lugar do Espírito, mas para guardar-nos de construir uma teologia do Espírito fundamentalmente ou exclusivamente de Atos.

G. Atos não é planejado para ensinar doutrina (cf. Fee e Stuart, *Entendes o Que Lês?*, pp. 79-97). Um exemplo disso seria a tentativa para basear uma teologia da conversão de Atos que está condenada ao fracasso. A ordem e elementos da conversão diferem em Atos; portanto, que padrão é normativo? Nós devemos olhar para as Epístolas por ajuda doutrinária. Contudo, é interessante que alguns estudiosos (i.e. Hans Conzelmman) têm visto Lucas reorientando propositadamente as escatologias imanentes do primeiro século com uma abordagem de serviço paciente para a *parousia* demorada. O reino está aqui em poder agora, mudando vidas. A igreja funcionando agora torna-se o foco, não uma esperança escatológica.

H. Um outro propósito possivelmente de Atos é similar a Rm 9-11, por que Jesus rejeitou o Messias judaico e a igreja se tornou principalmente gentia? Em vários lugares em Atos a natureza mundial do evangelho é claramente apregoada. Jesus os envia a todo o mundo (1.8). Os judeus O rejeitaram, mas os gentios responderam a Ele. Sua mensagem chega a Roma. É possível que o propósito de Lucas seja mostrar que o cristianismo judaico (i.e. Pedro) e o cristianismo gentio (i.e. Paulo) podem viver juntos e crescer juntos! Eles não estão em competição, mas unidos no evangelismo do mundo.

I. No que se refere ao propósito eu concordo com F. F. Bruce (i.e. *New International Commentary* [Novo Comentário Internacional], p. 18) que, visto que Lucas e Atos eram originalmente um volume, o prólogo para Lucas (i.e. 1.1-4) funciona também para Atos. Lucas, embora não seja uma testemunha ocular para todos os eventos, cuidadosamente pesquisou-os e registrou-os precisamente, usando sua própria estrutura histórica, literária, teológica.

Lucas então, tanto em seu Evangelho quanto na narrativa, quer mostrar a realidade histórica e a confiabilidade teológica (cf. Lucas 1.4) de Jesus e da igreja. Pode ser que o foco de Atos é o tema do cumprimento (i.e. sem impedimento). Este tema é levado adiante por várias palavras e frases diferentes (cf. Walter L. Liefield, *Interpreting the Book of Acts* [Interpretando o Livro de Atos], pp. 23,24). O evangelho é uma reflexão tardia, um plano B, ou uma coisa nova. É o plano predeterminado de Deus (cf. Atos 2.23; 3.18; 4.28; 13.29).

V. GÊNERO

A. Atos é para o NT o que Josué até II Reis é para o AT: narrativa histórica. Narrativa histórica bíblica é baseada em fatos, mas o foco não está na cronologia ou registro exaustivo de eventos. Seleciona certos eventos que explicam quem Deus é, quem nós somos, como somos retificados com Deus, e como Deus quer que vivamos.

B. O problema ao interpretar narrativa bíblica é que os autores nunca colocam no texto (1) qual é o seu propósito deles (2) ou qual é a verdade principal ou (3) como nós deveríamos imitar as coisas registradas. O leitor precisa pensar através das seguintes perguntas.

1. Por que o evento foi registrado?
2. Como ele se relaciona com material bíblico anterior?
3. Qual é a verdade teológica central?
4. Há significância para o contexto literário? (Que evento precede ou segue? Seu tem sido tratado em outro lugar?)
5. Qual é o tamanho do contexto literário (às vezes grandes quantidades de narrativa formam um tema ou propósito teológico).

C. Narrativa histórica não deveria ser a única fonte de doutrina. Com freqüência as coisas são registradas que são incidentais para o propósito do autor. Narrativa histórica muitas vezes ilustra verdades registradas em outro lugar na Bíblia. Só porque algo é registrado não significa que é a vontade de Deus para todos os crentes em todas as épocas (ex. suicídio, poligamia, guerra santa, manusear cobras).

D. A melhor discussão breve de como interpretar narrativa histórica está em *Entendes o Que Lês?* de Gordon Fee e Douglas Stuart, pp. 63-78 e 79-97.

VI. COMENTÁRIOS E AUXÍLIOS

A. *An Atlas of the Acts* [Um Atlas de Atos] de John Sterling

B. *A Study Guide Commentary, Acts* [Um Comentário Guia de Estudo, Atos] de Curtis Vaughan (breve mas excelente)

C. *The Acts of the Apostles* [Atos dos Apóstolos], Tyndale Commentary Series, de E. M. Blaiklock (bom resumo histórico do mundo Greco-romano, assim como do judaísmo tanto dentro quanto fora da Palestina)

D. *Commentary on the Book of the Acts* [Comentário sobre o Livro de Atos], The New International Commentary series de F. F. Bruce (ele é um dos meus comentaristas favoritos)

E. *The Book of Acts, the Early Struggle for an Unhindered Gospel* [O Livro de Atos, a Luta Primitiva por um Evangelho Sem Impedimento] de Frank Stagg

F. *A Translator's Handbook of the Acts of the Apostles* [Um manual do Tradutor de Atos dos Apóstolos] de Newman e Nida, UBS

G. *Entendes o Que Lês?* De Fee e Stuart

H. *An Introduction to the New Testament* [Uma Introdução ao Novo Testamento] de Carso, Moo e Morris

VII. ESBOÇOS BÁSICOS DOS COMENTÁRIOS ACIMA

A. Curtis Vaughan’s commentary and the New International Study Bible’s outline [esboço do comentário de Curtis Vaughan e Nova Bíblia Internacional de Estudo] são baseados em Atos 1.8

B. E. M. Blaiklock’s commentary [comentário de E. M. Blaiklock] in the Tyndale series é um bom esboço detalhado

C. F. F. Bruce’s commentary [comentário de F. F. Bruce] na New International Commentary series é baseado nas declarações de resumo em Atos (cf. minhas notas IV, A, 2, c).

VIII. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. “muitas provas infalíveis”, 1.3
2. “quarenta dias”, 1.3
3. “reino de Deus”, 1.3
4. “uma nuvem O recebeu”, 1.9
5. “caminho de um sábado”, 1.12
6. “Campo de Sangue”, 1.19
7. “sortes”, 1.26
8. “Pentecostes”, 2.1
9. “cheios do Espírito Santo”, 2.4
10. “falar em outras línguas”, 2.4
11. “prosélitos”, 2.10; 10.43
12. “o determinado conselho e presciência de Deus”, 2.23
13. “Hades”, 2.31
14. “a mão direita de Deus”, 2.33
15. “arrepender”, 2.38; 3.19
16. “o partir do pão”, 2.42,46
17. “a hora da oração”, 3.1
18. “pedir esmolas”, 3.2
19. “pórtico de Salomão”, 3.11; 5.12
20. “o Santo e o Justo”, 3.14
21. “os tempos do refrigério”, 3.19
22. “iletrados e indoutos”, 4.13
23. “adormeceu”, 7.60
24. “o Caminho”, 9.2
25. “impor as mãos”, 9.12 (cf. 8.17)
26. “coorte”, 10.1
27. “Cristãos”, 11.26
28. “adivinhação”, 16.16
29. “e toda sua casa”, 16.33

30. “epicureus”, 17.18
31. “estóicos”, 17.18
32. “Areópago”, 17.22
33. “exorcistas judeus”, 19.13
34. “artes mágicas...livros”, 19.19
35. “nichos de prata de Diana”, 19.24

IX. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

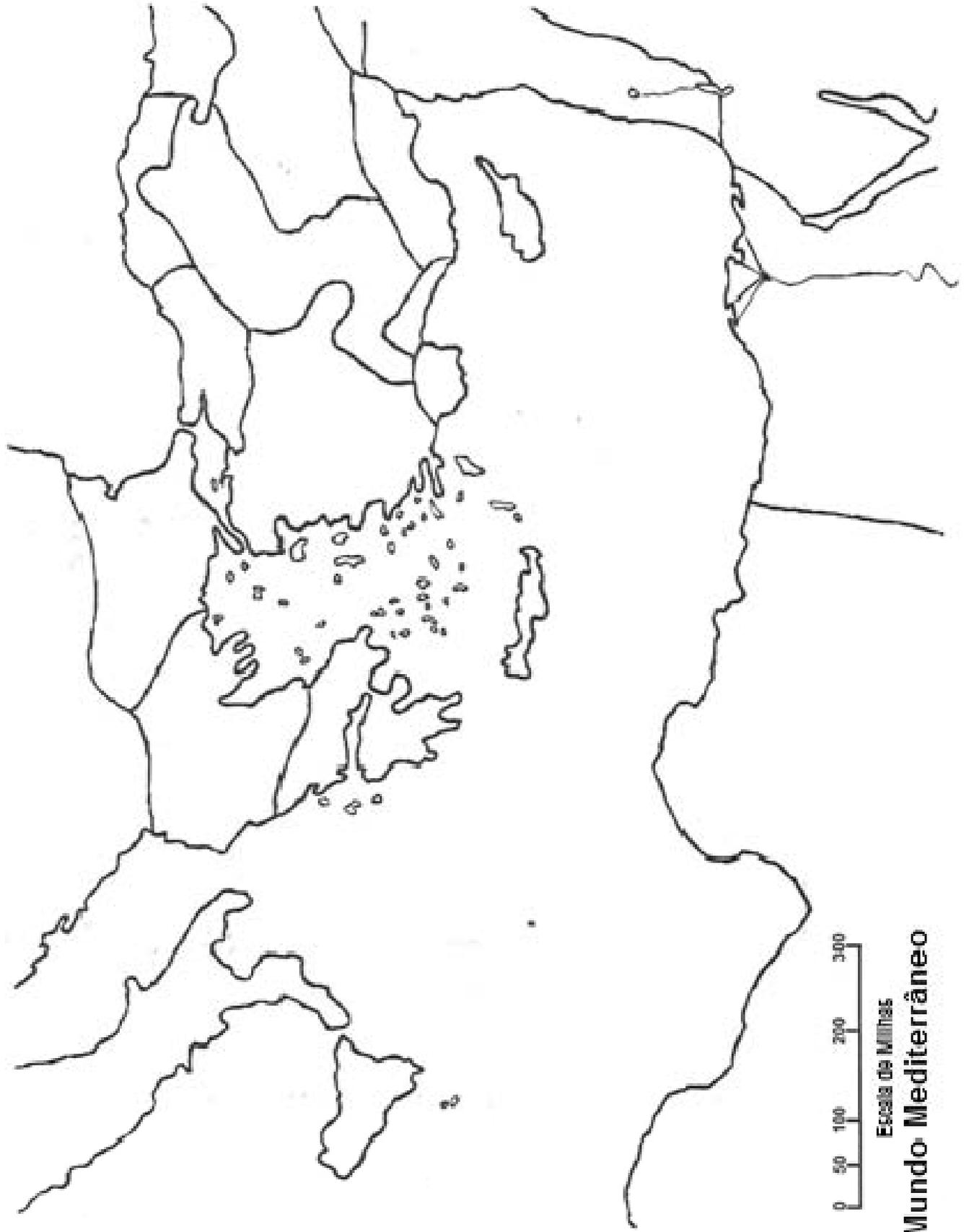
1. Teófilo, 1.1
2. As mulheres, 1.14
3. Matias, 1.23
4. Saduceus, 4.1; 5.17
5. Anás, 4.6
6. Caifás, 4.6
7. “autoridades do povo e anciãos”, 4.8
8. Ananias, 5.1, 9.10
9. Safira, 5.10
10. Gamaliel, 5.34
11. Estevão, 6.5
12. Saulo, 7.58; 8.1; 9.1
13. Filipe, 8.5
14. Dorcas, 9.36
15. Cornélio, 10.1
16. Ágabo, 11.28; 21.10
17. Êutico, 20.9

X. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Jerusalém, 1.8
2. Judéia, 1.8
3. Samaria, 1.8
4. Partos, 2.9
5. Capadócia, 2.9
6. Ponto, 2.9
7. Ásia, 2.9
8. Frígia, 2.10
9. Panfília, 2.10
10. Egito, 2.10
11. Líbia, 2.10
12. Cirene, 2.10
13. Cretenses, 2.11
14. Nazaré, 2.22
15. Alexandria, 6.9

16. Cilícia, 6.9
17. Damasco, 9.2
18. Cesaréia,
19. Jope, 9.36
20. Fenícia, 11.19
21. Chipre, 11.20
22. Tarso, 11.25
23. Sidom, 12.20
24. Filipos, 16.12b
25. Beréia, 17.10
26. Atenas, 17.16c
27. Corinto, 18.1

XI. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Como 1.6 revela a falta de entendimento dos Apóstolos?
2. Como 1.8 está relacionado com Mateus 28.19,20?
3. Liste as qualificações de um apóstolo (1.22).
4. Por que "vento" e "fogo" são associados com o Espírito? (2.2,3)
5. Explique o milagre de 2.8.
6. Pedro diz que a profecia de Joel é cumprida. Como então você explica 2.17 e 19,20?
7. Qual é a significância de Jesus ser chamado "Senhor" e "Cristo"? (2.36)
8. 2.44 é um mandato bíblico para o comunismo? (cf. 4.34-35)
9. Explique a implicação de 3.18.
10. Explique como o AT em 4.11 se aplica a Jesus.
11. O enchimento do Espírito está sempre associado com testemunhar em Atos?
12. Liste as qualificações dos "Sete" em Atos 6. Eles eram diáconos?
13. Por que Saulo estava tão zangado com os cristãos? (8.1-3)
14. 8.15,16 fornece aos crentes modernos uma ordem dos eventos de salvação?
15. Qual é o propósito das línguas em 10.44-48?
16. Por que Paulo pregou primeiro nas sinagogas locais? (13.5)
17. O que aconteceu em Listra que fez Paulo e Barnabé rasgar suas vestes? (14.8-18)
18. Qual era o propósito do Concílio de Jerusalém em Atos 15?
19. Por que Paulo e Barnabé tiveram uma briga?
20. Por que o Espírito proibiu Paulo de ir para Ásia? (16.6)
21. Por que os líderes da cidade estavam tão contrariados em 16.35-40?
22. Como Priscila e Áquila ajudaram Apolo? (18.24-28)
23. Por que 20.21 é um verso significante?
24. Qual é a implicação de 21.9?
25. Por que Paulo foi preso em Jerusalém em Atos 21?
26. Explique 23.6,7 em suas próprias palavras.

0
50
100
200
300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A ROMANOS

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. Romanos é o livro mais sistemático e doutrinário lógico do Apóstolo Paulo. Foi afetado pelas circunstâncias em Roma, portanto, é um documento "ocasional". Algo ocorreu que fez Paulo escrever a carta. Contudo é o mais neutro dos escritos de Paulo, em que a maneira de Paulo lidar com o problema (possivelmente o ciúme entre judeus crentes e a liderança gentia) era uma apresentação clara do evangelho e suas implicações para a vida diária.

B. A apresentação do evangelho de Paulo em Romanos tem impactado a vida da igreja em cada época:
   1. Agostinho foi convertido em 386 A.D. lendo Romanos 13.13,14.
   2. A compreensão de Lutero da salvação foi radicalmente mudada em 1513 A.D. quando ele comparou Sl 31.1 com Rm 1.17 (cf. Hc 2.4).
   3. John Wesley foi convertido em 1738 A.D. ouvindo o sermão de Lutero na introdução a Romanos.

C. Conhecer Romanos é conhecer o cristianismo! A carta dá forma à vida e ensinos de Jesus nas verdades fundamentais para a igreja de todas as épocas.

II. AUTOR

Paulo foi definitivamente o autor. Sua saudação típica é encontrada em 1.1. É geralmente concordado que "o espinho na carne" era visão ruim, portanto, ele não escreveu esta carta ele mesmo, mas ele usou um escriba, Tércio (16.22).

III. DATA

A provável data para a autoria de Romanos é 56-58 A.D. Este é um dos poucos livros do Novo Testamento que podem ser datados bem precisamente. Isso é feito comparando Atos 20.2ss com Romanos 15.17ss. Romanos foi possivelmente escrito em Corinto para o fim da terceira viagem missionária de Paulo, bem antes que ele partiu para Jerusalém.

IV. DESTINATÁRIOS

A carta afirma seu destino como Roma. Não sabemos quem fundou a igreja em Roma:

A. Pode ter sido algumas das pessoas que estavam visitando Jerusalém no dia de Pentecostes e foram convertidas e retornaram para casa para iniciar uma igreja (cf. Atos 2.10);

B. Poderia ter sido discípulos que fugiram da perseguição em Jerusalém depois da morte de Estevão

(cf. Atos 8.4); ou

C. Poderia ter sido convertidos das vagens missionárias de Paulo que viajaram para Roma. Paulo nunca tinha visitado essa igreja, mas desejava (Atos 19.21). Ele tinha muitos amigos lá (cf. Rm 16).

Aparentemente seu plano era visitar Roma em seu caminho para Espanha (cf. Rm 15.28) depois de sua viagem para Jerusalém com o "dom de amor". Paulo achou que seu ministério no mediterrâneo oriental estava acabado. Ele procurou novos campos (cf. 16.20-23). O portador da carta de Paulo na Grécia para Roma parece ter sido Febe, uma diaconisa, que estava viajando naquela direção (cf. Rm 16.1). Por que esta carta, escrita nas ruas dos fundos de Corinto no primeiro século por um fazedor de tenda judeu, é tão valiosa? Martinho Lutero a chamou "o principal livro do Novo Testamento e o Evangelho mais puro". O valor deste livro é encontrado no fato de que é uma explicação detalhada do evangelho pelo rabi convertido, Saulo de Tarso, chamado para ser um apóstolo para os gentios. A maioria das cartas de Paulo são firmemente coloridas por uma situação local, mas não Romanos. É uma apresentação sistemática de uma fé de longa duração do Apóstolo.
Você percebeu, cristão companheiro, que a maior parte dos termos técnicos usados hoje para descrever "fé" ("justificação", "imputação", "adoção" e "santificação") vêm de Romanos? Ore para Deus abrir a você esta maravilhosa carta enquanto buscamos juntos Sua vontade para nossas vidas hoje!

V. PROPÓSITO

A. Um apelo de ajuda para sua viagem missionária para Espanha. Paulo viu seu trabalho apostólico no mediterrâneo oriental acabado (cf 16.20-23).

B. Para dirigir-se ao problema igreja romana entre os judeus crentes e os gentios crentes. Isso foi provavelmente um resultado da expulsão de todos os judeus de Roma e seu retorno posterior. Até então os líderes cristãos judeus tinham sido substituídos por líderes cristãos gentios.

C. Apresentar-se à igreja romana. Havia muita oposição a Paulo de sinceros judeus convertidos em Jerusalém (Concílio de Jerusalém de Atos 15), de judeus insinceros (judaizantes em Gálatas e II Co 3.10-13), e de gentios (Colossenses, Efésios) que tentaram fundir o evangelho com suas teorias ou filosofias favoritas.

D. Paulo foi acusado de ser um inovador perigoso, acrescentando imprudentemente ao ensino de Jesus. O livro de Romanos foi sua maneira de defender-se sistematicamente mostrando como seu evangelho era verdadeiro, usando o Antigo Testamento e os ensinos de Jesus (os Evangelhos).

VI. BREVE ESBOÇO

A. Introdução (1.1-17)
   1. Saudação (1.1-7)
      a. Autor (1-5)
      b. Destino (6-7a)

c. Cumprimento (7b)
    2. Ocasião (1.8-15)
    3. Tema (1.16,17)

B. Necessidade de Justiça Divina (1.18-3.20)
    1. Declínio do mundo gentio (1.18-32)
    2. Hipocrisia dos Judeus ou Moralistas Pagãos (2.1-16)
    3. Julgamento dos Judeus (2.17-3.8)
    4. Condenação Universal (3.-20)

C. Qual é a Justiça Divina (3.21-8.39)
    1. Justiça pela Fé Somente (3.21-31)
    2. A Base da Justiça: a Promessa de Deus (4.1-25)
        a. A posição justa de Abraão (4.1-5)
        b. Davi (4.6-8)
        c. A Relação de Abraão com a Circuncisão (4.9-12)
        d. A Promessa de Deus a Abraão (4.13-25)
    3. A realização da Justiça (5.1-21)
        a. Amor imerecido, alegria inigualável (5.1-5)
        b. O maravilhoso amor de Deus (5.6-11)
        c. A ofensa de Adão, a provisão de Deus (5.12-21)
    4. Aspectos Práticos da Santificação (6.1-7.25)
        a. Liberto do pecado (6.1-14)
            (1) Uma suposta objeção (6.1-2)
            (2) O significado do batismo (6.3-14)
        b. Escravo de Satanás ou escravo de Deus: sua escolha (6.15-23)
        c. O casamento do homem para a Lei (7.1-6)
        d. A lei e boa, mas o pecado impede o bem (7.7-14)
        e. A luta eterna do bem e o mal no crente (7.15-25)
    5. Os resultados da justiça (8.1-39)
        a. Vida no Espírito (8.1-17)
        b. A redenção da criação (8.18-25)
        c. Ajuda constante do Espírito (8.26-30)
        d. O triunfo da verdade (8.31-39)

D. O Propósito de Deus na História (9.1-11.32)
    1. A eleição de Israel (9.1-33)
        a. Verdadeiros herdeiros da fé (9.1-13)
        b. A Soberania de Deus (9.14-26)
        c. O plano universal de Deus inclui os pagãos (9.27-33)
    2. A salvação de Israel (10.1-21)
        a. Justiça de Deus vs. justiça do Homem (10.1-13)
        b. A misericórdia de Deus necessita de mensageiros, um chamado para missões mundiais (10.14-18)
        c. A descrença continuada de Israel em Cristo (10.19-21)
    3. O fracasso de Israel (11.1-36)

a. O remanescente judeu (11.1-10)
b. O ciúme judeu (11.11-24)
c. A cegueira temporária de Israel (11.25-32)
d. A explosão de louvor de Paulo (11.33-36)

E. A Aplicação Prática da Justiça (12.1-15.13)
1. Chamado para consagração (12.1-2)
2. O uso dos dons (12.3-8)
3. Relações dos crentes com outros crentes (12.9-21)
4. Relações com o Estado (13.1-7)
5. Relações com o próximo (13.8-10)
6. Relações com o nosso Senhor (13.11-14)
7. Relações com os membros da igreja (14.1-12)
8. Nossa impressão nos outros (12.13-23)
9. Relações na semelhança com Cristo (15.1-13)

F. Conclusão (15.14-33)
1. Planos pessoais de Paulo (15.14-29)
2. Pedidos de oração (15.30-33)

G. Pós-escrito (16.1-27)
1. Cumprimentos (16.1-24)
2. Bênção (16.25-27)

VII. TERMOS A FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Apóstolo 1.1
2. “da descendência de Davi segundo a carne”, 1.3
3. Santos, 1.7
4. Justiça, 1.7
5. A ira de Deus, 1.18
6. Arrependimento, 2.4
7. “para com Deus não há acepção de pessoas”, 2.11
8. Circuncisão, 2.25
9. “os oráculos de Deus”, 3.2
10. Justificado, 3.4
11. Propiciarão, 3.25
12. “também nos gloriamos nas tribulações”, 5.3
13. “agora, sendo justificados pelo Seu sangue”, 5.9
14. “o dom da justiça”, 5.17
15. “aquele que está morto está justificado do pecado”, 6.7
16. Santificação, 6.19
17. “o Espírito de Deus habita em vós”, 8.9
18. Aba, 8.15
19. Perseverança, 9.25
20. De antemão conheceu, 8.29
21. Predestinou, 8.29
22. Glorificou, 8.30

23. “à direita de Deus”, 8.34
24. “principados...potestades”, 8.38
25. Adoção, 9.4
26. Concertos, 9.4
27. “uma pedra de tropeço”, 9.33
28. Confessar, 10.9
29. Crer, 10.4,11
30. Ramos naturais, 11.21
31. Mistério, 11.25
32. Amém, 11.36
33. Praticar a hospitalidade, 12.13
34. Maldição, 12.14
35. “esteja sujeito às autoridades superiores”, 13.1
36. “rejeitar...vestir”, 13.12
37. “fraco na fé”, 14.1
38. “nós que somos fortes”, 15.1

VIII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Abraão, 4.1
2. Os pais, 9.5
3. Esaú, 9.13
4. Baal, 11.4
5. Febe, 16.1
6. Priscila e Áquila, 16.3
7. Júnias, 16.7 (KJV, Junia)
8. Tércio, 16.22

IX. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Roma, 1.7
2. Cencréia, 16.1

X. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Por que 1.16 é tão característico de Paulo?
2. De que maneiras todos os humanos conhecem a Deus? (i.e. capítulos 1-2)
3. Como 1.26,27 se dirige à questão atual da homossexualidade?
4. Como 2.6 se relaciona com Gl 6?
5. No capítulo 3 versos 9-18 há uma série de citações do AT. Todas elas se referem a que verdade teológica?
6. Por que 4.6 é tão significante?
7. Explique 4.15 em suas próprias palavras.
8. O que 5.8 diz sobre Deus?
9. Como 5.18 e 19 estão em paralelo?
10. Explique a implicação prática de 6.11.
11. Romanos 6.23 tem sido chamado o evangelho em síntese, por quê?
12. Explique a diferença entre “a novidade de espírito” e “a velhice da letra”. (7.6)
13. Quem o capítulo 7 descreve?

14. O que 7.7-12 diz sobre o propósito da Lei do AT?
15. Como 7.19 se aplica a sua vida?
16. Explique 8.22 em suas próprias palavras.
17. 8.26,27 está falando sobre falar em línguas?
18. Como 8.28 está relacionado com 8.29?
19. Qual é o assunto da unidade literária, capítulos 9-11?
20. Explique 10.4 em suas próprias palavras.
21. Explique 11.7 em suas próprias palavras.
22. Explique 11.26 em suas próprias palavras.
23. Os dons espirituais mencionados no capítulo 12 são ainda válidos e estão funcionando?
24. Explique 12.20 em suas próprias palavras.
25. Explique 14.14 em suas próprias palavras.
26. Explique 14.23 em suas próprias palavras.

0 50 100 200 300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A I CORÍNTIOS

(CONSELHO PRÁTICO PARA UMA IGREJA CONTURBADA)

I. A SINGULARIDADE DE I CORÍNTIOS

A. É citada mais freqüentemente e mais cedo do que qualquer outro escrito de Paulo o que mostra sua importância e utilidade.

B. No Fragmento Muratoriano, que era uma lista de livros canônicos de Roma (180-220 A.D.), é listada como o primeiro dos escritos de Paulo o que também mostra sua importância.

C. Paulo faz uma distinção nesta carta prática entre sua opinião pessoal e os mandamentos do Senhor. Contudo, esta é baseada em seu conhecimento dos ensinos de Jesus sobre um assunto. Ele acreditava que suas opiniões eram também inspiradas e autoritárias (cf. 7.25)

D. O princípio guia de Paulo de que a liberdade dos crentes sua responsabilidade comensurável está baseado não na lei, mas no amor.

E. Esta carta (juntamente com II Coríntios) dá-nos um primeiro olhar na igreja do NT, sua estrutura, métodos e mensagem. Contudo, deve ser também lembrado que esta era uma congregação problemática, não-típica.

II. A CIDADE DE CORINTO

A. Rotas marítimas pelo ponto mais ao sul da Grécia, (i.e. Cabo Maleia) eram muito perigosas. Portanto, uma rota terrestre de distância mais curta possível era crucial. A localização geográfica de Corinto no istmo de quatro milhas entre o Golfo de Corinto (i.e. Mar Adiático) e o Golfo Sarônico (i.e. Mar Egeu) tornou a cidade um centro comercial (i.e. centro marítimo e de comércio especializado em tipos de cerâmica e um tipo especial de bronze) e militar importante. Na época de Paulo, essa foi literalmente onde as culturas do Oriente e Ocidente se encontraram.

B. Corinto era também um centro cultural importante do mundo greco-romano porque sediava os Jogos Ístmicos anuais que começaram em 581 a.C. (no templo de Possêidon). Somente os Jogos Olímpicos em Atenas, a cada quatro anos, competiam com eles em tamanho e importância (Tucídides, *Hist.* 1.1.13.5).

C. Em 145 a.C. Corinto foi envolvida numa revolta (i.e. a Liga Aquéia) contra Roma e foi destruída pelo general Roma Lúcio Múmio e a população dispersada. Por causa de sua importância econômica e militar, ela foi reconstruída em 46 ou 48 a.C. por Júlio César. Tornou-se uma colônia romana onde soldados romanos se aposentavam. Foi uma imitadora de Roma na arquitetura e cultura e o centro administrativo da província romana (i.e. senatorial) da Acaia em 27 a.C. Tornou-se uma província imperial em 15 A.D.

D. A acrópole da Corinto antiga, elevando-se mais de 1880 pés (± 548 m) acima da planície, era o local

do templo para Afrodite. Para esse templo eram incorporadas 1.000 prostitutas (Strabo, *Geography* [Geografia], 8.6.20-22). Para ser chamado um corinto (i.e. *Korinthiazesthai*, cunhado por Aristófanes [450-385 a.C.]) era sinônimo para vida corrupta e desordeira. Esse templo, como a maior parte da cidade, foi destruído num terremoto mais ou menos 150 anos antes que Paulo chegou, como foi novamente em 77 A.D. É incerto se o culto de fertilidade continuou na época de Paulo. Desde que os romanos, em 146 a.C., destruíram a cidade e mataram ou escravizaram todos os seus cidadãos, a impressão grega da cidade foi substituída por seu status colonial romano (Pausânias, II.3.7)

III. O AUTOR

A. Foi para esta cidade que Paulo o Apóstolo veio em sua segunda viagem missionária; o relato é encontrado em Atos 18.1-21. Através de uma visão o Senhor revelou a Paulo que muitos creriam e que não haveria oposição bem-sucedida ao seu ministério (cf. Atos 18.9,10).

B. A estratégia missionária de Paulo foi plantar uma igreja nas cidades mais importantes de sua época, sabendo que visitantes convertidos, vendedores viajantes, e marinheiros espalhariam o evangelho eles se fossem. Era decisão da igreja local assumir a responsabilidade para o evangelismo e discipulado de sua área.

C. Paulo encontrou Áquila e Priscila, também judeus crentes fazedores de tendas trabalhadores de couro, em Corinto. Eles foram forçados para fora de Roma em 49 A.D. pelo edito de Cláudio (Orósio, *Hist.* 7.615,16) contra quaisquer ritos ou rituais judaicos (cf. Atos 18.2). Paulo tinha vindo sozinho. Tanto Silas quanto Timóteo estavam em missões na Macedônia (cf. Atos 18.5). Ele foi muito desencorajado (cf. Atos18.9-19; I Co 2.3). Contudo, ele perseverou ficou em Corinto dezoito meses (cf. Atos 18.11).

D. A autoria de Paulo deste livro é atestada por Clemente de Roma, que escreveu uma carta para Corinto em 95/96 A.D. (*I Clemente* 37.5; 47.1-3; 49.5). A autoria paulina desta carta nunca foi posta em dúvida, mesmo por eruditos críticos modernos.

IV. A DATA

A. A data da visita de Paulo a Corinto tem sido averiguada por uma inscrição do imperador Cláudio encontrada em Delfos, que data o proconsulado de Gálio como iniciando em julho de 51 A.D. até julho de 52 (cf. Atos 18.12-17), o que tornaria a data da chegada de Paulo mais ou menos 49-50 A.D.

B. A data da carta de Paulo então seria em algum tempo no meio dos anos 50. Ele a escreveu de Éfeso onde ministrou entre dois anos (cf. Atos 19.10) e três anos (cf. Atos 20.34).

C. Uma possível cronologia dos escritos de Paulo seguindo F. F. Bruce e Murry Harris com pequenas adaptações:

Livro	Data	Lugar de Escrita	Relação a Atos

1. Gálatas	48	Antioquia Síria	14.28; 15.2
2. I Tessalonicenses	50	Corinto	18.5
3. II Tessalonicenses	50	Corinto	
4. I Coríntios	55	Éfeso	19.20
5. II Coríntios	56/57	Macedônia	20.2
6. Romanos	57	Corinto	20.3
7.-10. Cartas da Prisão			
Colossenses	início dos anos 60	Roma	
Efésios	início dos anos 60	Roma	
Filemom	início dos anos 60	Roma	
Filipenses	Fim de 62-63	Roma	28.30,31
11.-13. Quarta Viagem Missionária			
I Timóteo	63 (ou mais tarde	macedônia	
Tito	63 mas antes de	Éfeso (?)	
II Timóteo	64 68 A.D.)	Roma	

V. OS DESTINATÁRIOS DA CARTA

A. A destinatária da carta foi a igreja novata constituída principalmente de gentios. A população de Corinto era misturada racialmente e culturalmente. Sabemos da arqueologia e da Escritura (cf. Atos 18.4-8) que havia uma sinagoga em Corinto.

B. Soldados romanos ficavam estabelecidos lá depois que completavam vinte anos de serviço militar. Corinto era uma cidade livre, uma colônia romana, e capital da província romana da Acaia.

C. A carta parece refletir vários grupos: (1) gregos intelectuais que ainda eram muito orgulhosos de suas tradições filosóficas e estavam tentando unir a revelação cristã a esses velhos costumes e tradições intelectuais; (2) mecenas romanos e a elite social; (3) um contingente judaico crente constituído principalmente de gentios “tementes a Deus”, que freqüentavam a sinagoga; e (4) um grande número de escravos convertidos.

VI. O PROPÓSITO DA CARTA

A. Paulo ouviu dos problemas que tinham desenvolvido em Corinto de quatro fontes

1. Família de Cloé, 1.11
2. Uma carta da igreja fazendo perguntas, 7.1,25; 8.1; 12.1; 16.1,12
3. Um relatório de outros da congregação
4. Uma visita pessoal de Estéfanas, Fortunato e Acaico, 16.17. É possível que a carta (nº 2) foi levada pelos homens (nº 4).

É interessante que M. J. Harris esboçou o livro de I Coríntios baseado na informação recebida de Paulo sobre a igreja.

1. Relatório oral de membros da família de Cloé, resultando na Paulo escrever capítulos 1-4
2. Relatório oral de representantes (Estéfanas, Fortunato e Acaico), resultando nos capítulos 5-6
3. Questões escritas da igreja, resultando nos capítulos 7-16

B. A igreja tinha se tornado facciosa, apoiando diferentes líderes: Paulo, Apolo, Pedro e possivelmente um partido de Cristo (cf. 1.12). A igreja não só estava dividida por tipos de liderança, mas também por várias questões morais e o uso de dons espirituais. O ponto principal da discórdia era a autoridade de Paulo!

VII. CONTATOS DE PAULO COM A IGREJA CORÍNTIA – UMA PROPOSTA EXPERIMENTAL

A. Quantas cartas Paulo escreveu para Corinto?
   1. Só duas, I e II Coríntios
   2. Três, com uma carta sendo perdida
   3. Quatro, com duas cartas sendo perdidas
   4. Alguns estudiosos modernos encontram partes das duas cartas perdidas em II Coríntios
      a. Carta anterior (I Co 5.9) em II Co 6.14-17.1)
      b. Carta severa (II Co 2.3,4,9; 7.8-12) em II Co 10-13)
      c. Cinco, com II Co 10-13 sendo a quinta carta, enviada depois do relatório de Tito narrando as notícias piores

B. A teoria nº 3 parece se enquadrar melhor
   1. Carta anterior, perdida (I Co 5.9)
   2. I Coríntios
   3. Carta severa, perdida (possivelmente parte da qual é registrada em II Co 2.1-11; 7.8-12)
   4. II Coríntios

C. Uma reconstrução proposta

DATA		VISITA	CARTA
50-52 A.D.	Segunda Viagem Missionária de Paulo	a. Na Segunda Viagem Missionária de Paulo, ele ficou em Corinto dezoito meses (cf. Atos 18.1-11)	
52 A.D.	Gálio foi procônsul a partir de 52 A.D. (cf. Atos 18.12-17)		a. I Co 5.9-11 parece referir-se a uma carta sobre uma situação imoral na igreja. Esta carta é desconhecida a não ser: (1) como alguns supõem, que II Co 6.14-17 é parte dela ou (2) que II Co 2.3,4,9 são aoristos epistolares e se referem a II Coríntios.
56 A.D. (Primavera)		b. Paulo ouve sobre problemas na igreja, enquanto ele está em Éfeso, de duas fontes: (1) a família de Cloé, I Co 1.11 e	

	(2) Estéfanas, Fortunato e Acaico, I Co 16.17. Eles aparentemente levaram uma carta das igrejas domésticas coríntias contendo perguntas.	
56 A.D. (inverno) ou 57 A.D. (Inverno)		b. Paulo responde essas perguntas (cf. I Co 7.1,25; 8.1; 12.1; 16.1,2) escrevendo I Coríntios. Timóteo (cf. I Co 4.17) leva a resposta de Éfeso (cf. I Co 16.8) para Corinto. Timóteo não pôde resolver os problemas na igreja.
	c. Paulo fez uma visita dolorosa de emergência a Corinto (não registrada em Atos, cf. II Co 2.1). Não foi bem-sucedida, mas ele jurou retornar.	
		c. Paulo escreveu uma carta severa (cf. II Co 2.3-4.9; 7.8-12) para as igrejas domésticas coríntias que foi entregue por Tito (cf. II Co 2.13; 7.13-15). Essa carta é desconhecida, a não ser que, como alguns supõem, parte dela esteja em II Co 10-13.
	d. Paulo planejou encontrar Tito em Trôade, mas Tito não veio, então Paulo foi para Macedônia (cf. II Co 2.13; 7.5,13), possivelmente Filipos (cf. MSS B^c, K, L, P).	
		d. Ele encontrou Tito e ouviu que a igreja tinha respondido à sua liderança e ele então escreveu II Coríntios com grande ação de graça (cf. 7.11-16). Foi entregue por Tito.
57-58 A.D. (Inverno)	e. A última visita registrada de Paulo a Corinto parece ser referida em Atos 20.2,3. Embora não mencione Corinto de nome, é suposto. Ele ficou lá durante os meses de inverno.	e. A mudança de humor marcante entre os capítulos 1-9 e 10-13 é explicada por alguns estudiosos como mais notícias ruins (possivelmente a revitalização de velhos oponentes e a incorporação de novos oponentes) das igrejas domésticas coríntias depois que os capítulos 1-9 tinham sido escritos (F. F. Bruce).

VIII. CONCLUSÃO

A. Em I Coríntios vemos Paulo, um pastor, tratando com uma igreja problemática. Nesta carta e em Gálatas, vemo-no aplicar verdade universal de maneiras diferentes, baseado na necessidade da igreja: liberdade para as igrejas gálatas/limites para a igreja coríntia.

B. O livro é ou uma série de "dinossauros culturais" ou uma abundância de verdade de princípio aplicada a um cenário histórico/cultural particular. Devemos ter cuidado de não confundir a verdade e aplicações culturais dessa verdade. Para uma boa discussão dessa questão hermenêutica muito importante, veja *Entendes o Que Lês?* de Gordon D. Fee e Douglas Stuart, pp. 65-76.

C. Este empurrará você para o limite de sua habilidade de interpretar a Bíblia. Forçará você a repensar aspectos de sua teologia. Abrirá uma janela para a vontade de Deus para sua época, praticamente falando, como poucos outros escritos bíblicos.

IX. BREVE ESBOÇO DE I CORÍNTIOS

A. Introdução 1.1-9
   1. Saudação
   2. Ação de graças

B. Problemas relatados em Corinto, 1.10-6.20
   1. Facções dentro da igreja por causa do mal-entendido dos motivos e mensagens da liderança cristã (i.e. Paulo, Apolo, Pedro), 1.10-4.12
   2. Imoralidade chocante, 5.1-13
   3. Ações judiciais cristãs, 6.1-11
   4. Liberdade cristã limitada pela responsabilidade, 6.12-20

C. Uma carta de Corinto fazendo perguntas importunadoras, 7.1-16.4
   1. Sexualidade humana, 7.1-40
   2. Relacionamento com uma cultura idólatra e liberdade cristã, 8.1-11.1
   3. Adoração e espiritualidade cristã, 11.2-14.40
   4. Discernimento sobre escatologia, especialmente a ressurreição, 15.1-58
   5. A contribuição para a igreja-mãe em Jerusalém, 16.1-4

D. Observações finais
   1. Planos de viagem de Paulo (e seus ministros companheiros), 16.5-12
   2. Exortação final e cumprimentos, 16.13-24

X. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Santificados, 1.2
2. Séculos, 2.7,8
3. “as profundezas de Deus”, 2.10
4. “edifício de Deus”, 3.9
5. “vós sois templo de Deus”, 3.16,17
6. “os mistérios de Deus”, 4.1
7. “entregue a Satanás”, 5.5
8. “havemos de julgar os anjos”, 6.3
9. “tais fostes alguns de vós”, 6.11
10. “com respeitos às virgens”, 7.25
11. “não venha eu mesmo a ser desqualificado”, 9.27
12. “sacrificam aos demônios”, 10.20
13. “beber o cálice do Senhor”, 10.21
14. “por causa dos anjos”, 11.10
15. “ouço que há entre vós dissensões”, 11.18
16. “Jesus é anátema”, 12.3
17. “discernir os espíritos”, 12.10
18. Sino que tine, 13.1

19. “quando vier o que é perfeito”, 13.10
20. “vemos como em espelho, obscuramente”, 13.12
21. Profetizar, 14.39
22. Aniquilado, 15.24
23. “a coleta para os santos”, 16.1

XI. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Sóstenes, 1.1
2. Família de Cloé, 1.11
3. Apolo, 1.12
4. Cefas, 1.12
5. Crispo e Gaio, 1.14
6. “os príncipes deste mundo”, 2.6,8
7. Homem natural, 2.14
8. Homem espiritual, 3.1
9. Meninos em Cristo, 3.1
10. Cefas, 15.5
11. Os doze, 15.5
12. Tião, 15.7

XII. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Corinto, 1.2
2. Igrejas de Galácia, 16.1
3. Jerusalém, 16.3
4. Macedônia, 16.5
5. Éfeso, 16.8
6. Acaia, 16.15
7. Ásia, 16.19

XIII. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Por que os judeus rejeitaram Jesus como o Messias?
2. Por que os gregos rejeitaram a Jesus?
3. Por que Paulo faz tais declarações negativas sobre filosofia em 1.18-25 e 2.1-5?
4. Explique as implicações de 1.26-31.
5. A quem 3.10-15 se refere?
6. Por que a estava condenada por Paulo em 5.1-8?
7. 6.1-11 preludia os cristãos das ações judiciais hoje?
8. Paulo está implicando que o celibato é a vontade de Deus no capítulo 7?
9. 7.12,13 implica que os crentes podem casar com descrentes?
10. Como o capítulo 8 se parece com Romanos 14?

11. Por que Paulo não pegaria dinheiro da igreja em Corinto? (9.3-18)
12. Explique as implicações de 9.19-23.
13. Explique 10.1-13 em suas próprias palavras.
14. Por que 10.13 é verso tão maravilhoso para os crentes?
15. Declare o princípio espiritual de 10.23 em suas próprias palavras.
16. Como 11.5 contradiz 14.34?
17. 11.30 significa que alguns crentes tinham morrido tomando a Ceia do Senhor?
18. Explique as circunstâncias da afirmação de Paulo em 11.34.
19. Qual é a implicação do princípio espiritual em 11.7?
20. Como os dons espirituais estão relacionados com talentos naturais? Quando os crentes recebem seu(s) dom(ns)?
21. Como 12.29,30 responde a pergunta, "Todos os crentes deveriam falar em línguas?" (14.5)
22. Em 13.8, o que desaparecerá e o que permanecerá?
23. Como o capítulo 14 delineia o uso de línguas na adoração pública?
24. Quais os três grupos Paulo limita na adoração pública no capítulo 14?
25. Liste os pontos do evangelho em 15.1-4?
26. Quando na vida de Jesus 15.6 ocorre?
27. Como 15.22 se parece com Romanos 5.12-21?

0
50
100
200
300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A II CORÍNTIOS

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. Este livro, mais do que qualquer outra carta de Paulo, nos mostra o coração e a mente do apóstolo para os gentios. É verdadeiramente sua autobiografia.

B. Este livro é uma combinação estranha, como Paulo mesmo, de altos e baixos espirituais, de emoções fluentes livres indo da raiva a grande alegria.

C. Este livro é verdadeiramente uma carta e como uma carta e somente uma metade de uma conversa. Muitos dos antecedentes e circunstâncias teológicos foram perdidos. Este é um bom exemplo da verdade que as epístolas do NT foram escritas originalmente como correspondência para necessidades específicas, não dissertações teológicas.

D. Este livro tem sido negligenciado pela erudição e na pregação. Isto é lamentável porque é a fonte de algumas metáforas mais notáveis de Paulo. É também a discussão mais definitiva de Paulo do sofrimento do cristão.

E. Para pastores este livro oferece alguma ajuda sobre como lidar com problemas relacionados com igrejas locais. Paulo dá a todos nós um exemplo para seguir em meio a ataques pessoais e mal-entendidos.

II. CENÁRIO HISTÓRICO

A. Autor
1. Mesmo em meio a todas as negações modernas da autoria tradicional dos livros bíblicos, este livro nunca foi negado a Paulo.
2. É tão autobiográfico e tão difícil para entender algumas de suas frases que a possibilidade de alguém tentar imitar Paulo escrevendo um como este é altamente improvável. Sua dificuldade fala de sua autenticidade.
3. Paulo é declarado ser o autor em 1.1 e 10.1. Em minha opinião isto estabelece a questão da autoria.

B. Data
1. A data de II Coríntios está inseparável ligada a I Coríntios e o livro de Atos.
2. Atos 18.1-18 e 20.2,3 relatam a permanência de Paulo, mas também parece ter havido pelo menos uma viagem não registrada (II Co 2.1, com uma terceira viagem mencionada em 12.14 e 13.1,2).
3. A questão principal é o relacionamento de tempo entre as visitas de Paulo e suas letras para Corinto.
4. O problema real com datar os eventos relacionados com Corinto é que não temos nenhuma evidência ou informação externa entre Atos 18.1-18 e Atos 20.2,3, exceto a evidência interna ambígua das cartas coríntias mesmas.

5. Contatos de Paulo com a Igreja Coríntia – uma proposta experimental:

DATA	VISITA	CARTA
52 A.D. (Gálio foi procônsul a partir de 52 A.D. (cf. Atos 18.12)	a. Na Segunda Viagem Missionária de Paulo, ele ficou em Corinto dezoito meses (cf. Atos 18.1-11)	
		a. I Co 5.9-11 parece referir-se a uma carta sobre uma situação imoral na igreja. Esta carta é desconhecida a não ser: (1) como alguns supõem, que II Co 6.14-17 é parte dela.
	b. Paulo ouve sobre problemas na igreja, enquanto ele está em Éfeso, de duas fontes: (1) a família de Cloé, I Co 1.11 e (2) Estéfanas, Fortunato e Acaico, I Co 16.17. Eles aparentemente levaram uma carta das igrejas domésticas coríntias contendo perguntas.	
56 A.D. (Primavera)		b. Paulo responde essas perguntas (cf. I Co 7.1,25; 8.1; 12.1; 16.1,2) escrevendo I Coríntios. Timóteo (I Co 4.17) leva I Coríntios de Éfeso (I Co 16.8) para Corinto. Timóteo não pôde resolver os problemas na igreja.
	c. Paulo fez uma visita dolorosa de emergência a Corinto (não registrada em Atos (Co 2.1). Não foi bem-sucedida, mas ele jurou retornar.	
		c. Paulo escreveu uma carta severa (II Co 2.3-4.9; 7.8-12) para Corinto, que foi levada por Tito (II Co 2.13; 7.13-15). Essa carta é desconhecida, a não ser que, como alguns supõem, seja encontrada em II Co 10-13.
	d. Paulo planejou encontrar Tito em Trôade, mas Tito não veio, então Paulo foi para Macedônia (II Co 2.13; 7.5,13), possivelmente Filipos (cf. MSS B^c, K, L, P).	
56 A.D. (inverno) ou 57 A.D. (Inverno)		d. Ele encontrou Tito e ouviu que a igreja tinha respondido à sua liderança e ele então escreveu II Coríntios com grande ação de graça (cf. 7.11-16). Foi entregue por Tito.
57-58 A.D. (Inverno)		e. A mudança de humor marcante entre os capítulos 1-9 e 10-13 é explicada por alguns estudiosos como mais notícias ruins vieram depois que os capítulos 1-9 tinham sido escritos (F. F. Bruce).
	e. A última visita registrada de Paulo a Corinto parece ser referida em Atos 20.2,3. Embora não mencione Corinto de nome, é suposto. Ele ficou lá durante os meses de inverno.	
63-68 A.D.	f. Há a possibilidade de uma ou mais visitas se as Pastorais são um registro parcial de uma quarta viagem missionária.	

C. Quantas cartas Paulo escreveu para Corinto?

1. Só duas, I e II Coríntios
2. Três com uma carta sendo perdida
3. Quatro com duas cartas perdidas
4. Alguns estudiosos modernos encontram as duas cartas perdidas em II Coríntios
    a. Carta anterior (I Co 5.9) em II Co 6.14-17.1
    b. Carta severa (II Co 2.1-4,9; 7.8-12) em II Co 10-13
5. Cinco, com II Co 10-13 sendo a quinta carta, enviada depois do relatório de Tito narrando as notícias piores
6. Eu me mantenho na nº 3
    a. Carta anterior - perdida (I Co 5.9)
    b. I Coríntios
    c. Carta severa - perdida (II Co 2.1-11; 7.8-12)
    d. II Coríntios

D. Os inimigos de Paulo em Corinto
1. Inicialmente o problema parece ser com coríntios nativos. Sua formação pagã imoral e filosófica grega parece ser a fonte (II Co 2.1-11; 6.14-7.1)
2. A chegada de encrenqueiros judeus da Palestina foram os outros inimigos de Paulo. Eles são diferentes dos judaizantes da Galácia e dos legalistas judeus/gregos de Colossenses (II Co 10-13).

E. Ocasião e propósito de II Coríntios
1. O propósito básico é triplo
    a. Gratidão pela resposta positiva da igreja à liderança de Paulo (7.11-16)
    b. Para a igreja preparar-se para a terceira visita de Paulo (10.1-11)
    (sua segunda foi aparentemente dolorosa e mal-sucedida)
    c. Refutar os falsos mestres judeus itinerantes (10-12) que tinham rejeitado de Paulo
        (1) A pessoa
        (2) Os motivos
        (3) A autoridade
        (4) O evangelho

F. Breve Esboço
1. Esboçar este livro é extremamente difícil por causa de
    a. Oscilações de humor
    b. Variedade de assuntos
    c. Parênteses prolongados
    d. Nosso conhecimento limitado da situação local
2. Contudo, há obviamente três divisões de assunto importantes
    a. Paulo responde à mensagem de Tito e relata seus planos de viagem, capítulos1-7 (há um parêntese importante tratando com o ministério apostólico de Paulo, 2.14-7.1 ou 7.4)
    b. Encorajamento de Paulo para conclusão da contribuição para a igreja de Jerusalém, capítulos 8-9
    c. Defesa de Paulo de sua autoridade apostólica, capítulos 10-13
3. Eu afirmo a unidade de II Coríntios

a. Não há nenhum indício da falta de unidade em quaisquer dos manuscritos gregos
b. Não há nenhuma variação das unidades literárias
c. Não há nenhum MSS que não contenha todos os trezes capítulos

4. Embora seja aparentemente desconhecida para Clemente de Roma em 96 A.D., é citada por Policarpo em 105 A.D.
5. O livro é compreensível como uma unidade. Parece haver certos temas que mostram sua unidade, como "sofrimento".
6. A evidência interna é limitada demais para defender uma separação radical de II Coríntios.

III. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Graça e paz, 1.2
2. "no dia de nosso Senhor Jesus", 1.14
3. Selou, 1.22
4. "conduz-nos em triunfo", 2.14
5. Doce aroma, 2.14
6. "falsificadores da palavra de Deus", 21.7
7. "cartas de recomendação", 3.1
8. "pelo Senhor, o Espírito", 3.18
9. Homem exterior, 4.16
10. Homem interior, 4.16
11. Tabernáculo terrestre, 5.1
12. "o penhor do Espírito", 5.5
13. Nova criatura, 5.17
14. Reconciliou, 5.18
15. "as armas da nossa milícia não são carnais", 10.4
16. Anjo de luz, 11.14
17. O terceiro céu, 12.2
18. Paraíso, 12.4
19. Ósculo santo, 13.12

IV. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. "o deus deste era", 4.4
2. Belial, 6.15
3. Tito, 7.6

V. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Acaia, 1.1
2. Ásia, 1.8
3. Macedônia, 1.16
4. Judéia, 1.16

5. Corinto, 1.23
6. Trôade, 2.12
7. Damasco, 11.32

VI. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Quais são as implicações teológicas de 1.20?
2. Explique em suas próprias palavras 3.6.
3. Como o termo “véu” é usado em duas sentenças no capítulo 3? (4.3)
4. Liste os sofrimentos de Paulo em 4.7-11; 6.4-10; 11.23-28.
5. Os crentes aparecerão ante o tribunal de Cristo? Em caso afirmativo, para quê?
6. Explique em suas próprias palavras o princípio espiritual de 5.14,15.
7. Que doutrina 5.21 está afirmando?
8. Liste os princípios de dar encontrados nos capítulos 8-9.
9. Como os inimigos de Paulo descrevem-no em 10.10?
10. A quem Paulo está se referindo em 11.4?
11. Liste as maneiras que Paulo se compara com outros em 11.21-20.
12. O que é o espinho na carne de Paulo? (12.7)

0
50
100
200
300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A GÁLATAS

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. O livro de Gálatas é uma das expressões mais claras da verdade radicalmente nova e livre da salvação pela graça somente, por meio da fé somente. É com freqüência chamado “A Carta Magna da Liberdade Cristã”.

B. Esta carta atiçou os incêndios da Reforma Protestante.
   1. Martinho Lutero disse “o pequeno livro de Gálatas é minha carta; eu noivei com ela; é minha esposa”.
   2. John Wesley encontrou paz duradoura a partir de um sermão em Gálatas.
   3. Em seu *Study Guide Commentary* [Comentário Guia de Estudo], p.11, Curtis Vaughan escreveu “poucos livros têm mais profundamente influenciado as mentes dos homens, têm tão significativamente modelado o curso da história humana, ou continuado a falar com tanta relevância às necessidades mais profundas da vida moderna”.

C. Esta carta doutrinariamente orientada, possivelmente a primeira de Paulo, foi a precursora a Romanos e seu desenvolvimento da doutrina da justificação pela fé separada da ênfase do judaísmo em guardar a Lei.
   1. A salvação não pode ser encontrada tanto na Lei quanto na graça.
   2. A salvação deve ser encontrada ou na Lei ou na graça.
   3. Semelhança seguirá uma conversão verdadeira.
   4. Ter cuidado com o legalismo cristão.

D. Esta salvação radicalmente gratuita, pela graça somente, é desesperadamente necessária em nossa época por causa da atração sutil recorrente de nossa consciência religiosa auto-orientada, orientada por obras. Em cada época, a verdade simples do amor incondicional, desinteressado, de iniciativa de Deus mediado através do arrependimento humano e a fé humilde é estimulada! Não é que os falsos mestres estavam rejeitando o lugar central de Cristo na redenção, mas eles estavam acrescentando a Ele. <u>Não é o que acrescentamos, mas que acrescentamos qualquer coisa!</u>

II. AUTOR

A autoria de Paulo desta carta nunca foi seriamente posta em dúvida, enquanto ela forma um pilar significante do Corpo Paulino. Gálatas é muito autobiográfica e pessoal. É altamente emocional, contudo precisamente lógica.

III. DATA E DESTINATÁRIOS

A. Esses dois aspectos do material de fundo devem ser tratados juntos porque duas teorias contrárias das identidades dos destinatários afetam a data da carta. Ambas teorias têm peso lógico e evidência bíblica limitada.

B. As duas teorias são:

1. A teoria tradicional que era unânime até o século dezoito.
   a. É chamada a "Teoria Gálata do Norte".
   b. Supõe que "Galácia" se refere aos gálatas étnicos do platô central do norte da Turquia (cf. I Pe 1.1). Esses gálatas étnicos eram celtas (grego *Keltoi* ou latim *Gall*) que invadiram essa área no terceiro século a.C. Eles eram chamados "gallo-gregos" para distingui-los de seus irmãos europeus ocidentais. Eles foram derrotados em 230 a.C. por Átalo I, o rei de Pérgamo. Sua influência geográfica estava limitada a Ásia Menor central do norte ou a moderna Turquia.
   c. Se esse grupo étnico é suposto, então a data seria o meado dos anos 50 durante a segunda ou terceira viagem missionária de Paulo. Os companheiros de viagem de Paulo seriam Silas e Timóteo.
   d. Alguns têm ligado a doença de Paulo em Gl 4.13 a malária. Eles afirmam que Paulo foi para o norte para as regiões montanhosas para se afastar das planícies costeiras, pantanosas, infestadas de malária.
2. A segunda teoria é defendida por Sir Wm. M. Ramsay, *Saint Paul the Traveller and Roman Citizen* [São Paulo, o Viajante e Cidadão Romano], New York: G. P. Putnam's Sons, 1896.
   a. Como a teoria tradicional definiu "Galácia" como étnica, esta teoria a define como administrativa. Parece que Paulo com freqüência usava nomes provinciais romanos (cf. I Co 16.19; II Co 1.1; 8.1, etc.). A província romana da Galácia incluía uma área maior do que a "Galácia" étnica. Esses celtas étnicos apoiaram Roma muito cedo e foram recompensados com mais autonomia local e autoridade territorial expandida. Se essa grande área era conhecida como "Galácia", então é possível que a primeira viagem missionária de Paulo para essas cidades do sul de Antioquia na Psídia, Listra, Derbe e Icônio, registrada em Atos 13-14, é a localização dessas igrejas.
   b. Se alguém adota esta "Teoria do Sul", a data seria muito cedo – próxima, mas antes, do "Concílio de Jerusalém" de Atos 15, que se dirige à mesma matéria de assunto como o livro de Gálatas. O Concílio ocorreu em 48-49 A.D. e a carta foi provavelmente escrita durante o mesmo período. Se isto é verdadeiro, Gálatas é a primeira carta de Paulo no nosso Novo Testamento.
   c. Algumas evidências para a teoria de Gálatas do sul:
      (1) Não há nenhuma menção dos companheiros de viagem de Paulo de nome apenas Barnabé é mencionado três vezes (cf. 2.1,9,13). Isso se enquadra na primeira viagem missionária de Paulo.
      (2) É mencionado que Tito não era circuncidado (cf. 2.1-5). Isso se enquadra melhor antes do Concílio de Jerusalém de Atos 15.
      (3) A menção de Pedro (cf. 2.11-14) e o problema da comunhão com gentios se enquadra melhor antes do Concílio de Jerusalém.
      (4) Quando o dinheiro foi levado para Jerusalém, vários companheiros de Paul de

diferentes áreas (cf. Atos 20.4) foram listados. Nenhum, contudo, foi listado das cidades da Galácia do norte, embora saibamos que essas igrejas gálatas étnicas participaram (cf. I Co 16.1).

3. Para a apresentação detalhada dos argumentos diferentes a respeito dessas teorias, consulte um comentário técnico. Cada uma tem pontos válidos, mas neste ponto do tempo não há consenso, mas a "Teoria do Sul" parece enquadrar todos os fatos melhor.

C. Relação de Gálatas com Atos:
   1. Paulo fez cinco visitas a Jerusalém, registradas por Lucas no livro de Atos:
      a. 9.26-30, depois de sua conversão
      b. 11.30; 12.25, para levar alívio da fome das igrejas gentias
      c. 15.1-30, Concílio de Jerusalém
      d. 18.22, visita breve
      e. 21.15ss., uma outra explicação do trabalho gentio
   2. Há duas visitas a Jerusalém registradas em Gálatas:
      a. 1.18, depois de três anos
      b. 2.1, depois de quatorze anos
   3. Parece mais provável que Atos 9.26 está relacionado com Gl 1.18. Atos 11.30 & 15.1ss. É o cenário de encontros não registrados que são mencionados em Gl 2.1.
   4. Há algumas diferenças entre os relatos de Atos 15 e Gl 2, mas isso é provavelmente devido a:
      a. Perspectivas diferentes
      b. Propósitos diferentes de Lucas e Paulo
      c. O fato que Gl 2 pode ter ocorrido em algum tempo antes do encontro descrito em Atos 15, mas junto com ele.

IV. PROPÓSITO DA CARTA

A. Paulo se dirigiu a três áreas distintas de preocupação sobre a mensagem dos falsos mestres. Esses hereges têm sido rotulados "judaizantes" porque eles acreditavam que alguém tinha de se tornar um judeu antes que ele pudesse se tornar um cristão (cf. 6.12). Suas preocupações giravam ao redor das acusações dos judaizantes:
   1. Paulo não era verdadeiramente um apóstolo como os Doze (cf. Atos 1.21,22); portanto, ele dera dependente da autoridade deles ou pelo menos da autoridade da Igreja-mãe em Jerusalém.
   2. A mensagem de Paulo era diferente da deles, e assim, falsa. Isso parece diretamente relacionado com o conceito de "justificação pela fé separada da Lei". Os apóstolos em Jerusalém ainda eram muito judaicos em suas vidas pessoais.
   3. Um elemento da libertinagem estava conectado de alguma maneira com as igrejas (cf. 5.18-6.8). Exatamente como isso deve ser explicado é debatido. Alguns têm ainda visto dos grupos-alvo na carta de Paulo. Judaizantes e gnósticos (cf. 4.8-11). Contudo, parece ser melhor relacionar esses versos com práticas pagãs. Os judeus estavam preocupados com o estilo de vida dos gentios. Como a livre graça radical de Paulo se relacionava com a idolatria e excesso pagão?

B. Doutrinariamente, esta carta é muito similar à carta de Paulo aos Romanos. Estes dois livros contêm as doutrinas importantes repetidas e desenvolvidas em cenários diferentes.

V. BREVE ESBOÇO

A. Prólogo, 1.1-10
   1. Introdução geral para o livro
   2. Ocasião para a escrita do livro

B. Paulo defende seu Apostolado, 1.11-2.14

C. Paulo defende as verdades doutrinárias de seu evangelho, 2.15-4.20

D. Paulo defende as implicações práticas seu evangelho, 5.1-6.10

E. Resumo pessoal e conclusão, 6.11-18

VI. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. "este presente século mau", 1.4
2. "um evangelho diferente", 1.6
3. Judaísmo, 1.13
4. Tradições ancestrais, 1.14
5. "de maneira nenhuma", 2.17
6. "ó insensatos gálatas", 3.1,3
7. Fascinou, 3.1
8. "se é que isso também foi em vão", 3.4; 4.11
9. "debaixo da maldição", 3.10
10. "sua posteridade", 3.16
11. "foi promulgada por meio de anjos, pela mão de um mediador", 3.19
12. "estávamos guardados debaixo da lei", 3.23
13. "rudimentos", 4.3,9
14. Aba, 4.6
15. "enfermidade física", 4.13
16. "da escrava...da livre", 4.23
17. Alegoricamente, 4.24
18. "andai em Espírito", 5.16
19. "o fruto do Espírito", 5.22
20. "que grandes letras", 6.11
21. "as marcas de Jesus", 6.17

VII. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

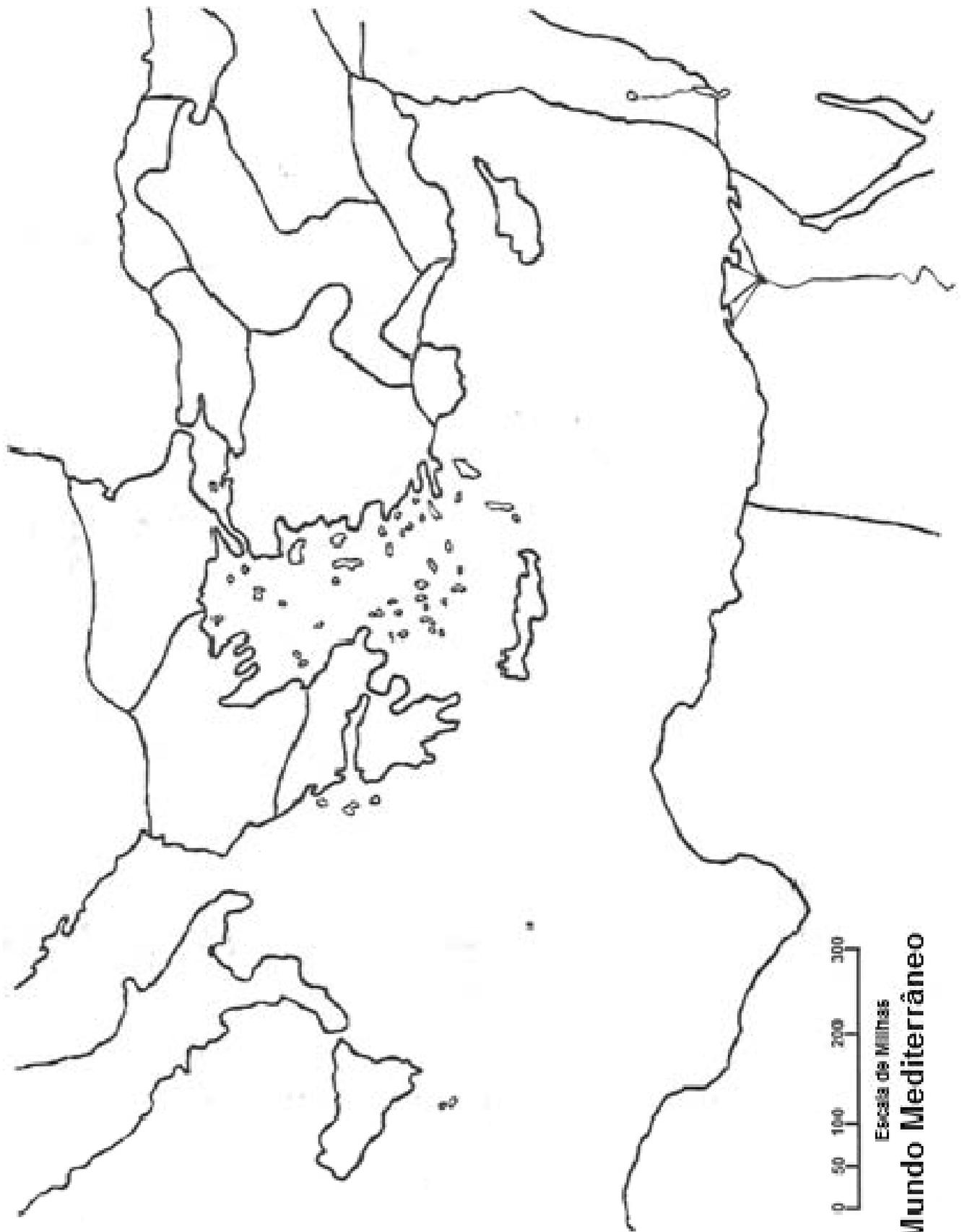
1. "um anjo do céu", 1.8
2. Cefas, 1.8
3. Barnabé, 2.1
4. Tito, 2.2
5. "aos que estavam em estima", 2.2,6

6. “falsos irmãos”, 2.4
7. “que eram considerados como as colunas”, 2.9
8. “os que eram da circuncisão”, 2.12
9. “tutores e curadores”, 4.2
10. Agar, 4.25

VIII. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Igrejas da Galácia, 1.2
2. Arábia, 1.17
3. Damasco, 1.17
4. Síria, 1.21
5. Cilícia, 1.21
6. Antioquia, 2.11

IX. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Explique em suas próprias palavras 1.11,12
2. Quando Paulo perseguiu a igreja de Deus? (1.13)
3. Por que alguns queriam Tito circuncidado? (7.3)
4. Explique 2.6 em suas próprias palavras.
5. Gálatas 2.16 pode ser o tema do livro todo. Por quê?
6. Explique 2.20 em suas próprias palavras.
7. Como você poderia responder a pergunta de Paulo em 3.3?
8. Explique o significado da citação de Paulo de Gn 15.6,8 em Gl 3.6-8.
9. Como Jesus foi amaldiçoado? (3.13)
10. Qual é o propósito do OT à luz de 3.19?
11. Por que 3.22 é uma declaração de resumo tão boa?
12. Por que 3.28 é uma verdade tão significante?
13. Qual era a doença física de Paulo mencionada em 4.13?
14. Qual é a meta do cristianismo? (4.19)
15. Qual é o ponto teológico de Paulo em 5.3?
16. Explique o provérbio em 5.9.
17. O que 5.4 quer dizer, “da graça tendes caído”?
18. Como 5.13 se relaciona com Romanos 14.1-15.13?
19. Explique 5.23 em suas próprias palavras
20. Como os crentes devem se relacionar com crentes que pecam? (6.1-5)
21. Qual o princípio espiritual afirmado em 6.7?
22. Como 6.10 se relaciona com aqueles de fora da comunidade crente?

0 50 100 200 300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A EFÉSIOS

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. As verdades deste livro impactaram as vidas de muitos santos
   1. Samuel Coleridge chamou-o "a divina composição do homem"
   2. João Calvino chamou-o seu livro favorito da Bíblia
   3. John Knox pediu que os sermões de Calvino em Efésios fossem lidos para ele em seu leito de morte.

B. Este livro foi chamado "a jóia de coroação", ou ponto culminante, da teologia de Paulo. Todos os grandes temas de Paulo são expressos de uma maneira de resumo maravilhosa.

C. Como Deus usou Romanos para instigar a Reformar, Ele usará Efésios para reunir a cristandade espalhada. A unidade dos crentes muito ofusca suas diferenças.

II. AUTOR

A. Paulo
   1. Expressamente afirmado em 1.1, 3.1
   2. Referência ao encarceramento (provavelmente em Roma) em 3.1; 4.1; 6.20
   3. Tradição quase unânime da igreja
      a. Clemente de Roma, em 95 A.D., escreveu uma carta para Corinto que cita 4.4-6
      b. Inácio (30-107 A.D.) cita de 1.9; 2.19; 3.4-9
      c. Policarpo (65-155 A.D.), o discípulo de João o Apóstolo, e o bispo de Esmirna afirmam a autoria de Paulo
      d. Irineu (130-200 A.D.) afirma a autoria de Paulo
      e. Clemente de Alexandria (150-210 A.D.) afirma a autoria de Paulo
   4. É listado em
      a. Lista de Marcião (que veio a Roma nos anos 140 A.D.) de livros aceitos
      b. Fragmento Muratoriano (180-200 A.D.), uma lista de livros canônicos de Roma e colocado nos escritos de Paulo
   5. Os finais de tanto Colossenses quanto Efésios têm 29 palavras que são quase exatamente as mesmas em grego (há duas palavras adicionais em Colossenses).

B. Um outro autor
   1. Erasmo foi o primeiro a pôr em dúvida a autoria de Paulo baseado em
      a. Estilo – sentenças longas que são não muito características das outras cartas de Paulo
      b. Sem cumprimentos pessoais
      c. Vocabulário único
   2. A erudição crítica do século 18 começou a negar a autoria de Paulo
      a. Vários versos parecem ser de um crente de segunda geração, 2.20; 3.5
      b. Palavras teológicas foram usadas com definições discrepantes (exemplo: "mistério")
      c. Singularidade do gênero de uma carta cíclica ou circular

C. Respostas para os pontos de Erasmo

1. O estilo é diferente porque Paulo tinha tempo para pensar quando estava escrevendo Efésios enquanto em prisão.
2. A ausência de uma saudação pessoal é explicada pelo fato que Efésios era uma carta cíclica que devia ser enviada para muitas igrejas na área. Uma rota postal romana que incluía Éfeso e o vale do rio Lico pode ser vista em Apocalipse 2-3. Paulo escreveu uma carta gêmea, Colossenses, para um grupo específico de três igrejas que incluiu vários cumprimentos pessoais.
3. O número de palavras raras em Efésios é exatamente o mesmo como o número de palavras raras (*hapax legomena*) em Romanos. O propósito, matéria de assunto, destinatários e ocasião explicam o uso de novas palavras.
4. Paulo fala de "apóstolo e profetas" em I Coríntios 12.28, que é similar a 2.20 e 3.5. Ninguém nega a autoria de Paulo de I Coríntios.

III. O RELACIONAMENTO LITERÁRIO ENTRE COLOSSENSES E EFÉSIOS

A. O relacionamento histórico entre Colossenses e Efésios
   1. Epafras (Cl 1.7; 4.12; Filemom 23) foi convertido durante a campanha efésia de Paulo (Atos 19)
      a. Ele levou sua fé recém-achada de volta para sua área natal, o Vale do Rio Lico.
      b. Ele começou três igrejas – em Hierápolis, Laodicéia e Colossos.
      c. Epafras procurou Paulo por conselho em busca de conselho como combater essa fusão de visões de mundo pelos hereges. Paulo estava em prisão em Roma (no início dos anos 60).
   2. Falsos mestres vieram e começaram a mesclar o evangelho com a ontologia grega
      a. Espírito e matéria eram co-eternos
      b. O espírito (Deus) era bom
      c. Matéria (criação) era mal
      d. Uma série de aeons (níveis angélicos) existiam entre o Deus alto bom e um deus menor que formou a matéria
      e. A salvação estava baseada no conhecimento de senhas secretas que ajudavam o progresso das pessoas através dos aeons (níveis angélicos)

B. O relacionamento literário entre as duas cartas de Paulo
   1. Paulo ouviu falar da heresia nessas igrejas que ele nunca tinha visitado pessoalmente.
   2. Paulo escreveu uma carta forte em resumo, sentenças emocionais, dirigida aos falsos mestres. O tema central era o senhorio cósmico de Jesus. Esta é conhecida como a carta de Paulo para os Colossenses.
   3. Aparentemente logo depois de escrever Colossenses, com tempo à sua disposição na prisão, ele desenvolveu esses mesmos temas. Efésios é caracterizada por sentenças longas e conceitos teológicos desenvolvidos (1.3-14, 15-23; 2.1-10, 14-18; 3.1-12, 14-19; 6.13-20). Ela toma Colossenses como seu ponto de partida e tira suas implicações teológicas. Seu tema central é a unidade de todas as coisas em Cristo, que era um contraste para o conceito gnóstico incipiente.

C. Estrutura teológica e literária relacionada

1. Similaridade da estrutura básica
   a. Elas têm muitas aberturas semelhantes
   b. Elas têm seções doutrinárias tratando fundamentalmente de Cristo
   c. Elas têm seções admoestando o estilo de vida cristão usando as mesmas categorias, termos e frases
   d. Elas têm versos de encerramento exatamente iguais em 29 palavras consecutivas em grego, com apenas duas palavras diferentes acrescentadas em Colossenses.

2. Similaridade de palavras ou frases curtas

Ef 1.1c e Cl 1.2a	“fieis”
Ef 1.4 e Cl 1.22	“santos e irrepreensíveis”
Ef 1.7 e Cl 1.14	“redenção... perdão”
Ef 1.10 e Cl 1.20	“todas as coisas...céu...terra”
Ef 1.15 e Cl 1.3,4	“ouvindo...amor por todos os santos”
Ef 1.18 e Cl 1.27	“as riquezas da glória”
Ef 2.1 e Cl 1.13	“estando vós mortos”
Ef 2.16 e Cl 1.20	“reconciliar...cruz”
Ef 3.2 e Cl 1.25	“dispensação”
Ef 3.3 e Cl 1.26,27	“mistério”
Ef 4.3 e Cl 3.14	“unidade”
Ef 4.15 e Cl 2.19	“cabeça” e “crescer”
Ef 4.24 e Cl 3.10,12,14	“vos revistais...”
Ef 4.31 e Cl 3.8	“cólera”, “ira”, “malícia”, “maledicência”
Ef 5.3 e Cl 3.5	“prostituição”, “impureza”, “avareza”
Ef 5.5 e Cl 3.5	“idolatria” (avareza)
Ef 5.16 e Cl 4.5	“remindo o tempo”

3. Frases ou sentenças exatas

   Ef 1.1a e Cl 1.1a

   Ef 1.1b e Cl 1.2a

   Ef 1.2a e Cl 1.2b

   Ef 1.13 e Cl 1.5

   Ef 2.1 e Cl 2.13

   Ef 2.5b e Cl 2.13c

   Ef 4.1b e Cl 1.10a

   Ef 6.21,22 e Cl 4.7,8, (29 palavras consecutivas iguais, exceto por “*kai syndoulos*” em Colossenses)

4. Similaridade de frases ou sentenças

   Ef 1.21 e Cl 1.16
   Ef 2.1 e Cl 1.13

Ef 2.16 e Cl 1.20
Ef 3.7a e Cl 1.23d, 25a
Ef 3.8 e Cl 1.27
Ef 4.2 e Cl 3.12
Ef 4.29 e Cl 3.8; 4.6
Ef 4.32 e Cl 3.13b
Ef 5.15 e Cl 4.5
Ef 5.19,20 e Cl 3.16

5. Conceitos sinônimos teologicamente

Ef 1.3 e Cl 1.3	uma oração de agradecimento
Ef 2.1,12 e Cl 1.21	separação de Deus
Ef 2.15 e Cl 2.14	hostilidade da Lei
Ef 4.1 e Cl 1.10	andar digno
Ef 4.15 e Cl 2.19	corpo de Cristo crescendo para maturidade do Cabeça
Ef 4.19 e Cl 3.5	impureza sexual
Ef 4.22,31 e Cl 3.8	“despojar” pecados
Ef 4.32 e Cl 3.12,13	cristãos gentis uns com os outros
Ef 5.4 e Cl 3.8	a linguagem cristã
Ef 5.18 e Cl 3.16	encher do Espírito = palavra de Cristo
Ef 5.20 e Cl 3.17	ação de graças a Deus por todas as coisas
Ef 5.22 e Cl 3.18	esposas ser sujeitas aos maridos
Ef 5.25 e Cl 3.19	maridos amai vossas esposas
Ef 6.1 e Cl 3.20	filhos obedecei vossos pais
Ef 6.4 e Cl 3.21	pais não provoqueis os filhos
Ef 6.5 e Cl 3.22	servos obedecei os senhores
Ef 6.9 e Cl 4.1	senhores e servos
Ef 6.18 e Cl 4.2-4	pedidos de oração de Paulo

6. Termos usados tanto em Colossenses quanto Efésios que não são encontrados em outra literatura paulina.
   a. “plenitude”

Ef 1.23	“a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”
Ef 3.19	“ser cheios de toda a plenitude de Deus”
Ef 4.13	“plenitude de Cristo”
Cl 1.19	“toda a plenitude nele habitasse”
Cl 2.9	“porque nele habita toda a plenitude da divindade”

   b. Cristo como “cabeça” da igreja
      Ef 4.15, 5.23 e Cl 1.18; 2.19
   c. “separados”
      Ef 2.12; 4.18 e Cl 1.21
   d. “remindo o tempo”
      Ef 5.16 e Cl 4.5
   e. “arraigados”
      Ef 3.17 e Cl 2.7
   f. “a palavra da verdade, o evangelho”

Ef 1.13 e Cl 1.5

g. “suportando”

Ef 4.2 e Cl 3.13

h. Fraseologia e termos incomuns (“organizado”, “provido”)

Ef 4.16 e Cl 2.19

D. Resumo

1. Mais de um terço das palavras em Colossenses estão em Efésios. Foi estimado que 75 dos 155 versos em Efésios têm um paralelo em Colossenses. Ambas afirmam a autoria de Paulo enquanto na prisão.
2. Ambas foram entregues pelo amigo de Paulo Tíquico.
3. Ambas foram enviadas para a mesma área (Ásia Menor).
4. Ambas tratam do mesmo tópico cristológico.
5. Ambas enfatizam Cristo como cabeça da igreja.
6. Ambas encorajam a vida cristã apropriada.

E. Pontos Importantes de Dissimilaridade

1. A igreja era sempre local em Colossenses mas universal em Efésios. Isto pode ser devido à natureza cíclica da carta de Efésios.
2. A Heresia, que era uma característica tão proeminente de Colossenses, não é diretamente mencionada em Efésios. Contudo, ambas as cartas usam termos gnósticos característicos (“sabedoria”, “conhecimento”, “plenitude”, “mistério”, “principados e potestades” e “dispensação”)
3. A segunda vinda é imediata em Colossenses mas demorada em Efésios. A igreja era, e é, chamada para servir num mundo caído. (2.7; 3.21; 4.13).
4. Vários termos caracteristicamente paulinos são usados de uma maneira diferente. Um exemplo é o termo “mistério”. Em Colossenses o mistério é Cristo (Cl 1.26,27; 2.2; 4.3), mas em Efésios (1.9; 5.32) é o plano de Deus anteriormente escondido, mas agora revelado, para a unidade dos gentios e judeus.
5. Efésios tem várias alusões do AT (1.22 – Sl 8; 2.17 – Is 57.19) (2.20 – Sl 118.22) (4.8 – Sl 68.18) (4.26 – Sl 4.4) (5.15 – Is 26.19, 51.17, 52.1, 60.1) (5.3 – Gn 3.24) (6.2,3 – Êx 20.12) (6.14 – Is 11.5, 59.17) (6.15 – Is 52.7), mas há só uma ou duas em Colossenses (2.3 – Is 11.2) ou (2.22 – Is 29.13).

F. Embora muito similares em palavras, frases e muitas vezes esboço, as cartas também incluem verdades únicas.

1. A bênção trinitariana da graça – Ef 1.3-14
2. A passagem da graça – Ef 2.1-10
3. A fusão de judeus e gentios em um novo corpo – Ef 2.11-3.13
4. A unidade e os dons do corpo de Cristo – Ef 4.1-16
5. “Cristo e a igreja” são o padrão para “marido e esposa” – Ef 5.22-33
6. A passagem da guerra espiritual – 6.10-18
7. A passagem cristológica – Cl 1.13-18
8. Rituais e regras religiosas humanas – Cl 2.16-23
9. O tema da significância cósmica em Cristo de Colossenses versus o tema da unidade de todas as coisas em Cristo em Efésios.

G. Em conclusão, parece melhor seguir A. T. Robertson e F. F. Bruce ao afirmar que Paulo escreveu ambas as cartas em estreita proximidade desenvolvendo os pensamentos de Colossenses numa apresentação culminante da verdade.

IV. DATA

A. A data desta carta está vinculada a uma das prisões de Paulo em Éfeso, Filipos, Cesaréia ou Roma. Uma prisão romana enquadra melhor os fatos de Atos.

B. Uma vez que Roma é suposta para ser o local da prisão, a pergunta surge, que tempo? Paulo estava na cadeia no começo dos anos 60, que é registrado em Atos, mas ele foi posto em liberdade e escreveu as cartas pastorais (I & II Timóteo e Tito) e foi então novamente detido e morto antes de 9 de junho, 68 A.D., que foi a data do suicídio de Nero.

C. A previsão mais fundamentada para a escrita de Efésios é a primeira prisão de Paulo em Roma no começo dos anos 60.

D. Tíquico, junto com Onésimo, provavelmente levaram as cartas de Colossenses, Efésios e Filemom para Ásia Menor.

E. Possível cronologia dos escritos de Paulo seguindo F. F. Bruce e Murry Harris com pequenas adaptações:

Livro	Data	Lugar de Escrita	Relação a Atos
Gálatas	48 (teoria do sul)	Antioquia Síria	14.28; 15.2
I Tessalonicenses	50	Corinto	18.5
II Tessalonicenses	50	Corinto	
I Coríntios	55	Éfeso	19.20
II Coríntios	56	Macedônia	20.2
Romanos	57	Corinto	20.3
Colossenses	início dos anos 60 (prisão)	Roma	
Efésios	início dos anos 60 (prisão)	Roma	
Filemom	início dos anos 60 (prisão)	Roma	
Filipenses	fim de 61-62 (prisão)	Roma	
I Timóteo	63 (ou mais tarde	macedônia	
Tito	63 mas antes de	Éfeso (?)	
II Timóteo	64 68 A.D.)	Roma	

V. DESTINATÁRIOS

A. Muitos manuscritos (Papiros Chester Beatty, P^{46}; Sinaítico א; Vaticano, B; texto grego de Origenes, e o texto grego de Tertuliano) omitem “em Éfeso” em 1.1. As traduções de RSV e Williams omitem a frase.

B. A gramática grega do v. 1 pode ter espaço para um nome de lugar. Possivelmente, como uma

carta circular, o nome do lugar da igreja era deixado em branco assim poderia ser fornecido quando lido em voz alta para as igrejas. Isso pode explicar a frase em Colossenses 4.15,16, “carta dos laodicenses”, que era possivelmente o Livro de Efésios (Marcião chamou Efésios pelo título “carta para os laodicenses”).

C. Efésios foi escrita principalmente para gentios, 2.1; 4.17, a quem Paulo não tinha conhecido pessoal, 1.15; 3.2. As igrejas no Vale do Rio Lico (Laodicéia, Hierápolis e Colossos) foram iniciadas não por Paulo mas por Epafras (Cl 1.7; 4.12; Filemom 23).

VI. PROPÓSITO

A. O tema do livro é encontrado em 1.10 e 4.1-10, que enfatiza a unidade de todas as coisas em Cristo. Cristo restaura a imagem de Deus no homem e no mundo (*kosmos*).

B. Efésios é uma das quatro cartas da prisão de Paulo. Os esboços de Efésios e Colossenses são muito similares. Colossenses foi escrita para combater a heresia do gnosticismo incipiente no Vale do Rio Lico da Ásia Menor. Efésios foi escrita como uma carta circular para a mesma para preparar os outras igrejas para a chegada da heresia. Colossenses é uma carta seca, forte, enquanto Efésios é uma apresentação lógica extensa das mesmas verdades usando sentenças longas (1.3-14, 15-23; 2.1-9; 3.1-7, etc.).

VII. BREVE ESBOÇO

A. O livro naturalmente se divide em duas partes (como fazem a maioria os escritos de Paulo)
   1. Unidade em Cristo, capítulos 1-3 (teologia)
   2. Unidade na igreja, capítulos 4-6 (aplicação)

B. Esboço temático sugerido
   1. Abertura paulina tradicional, 1.1,2
   2. Os planos do Pai para a unidade de todas as coisas em Cristo, 1.3-3.21
      a. Louvor de Paulo ao Pai, 1.3-14
         (1) Pelo amor do Pai antes do tempo
         (2) Pelo amor do Pai em Seu Filho no tempo certo
         (3) Pelo amor contínuo do Pai pelo Espírito através do tempo
      b. Oração de Paulo ao Pai pelas igrejas, 1.15-23
         (1) Pela revelação em Cristo para ser compreendida
         (2) Pelo poder do Pai para operar poderosamente nos crentes
         (3) Pela elevação de Cristo acima de todas as coisas
      c. Compreensão de Paulo do plano do Pai para toda humanidade, 2.1-3.13
         (1) Necessidade da humanidade pecaminosa
         (2) Provisão graciosa do Pai
         (3) Resposta pactual necessária da humanidade
         (4) Plano do Pai plenamente revelado
      d. Oração de Paulo ao Pai pelos crentes, 3.14-21
         (1) Para receber força interior (pelo Espírito)
         (2) Para compreender plenamente o evangelho (não em verdades proposicionais somente) na experiência e amor
         (3) Ser cheio de toda a plenitude de Deus (que é Cristo)
         (4) Tudo isso do Deus que é capaz
   3. O desejo do Pai para a unidade de Seu novo povo, 4.1-6.20

a. A unidade do Deus Triúno é refletido na unidade de Seus filhos, 4.1-16
   (1) Unidade não é uniformidade, mas amor de estilo vida
   (2) Divindade é uma unidade tri-uma
   (3) Dons espirituais são para o bem do corpo, não honra individual
   (4) Unidade exige ministério
   (5) Unidade está sob ataque angélico
   (6) Unidade está em Cristo
b. Unidade contrastada com auto egocentrismo pagão, 4.17-5.14
   (1) Deixar as obras da velha vida
   (2) Vestir a semelhança de Cristo
c. O meio de realizar e manter a unidade, 5.15-6.9
   (1) Ser sempre cheio do Espírito
   (2) A vida cheio do Espírito descrita
      (a) Cinco particípios, vv. 19-21
      (b) Três exemplos domésticos
         i. Maridos – esposas
         ii. Pais – filhos
         iii. Senhores – servos
d. A luta pela unidade parecida com Cristo, 6.10-20
   (1) A batalha espiritual
   (2) A armadura de Deus
   (3) Poder da oração

4. Observações finais, 6.21-24

VIII. A FORMAÇÃO FILOSÓFICA E TEOLÓGICA DOS FALSOS MESTRES (GNOSTICISMO)

A. Crenças gnósticas dos primeiro e segundo séculos:
   1. Um dualismo ontológico (eterno) entre espírito (Deus) e matéria (coisas físicas).
   2. O espírito era bom, enquanto a matéria era má.
   3. Uma série de níveis angélicos (*aeons*) entre um Deus alto santo e um deus menor que estruturou a matéria má.
   4. O caminho para a salvação
      a. Conhecimento da senha secreta que permitia movimento através das esferas angélicas da terra para o céu,
      b. Uma fagulha divina em todos os homens embora todos não compreendessem ou recebessem conhecimento salvífico,
      c. O conhecimento veio somente para um grupo de elite por revelação especial.
   5. Ética
      a. Totalmente não relacionada com a vida espiritual (libertários e antinomianos)
      b. Crucial para salvação (legalistas).

B. Contradições com o cristianismo histórico, bíblico
   1. Separar a humanidade e Divindade de Cristo (gnósticos diziam que Ele não poderiam ser plenamente Deus e plenamente homem)
   2. Remover Sua morte vicária com o único meio de salvação
   3. Substituir conhecimento humano pela livre graça divina

IX. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Santos, 1.1
2. Senhor, 1.2
3. Lugares celestiais, 1.3
4. “antes da fundação do mundo”, 1.4
5. Irrepreensíveis, 1.4
6. Predestinou, 1.5
7. “redenção”, 1.7
8. Mistério, 1.9
9. “a plenitude dos tempos”, 1.10
10. Selados, 1.13
11. Penhor, 1.14
12. Glória, 1.17
13. “fazendo-o sentar à sua direita”, 1.20
14. “a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”, 1.23
15. “o curso deste mundo”, 2.2
16. “o dom de Deus”, 2.8
17. “concidadãos”, 2.19
18. “pedra da esquina”, 2.20
19. “ousadia e acesso com confiança”, 3.12
20. “o engano dos homens”, 4.14
21. “com astúcia, enganam fraudulosamente”, 4.14
22. “andai em amor”, 5.2
23. “aroma suave”, 5.2
24. “o reino de Cristo e de Deus”, 5.5
25. “sujeitando-vos uns aos outros”, 5.21
26. “toda a armadura de Deus”, 6.11
27. “cingidos os vossos lombos”, 6.14
28. “espada do Espírito”, 6.17

X. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Gnósticos
2. “o príncipe das potestades do ar”, 2.2
3. Gentios
4. Apóstolos, 4.11
5. Profetas, 4.11
6. Evangelistas, 4.11
7. A cabeça, 4.15
8. O diabo, 4.27
9. “os filhos da desobediência”, 5.6
10. “os filhos da Luz”, 5.8
11. “hostes espirituais da maldade”, 6.12
12. Tíquico, 6.21

XI. LOCAIS DO MAPA – NENHUM

XII. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Qual é o tema básico de 1.3-14?
2. Por que a frase “para o louvor da Sua glória” é usada três vezes em 1.3-14?
3. Por que Paulo fala tão freqüentemente de “sabedoria e perspicácia” ou “conhecimento” em seu livro?
4. A quem 1.19 se refere?
5. Explique o conceito judaico de duas eras. (1.21)
6. Resuma o tópico de 2.1-3.
7. Resuma o tópico de 2.4-6.
8. Explique a alusão histórica em 2.14.
9. Sobre que revelação Paulo está falando 3.3?
10. Por que Paulo chama a si mesmo “o menor de todos os santos”? (3.8)
11. Por que a palavra “um” é usada com tanta freqüência em 4.4-6?
12. Qual é o dom de Cristo em 4.7?
13. Onde está no AT a citação de Paulo em 4.8? Por que a citação de Paulo é diferente do seu AT?
14. Por que 4.12 é tão significante?
15. 5.5 limita aqueles que podem ser salvos?
16. Como estar bêbado está relacionado com estar cheio do Espírito? (5.18)
17. Por que o amor e sacrifício de Cristo pela igreja estão relacionados com o lar cristão? (5.25-33)
18. Como “honrar” e “obedecer” estão relacionados?
19. Por que 6.18 é tão necessário hoje?

INTRODUÇÃO A FILIPENSES

I. OBSERVAÇÕES DE ABERTURA

A. Esta é uma das cartas mais informais de Paulo. Com esta igreja ele não sentiu a necessidade de afirmar sua autoridade apostólica. Seu amor abundante por ele é óbvio. Ele até permitiu que eles lhe enviasse dinheiro (cf. 1.5,7; 4.15), que era muito incomum para ele.

B. Paulo está encarcerado, contudo ele usa o termo para alegria (substantivo e verbo) mais de dezesseis vezes. Sua paz e esperança não estavam baseadas nas circunstâncias.

C. Há um elemento de ensino falso presente na igreja (cf. 3.2, 18, 19). Esses hereges parecem ser similares àqueles na igreja da Galácia, que eram chamados judaizantes. Eles insistiam que alguém tinha de se tornar um judeu antes que pudesse ser um cristão.

D. Esta carta inclui um exemplo de um hino cristão primitivo, credo ou poema litúrgico (cf. 2.6-11). É uma das passagens cristológicas mais excelentes no Novo Testamento inteiro (cf. Jo 1.1-14; Cl 1.13-20; Hb 1.2,3). Paulo a usa como um exemplo da humildade de Cristo para ser imitado por todos os crentes (cf. 2.1-5), não num sentido doutrinário.

E. Num livro de 104 versos, o nome ou título de Jesus ocorre 51 vezes. É óbvio quem é central no coração, mente e teologia de Paulo.

II. FILIPOS E MACEDÔNIA

A. A cidade de Filipos
   1. Em 356 a.C. foi capturada e ampliada por Filipe da Macedônia, pai de Alexandre o Grande. A aldeia trácia original foi chamada *Krenides* (nascentes). A cidade foi importante por causa do minério de ouro na região.
   2. Na batalha de Pidna em 168 a.C., a região tornou-se uma província romana e depois uma de quatro na Macedônia.
   3. Em 42 a.C. Bruto e Cássio (republicanos) combateram Antônio e Otávio (imperiais) perto de Filipos, durante reforma governamental em Roma. Depois dessa batalha, Antônio estabeleceu alguns de seus vitoriosos veteranos aí.
   4. Em 31 a.C., depois da batalha de Áccio em que Otaviano, os partidários de Antônio em Roma foram depostos e exilados aí.
   5. Em 31 a.C. Filipos se tornou uma colônia romana (cf. Atos 16.12). Os habitantes da cidade foram declarados cidadãos de Roma. O latim era falado e cidade tornou-se como uma pequena Roma. Estava localizada na Via Inácia, a principal estrada romana oriente-para-ocidente. Os privilégios especiais que eles desfrutavam eram:
      a. Não havia impostos de indivíduo e não havia impostos de terra
      b. O direito de comprar e vender bens
      c. Toda proteção e direitos da lei romana
      d. Líderes governamentais locais especiais (pretores e lictores)

B. O evangelho vem para Filipos

1. Na segunda viagem missionária de Paulo, ele queria contornar o norte para entrar na Ásia central (moderna Turquia, Bitínia bíblica). Em vez disso, numa visão ele viu um homem (possivelmente Lucas) da Macedônia (Grécia do norte) chamando para vir e ajudá-los (Atos 16.6-10). Por esta visão o Espírito dirigiu Paulo a Europa.
2. Paulo estava acompanhado por seus ajudantes
    a. Silas (Silvano)
        (1) Silas era um líder da igreja de Jerusalém e um profeta que substituiu Barnabé como cooperador missionário de Paulo (cf. Atos 15.22,32; 36-41);
        (2) Silas e Paulo foram ambos encarcerados em Filipos (Atos 16.16-26);
        (3) Paulo sempre o chamou Silvano (cf. II Co 1.19; I Ts 1.1; II Ts 1.1);
        (4) É possível que Silas depois se tornou um companheiro de Pedro como João Marcos fez (cf. I Pe 5.12).
    b. Timóteo
        (1) Era um convertido da primeira viagem missionária de Paulo (cf. Atos 16.1,2; II Tm 1.5; 3.15);
        (2) Sua avó e mãe eram judias, mas seu pai era grego (cf. Atos 16.1; II Tm 1.5);
        (3) Porque ele era bem falado pelos irmãos (cf. Atos 16.2) e Paulo viu os dons de ministério nele (cf. I Tm 4.14; II Tm 1.6), ele o escolheu como ajudante para substituir João Marcos (cf. Atos 13.13);
        (4) Paulo circuncidou Timóteo para que ele pudesse ser aceito pelos judeus (cf. Atos 16.3);
        (5) Timóteo se tornou representante apostólico de confiança de Paulo (cf. Fp 2.19-22; I Co 4.17; 3.2,6; II Co 1.1,19).
    c. Lucas
        (1) O autor anônimo, mas provável, do Evangelho de Lucas e Atos;
        (2) Ele foi aparentemente um médico gentio (cf. Cl 4.14). Alguns acham que o termo "médico" significava "altamente educado". É certamente verdadeiro que ele estava a par de várias áreas técnicas além de medicina, tal como navegação. Contudo, Jesus esse mesmo termo grego para "médico" (cf. Mt 9.12; Mc 2.17; 5.26; Lc 4.23; 5.31);
        (3) Companheiro de viagem de Paulo (cf. Atos 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1-28; Cl 4.14; II Tm 4.11; Filemom 24);
        (4) É interessante que as seções "nós" de Atos começam e terminam em Filipos. Em *Paul, Apostle of the Heart Set Free* [Paulo, Apóstolo do Coração Liberto], (p. 219) F. F. Bruce sugere que Lucas ficou em Filipos para ajudar os novos convertidos e coletar o fundo de auxílio gentio para a igreja de Jerusalém.
        (5) Lucas pode ter sido, de certo modo, médico pessoal de Paulo. Paulo tinha vários problemas físicos devido à sua conversão (cf. Atos 9.3,9), seu ministério (cf. II Co 4.7-12; 6.4-10; 11.23-29) e sua fraqueza especial (cf. II Co 12.1-10).
3. Paulo retornou a Filipos em sua terceira viagem missionária (cf. Atos 2.1-3,6). Ele tinha enviado Silas e Timóteo antes (cf. Atos 19.19-24; Fp 2.19-24).

C. Filipos como uma colônia romana (cf. Atos 16.12)

1. Paulo usou o status dessa cidade como uma colônia romana em sua terminologia
    a. "guarda pretoriana", 1.13

b. “cidadania”, 3.20 (Atos 16.22-34, 35-40)
c. “casa de César”, 4.22
2. A cidade era habitada por soldados romanos aposentados e exilados. De muitas maneiras era “uma pequena Roma”. As modas de Roma podiam ser vistas nas ruas de Filipos (cf. Atos 26.21).
3. Tanto Paulo (Atos 22.25; 26.32) quanto Silas (Atos 16.37) eram cidadãos romanos, que lhes concedia direitos legais e prestígio social.

D. A província da Macedônia
1. As mulheres tinham mais liberdade social e oportunidades econômicas na Macedônia que em qualquer lugar no Império Romano.
2. Isto é ilustrado por
a. Presença de muitas mulheres adorando na beira do rio fora de Filipos (cf. Atos 16.13);
b. A mulher de negócios Lídia (cf. Atos 16.14);
c. Mulheres cooperadores no evangelho (cf. 4.2,3);
d. Várias mulheres importantes mencionadas em Tessalônica (também na Macedônia, cf. Atos 17.4)

III. AUTOR

A. Esta carta firmemente pessoal foi sempre atribuída a Paulo. Os pronomes de primeira pessoa “eu” e “meu” aparecem 51 vezes.

B. É citada ou aludida por autores primitivos (para uma lista completa de citações, veja H. C. G. Moule, *Studies in Philippians* [Estudos em Filipenses], pp. 20-21, publicado por Kregel):
1. Clemente de Roma em *I Clemente*, escrita para a igreja coríntia aproximadamente 95 A.D.;
2. Inácio em *Letters of Ignatius* [Cartas de Inácio], aproximadamente 110 A.D.;
3. Policarpo, o companheiro do Apóstolo João, em *Letter to the Philippians* [Carta aos Filipenses], aproximadamente 110 A.D.;
4. Um prólogo marcionita (um seguidor do herege Marcião) para a carta de Paulo aos Filipenses aproximadamente 170 A.D.
5. Irineu, aproximadamente 180 A.D.;
6. Clemente de Alexandria, aproximadamente 190 A.D.;
7. Tertuliano de Cartago, aproximadamente 210 A.D.

C. Embora Timóteo seja mencionado junto com Paulo em1.1, ele era um cooperador, não um co-autor (embora ele possa ter atuado como um escriba para Paulo de vez em quando).

IV. DATA

A. A data é dependente de onde Paulo foi aprisionado (cf. II Co 11.23)
1. Filipos, Atos 16.23-40
2. Éfeso, I Co 15.32, II Co 1.8;
3. Jerusalém/Cesaréia, Atos 21.32-23.30;

4. Roma, Atos 28.30 (afirmado no Prólogo Marcionita para Filipenses)

B. A maioria dos estudiosos acreditam que um aprisionamento romano ajusta o contexto da vida e atos de Paulo melhor. Em caso afirmativo, uma data no início dos anos 60 parece mais provável.

C. Este livro é conhecido como uma das "epístolas da prisão" de Paulo (Colossenses, Efésios, Filemom e Filipenses). A partir de consideração interna parece que Colossenses, Efésios, Filemom foram escritos durante cedo durante a prisão romana de Paulo e levadas juntas para Ásia Menor por Tíquico (Cl 4.7; Ef 6.21). Filipenses tem um tom diferente. Paulo parecia seguro que ele seria libertado da prisão (1.17-26) e conseguiria visitá-los (2.24).

Essa estrutura também fornece um período de tempo para: (1) influência de Paulo para ter alcançado os soldados imperiais (cf. 1.13; Atos 29.16) e servos (cf. 4.22); e (2) várias viagens entre Paulo e mensageiros da igreja em Filipos.

V. PROPÓSITO(S) DA CARTA

A. Comunicar a ação de graças de Paulo para essa igreja amorosa que o ajudou monetariamente várias vezes e até enviou um ajudante, Epafrodito (cf. 1.3-11; 2.19-30; 4.10-20). A carta também pode ter sido escrita para explicar o retorno precoce de Epafrodito para casa enquanto Paulo estava ainda na prisão.

B. Encorajar os Filipenses a respeito de suas circunstâncias. O evangelho estava de fato progredindo na prisão. Paulo estava atado, mas o evangelho estava desatado!

C. Encorajar os Filipenses em meio aos falsos ensinamentos que eram similares aos judaizantes dos Gálatas. Os hereges exigiam que novos convertidos se tornassem judeus primeiro e então cristãos (cf Atos 15).

No entanto, porque a lista de pecados em 3.19 enquadra os falsos mestres gregos (gnósticos) mais do que os judeus, a identidade dos hereges é incerta. É possível que alguns crentes tivessem retornado ao seu estilo de vida pagão anterior.

D. Encorajar os crentes filipenses à alegria mesmo em meio à perseguição interna e externa. A alegria de Paulo não era dependente de circunstâncias, mas de sua fé me Cristo.

Essa alegria em meio aos problemas não era uma resignação estóica, mas uma visão de mundo cristã e uma luta constante. Paulo traçou metáforas de várias áreas da vida para comunicar a tensão da vida cristã

1. Atlética (cf. 3.12,14; 4.3)
2. Militar (cf. 1.7,12,15,16,17,22,28,30);
3. Comercial (cf. 3.7,8; 4.15,17,18).

VI. ESBOÇO DO CONTEXTO

A. É difícil esboçar Filipenses porque é tão pessoal e informal. Paulo estava falando com amigos e colabores de confiança em Cristo. Seu coração transbordou antes que sua mente pudesse organizar os pensamentos. De maneiras maravilhosamente transparentes esse livro revela o coração do grande Apóstolo para os gentios. Paulo sentiu "alegria" em Cristo, em qualquer e todas as circunstâncias e em serviço ao evangelho!

B. Unidades literárias

1. Uma típica introdução paulina, 1.1,2
   a. Saudação
      (1) De Paulo (e Timóteo) 1.1
      (2) Aos santos em Filipos (incluindo bispos e diáconos), 1.1
      (3) Oração estilizada de Paulo, 1.2
   b. Oração
      (1) Cooperadores no evangelho desde o primeiro momento, 1.5
      (2) Apoiadores do ministério de Paulo, 1.7
      (3) Pedido de Paulo por:
         (a) Amor abundante, 1.8
         (b) Conhecimento abundante, 1.9
         (c) Discernimento abundante, 1.9
         (d) Santidade abundante, 1.10
2. Preocupação de Paulo por eles por causa da preocupação deles por ele, na prisão, 1.12-26
   a. Deus usou seu tempo na prisão para espalhar o evangelho para
      (1) Guarda imperial, 1.13
      (2) Outros da casa César, 1.13; 4.22
      (3) Pregadores afoitos, 1.14-18
   b. A confiança de Paulo na libertação por causa de:
      (1) Suas orações, 1.19
      (2) Espírito Santo, 1.19
   c. A confiança de Paulo ou na libertação ou na morte, 1.20-26
3. Encorajamento de Paulo, 1.27-2.18:
   a. Chamar para a unidade parecida com Cristo em meio à perseguição, 1.27-30
   b. Viver em auto-pensamento parecido com Cristo, 2.1-4
   c. Cristo nosso exemplo, 2.5-11
   d. À luz do exemplo de Cristo, viver em paz e unidade, 2.12-18
4. Planos de Paulo relacionados a Filipos, 2.19-30
   a. Enviar Timóteo, 2.19-24
   b. Retornar Epafrodito, 2.25-30
5. Permanecer firme contra os falsos mestres, 1.27; 4.1
   a. Os cães, os falsos circuncidadores, os judaizantes (Atos 15, Gálatas), 3.1-4
   b. Herança judaica de Paulo:
      (1) À luz dos falsos mestres, 3.5,6
      (2) À luz de Cristo, 3.7-16
   c. O pesar de Paulo por eles, 3.17-21
6. Paulo repete suas admoestações:
   a. Unidade, 4.1-3
   b. Características parecidas com Cristo, 4.4-9
7. Paulo repete sua gratidão pela ajuda dos filipenses
   a. Sua dádiva recente, 4.10-14
   b. Sua dádiva anterior, 4.15-20
8. Um conclusão paulina típica, 4.21-23

VII. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. “em minhas prisões”, 1.7,13
2. “a afeição”, 1.8
3. “o dia de Cristo”, 1.10
4. “frutos de justiça”, 1.11
5. “guarda pretoriana”, 1.13
6. “padecer por ele”, 1.29
7. “se esvaziou”, 2.7
8. “em semelhança de homem”, 2.7
9. Confesse, 2.11
10. “não corri em vão, nem me esforcei inutilmente”, 2.16
11. “seja eu oferecido por libação”, 2.17
12. “guardai-vos dos cães”, 3.2
13. “hebreu de hebreus”, 3.5
14. “são inimigos da cruz de Cristo”, 3.18
15. “nossa cidade está nos céus”, 3.20
16. “cujos nomes estão no livro da vida”, 4.3

VIII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Bispos, 1.1
2. Diáconos, 1.1
3. Timóteo, 2.19
4. Epafrodito, 2.25
5. “falsa circuncisão”, 3.2
6. Síntique, 4.2

IX. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Filipos, 1.1
2. Macedônia, 4.15
3. Tessalônica, 4.16

X. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Que doutrina 1.6 enfatiza?
2. Explique o que Paulo quer dizer em 1.16.
3. O que a frase “o Espírito de Jesus Cristo” implica?
4. Explique 1.21 em suas próprias palavras.
5. Como 2.6 se relaciona com a pré-existência e divindade de Jesus?
6. Por que Jesus morreu numa cruz? (2.8)
7. A quem “dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra” se refere?
8. O que significa “operai a vossa salvação com temor e tremor”? (2.12)
9. Liste as qualificações judaicas de Paulo em 2.4-6.
10. Qual é o significado de 3.9?
11. Filipenses 4.5 diz, “perto está o Senhor”. Se assim for, por que Ele não retornou?

0
50
100
200
300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A COLOSSENSES

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. Graças a Deus pelos hereges em Colossos; por causa deles Paulo escreveu esta poderosa carta. Lembre que para entender o livro, devemos relacioná-lo com seu cenário histórico. As cartas de Paulo são chamadas “documentos ocasionais” por que ele estava se dirigindo a problemas locais com verdades universais do evangelho. A heresia em Colossos era uma mistura incomum de filosofia grega (gnosticismo) e judaísmo.

B. O Senhorio cósmico de Jesus é o tema central (cf. 1.15-17). A cristologia deste livro é insuperável! Colossenses forma o esboço básico para Efésios. Paulo sabia que a heresia se espalharia na Ásia Manor. Colossenses ataca os falsos ensinos enquanto Efésios desenvolve seus temas centrais para preparar outras igrejas para a heresia que se aproxima. A ênfase de Colossenses é cristológica enquanto a ênfase de Efésios é a unidade de todas as coisas em Cristo, que é o Senhor de todas as coisas.

C. Paulo refuta o legalismo, tanto judeu quanto grego, com termos muito fortes (2.6-23).

II. A CIDADE

A. Originalmente a cidade de Colossos era parte do reino de Pérgamo dentro da Frígia. Em 133 a.C. foi dada ao senado de Roma.

B. Colossos era um grande centro comercial antes da época de Paulo (cf. *Histories* [Histórias] de Heródoto VII:30 e Xenofonte *Anabasis* 1:2:6).
   1. O vale em que Colossos estava localizada era importante produtor de lã do mundo mediterrâneo antigo, especialmente lã preta, lã tingida, púrpura e escarlate. O solo vulcânico produzia excelente terra de pasto e a água calcária facilitavam o processo de tingimento (Strabo, 13:4:14).
   2. A atividade vulcânica (Strabo, 12:8:6) fez a cidade ser destruída várias vezes em sua história; a última vez sendo 60 A.D. (Tácito) ou 64 A.D. (Eusébio).

C. Colossos estava localizada no Rio Lico, um afluente do Rio Meandro, que corria junto a Éfeso, ± 160 km rio abaixo. Nesse vale estavam localizadas Hierápolis (± 9,6 km de distância) e Laodicéia (± 16 km de distância) (cf. 1.2; 2.1; 4.13,15,16).

D. Depois que os romanos construíram sua principal estrada oriental-ocidental, *Via Inácia*, que contornava Colossos, ela se reduziu a quase nada (Strabo). Isso foi similar ao que aconteceu com Petra na área transjordânia da Palestina.

E. A cidade era constituída principalmente de gentios (colonizadores frígios e gregos), mas havia numerosos judeus também. Josefo nos conta que Antíoco III (223-187 b.C.) levou 2.000 judeus da Babilônia para Colossos. Registros mostram que até 76 A.D., 11.000 judeus moravam no distrito do qual Colossos era capital.

III. AUTOR

A. Há dois remetentes, Paulo e Timóteo (cf. Cl 1.1). No entanto, o autor principal é Paulo; Timóteo estava enviando seus cumprimentos como cooperador de Paulo e possivelmente (*amanuensus*).

B. A literatura antiga é unânime que Paulo o Apóstolo era o autor:
   1. Marcião (que veio para Roma nos anos 140 A.D.), o herege anti-Antigo Testamento, a incluiu no corpo paulino.
   2. Estava listada com as cartas de Paulo no Cânon Muratoriano (uma lista de livros canônicos de Roma mais ou menos 200 A.D.)
   3. Vários pais da igreja primitiva citam dela e identificam Paulo como autor
      a. Irineu (escreveu 177-190 A.D.)
      b. Clemente de Alexandria (viveu 160-216 A.D.)

IV. O RELACIONAMENTO LITERÁRIO ENTRE COLOSSENSES E EFÉSIOS

I. O relacionamento histórico entre essas duas cartas da prisão segue este esboço
   1. Epafras (Cl 1.7; 4.12; Filemom 23) foi convertido durante a campanha efésia de Paulo (Atos 19)
      a. Epafras levou sua fé recém-achada de volta para sua área natal, o Vale do Rio Lico cf. 4.12).
      b. Ele começou três igrejas – em Hierápolis, Laodicéia (cf. 4.13) e Colossos.
      c. Epafras procurou Paulo por conselho em busca de conselho como combater essa fusão de cristianismo, judaísmo e pensamento grego. Paulo estava preso em Roma (no início dos anos 60).
   2. Falsos mestres defendiam a metafísica grega
      a. Espírito e matéria eram co-eternos
      b. Espírito (Deus) era bom
      c. Matéria (criação) era mal
      d. Uma série de aeons (níveis angélicos) existiam entre um Deus alto bom e um deus menor que formou a matéria
      e. A salvação estava baseada no conhecimento de senhas secretas que ajudavam o progresso das pessoas através dos níveis angélicos (aeons) para o Deus bom alto

II. O relacionamento literário entre as duas cartas de Paulo
   1. Paulo ouviu falar da heresia nessas igrejas que ele nunca tinha visitado pessoalmente (cf. 1.7,8).
   2. Paulo escreveu uma carta forte em resumo, sentenças emocionais, dirigida aos falsos mestres. O tema central era o senhorio cósmico de Jesus. Esta é conhecida como a carta de Paulo para os Colossenses.
   3. Aparentemente logo depois de escrever Colossenses, com tempo à sua disposição na prisão, ele desenvolveu os temas na carta que conhecemos como Efésios. Ele sabia que esta tentativa para fundir pensamento grego e o evangelho para o propósito de tornar o cristianismo “relevante” para a cultura grega se espalharia para todas as novas igrejas na Ásia Menor. Efésios e caracterizada por sentenças longas e conceitos teológicos desenvolvidos (1.3-14, 15-23; 2.1-10, 14-18, 19-22; 3.1-12, 14-19; 4.11-16; 6.13-20). Ela toma Colossenses como seu ponto de partida e tira suas implicações teológicas. Seu tema

central é a unidade de todas as coisas em Cristo, que era um contraste para os *aeons* (níveis angélicos) do gnosticismo incipiente.

III. Estrutura teológica e literária relacionada

1. A estrutura básica
   a. Elas têm muitas aberturas semelhantes
   b. Elas têm uma seção doutrinária tratando fundamentalmente de Cristo
   c. Cada uma tem uma seção que enfatiza o estilo de vida cristão usando as mesmas categorias, termos e frases
   d. Elas têm versos de encerramento exatamente idênticos. Em grego elas compartilham 29 palavras consecutivas; Colossenses acrescenta somente duas palavras adicionais ("e conservo"). Compare Ef 6.21,22 com Cl 4.7-9.
2. Palavras exatas ou frases curtas

Ef 1.1c e Cl 1.2a	"fieis"
Ef 1.4 e Cl 1.22	"santos e irrepreensíveis"
Ef 1.7 e Cl 1.14	"redenção... perdão"
Ef 1.10 e Cl 1.20	"todas as coisas...céu...terra"
Ef 1.15 e Cl 1.3,4	"ouvindo...amor por todos os santos"
Ef 1.18 e Cl 1.27	"as riquezas da glória"
Ef 1.27 e Cl 1.18	"cabeça...igreja"
Ef 2.1 e Cl 1.13	"estando vós mortos"
Ef 2.16 e Cl 1.20	"reconciliar...cruz"
Ef 3.2 e Cl 1.25	"dispensação"
Ef 3.3 e Cl 1.26,27	"mistério"
Ef 4.3 e Cl 3.14	"unidade"
Ef 4.15 e Cl 2.19	"cabeça" e "crescer"
Ef 4.24 e Cl 3.10, 12, 14	"vos revistais..."
Ef 4.31 e Cl 3.8	"cólera", "ira", "malícia", "maledicência"
Ef 5.3 e Cl 3.5	"prostituição", "impureza", "avareza"
Ef 5.5 e Cl 3.5	"idolatria" (avareza)
Ef 5.6 e Cl 3.6	"a ira de Deus"
Ef 5.16 e Cl 4.5	"remindo o tempo"

3. Frases ou sentenças exatas

Ef 1.1a e Cl 1.1a

Ef 1.1b e Cl 1.2a

Ef 1.2a e Cl 1.2b

Ef 1.13 e Cl 1.5

Ef 2.1 e Cl 2.13

Ef 2.5b e Cl 2.13c

Ef 4.1b e Cl 1.10a

Ef 6.21,22 e Cl 4.7-9, (29 palavras consecutivas iguais, exceto por "*kai syndoulos*" em Colossenses)

4. Frases ou sentenças similares
   Ef 1.21 e Cl 1.16
   Ef 2.1 e Cl 1.13
   Ef 2.16 e Cl 1.20
   Ef 3.7a e Cl 1.23d, 25a
   Ef 3.8 e Cl 1.27
   Ef 4.2 e Cl 3.12
   Ef 4.29 e Cl 3.8; 4.6
   Ef 4.32 e Cl 3.13b
   Ef 5.15 e Cl 4.5
   Ef 5.19,20 e Cl 3.16
5. Conceitos sinônimos teologicamente

Ef 1.3 e Cl 1.3	uma oração de agradecimento
Ef 2.1,12 e Cl 1.21	separação de Deus
Ef 2.15 e Cl 2.14	hostilidade da Lei
Ef 4.1 e Cl 1.10	andar digno
Ef 4.15 e Cl 2.19	corpo de Cristo crescendo para maturidade do Cabeça
Ef 4.19 e Cl 3.5	impureza sexual
Ef 4.22,31 e Cl 3.8	“despojar” pecados
Ef 4.32 e Cl 3.12,13	cristãos gentis uns com os outros
Ef 5.4 e Cl 3.8	a linguagem cristã
Ef 5.18 e Cl 3.16	encher do Espírito = palavra de Cristo
Ef 5.20 e Cl 3.17	ação de graças a Deus por todas as coisas
Ef 5.22 e Cl 3.18	esposas ser sujeitas aos maridos
Ef 5.25 e Cl 3.19	maridos amai vossas esposas
Ef 6.1 e Cl 3.20	filhos obedecei vossos pais
Ef 6.4 e Cl 3.21	pais não provoqueis os filhos
Ef 6.5 e Cl 3.22	servos obedecei os senhores
Ef 6.9 e Cl 4.1	senhores e servos
Ef 6.18 e Cl 4.2-4	pedidos de oração de Paulo

6. Termos usados tanto em Colossenses quanto Efésios que não são encontrados em outra literatura paulina.
   a. “plenitude” (que era o termo gnóstico para níveis angélicos)

Ef 1.23	“a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”
Ef 3.19	“ser cheios de toda a plenitude de Deus”
Ef 4.13	“plenitude de Cristo”
Cl 1.19	“toda a plenitude nele habitasse”
Cl 2.9	“porque nele habita toda a plenitude da divindade”

   b. Cristo como “Cabeça” da igreja
      Ef 4.15, 5.23 e Cl 1.18; 2.19
   c. “separados”
      Ef 2.12; 4.18 e Cl 1.21
   d. “remindo o tempo”
      Ef 5.16 e Cl 4.5
   e. “arraigados”

Ef 3.17 e Cl 1.5

f. “a palavra da verdade, o evangelho”
Ef 1.13 e Cl 1.5

g. “suportando”
Ef 4.2 e Cl 3.13

h. fraseologia e termos incomuns (“organizado”, “provido”)
Ef 4.16 e Cl 2.19

IV. Resumo

1. Mais de um terço das palavras em Colossenses estão também em Efésios. Foi estimado que 75 dos 155 versos em Efésios tenham um paralelo em Colossenses. Ambas afirmam a autoria de Paulo enquanto na prisão.
2. Ambas foram entregues pelo amigo de Paulo Tíquico.
3. Ambas foram enviadas para a mesma área (Ásia Menor).
4. Ambas tratam do mesmo tópico cristológico.
5. Ambas enfatizam Cristo como Cabeça da igreja.
6. Ambas encorajam o viver cristão.

V. Pontos Importantes de Dissimilaridade

1. A igreja era sempre local em Colossenses mas universal em Efésios. Isto pode ser por causa da natureza cíclica da carta de Efésios.
2. A Heresia, que é uma característica tão proeminente de Colossenses, está totalmente ausente em Efésios. Contudo, ambas as cartas usam termos gnósticos característicos (“sabedoria”, “conhecimento”, “plenitude”, “mistério”, “principados e potestades” e “dispensação”)
3. A Segunda Vinda é imediata em Colossenses mas demorada em Efésios. A igreja era, e é, chamada para servir num mundo caído. (2.7; 3.21; 4.13).
4. Vários termos caracteristicamente paulinos são usados de uma maneira diferente. Um exemplo é o termo “mistério”. Em Colossenses o mistério é Cristo (Cl 1.26,27; 2.2; 4.3), mas em Efésios (1.9; 5.32) é o plano de Deus anteriormente escondido, mas agora revelado, para a unidade dos gentios e judeus.
5. Efésios tem várias alusões do AT (1.22 – Sl 8; 2.17 – Is 57.19) (2.20 – Sl 118.22) (4.8 – Sl 68.18) (4.26 – Sl 4.4) (5.15 – Is 26.19, 51.17, 52.1, 60.1) (5.3 – Gn 3.24) (6.2,3 – Êx 20.12) (6.14 – Is 11.5, 59.17) (6.15 – Is 52.7), mas há só uma ou duas em Colossenses (2.3 – Is 11.2) ou (2.22 – Is 29.13).

VI. Embora muito similares em palavras, frases e muitas vezes esboço, as cartas também incluem verdades únicas.

1. A bênção trinitariana da graça – Ef 1.3-14
2. A passagem da graça – Ef 2.1-10
3. A fusão de judeus e gentios em um novo corpo – Ef 2.11-3.13
4. A unidade e os dons do corpo de Cristo – Ef 4.1-16
5. “Cristo e a igreja” são o padrão para “marido e esposa” – Ef 5.22-33
6. A passagem da guerra espiritual – 6.10-18
7. A passagem cristológica – Cl 1.13-18
8. Rituais e regras religiosas humanas – Cl 2.16-23

9. O tema da significância cósmica em Cristo de Colossenses versus o tema da unidade de todas as coisas em Cristo em Efésios.

VII. Em conclusão, parece melhor seguir A. T. Robertson e F. F. Bruce ao afirmar que Paulo escreveu ambas as cartas em estreita proximidade desenvolvendo os pensamentos de Colossenses numa apresentação culminante da verdade, Efésios.

V. DATA

A. A data de Colossenses está vinculada a uma das prisões de Paulo (Éfeso, Filipos, Cesaréia ou Roma). Uma prisão romana enquadra melhor os fatos de Atos.

B. Uma vez que Roma é suposta para ser o local da prisão, a pergunta surge – que tempo? Atos registra que Paulo estava encarcerado no começo dos anos 60. No entanto, ele foi posto em liberdade e escreveu as cartas Pastorais (I & II Timóteo e Tito) e foi então novamente detido e morto antes de 9 de junho, 68 A.D. (a data do suicídio de Nero), provavelmente em 67 A.D.

C. A previsão mais fundamentada para a escrita de Colossenses (Efésios e Filemom) é a primeira prisão de Paulo em Roma no começo dos anos 60. (Filipenses foi a última das cartas da prisão, provavelmente escrita quase no meio dos anos 60).

D. Tíquico, junto com Onésimo, provavelmente levaram as cartas de Colossenses, Efésios e Filemom para Ásia Menor. Depois, possivelmente vários anos mais tarde, Epafrodito, recuperado de sua doença física, levou a carta de Filipenses de volta para sua igreja natal.

E. Possível cronologia dos escritos de Paulo seguindo F. F. Bruce e Murry Harris com pequenas adaptações:

D. Uma possível cronologia dos escritos de Paulo seguindo F. F. Bruce e Murry Harris com pequenas adaptações:

	Livro	Data	Lugar de Escrita	Relação a Atos
1.	Gálatas	48	Antioquia Síria	14.28; 15.2
2.	I Tessalonicenses	50	Corinto	18.5
3.	II Tessalonicenses	50	Corinto	
4.	I Coríntios	55	Éfeso	19.20
5.	II Coríntios	56	Macedônia	20.2
6.	Romanos	57	Corinto	20.3
7.-10.	Cartas da Prisão			
	Colossenses	início dos anos 60	Roma	
	Efésios	início dos anos 60	Roma	
	Filemom	início dos anos 60	Roma	
	Filipenses	fim de 62-63	Roma	28.30,31
11.-13.	Quarta Viagem Missionária			
	I Timóteo	63 (ou mais tarde	Macedônia	

Tito	63 mas antes de	Éfeso (?)
II Timóteo	64 68 A.D.)	Roma

VI. DESTINATÁRIOS E OCASIÃO

A. A igreja foi aparentemente iniciada por Epafras (cf. 1.7,8; 2.1; 4.12,13), que foi provavelmente convertido por Paulo em Éfeso (cf. Cl 1.7,8 e compare 2.1). Era principalmente constituída de gentios (cf. 1.21; 3.7). Epafras veio a Paulo na prisão para informar sobre um problema com falsos mestres que ensinavam uma mistura de cristianismo com filosofia grega chamada gnosticismo (2.8) e legalismo judaico (cf. elementos judaicos, 2.11, 16, 17; 3.11; adoração de anjo, 1.16; 2.15,18 e ascetismo 2.20-23). Havia uma grande comunidade judaica em Colossos que tinha se tornado muito helenista. A essência do problema se concentrou na pessoa e obra de Cristo. Os gnósticos negavam que Jesus era plenamente homem, mas afirmavam que Ele era completamente divino por causa do eterno dualismo antagônico deles entre matéria e espírito. Eles afirmariam Sua Deidade, mas negariam Sua humanidade. Eles também negavam Sua preeminência medianeira. Para eles havia muitos níveis angélicos (*aeons*) entre um deus alto bom e a humanidade. Eles também tinham a tendência de ser intelectualmente exclusivos (cf. 3.11, 14, 16, 17) e enfatizavam um conhecimento secreto exclusivo especial (cf. 2.15, 18, 19) como o caminho para Deus em vez do sacrifício vicário, expiador de Jesus e resposta de fé arrependida da humanidade para Sua oferta gratuita de perdão.

B. Por causa dessa atmosfera teológica, filosófica, o livro de Colossenses enfatiza
   1. A singularidade da pessoa de Cristo e Sua obra acabada de salvação.
   2. A propriedade, reino e significância cosmológica de Jesus de Nazaré – Seu nascimento, seus ensinamentos, Sua vida, Sua morte, Sua ressurreição e Sua ascensão! Ele é Senhor de todos!

VII. PROPÓSITO

O propósito de Paulo era refutar a heresia colossense. Para alcançar essa meta, ele exaltou a Cristo como a exata imagem de Deus (1.15), o Criador (1.16), o sustentador preexistente de todas as coisas (1.17), a cabeça da igreja (1.18), o primeiro a ser ressuscitado (1.18), a plenitude da divindade em forma corporal (1.19, 2.9) e o reconciliador (1.20-22). Assim, Cristo era completamente adequado. Aos crentes “foi dada a plenitude em Cristo” (2.10). A heresia colossense era completamente inadequada teologicamente para fornecer salvação espiritual. Era uma filosofia falsa e enganosa (2.8), carecendo de qualquer habilidade para conter a velha natureza pecaminosa (2.23).

O tema recorrente em Colossenses é a completa suficiência de Cristo quando contrastada com a inutilidade de mera filosofia humana. Essa suficiência é expressa no Senhorio cósmico de Jesus. He é dono, criador e soberano sobre todas as coisas, visíveis e invisíveis (cf. 1.15-18).

VIII. ESBOÇO

A. Aberturas paulinas tradicionais
   1. Identificação com o remetente, 1.1
   2. Identificação com os destinatários, 1.2a
   3. Saudações, 1.2b

B. A Supremacia de Cristo (tópicos 1-10 retirados do esboço de parágrafo da NKJV)
   1. Fé em Cristo, 1.3-8
   2. Reconciliação em Cristo, 1.19-23
   3. Serviço sacrificial por Cristo, 1.24-29
   4. Não a filosofia, mas Cristo, 2.1-10
   5. Não o legalismo, mas Cristo, 2.11-23
   6. Não a carnalidade, mas Cristo, 3.1-11
   7. Revestir de Cristo, 3.12-17
   8. Deixe Cristo afetar seu lar, 3.19-4.1
   9. Deixe Cristo afetar sua vida diária, 4.2-6

C. Mensageiros de Paulo, 4.10-14

D. Amigos de Paulo enviam suas saudações, 4.10-14

E. Paulo envia saudações, 4,15-17

F. Conclusão de Paulo de sua própria mão, 4.18

IX. GNOSTICISMO

A. A maior parte de nosso conhecimento dessa heresia vem dos escritos gnósticos do segundo século. Contudo, as idéias incipientes estavam presentes no primeiro século (Rolos do Mar Morto).

B. O problema em Colossos era um cristianismo híbrido, gnosticismo incipiente e legalismo judaico.

C. Alguns princípios declarados do gnosticismo valentiniano e cerintiano do segundo século
   1. Matéria e espírito eram co-eternos (um dualismo ontológico). Matéria é má, espírito é bom. Deus, que é espírito, não pode ser diretamente envolvido com matéria de moldagem má
   2. Há emanações (*aeons* ou níveis angélicos) entre Deus e matéria. O último ou o mais baixo era YHWH do Antigo Testamento que formou o universo (*kosmos*).
   3. Jesus era uma emanação como YHWH, mas mais alto na escala, mais próximo do verdadeiro Deus. Alguns O colocavam como o mais alto mais ainda menos do que Deus e certamente divindade não encarnada (cf. Jo 1.14). Visto que a matéria é má, Jesus não poderia ter um corpo humano e ainda ser divino. Ele somente pareceu humano, mas era realmente um espírito (cf. I Jo 1.1-3; 4.1-6).
   4. Salvação era obtida através da fé em Jesus mais conhecimento especial, que é somente

conhecido por pessoas especiais. Conhecimento (senhas) era necessário para passar pelas esferas celestiais. Legalismo judaico era também exigido para alcançar a Deus.

D. Os falsos mestres gnósticos defendiam dois sistemas éticos contrários:
   1. Para alguns, estilo de vida estava totalmente não relacionado com salvação. Para eles, salvação e espiritualidade estavam encapsuladas em conhecimento secreto (senhas) através das esferas angélicas (*aeons*).
   2. Para outros, estilo de vida era crucial para salvação. Neste livro, os falsos mestres enfatizavam um estilo de vida ascético com uma evidência da verdadeira espiritualidade (cf. 2.16-23).

E. Um bom livro de referência é *The Gnostic Religion* [A Religião Gnóstica] de Hans Jonas, publicado por Beacon Press.

X. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. “a esperança que vos está reservada nos céus”, 1.5
2. O evangelho, 1.5
3. “o império das trevas”, 1.13
4. Redenção, 1.14
5. “o Deus invisível”, 1.15
6. “toda a plenitude nele habitasse”, 1.19
7. “havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz”, 1.20
8. “cumpro o resto das aflições de Cristo”, 1.24
9. “a tradição dos homens”, 2.8
10. “os rudimentos do mundo”, 2.8,20
11. “sepultados com ele no batismo”, 2.12
12. “vós estáveis mortos nos pecados”, 2.13
13. “cancelado o escrito de dívida”, 2.14
14. “vossa vida está escondida com Cristo em Deus”, 3.3
15. Bárbaro, 3.11
16. “a que veio de Laodicéia”, 4.16

XI. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

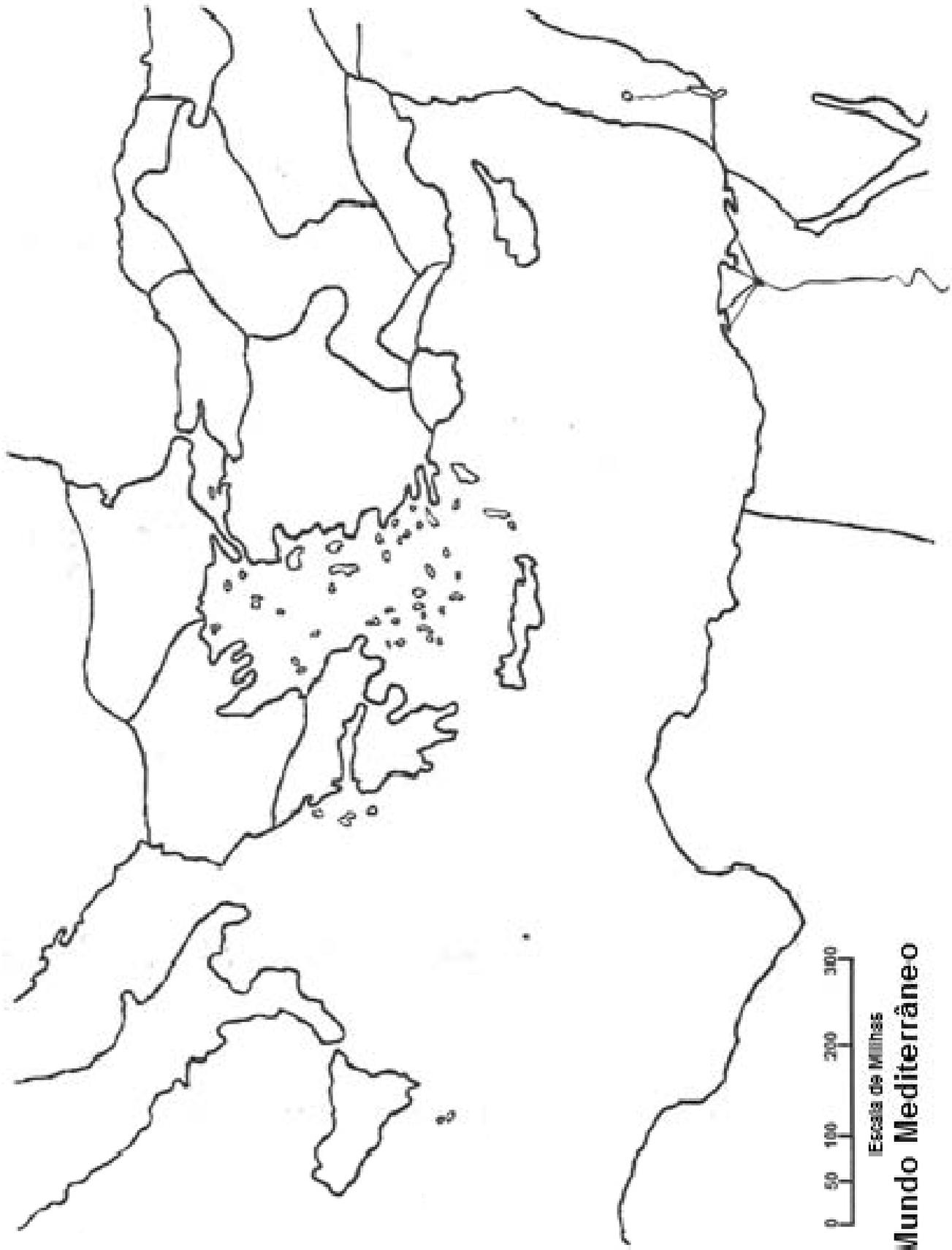
1. Epafras, 1.7, 4.12
2. “o primogênito de toda a criação”, 1.15
3. “tronos ou dominações ou principados ou potestades”, 1.16
4. O primogênito dos mortos, 1.18
5. Cita, 3.11
6. Tíquico, 4.7
7. Onésimo, 4.9
8. Marcos, 4.10
9. Lucas, 4.14
10. Demas, 4.14

XII. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Colossos, 1.2
2. Laodicéia, 2.1
3. Hierápolis, 4.13

XIII. QUESTÕES DE DISCUSSÕES

1. Por que Paulo fala tanto sobre conhecimento e sabedoria? (1.9)
2. O que a advertência de 1.23 implica?
3. Qual é o mistério de Deus escondido desde as eras passadas? (1.27)
4. Paulo não conhecia as pessoas dessa igreja? (2.1)
5. Como alguém pode levá-los cativos através da filosofia? (2.8)
6. Que doutrina 2.9 enfatiza?
7. Explique o fundo histórico romano de 2.15.
8. A quem 2.16 está se referindo?
9. Como 2.14-23 se dirige ao legalismo?
10. Por que os pecados de 3.5 se igualam a idolatria?
11. Como Cl 3.11 se relacionam com Gl 3.28?
12. Como 3.16 está relacionado com Ef 5.18?
13. Qual é o princípio espiritual de 3.23?
14. Explique em suas próprias palavras o provérbio de 4.6.
15. Por que Paulo escreveu a conclusão de todas suas cartas? (4.18)

0 50 100 200 300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS TESSALONICENSES

I. DECLARAÇÃO DE ABERTURA

A. Breve sumário
1. As cartas tessalonicenses fornecem tremenda percepção de Paulo tanto como missionário quanto pastor. Nós o encontramos estabelecendo a igreja num curto tempo e continuando a orar e estar preocupado sobre seu crescimento, desenvolvimento e ministério.
2. Nós o vemos proclamando fielmente o evangelho, preocupado pelos convertidos, repreendendo-os, elogiando-os, guiando-os, exortando-os, ensinando-os, amando-os, até dando-se para eles. Ele estava entusiasmado com o progresso deles para aquele ponto, mas estava desapontado com a proporção em que eles amadureceram.

B. A Cidade de Tessalônica
1. Breve história de Tessalônica
   a. Tessalônica estava localizada na extremidade do Golfo Termaico. Tessalônica era uma cidade costeira na principal estrada romana, Via Ignatia (o caminho das nações), estendendo-se em direção ao leste de Roma. Um porto, estava também muito próxima a uma rica, bem regada, planície costeira. Estas três vantagens tornaram Tessalônica o maior, mais importante centro comercial e político na Macedônia.
   b. Tessalônica foi originalmente chamada Terá, derivado das nascentes quentes localizadas na área. Um historiador primitivo, Plínio o Ancião, refere-se a Terá e Tessalônica existindo juntos. Se este é o caso, Tessalônica simplesmente rodeou Terá e a anexou. (Leon Morris, *The First e Second Epistles to the Thessalonians* [A Primeira e Segunda Epístolas aos Tesalonicenses], Grand Rapids: Wm. B. Erdmann Publishing Company, 1991, p.11). Contudo a maioria dos historiadores acredita que Cassandro, um dos generais de Alexandre o Grande, deu a Terá em 315 a.C. o nome da filha de Filipe da Macedônia e meia-irmã e esposa de Alexandre o Grande, Tessalônica (Strabo VII Fragmento 21). Em algum tempo durante os primeiros séculos da propagação do cristianismo, Tessalônica veio a ser apelidada “a cidade ortodoxa” por causa de seu caráter cristão (Dia Farra, *The Lei and Work of STF. Paul* [A Vida e Obra de São Paulo], New York: Cassou and Company, Limited, 1904, p. 364). Hoje Tessalônica é conhecida como Salônica e ainda é uma cidade importante na Grécia.
   c. Tessalônica era uma metrópole cosmopolita similar a Corinto, habitada por pessoas de todo o mundo conhecido.
      (1) Povos germânicos bárbaros do norte estavam morando lá, levando com eles sua religião e cultura pagã.
      (2) Gregos moravam lá, vindo da Acaia para o Sul e das ilhas do Mar Egeu, por sua vez levando seu refinamento e filosofia.
      (3) Romanos do ocidente também se estabeleceram lá. Eles eram principalmente soldados aposentados e levaram sua força de vontade, riqueza e poder político.
      (4) Finalmente, judeus foram em grandes números do oriente; finalmente um terço da população era judaico. Levaram com eles sua fé ética monoteísta e seus preconceitos nacionais.
   d. Tessalônica com uma população de aproximadamente 200,000, era uma cidade verdadeiramente cosmopolita. Era um resort e centro de saúde por causa das nascentes quentes. Era um centro comercial por causa do porto, planícies férteis e proximidade da Via Inácia.
   e. Como capital e maior cidade, Tessalônica era também a sede política central da Macedônia. Sendo uma capital provincial romana e lar de muitos cidadãos romanos

(principalmente soldados aposentados), ela se tornou uma cidade livre. Tessalônica não pagava tributo e era governada pela lei romana, visto que a maioria dos tessalonicenses eram cidadãos romanos. Assim, os governantes tessalonicenses eram chamados "politarcos". Esse título aparece não aparece em nenhum lugar mais na literatura, mas é preservado por uma inscrição sobre arco do triunfo em Tessalônica conhecido como o Portão Vardar (Farrar, p. 371n.).

2. Eventos que levam à chegada de Paulo a Tessalônica
   a. Muitos eventos levaram Paulo a Tessalônica, contudo por trás de todas as circunstâncias físicas está o direto, definitivo chamado de Deus. Paulo não tinha planejado originalmente entrar no continente europeu. Porém seu desejo nessa segunda viagem missionária era revisitar as igrejas na Ásia Menor que ele tinha revisitado em sua primeira viagem e então dar volta em direção ao leste. Contudo, exatamente quando o momento chegou para dar volta em direção ao nordeste, Deus começou a fechar as portas. O auge disso foi a visão macedônia de Paulo (cf. Atos 16.6-10). Isso fez duas coisas acontecerem: primeiro, o continente da Europa foi evangelizado e segundo, Paulo, por causa das circunstâncias Macedônia, começou a escrever suas Epístolas (Thomas Carter, *Life and Letters of Paul* [Vida e Cartas de Paulo], Nashville: Cokesbury Press, 1991, p. 112).
   b. Depois de observar a direção espiritual acima, as circunstâncias físicas que levaram Paulo para Tessalônica foram:
      (1) Paulo foi para Filipos, uma pequena cidade sem sinagoga. Seu trabalho lá foi impedido pelos proprietários de uma moça escrava demoníaca, profética e pelo conselho da cidade. Paulo foi espancado e humilhado, contudo uma igreja foi formada mesmo no meio de tudo isso. Por causa da oposição e punição física, Paulo foi forcado a partir, possivelmente antes do que ele tinha desejado.
      (2) Aonde ele iria de lá? Ele passou por Anfípolis e Apolônia que também não tinha sinagoga,
      (3) Ele veio para a maior cidade na área, Tessalônica, que tinha uma sinagoga. Paulo tinha tornado um padrão ir aos judeus locais primeiro. Ele fez isso por causa:
         (a) Do conhecimento deles do Antigo Testamento;
         (b) Da oportunidade para ensinar e pregar isso à sinagoga apresentada;
         (c) Da posição deles como o povo escolhido, povo do pacto de Deus (cf. Mt 10.6; 15.24; Rm 1.16,17; 9-11);
         (d) Jesus tinha oferecido a Si mesmo primeiro para eles, então para o mundo – assim também, Paulo seguiria o exemplo de Cristo.

3. Companheiros de Paulo
   a. Paulo estava acompanhado por Silas e Timóteo em Tessalônica. Lucas estava com Paulo em Filipos e permaneceu lá. Lucas fala de "nós" em Filipos, mas de "eles" quando viajando para Tessalônica.
   b. Silas, ou Silvano, era o homem que Paulo escolheu para ir com ele na segunda viagem missionária depois que Barnabé e João voltaram para Chipre:
      (1) Ele é o primeiro mencionado na Bíblia em Atos 15.22 onde ele é chamado um principal entre os irmãos da igreja de Jerusalém.
      (2) Ele era também um profeta (cf. Atos 15.32)
      (3) Ele era um cidadão romano como Paulo (cf. Atos 16.37).
      (4) Ele e Judas Barsabás foram enviados para Antioquia pela igreja de Jerusalém para inspecionar a situação (cf. Atos 15.22,30-35).
      (5) Paulo elogia-o em II Co 1.19 e menciona-o em várias cartas.
      (6) Depois ele é identificado ao escrever I Pedro (cf I Pe 5.12).
      (7) Tanto Paulo quanto Pedro chamam-no Silvano enquanto Lucas o chama Silas.
   c. Timóteo era também um companheiro e cooperador de Paulo:
      (1) Paulo o conheceu em Listra onde ele foi convertido na primeira viagem

missionária.

(2) Timóteo era meio grego (pai) e meio judeu (mãe). Paulo queria utilizá-lo para trabalhar com evangelização dos gentios.
(3) Paulo o circuncidou para que ele pudesse trabalhar com o povo judeu.
(4) Timóteo é mencionado na saudação em: I Coríntios, Colossenses, I e II Tessalonicenses e Filemom.
(5) Paulo falou dele como "meu filho no ministério" (cf. I Tm 1.2; II Tm 1.2; Tt 1.4).
(6) O tom geral de Paulo por todas suas cartas implica que Timóteo era mais jovem e tímido. Contudo Paulo tem grande confiança e esperança nele (cf. Atos 19.27; I Co 4.17; Fp 2.19).

d. É só ajustando na seção sobre os companheiros de Paulo que a menção é feita dos homens que vieram e para Tessalônica e acompanharam Paulo em missões posteriores. Eles são Aristarco (Atos 19.29; 20.4; 27.2) e Segundo (Atos 20.4). Também, Demas poderia ter sido da Macedônia (Fm 24; II Tm 4.10).

4. O Ministério de Paulo na Cidade

a. O ministério de Paulo em Tessalônica seguiu seu padrão habitual de ir aos judeus primeiro e então voltar-se para os gentios. Paulo pregou em três sábados na sinagoga. Sua mensagem foi "Jesus é o Messias". Ele usou Escrituras do Antigo Testamento para mostrar que o Messias devia ser um Messias sofredor (cf. Gn 3.15; Is 53), e não um messias político temporal. Paulo também enfatizou a ressurreição e ofereceu salvação para todos. Jesus foi claramente apresentado como o Messias prometido do passado que poderia salvar todas as pessoas.

b. A resposta a essa mensagem foi que os judeus, muitos devotos gentios, e muitas mulheres importantes aceitaram Jesus como Salvador e Senhor. Uma análise desses grupos de convertidos é muito significativa em compreender as cartas posteriores de Paulo para essa igreja.

c. Os gentios formavam a maioria dos membros da igreja, visto pela ausência de alusões ao AT em qualquer uma das duas epístolas. Os gentios aceitaram prontamente aceitaram Jesus como Salvador e Senhor por várias razões:

(1) Suas religiões tradicionais eram superstições impotentes. Tessalônica ficava ao pé do Monte Olimpo e todos sabiam que seus penhascos estavam vazios.
(2) O evangelho era gratuito para todos.
(3) O cristianismo não continha o nacionalismo judaico exclusivo. A religião judaica tinha atraído muitos por causa de seu monoteísmo e sua alta moralidade, mas ela também repeliu muitos por causa de suas cerimônias repugnantes (tal como circuncisão) e seus preconceitos raciais e nacionais inerentes.

d. Muitas "mulheres principais" aceitaram o cristianismo, por causa das habilidades dessas mulheres para fazer suas próprias escolhas religiosas. As mulheres eram mais livres na Macedônia e Ásia Menor do que no resto do mundo greco-romano (Sir Wm. M. Ramsay, *St. Paul the Traveller and Roman Citizen* [São Paulo o Viajante e Cidadão Romano], New York: G. P. Putnam's Sons, 1986, p. 227). Contudo a classe mais pobre das mulheres ainda estavam debaixo do domínio da superstição e politeísmo (Ramsay, p. 229).

e. Muitos encontraram um problema na duração do tempo que Paulo ficou em Tessalônica:

(1) Atos fala da argumentação de Paulo na sinagoga em três sábados enquanto em Tessalônica.
(2) I Ts 2.7-11 fala do trabalho de Paulo em seu ofício. Este era fazer tenda ou como alguns sugeriram trabalhar com couro.
(3) Fp 4.16 apóia a residência mais longa, quando Paulo recebeu pelo menos duas doações de dinheiro da igreja em Filipos enquanto em Tessalônica. A distância

entre as duas cidades é de aproximadamente 160 km. Alguns sugerem que Paulo ficou cerca de dois ou três meses e que os três sábados somente referem-se ao ministério para os judeus (Shepard, p. 165).

(4) Os relatos discrepantes dos convertidos em Atos 17.4 e I Ts 1.9 e 2.4 apóiam essa visão, a diferença-chave nos relatos sendo a rejeição dos ídolos pelos gentios. Os gentios em Atos eram judeus prosélitos e já tinham se convertido dos ídolos. O contexto implica que Paulo pode ter tido um ministério maior entre os gentios pagãos do que os judeus.

(5) Quando um ministério maior pode ter ocorrido é incerto porque Paulo sempre foi para os judeus primeiro. Depois que eles rejeitavam sua mensagem, ele se voltava para os gentios. Quando eles respondiam ao evangelho em grandes números, os judeus ficavam com ciúme e iniciavam um distúrbio entre a turba da cidade.

f. Por causa de um distúrbio Paulo deixou a casa de Jason e se escondeu com Timóteo e Silas ou pelo menos eles não estavam presentes quando a turba assaltou a casa de Jason procurando por eles. Os politarcos fizeram Jason aceitar um acordo de segurança para garantir paz. Isso fez Paulo deixar a cidade à noite e ir para Beréia. Todavia, a igreja continuou seu testemunho de Cristo apesar de muita oposição.

II. AUTOR

A. <u>I Tessalonicenses.</u> Somente críticos da forma modernos têm posto em dúvida a autoria paulina e a autenticidade de I Ts, mas suas conclusões não têm convencido muitos eruditos. I Ts está incluída no cânon de Marcião e no Fragmento Muratoriano (200 A.D.). Ambas as listas de livros canônicos do NT circulou em Roma. Irineu citou I Ts de nome – ele escreveu por volta de 180 A.D.

B. <u>II Tessalonicenses.</u>

1. O livro de I Ts sempre foi aceito como paulino e tem sido atacado em várias posições:
   a. O vocabulário representa um problema. A carta contém muitas palavras não encontradas nas outras cartas paulinas.
   b. “O estilo é estereotipado e às vezes curiosamente formal” (Heard, p. 186).
   c. A escatologia das duas cartas é supostamente inconsistente.
   d. II Ts contém uma visão do Anticristo única no NT, portanto, alguns concluem que Paulo não poderia ser o autor.
2. A autenticidade de II Ts está baseada em várias premissas:
   a. Policarpo, Inácio e Justino reconheceram-na:
   b. O cânon marcionita a incluiu;
   c. O Fragmento Muratoriano a incluiu;
   d. Irineu a citou de nome;
   e. O vocabulário, estilo e teologia são tão paulinos quanto I Ts.

C. As Duas comparadas

1. As duas cartas são muito similares, não só em idéias, mas também em exata fraseologia. Se a linguagem da fórmula de abertura e conclusão é excluída, semelhanças ainda ocorrem em aproximadamente um terço do material.
2. O tom geral de II Ts é diferente da primeira carta, sendo mais fria e mais formal. Contudo isso pode ser facilmente compreendido quando alguém vê as circunstâncias emocionais

envolvidas na escrita da primeira carta e os problemas desenvolvidos da segunda carta.

D. A Ordem das Cartas

1. Uma outra hipótese interessante é apresentada por F. W. Manson usando as observações de Weiss. Eles afirmam que a ordem dos livros está invertida. As razões para isso são:
   a. as provas e tribulações estão em seu auge em II Ts, mas estão passadas em I Ts;
   b. Em II Ts as dificuldades internas são faladas de como um novo desenvolvimento do qual o autor da carta acabou de ficar sabendo, enquanto em I Ts as circunstâncias eram familiares a todos interessados;
   c. A afirmação que os tessalonicenses não têm necessidade de ser instruídos sobre tempos e estações (I Ts 5.1) é muito relevante se eles estão familiarizados com II Ts 2;
   d. A fórmula “Mas acerca...” em I Ts 4.9, 13; 5.1, é como aquela em I Co 7.1,25; 8.1; 12.1; 16.1,12, onde o autor está respondendo a pontos levantados numa carta enviada a ele. Maison acha que as respostas podem dizer respeito a certas questões surgindo de declarações em II Ts.

2. Varias premissas podem contrapor-se a esse argumento
   a. Os problemas que ocupam a atenção de Paulo intensificam e aprofundam de I Ts para II Ts;
   b. As passagens em II Ts referem-se a uma carta de Paulo (2.2, 15; 3.17) e se supormos essa carta não seja I Ts, então temos o problema de uma carta perdida;
   c. As reminiscências pessoais formando uma parte tão proeminente da primeira carta está faltando na segunda, que parece natural se a carta é uma continuação para a primeira;
   d. O tom das cartas parece completamente antinatural a essa situação se a ordem está invertida.

III. DATA DAS CARTAS

A. A data para a escrita das Cartas Tessalonicenses é uma das datas mais incertas que temos envolvendo cartas de Paulo. Está registrado que enquanto Paulo estava em “Corinto ele foi preso e levado diante de Gálio, o procônsul da Acaia”. Uma inscrição descoberta em Delfos responde uma questão referida ao imperador Cláudio por esse mesmo Gálio. Foi datada no décimo-segundo ano de poder tribunal do imperador e depois de sua vigésima-sexta aclamação como imperador. Esse décimo-segundo ano foi de 25 de janeiro de 52 A.D. a 24 de janeiro de 53 A.D. Enquanto a data da vigésima-sexta aclamação não é exatamente conhecida, a vigésima-sétima foi antes de 1 de agosto de 52 A.D. A decisão de Cláudio teria sido dada a Gálio durante a primeira metade de 52. Nesse tempo os procônsules geralmente recebiam seus cargos no começo do inverno e ocupavam o cargo durante um ano. Pareceria, portanto, que Gálio ingressou em seu mandato no começo de do verão de 51” (Morris, p. 15).

B. Essa datação do mandato do procônsul não resolve completamente todos os problemas da datação das Cartas Tessalonicenses. Paulo esteve em Corinto durante 18 meses (Atos 18.11) mas em que tempo ele apareceu antes de Gálio não é conhecido. A maioria dos comentaristas datam I e II Tessalonicenses em 50-51 A.D.

IV. EVENTOS QUE CIRCUNDAM AS CARTAS TESSALONICENSES

A. Os eventos que levaram a escrita de Paulo das cartas tessalonicenses são complexos e entrelaçados. Certas distinções devem ser observadas, especialmente no que se refere ao cenário físico e o cenário emocional. Paulo foi forçado a deixar os novos crentes tessalonicenses porque os judeus tinham incitado a turba supersticiosa, politeísta da cidade para amotinar-se na casa de Jason numa busca por Paulo e seus companheiros. Depois de uma audiência diante dos politarcas, Jason e outros líderes cristãos foram forçados a aceitar um acordo de segurança para garantir paz. Quando Paulo ouviu falar disso ele sabia que tinha de mudar e deixar essa igreja jovem, imatura. Ele, portanto, foi para Beréia com Timóteo e Silas. Timóteo aparentemente ficou em princípio (cf. Atos 17.10) então depois se juntou com Silas para ir a Atenas (cf. Atos 17.15). Em princípio a recepção honesta dos judeus em Beréia foi uma bênção para apesar de tão firme oposição judaica anteriormente. Contudo isso não durou muito tempo. Os judeus de Tessalônica desceram para Beréia e começaram a causar problema. Portanto, Paulo teve de partir novamente.

B. Nesse tempo Paulo foi para Atenas onde recebeu uma acolhida fria e insensível. Ele se tornou uma novidade para os filósofos acadêmicos. Sua experiência na Macedônia foi caracterizada por perseguição e oposição. Ele foi espancado, despido e perseguido para fora da cidade à noite. Os eruditos zombaram dele e os pagãos e muitos de seus próprios compatriotas odiaram-no (cf. II Co 4.7-11; 6.4-10; 11.23-29).

C. Paulo tinha sido forçado a deixar essa igreja promissora em Tessalônica num momento crucial. Eles eram imaturos na fé e estavam enfrentando aflição e perseguição. Paulo não suportava mais a angústia mental. Preocupado com os novos convertidos, em algum lugar entre Beréia e Atenas. Paulo enviou Timóteo e Silas de volta para as novas igrejas macedônias. Timóteo foi para Tessalônica. Muitos acham que ele ficou e ministrou lá durante seis meses a um ano. A igreja precisava desesperadamente de alguém para ensiná-los, confortá-los e encorajá-los. Timóteo mesmo foi um bem novo convertido. Ele foi convertido na primeira viagem missionária de Paulo, mas ele só tinha estado com Paulo desde que Paulo foi para Listra em sua segunda viagem missionária. Ele era, portanto, novo no ministério, mas Paulo tinha grande confiança nele. Essa era a primeira missão de Timóteo como representante oficial de Paulo.

D. Paulo ministrou em Atenas sozinho e ficou muito desencorajado e deprimido por causa da falta de resposta ao evangelho na Macedônia e sua preocupação incessante pelos novos convertidos lá. Ele estava preocupado com a igreja tessalonicense em particular. Uma igreja poderia ser fundada num tempo tão curto e em circunstâncias difíceis e ainda perdurar? (Carter, p. 115). Para acrescentar a isso ele não tinha recebido nenhuma palavra de Timóteo e Silas durante algum tempo (seis meses a um ano, embora alguns digam somente um ou dois meses) (Farrar, p. 369). Esse era o estado emocional em que se encontrava Paulo quando ele chegou a Corinto.

E. Em Corinto duas coisas aconteceram que encorajaram Paulo grandemente
   1. A visão que Deus tinha muitos em Corinto que responderiam ao evangelho (Atos 18,9,10).
   2. Timóteo e Silas chegaram e trouxeram boas notícias (Atos 18.5). Foi a mensagem Timóteo de Tessalônica que levaria Paulo a escrevê-los de Corinto. Paulo estava respondendo às perguntas da igreja sobre questões doutrinárias e práticas.

F. A escrita de II Ts não foi muito tempo depois de I Ts porque ela não atingiu tudo que tinha esperado que alcançaria. Também, ele tinha se tornado consciente de outros problemas. Muitos estudiosos acreditam que II Ts foi escrita aproximadamente seis meses depois de I Ts.

V. PROPÓSITO DAS CARTAS

A. As Cartas Tessalonicenses tinham um propósito triplo:
   1. Compartilhar a alegria e ação de graças de Paulo a Deus pela fidelidade e semelhança a Cristo dos tessalonicenses, mesmo em meio a perseguição.
   2. Responder a crítica de seus motivos e caráter que tinham sido trazido contra ele.
   3. Discutir o retorno do Senhor. Esses elementos escatológicos da pregação de Paulo causaram duas questões nas mentes dos cristãos tessalonicenses:
      a. O que aconteceria aos crentes que tinham morrido antes do retorno do Senhor?
      b. O que aconteceria aos crentes na congregação que tinham parado de trabalhar estavam passando o dia sentado esperando pelo retorno do Senhor (Barclay, pp. 21-22).

B. Muito do acima pode ser explicado pelo fato que essa era uma igreja jovem e muito zelosa. Contudo, por causa das circunstâncias, eles eram imperfeitamente treinados e disciplinados. Esses problemas representam o que seria esperado de uma igreja dessa natureza: os crentes novos, os fracos, os tímidos, os preguiçosos, os visionários e os perplexos.

C. A ocasião para II Tessalonicenses foi, “É simplesmente uma segunda prescrição para o mesmo caso, feita depois de descobrir que certos sintomas insistentes não tinham cedido ao primeiro tratamento.” (Walker, p. 2968)

VI. BIBLIOGRAFIA DAS FONTES CITADAS

Barclay, William. *The Letters and the Revelation. The New Testament* [As Cartas e o Apocalipse], 2 vol. New York: Collins, 1969.

Carter, Thomas. *Life and Letters of Paul* [Vida e Cartas de Paulo]. Nashville: Cokesbury Press, 1921.

Farrar, Dean. *The Life and Work of St. Paul* [A Vida e Obra de São Paulo]. New York: Cassel and Company, Limited, 1904.

Heard, Richard. *An Introduction to the New Testament* [Uma Introdução ao Novo Testamento]. New York: Harper and Row Publishers 1950.

Metzger, Bruce Manning. *The New Testament: Its Background, Growth and Content* [O Novo Testamento: Sua formação, Crescimento e Conteúdo]. Nashville: Abingdon Press, 1965.

Manson, T. W. *Studies in the Gospels and Epistles* [Estudos nos Evangelhos e Epístolas]. Philadelphia: Westminster, 1962.

Morris, Leon. *The First e Second Epistles to the Thessalonians* [A Primeira e Segunda Epístolas aos Tesalonicenses], Grand Rapids: Eerdmans, 1991.

Ramsay, W. M. *St. Paul the Traveller and Roman Citizen* [São Paulo, o Viajante e Cidadão Romano], New York: G. P. Putnam's Sons, 1896.

Shepard, J. W. *The Life and Letters of Paul* [A Vida e Cartas de Paulo]. Grand Rapids: Wm. B. Eeerdmans Publishing Company, 1950.

Walker, R. H. *The International Standard Bible Encyclopedia* [Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional]. Vol. V.N.D.

VII. ESBOÇO DO CONTEÚDO *

I. Saudação, 1.1

II. Oração de ação de graças, 1.2-4

III. Reminiscências, 1.5-2.16
   1. Resposta dos tessalonicenses à pregação original, 1.5-10
   2. A pregação do Evangelho em Tessalônica, 2.1-16
      a. A pureza dos motivos da equipe, 2.1-6a
      b. A recusa da equipe em aceitar manutenção, 2.6b-9
      c. O comportamento da equipe tinha sido impecável, 2.10-12
      d. A mensagem da equipe da Palavra de Deus, 2.13
      e. Perseguição, 2.14-16

IV. O relacionamento de Paulo com os tessalonicenses, 2.17-3.13
   1. Seu desejo de retornar, 2.17,18
   2. Alegria de Paulo nos tessalonicenses, 2.19,20
   3. Missão de Timóteo 3.1-5
   4. Relatório de Timóteo, 3.6-8
   5. Satisfação de Paulo, 3.9,10
   6. Oração de Paulo, 3.11-13

V. Exortação à Vida Cristã, 4.1-12
   1. Geral, 4.1,2
   2. Pureza sexual, 4.3-8
   3. Amor fraternal, 4.9,10
   4. Ganhar o seu sustento, 4.11,12

VI. Problemas associados com a Segunda Vinda de Cristo, 4.13-5.11

1. Crentes que morreram antes da Parousia, 4.13-18
2. O tempo da Parousia, 5.1-3
3. Filhos do dia, 5.4-11

VII. Exortações gerais, 5.12-22

VIII. Conclusão, 5.23-28

* Este livro esboça tão organizadamente numa seção doutrinária e uma seção prática quanto à maioria das outras cartas de Paulo. Se o padrão geral é seguido, a discussão de Paulo da Segunda Vinda em 4.17,18 é a seção prática, não a doutrinária. A Segunda Vinda não uma doutrina a ser afirmada somente, mas uma vida para viver em antecipação de Seu retorno a qualquer momento.

VIII. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. "E vós fostes feitos nossos imitadores", 1.6
2. "Deus vivo e verdadeiro", 1.9
3. "a ira futura", 1.10
4. "como a ama", 2.7
5. "contrários a todos os homens", 2.15
6. "Satanás no-lo impediu", 2.18
7. "supramos o que falta à vossa fé", 3.10
8. Santificação, 4.3
9. Adormecido, 4.13
10. "não precederemos os que dormem", 4.15
11. "a trombeta de Deus", 4.16
12. "as nuvens", 4.17
13. "assim estaremos sempre com o Senhor", 4.17
14. Dormir, 5.6,7
15. Sóbrio, 5.8
16. "couraça da fé e do amor", 5.8
17. "capacete, a esperança da salvação", 5.8
18. Um ósculo santo, 5.26
19. Perseverança, II Ts 1.4
20. Destruição eterna, II Ts 1.9
21. Apostasia, II Ts 2.3
22. "o Senhor desfará pelo assopro da sua boca", II Ts 2.8

IX. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

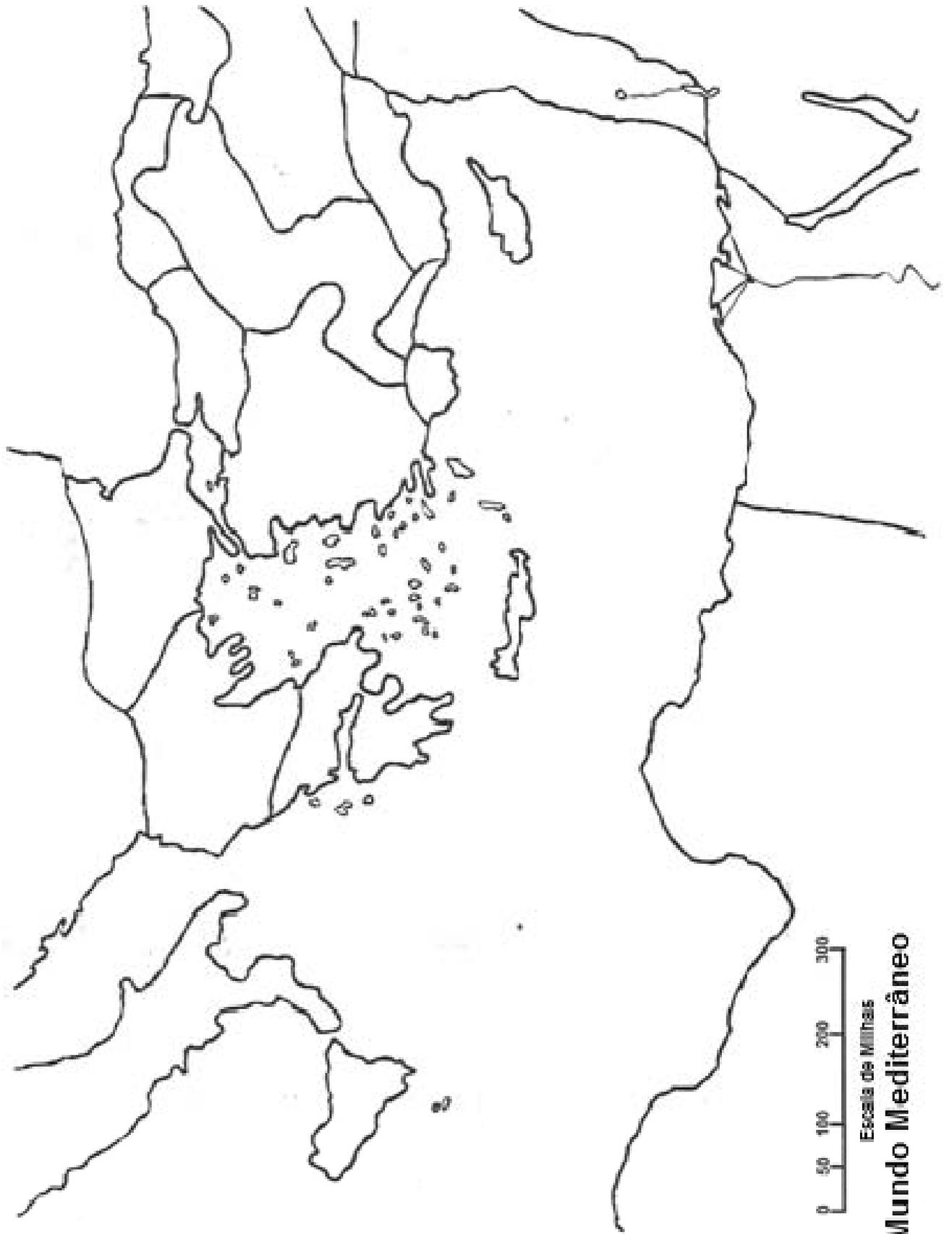
1. Silvano, II Ts 1.1
2. Arcanjo, I Ts 4.16
3. "quando disserem...", I Ts 5.3
4. "o homem da iniqüidade", II Ts 2.3
5. "aquele que agora o detém", II Ts 2.7
6. "que anda desordenadamente", II Ts 3.6

X. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Tessalônica, 1.1
2. Macedônia, 1.8
3. Acaia, 1.8
4. Filipos, 2.2
5. Judéia, 2.14
6. Atenas, 3.1

XI. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Paulo descreve sua pregação de cinco maneiras em 2.3 e 5. Liste-as.
2. Por que Paulo não aceitaria dinheiro das igrejas a que pregou?
3. Como 4.11 se relaciona com a situação histórica que fez Paulo escrever essa carta? (Também II Ts 3.6-12)
4. Como 4.17 se relaciona com rapto?
5. A que 5.1 está se referindo?
6. Por que Paulo descreve o crente como um soldado? (5.8)
7. Como 5.12,13 se relaciona com os ministros de hoje?
8. Liste as coisas que os crentes são solicitados a fazer em 5.14-22?
9. O gênero humano é uma tricotomia baseado em 5.23?
10. Qual é o tema central de II Ts 1? Como ele é diferente de I Ts 1?
11. II Ts 2.4 exige a reconstrução do Templo judeu?
12. Como II Ts 2.11 está relacionado com o livre-arbítrio e responsabilidade humanos?
13. Como II Ts 2.13-15 equilibra predestinação e livre-arbítrio?

0 50 100 200 300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS PASTORAIS

I e II Timóteo e Tito

I. DECLARAÇÃO DE ABERTURA

A. As localizações geográficas mencionadas em I Timóteo, Tito e II Timóteo não se enquadram na cronologia ou de Atos ou cartas de Paulo.
   1. Visita a Éfeso (cf. I Tm 1.3)
   2. Visita a Trôade (cf. II Tm 4.13)
   3. Visita a Mileto (cf. II Tm 4.20)
   4. Missão para Creta (cf. Tito 1.5)
   5. Missão para Espanha (de Clemente de Roma, 95 A.D. e o Cânon Muratoriano, 180-200 A.D.)
      Portanto, eu acho que foi liberto da prisão (no início para meados dos anos 60, que está documentado em I Clemente 5, escrita em aproximadamente 95 A.D.) e fez uma quarta viagem missionária, foi então novamente detido e morto antes de 68 A.D. (morte de Nero).

B. O propósito dessas cartas é geralmente crido ter sido administrativo (organização da igreja), contudo, em seu comentário em I e II Timóteo, Tito no *New International Biblical Commentary* [Novo Comentário Bíblico Internacional], Gordon Fee me convenceu que a ocasião para as cartas foi falso ensino emergindo dentro das igrejas domésticas de Éfeso e na ilha de Creta.

C. De algumas maneiras as Cartas Pastorais funcionam para estabelecer um padrão administrativo normativo similar ao *Manual de Disciplina*. Essas diretrizes foram todas as mais necessárias à luz do desvio primitivo e difundido dos ensinos e forma apostólicos.

D. É possível que a similaridade entre o vocabulário de Lucas em Lucas e Atos e as Cartas Pastorais podem ser devido ao fato que Paulo o usou como um escriba (cf. C. F. C. Moule, *The Problem of the Pastoral Epistle: A Reappraisal* [O Problema da Epístola Pastoral: Uma Reavaliação). Foi até afirmado por S. G. Wilson em *Luke and the Pastoral Epistles* [Lucas e as Epístolas Pastorais] que esses três livros podem ter sido uma tentativa de Lucas para escrever um terceiro volume delineando o movimento do evangelho além de Roma.

E. Por que esses três livros são englobados juntos? É possível que eles tratem de tempos/lugares/questões separados? Na realidade, somente Timóteo e Tito têm qualquer coisa a ver com organização de igreja. É realmente (1) o vocabulário deles; (2) os falsos mestres que parecem unificar esses livros; e (3) o fato que eles não se enquadram facilmente na cronologia de Atos (se tomados juntos).

II. AUTOR

A. As cartas mesmas afirmam ser de Paulo o Apóstolo (cf. I Tm 1.1; II Tm 1.1; e Tito 1.1) para seus dois representantes apostólicos, Timóteo e Tito.

B. A questão da autoria das Cartas Pastorais começou a ser debatida nos séculos 19 e 20. A rejeição

da autoria de Paulo é geralmente baseada em

1. Uma organização de igreja desenvolvida (qualificações para líderes)
2. Um gnosticismo desenvolvido (documentado no segundo século)
3. Uma teologia desenvolvida (declarações de credo), uma variação de vocabulário e estilo (um terço das palavras não são usadas em outros escritos de Paulo)

C. Essas diferenças podem certamente ser explicadas por

1. O fato de que esses são os últimos escritos de Paulo possivelmente usado Lucas como um escriba
2. Vocabulário e estilo são dependentes da ocasião
3. Idéias gnósticas eram um desenvolvimento do pensamento judaico do primeiro século (cf. Rolos do Mar Morto)
4. Paulo era um teólogo brilhante e escritor criativo com um grande vocabulário

D. Há uma compreensão crescente do precedente histórico no que se refere a

1. Uso de Paulo de um escriba profissional cristão (neste caso, possivelmente Lucas)
2. Uso de Paulo de co-escritores (i.e. parte de sua equipe missionária, cf. I Tm 1.5)
3. Uso de Paulo de liturgia ou citações hínicas incluídas em seus escritos (um bom resumo é encontrado no *Dictionary of Paul and His Letters* [Dicionário de Paulo e Suas Cartas], editado por Hawthorne e Martin, publicado por IVP, p. 664.
   Sugestões que porções das Cartas Pastorais são citações de Paulo de outras fontes ajudam explicar os números de *hapax legomena* (palavras usadas somente uma vez no NT), expressões idiomáticas não-paulinas, e uso único de termos paulinos. Algumas sugestões são:
   a. Doxologias (cf. I Tm 1.17; 6.15-17)
   b. Lista de vícios (cf. I Tm 1.9,10)
   c. Conduta apropriada para esposas (cf. I Tm 2.9-3.1a)
   d. Qualificações apropriadas para ministros (cf. I Tm 3.1b-13)
   e. Confissões hínicas (cf. I Tm 2.5-6; 3.16; II Tm 1.9,10; Tito 3.3-7)
4. Hinos (cf. I Tm 6.11,12,15,16; II Tm 2.11-13; Tito 2.11-14)
   a. *midrasch* do AT (cf. I Tm 1.9,10; 2.9-3.1a; 5.17,18; II Tm 2.19-21; Tito 3.3-7)
   b. formula
      (1) “fiel é a palavra” (cf. I Tm 1.15; 2.9-3.1a; II Tm 2.11-13; Tito 3.3-8)
      (2) “sabendo isto que” (cf. I Tm 1.9,10; II Tm 3.1-5)
      (3) “estas coisas” (cf. I Tm 4.6,11; II Tm 2.14; Tito 1.15,16; 2.1)
5. Citação de um poeta grego (cf. Tito 1.12 [Epimênides e/ou Euripides])

E. É surpreendente que um suposto “paulinista” do segundo século escreveria tais ocorrências específicas como nomes de pessoas (i.e. Himeneu, I Tm 1.20; II Tm 2.17; Alexandre, I Tm 1.20; Zenas, Tito 3.13) e eventos (doença de Trófimo em Mileto, II Tm 4.20; ou o papel da viúva, I Tm 5.9) que não são mencionados em outro lugar nos escritos de Paulo. Como isso acrescentaria à pseudografia?

Para um bom artigo sobre pseudonímia relacionada com as cartas do NT, veja *An Introduction to the New Testament* [Uma Introdução ao Novo Testamento], por Carson, Moo e Morris, pp. 367-371.

III. DATA

A. Se for verdade que Paulo foi liberto da prisão (depois do fim de Atos, possivelmente 59-61 A.D.), então há qualquer tradição primitiva de suas atividades pós-prisão (i.e. pregando na Espanha, cf. Rm 15.24,28)
   1. As Cartas Pastorais (cf. II Tm 4.10)
   2. I Clemente 5
      a. Paulo pregou no oriente e ocidente (i.e. Espanha)
      b. Foi morto sob “os prefeitos” (i.e. Tigelino e Sabino, que serviram no último ano do reinado de Nero, 68 A.D.)
      c. A introdução para o Fragmento Muratoriano (uma lista de livros canônicos de Roma aproximadamente 180-200 A.D.)
      d. *História Eclesiástica* de Eusébio 2.22.1-8 que Paulo foi liberto da prisão romana

B. Parece que Timóteo e Tito foram escritas próximas antes da redetenção de Paulo. II Timóteo é o último escrito e adeus de Paulo enquanto na prisão.

IV. DESTINATÁRIOS

A. O nome, Epístolas Pastorais, vem do comentário de D. N. Berdot de 1703 A.D., por causa de seu caráter e conteúdo único, mas Timóteo e Tito não são pastores, mas delegados apostólicos.

B. Essas cartas foram escritas para igrejas, mas sob a forma literária de cartas para os cooperadores de Paulo, Timóteo e Tito. Paulo se dirige às congregações com ele se dirige à sua equipe de liderança. Os indícios da audiência mais ampla de Paulo são
   1. A introdução formal mencionando seu apostolado
   2. O plural “vós” na conclusão final de todas as três cartas
   3. Defesa de Paulo de seu chamado (cf. I Tm 2.7)
   4. Escrito de Paulo para Timóteo sobre coisas que ele já teria conhecido de seu tempo com Paulo (cf. I Tm 3.15)

V. OCASIÃO/PROPÓSITO

A. O AT dá diretrizes para a organização da comunidade da fé. O NT não contém instruções específicas no que se refere à organização ou governo da igreja. As Cartas Pastorais (I Timóteo, II Timóteo e Tito) são tão próximas quanto se aproxima a diretrizes.

B. Um outro propósito ao lado da organização geral de igrejas era combater heresias emergentes (cf. I Tm 1.3). A heresia específica pode ser uma combinação de tendências judaicas e gnósticas (muito como Ef. e Cl). Possivelmente havia dois grupos distintos.

C. I Timóteo foi escrita
   1. Para pedir a Timóteo que ficasse em Éfeso (cf. I Tm 1.3)
   2. Tratar com os falsos mestres
   3. Ajudar a organizar a liderança (cf I Tm 3)

D. Tito tinha uma missão similar para tratar da heresia e organização em Creta (cf. 1.5)

E. II Timóteo encontra Paulo na prisão com pouca esperança de libertação (cf. 4.6-8, 16-18)

F. Há uma sensação forte de “ensino são” (i.e. doutrina correta) que soa através dessas cartas (cf. I Tm 1.10; 4.6; 6.3; II Tm 1.13; 4.3; Tito 1.9; 2.1) ou “são na fé” (cf. Tito 1.13; 2.2). Deus confiou esse “ensino são” a Paulo (cf. I Tm 1.11); Paulo confiou-o a Timóteo (cf. I Tm 6.20) e Timóteo devia confiá-lo a homens fieis (cf. II Tm 2.2).

Isso mostra que o desenvolvimento primitivo tanto da pluralidade nas igrejas quanto o crescimento de heresias destrutivas.

VI. OS FALSOS MESTRES

A. É difícil discutir os falsos mestres por causa de nossa falta de informação específica do primeiro século. Paulo estava escrevendo para aqueles que conheciam esses falsos mestres em primeira mão. Ele, portanto, não discute plenamente a teologia deles, mas geralmente condena o estilo de vida e os motivos deles (como faz Judas).

B. A questão interpretativa principal estar relacionado com se eles eram
   1. Judeus
   2. Gregos
   3. Uma combinação

C. Os falsos mestres parecem ser uma mistura de elementos judaicos e gnósticos. Mas como esses movimentos religiosos totalmente divergentes se uniram?
   1. O judaísmo sempre incorporou alguns elementos dualísticos (cf Rolos do Mar Morto)
   2. O gnosticismo do segundo século apenas desenvolveu esses temas filosóficos/teológicos comuns do oriente próximo.
   3. O judaísmo da diáspora foi muito mais eclético do que a erudição moderna anteriormente imaginou.
   4. Há um primeiro século precedente para uma heresia judaico-gnóstica no livro de Colossenses

D. Alguns dos elementos que Paulo menciona são
   1. Aspectos judaicos
      a. Falsos mestres
         (1) Doutores da Lei (cf. I Tm 1.7)
         (2) O partido da circuncisão (cf. Tito 1.10)
      b. Falsos mestres avisados sobre mitos judaicos (cf. I Tm 3.9; Tito 1.14)
      c. Falsos mestres preocupados com leis de alimento (cf. I Tm 4.1-5)
      d. Falsos mestres preocupados com genealogias (cf. I Tm 1.4; 4.7; II Tm 4.4; Tito 1.14,15)
   2. Aspectos gnósticos
      a. Asceticismo
         (1) Casamento proibido (cf. I Tm 2.15; 4.3)
         (2) Dispensar certos alimentos (I Tm 4.4)
      b. Exploração sexual (cf. I Tm 4.3; II Tm 3.6,7; Tito 1.10,15)

c. Ênfase no conhecimento (cf. I Tm 4.1-3; 6.20)

VII. CANONICIDADE

A. As cartas de Paulo foram reunidas num volume chamado "o Apóstolo" e então circulou entre todas as igrejas. O único manuscrito grego das cartas de Paulo que falta I e II Timóteo e Tito (também II Tessalonicenses e Filemom) é um papiro dos anos 200 chamado P^{46} (dos papiros Chester Beatty). Mesmo isso é conjectura porque o manuscrito está faltando várias páginas de papiro concluintes. Todos os outros manuscritos contém o que veio a ser chamado "as Epístolas Pastorais".

B. Há uma lista de fontes antigas que citam, aludem, ou mencionam as Cartas Pastorais
   1. Líderes da igreja primitiva
      a. Pseudo-Barnabé (70-130 A.D.), II Timóteo e Tito
      b. Clemente de Roma (95-97 A.D.) alude a I Timóteo e II Timóteo e cita Tito 3.1
      c. Policarpo (110-150 A.D.) alude a I Timóteo, II Timóteo e Tito
      d. Hermas (115-140 A.D.), I Timóteo e II Timóteo
      e. Irineu (130-202 A.D.) citou freqüentemente de I Timóteo, II Timóteo e Tito
      f. Diogneto (150 A.D.), Tito
      g. Tertuliano (150-220 A.D.), I Timóteo, II Timóteo e Tito
      h. Orígenes (185-254 A.D.), I Timóteo, II Timóteo e Tito
   2. Lista de livros canônicos que inclui as Cartas Pastorais
      a. Fragmento Muratoriano (de Roma aproximadamente 200 A.D.)
      b. Barocócio (206 A.D.)
      c. Lista Apostólica (300 A.D.)
      d. Lista de Cheltenham (360 A.D.)
      e. Lista de Antanásio (367 A.D.)
   3. Versões primitivas que contêm as Cartas Pastorais
      a. Antiga Latina (150-170 A.D.)
      b. Antiga Siríaca (200 A.D.)
      c. Concílios da igreja primitiva que afirmaram o status inspirado das Cartas Pastorais
      d. Nicéia (325-340 A.D.)
      e. Hipona (393 A.D.)
      f. Cartago (397 A.D.)

C. Foi um processo de um consenso entre as congregações cristãs primitivas do império romano que desenvolveu o cânon. Esse consenso foi certamente afetado por pressões sociais internas e externas. As exigências básicas para inclusão no cânon parecem ter sido
   1. Relacionadas com um Apóstolo
   2. Uma mensagem consistente com outros escritos apostólicos
   3. As vidas transformadas daqueles que se depararam com esses escritos
   4. Um crescente acordo nas listas de escritos aceitos entre essas igrejas primitivas.

D. A necessidade de um cânon desenvolvido por causa de
   1. A Segunda Vinda demorada
   2. A distância geográfica entre as igrejas e Apóstolos

3. A morte dos Apóstolos
4. O surgimento cedo de falsos mestres de:
    a. Judaísmo
    b. Filosofia grega
    c. Outras religiões de mistério greco-romanas

    Isso ocorreu enquanto o evangelho se espalhava para diferentes culturas.

E. A questão da canonicidade estava historicamente relacionada com autoria. As Cartas Pastorais foram aceitas como escritos de Paulo pela igreja primitiva. Minhas próprias pressuposições sobre canonicidade incluem o envolvimento do Espírito, não só na escrita das Escrituras, mas também em sua reunião e preservação. A questão da autoria de Paulo (que eu suponho) não afeta inspiração e canonização.

VIII. I TIMÓTEO – TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. "meu verdadeiro filho na fé", 1.2
2. Blasfemo, 1.13
3. Amém, 1.17
4. Mediador, 2.5
5. Resgate, 2.6
6. "levantando mãos santas", 2.8
7. "irrepreensível", 3.2
8. "não dados a muito vinho", 3.8
9. "o ministério da fé", 3.9
10. "doutrinas de demônios", 4.1
11. "cauterizada a sua própria consciência", 4.2
12. "fábulas profanas", 4.7
13. "a imposição de mãos", 4.14; 5.22
14. Presbitério, 4.14
15. "honra as viúvas que verdadeiramente são viúvas", 5.3
16. "primeiro compromisso", 5.12
17. "duplicada honra", 5.17
18. "contentamento", 6.6
19. Luz inacessível, 6.16

IX. I TIMÓTEO – PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. O Pai, 1.2
2. "doutores da Lei", 1.7
3. "o Rei eterno", 1.17
4. Himeneu e Alexandre, 1.20
5. Bispo, 3.2
6. Diáconos, 3.8
7. Mulheres, 3.11

8. Presbíteros, 5.17
9. Pôncio Pilatos, 6.13

X. I TIMÓTEO – LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Macedônia, 1.3
2. Éfeso, 1.3

XI. I TIMÓTEO – QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Descreva em suas próprias palavras os falsos mestres mencionados em 1.3,4.
2. 1.9-11 reflete os Dez Mandamentos? Se assim for, quais são as diferenças?
3. Por que Paulo considerou a si mesmo o principal de todos os pecadores? (1.15)
4. A que evento na vida de Timóteo 1.8 se refere?
5. O que significa que Paulo entregou alguém a Satanás? (1.20)
6. Por que 2.4 é um verso tão importante?
7. Explique 2.9 à luz da cultura do primeiro século.
8. Como 2.12 se aplica hoje?
9. Explique 2.15 em suas próprias palavras.
10. Liste as qualificações de um bispo. (3.1-7)
11. Por que 3.16 é crido ser uma citação de um hino primitivo?
12. Por que os falsos mestres proibiram o casamento? (4.3)
13. Como 4.4 se relaciona com Romanos 14?
14. Explique 4.10 em suas próprias palavras.
15. Que evento 4.14 está descrevendo?
16. Como 5.19 reflete o AT?
17. A que problema cultural 5.23 está se referindo?
18. Explique 6.10 em suas próprias palavras.
19. De onde os títulos para Jesus em 6.15 vêm?

XII. II TIMÓTEO – TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. “reavives o dom de Deus”, 1.6
2. “o bom depósito que habita em nós”, 1.14
3. “gangrena”, 2.17
4. “tendo este selo”, 2.19
5. Vasos, 2.20
6. Senhor, 2.21
7. “a tempo e fora de tempo”, 4.2
8. Mitos, 4.4
9. “os livros...pergaminhos”, 4.13
10. “a boca do leão”, 4.17

XIII. II TIMÓTEO – Pessoas PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Meus antepassados, 1.3
2. Lóide, 1.5
3. Eunice, 1.5
4. Onesíforo, 1.16
5. Himeneu, 2.17
6. Fileto, 2.17
7. Janes e Jambres, 3.8,9
8. Evangelista, 4.5
9. Demas, 4.10
10. Lucas, 4.11
11. Marcos, 4.11
12. Tíquico, 4.12
13. Alexandre, 4.14

XIV. II TIMÓTEO – LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Onde Paulo foi preso?
2. Explique 1.12 em suas próprias palavras.
3. Ásia, 1.15
4. Roma, 1.17
5. Éfeso, 1.18; 4.12
6. Antioquia, 3.11
7. Icônio, 3.11
8. Listra, 3.11
9. Tessalônica, 4.10
10. Galácia, 4.10
11. Dalmácia, 4.10
12. Trôade, 4.13
13. Corinto, 4.20
14. Mileto, 4.20

XV. II TIMÓTEO – QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Como 1.9 é parecido com Tito 3.5a?
2. O que Onesíforo fez por Paulo na prisão? (1.1-18)
3. II Timóteo 2.2 é um verso muito importante. Por quê?
4. Por que 2.11 é crido ser uma citação de um hino primitivo?
5. A que 2.15 está se referindo?
6. 2.25 implica que Deus dá arrependimento? Se assim for, quais são as implicações?
7. Liste as coisas que os crentes deveriam fazer para ajudar os “que resistem”?
8. Com quem e o que 3.6,7 está tratando?
9. Por que 3.16 é um verso tão importante?
10. Por que Paulo não pôde curar Trófimo?

0
50
100
200
300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

0
50
100
200
300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A TITO

I. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

A. Tito é parte da divisão das cartas de Paulo conhecida como "as Cartas Pastorais". Isto é porque I Timóteo, Tito e II Timóteo tratam das admoestações de Paulo para seus cooperadores sobre (1) como lidar com falsos mestres, (2) como estabelecer liderança em igrejas locais e (3) como encorajar piedade. A aparente ordem cronológica desses livros é: I Timóteo e ou Tito, então depois, II Timóteo. Tito trata dos mesmos assuntos como I Timóteo. Tito pode ter sido escrito primeiro porque sua introdução é tão demorada e teologicamente envolvida, muito como Romanos.

B. O movimento geográfico de Paulo e esses cooperadores não se enquadra nos movimentos geográficos de Paulo em Atos. Portanto, muitos afirmam que isso é uma evidência que Paulo foi liberto da prisão e conduziu uma quarta viagem missionária.

C. As datas para essa quarta viagem missionária teriam de ser em algum tempo entre o começo para o meio dos anos 60 A.D. porque Paulo foi decapitado sob Nero e Nero morreu em 68 A.D.

II. TITO, O HOMEM

A. Tito era um dos cooperadores de mais confiança de Paulo. Isso é evidenciado pelo fato que Paulo o enviou para os lugares de conflito de Corinto e Creta.

B. Ele era um gentio completo (Timóteo era apenas metade grego), convertido sob a pregação de Paulo. Paulo recusou circuncidá-lo (cf. Gl 2).

C. Ele é mencionado com freqüência nas cartas de Paulo (cf. II Co 2.13; 7.6-15; 8.6-24; 12.18; Gl 2.1-3; II Tm 4.10) e é surpreendente que não seja mencionado por Lucas em Atos. Alguns comentários teorizam que
   1. Ele pode ter sido um parente de Lucas (possivelmente um irmão) e para incluir seu nome teria sido um ato de impropriedade cultural da parte de Lucas
   2. Tito é uma fonte de informação importante de Lucas sobre a vida e ministério de Paulo e, portanto, como Lucas, não seria mencionado.

D. Ele acompanhou Paulo e Barnabé ao todo importante Concílio de Jerusalém, registrado em Atos 15.

E. Este livro foca no conselho que Paulo dá a Tito sobre o trabalho dele em Creta. Tito está atuando como substituto oficial de Paulo.

F. A última informação no NT sobre Tito é que ele foi enviado a trabalhar em Dalmácia (cf. II Tm 4.10).

III. OS FALSOS MESTRES

A. Há obviamente um grupo de falsos mestres que se opõe ao evangelho de Paulo em Creta.
   1. O erro deles parece se relacionar com o estilo de vida piedoso que é esperado de todos os crentes.
   2. Referencias ao viver piedoso: 1.1,16; 2.7,14; 3.1,8,14
   3. Resumos das qualidades do caráter: 2.11-14; 3.4-7

B. Não há um tom judaico óbvio para esse falso ensino (cf. 1.10,14; 3.8,9). Esses hereges são uma combinação de legalismo judaico e pensamento especulativo grego (gnosticismo). Eles são similares aos falsos mestres falados em Colossenses e Efésios. O foco das Cartas Pastorais está na heresia, e não exclusivamente organização da igreja.

IV. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Piedade, 1.1
2. "em esperança da vida eterna", 1.2
3. "a qual Deus, que não pode mentir", 12
4. Hospitaleiro, 1.8
5. Mitos judaicos, 1.14
6. Sã doutrina, 2.1
7. Perseverança, 2.2
8. "no presente século", 2.12
9. "bem-aventurada esperança", 2.13
10. Remir, 2.14
11. "a lavagem da regeneração", 3.5

V. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Presbíteros, 1.5
2. Bispo, 1.7
3. "os da circuncisão", 1.10
4. "seu próprio profeta", 1.12
5. "aos principados e potestades", 3.1
6. Tíquico, 3.12
7. Apolo, 3.13

VI. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Creta, 1.5
2. Nicópolis, 3.12

VII. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Por que é significante que tanto Deus o Pai quanto Jesus o Filho sejam chamados “Salvador” (3 vezes cada) em Tito?
2. Como 1.16 se relaciona com os falsos mestres?
3. 2.1-5 se refere aos líderes da igreja ou membros da igreja?
4. Por que 2.11 é um verso tão importante?
5. 2.13 chama Jesus Deus?
6. Por que 3.5a é um tema básico de Paulo?
7. 3.5b ensina regeneração batismal?

0 50 100 200 300
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A FILEMOM

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. Este livro é um exemplo de uma carta particular, tão comum no mundo greco-romano do primeiro século. Ela provavelmente cabe numa folha de papiro (cf III João). É incerto para quem é primariamente endereçada: (1) Filemom; (2) Áfia e Arquipo (cf. Cl 4.17) ou (3) em algum sentido, a igreja doméstica toda.

B. Esta carta fornece uma janela para
   1. Os métodos pastorais do Apóstolo Paulo
   2. As igrejas domésticas do primeiro século (cf. Rm 16.5; I Co 10.19; Cl 4.15)

C. O cristianismo já estava radicalmente mudando o meio social do mundo mediterrâneo. As barreiras sociais para o evangelho estavam caindo (cf. I Co 12.13; Gl 3.28; Cl 3.11).

II. AUTOR

A. A natureza pessoal da carta convence a maioria dos leitores (uma exceção, F. C. Baur) que o autor era Paulo, o Apóstolo.

B. Filemom e Colossenses são estritamente relacionadas
   1. Mesma origem
   2. Mesmas pessoas dão saudações
   3. Mesma conclusão
   4. Tíquico entregou a carta de Colossenses e viajou com Onésimo (cf. Cl 4.7,9). Se Filemom é paulina, assim é Colossenses (que tem sido posto em dúvida por vários estudiosos modernos)

C. É listada entre as cartas de Paulo tanto pelo herege primitivo Marcião (que veio para Roma nos anos 140 A.D.) quanto à lista de livros canônicos, o Fragmento Muratoriano (escrito em Roma entre 180-200 A.D.).

III. DATA

A. A data desta carta está vinculada a uma das prisões de Paulo (Éfeso, Filipos, Cesaréia ou Roma). Uma prisão romana enquadra melhor os fatos de Atos.

B. Uma vez que Roma é suposta para ser o local da prisão, a pergunta surge – que tempo? Paulo estava na cadeia no começo dos anos 60 e isso está registrado em Atos. Contudo, ele foi posto em liberdade e escreveu as cartas pastorais (I & II Timóteo e Tito) e foi então redetido e morto antes de 9 de junho, 68 A.D. (suicídio de Nero). A previsão mais fundamentada para a escrita de Colossenses, Efésios e Filemom é a primeira prisão de Paulo, no começo dos anos 60. Filipenses foi provavelmente escrita quase no meado dos anos 60.

C. Tíquico, junto com Onésimo, provavelmente levaram as cartas de Colossenses, Efésios e Filemom para Ásia Menor. Depois (possivelmente vários anos mais tarde) Epafrodito, recuperado de sua doença física, levou a carta de Filipenses de volta para sua igreja natal.

D. Possível cronologia dos escritos de Paulo seguindo F. F. Bruce e Murry Harris (com pequena adaptação).

Livro	Data	Lugar de Escrita	Relação a Atos
1. Gálatas	48	Antioquia Síria	14.28; 15.2
2. I Tessalonicenses	50	Corinto	18.5
3. II Tessalonicenses	50	Corinto	
4. I Coríntios	55	Éfeso	19.20
5. II Coríntios	56	Macedônia	20.2
6. Romanos	57	Corinto	20.3
7.-10. Cartas da Prisão			
Colossenses	início dos anos 60	Roma	
Efésios	início dos anos 60	Roma	
Filemom	início dos anos 60	Roma	
Filipenses	fim de 62-63	Roma	28.30,31
11.-13. Quarta Viagem Missionária			
I Timóteo	63 (ou mais tarde	macedônia	
Tito	63 mas antes de	Éfeso (?)	
II Timóteo	64 68 A.D.)	Roma	

IV. OCASIÃO PARA A CARTA (PESSOAS MENCIONADAS EM FILEMOM)

A. Filemom era um proprietário de escravo em Colossos. Ele era um convertido de Paulo, provavelmente enquanto Paulo estava ministrando em Éfeso.

B. Onésimo era um escravo fugitivo. Ele também era um convertido de Paulo, enquanto na prisão em Roma (61-63 A.D.). É incerto como eles se conheceram. Talvez (1) ambos estavam presos, (2) Onésimo foi enviado numa incumbência a Paulo ou (3) Onésimo procurou Paulo por conselho depois de mudar seu pensamento sobre fugir.

C. Epafras era um crente da Ásia Menor e o fundador das Igrejas no Vale do Rio Lico (Colossos, Laodicéia e Hierápolis). Ele levou uma palavra para Paulo na prisão sobre a heresia em Colossos e sobre a fidelidade de Filemom.

D. Tíquico foi o portador das três cartas de Paulo para essa área: Colossenses, Efésios e Filemom (cf. Cl 4.7-9; Ef 6.21,22). Onésimo também voltou com ele para encarar seu senhor (cf. v.11). Filemom é uma das duas cartas particulares preservadas no Novo Testamento (cf. III João).

Aproximadamente cinqüenta anos depois (110 A.D.) Inácio, em seu caminho para Roma para ser martirizado, escreveu uma carta ("Para os Efésios" 1.3) para o bispo de Éfeso chamado Onésimo! Poderia ter sido esse escravo convertido!

V. PROPÓSITO DA CARTA

A. Ela mostra como Paulo usou sua autoridade apostólica e encorajamento pastoral.

B. Ela mostra como o cristianismo produziu irmãos e irmãs de escravos e senhores de escravo, ricos e pobres! Essa verdade, com o tempo, mudaria radicalmente o Império Romano.

C. Ela mostra a confiança de Paulo que ele seria liberto da prisão romana e retornaria para a Ásia Menor.

VI. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. "a igreja que está em tua casa", v. 2
2. Meu filho, Onésimo, v. 10
3. Inútil...útil, v. 11
4. "tu me deves até a ti mesmo", v. 19

VII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Áfia, v. 1
2. Onésimo, v. 10
3. Epafras, v. 23
4. Marcos, v. 24

VIII. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR – NENHUM

IX. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Como Paulo está afirmando sua autoridade apostólica em 1.8?
2. Como esse pequeno livro impacta a questão da escravidão?
3. V. 18 implica que Onésimo roubou de seu senhor?
4. V. 19 implica que Paulo normalmente usava um escriba?

INTRODUÇÃO A HEBREUS

I. DECLARAÇÃO CRUCIAL DE ABERTURA

Enquanto eu tenho estudado esse livro, ele tem se tornado cada vez mais óbvio que minha teologia tem sido moldada pela de Paulo. É muito difícil para mim permitir que a pluralidade dos outros autores do NT apresente seus pensamentos inspirados porque tenho a tendência de colocá-los em categorias paulinas. Isso é particularmente evidente na ênfase de Hebreus em continuar na fé. No livro de Hebreus fé não é uma posição forense (justificação pela fé), mas uma vida fiel até o fim (capítulos 11-12).

Eu receio que muitas das questões com que eu luto em Hebreus nunca teriam sido feitas por seu autor (nem Pedro, nem Tiago). Hebreus é um documento ocasional, como todos os livros do NT. Devo deixar o autor falar mesmo quando ele/ela me deixa desconfortável; mesmo quando ele/ela não usa minhas categorias queridas ou mesmo interrompe radicalmente essas categorias. Eu não me atrevo a substituir minha teologia sistemática pela mensagem de um autor inspirado do NT.

Eu prefiro me arrepender de meu dogmatismo teológico e viver dentro de uma tensão do NT que eu não compreendo plenamente ou gosto! Eu receio que eu veja o NT através do filtro de uma rede convencionalista evangélica moderna. Eu quero afirmar promessas bíblicas; promessas do amor, provisão e poder de sustento de Deus; contudo eu sou tão condenado pelos avisos e ordens fortes dos autores do NT. Eu preciso desesperadamente ouvir Hebreus, mas é tão doloroso! Eu quero explicar completamente a tensão. Eu suponho, na realidade, que eu quero afirmar uma salvação gratuita e uma vida cristã que custa tudo. Mas onde eu estabeleço o limite quando o ideal não é encontrado? A comunhão eterna com Deus é uma resposta de fé inicial ou resposta de fé contínua? Hebreus afirma claramente a ordem de uma resposta de fé contínua. A vida cristã é vista do fim, não do começo!

Isso não é considerado implicar uma salvação orientada por obras, mas uma confirmação orientada por obras. Fé é a evidência, não o mecanismo (que é a graça). Os crentes não são salvos por obras, mas para obras. Obras não são o meio de salvação, mas o resultado da salvação. Semelhança a Cristo piedosa, fiel, diária, não é algo que nós fazemos, mas quem nós somos nEle. Se não há vida de fé transformada, e sendo transformada, não há nenhuma evidência, nenhuma segurança. Só Deus conhece o coração e as circunstâncias. Confiança é considerada ser uma companheira numa vida de fé, não uma afirmação teológica inicial desprovida de evidência de estilo de vida.

Minha oração é que permitiremos que esse autor inspirado do NT fale claramente e não relegue Hebreus a uma nota de rodapé teológica numa rede teológica sistemática, seja ela calvinista ou arminiana.

II. DISCERNIMENTOS DE ABERTURA

A. Este livro usa textos do AT interpretados pela hermenêutica rabínica para comunicar sua mensagem. A fim de compreender a intenção do autor original, esse livro deve ser interpretado à luz do judaísmo rabínico do primeiro século, não do pensamento ocidental moderno.

B. Este livro começa como um sermão (sem saudação ou cumprimento típico) e termina como uma carta (conclusão paulina típica do capítulo 13). É possivelmente uma homilia de sinagoga transformada numa carta. O autor chama seu livro "uma palavra de exortação" em 13.22. Esta

mesma frase é também usada em Atos 13.15 de um sermão.

C. Este é um comentário perspicaz do Novo pacto sobre o pacto Mosaico:
   1. Uma visão muito confiável do AT
   2. Uma comparação do novo e antigo pactos
   3. O único livro NT que chama Jesus nosso sumo sacerdote

D. Este livro está cheio de avisos contra cair (“retroceder” cf. 10.38), ou retornar ao judaísmo (i.e. capítulos 2,4,5,6,10,12; cf. *No Easy Salvation* [Sem Salvação Fácil] de R. C. Glaze, Jr., publicado por Insight Press).

E. Embora seja uma generalização extrema, é útil ver Paulo com sua ênfase na salvação como uma obra acabada do Deus soberano (i.e. justificação pela fé) afirma a segurança como uma fé inicial. Pedro, Tiago e as cartas de I e II João enfatizam as responsabilidades contínuas do Novo Pacto e afirma que a segurança é diária, confirmada por uma vida transformada e sendo transformada. O autor de Hebreus, enfatizando uma vida de fidelidade (cf. capítulo 11), afirma a segurança de uma perspectiva de fim de vida. O modo de pensar racional ocidental moderno tem a tendência de polarizar essas perspectivas, enquanto que os escritores do NT, por um divino autor (i.e. o Espírito) querem sustentá-las em tensão e afirmar todas três. Confiança nunca é a meta, mas a conseqüência de uma fé ativa nas promessas de Deus.

III. AUTORIA

A. A Igreja Oriental (Alexandria, Egito) aceitaram a autoria de Paulo como é visto pelo seu listar Hebreus nos escritos de Paulo nos manuscrito do papiro primitivo P^{46}. Esse manuscrito é chamado os Papiros Beatty Chester e foi copiado no fim do segundo século. Ele coloca Hebreus depois de Romanos. Alguns líderes alexandrinos reconheceram os problemas literários relacionados com a autoria de Paulo.
   1. Clemente de Alexandria (150-215 A.D., citado por Eusébio) diz que Paulo escreveu-o em hebraico e Lucas traduziu-o para o grego.
   2. Orígenes (185-253 A.D.) afirmou que os pensamentos são de Paulo, mas foi escrito por seguidor mais recente, tal como Lucas ou Clemente de Roma.

B. Este livro é omitido da lista das cartas de Paulo adotada pela Igreja Ocidental chamada Fragmento Muratoriano (uma lista dos livros canônicos do NT de Roma 180-200 A.D.).

C. O que sabemos sobre o autor
   1. Ele foi aparentemente um cristão judeu da segunda geração (2.3).
   2. Ele cita da tradução grega do AT chamada Septuaginta.
   3. Ele usa procedimentos do antigo tabernáculo e não ritual em curso do templo.
   4. Ele escreve usando gramática e sintaxe grega clássica (este livro não é platônico. Sua orientação é o AT, não Filo).

D. Esse livro é anônimo, mas o autor era bem conhecido para os destinatários (cf. 6.9,10; 10.34; 13.7,9).

E. Por que há dúvidas sobre a autoria de Paulo

1. O estilo é tão diferente (exceto capítulo13) dos outros escritos de Paulo.
2. O vocabulário é diferente.
3. Há diferenças sutis no uso e ênfase de palavra e frase
4. Quando Paulo chama seus amigos e cooperadores “irmão” o nome da pessoa sempre vem primeiro (cf. Rm 16.23; I Co 1.1; 16.12; II Co 1.1; 2.13; Fp 2.25) mas 13.23 tem “o irmão Timóteo”.

F. Teorias da autoria
1. Clemente de Alexandria em seu livro *Hypotyposes* (citado por Eusébio) acreditava que Lucas traduziu para o grego o escrito original de Paulo em hebraico (Lucas usou grego coinê excelente).
2. Orígenes disse que ou Lucas ou Clemente de Roma escreveu-o, mas seguiu o ensino de Paulo.
3. Jerônimo e Agostinho aceitaram a autoria de Paulo apenas para facilitar a aceitação do livro no Cânon pela Igreja Ocidental.
4. Tertuliano (*De Pudic*, *20*) acreditava que Barnabé (um levita associado com Paulo) escreveu-o.
5. Martinho Lutero disse que Apolo, um intelectual alexandrino treinado associado com Apolo (cf. Atos 18.24) escreveu-o.
6. Calvino disse que Clemente de Roma (o primeiro a citá-lo em 96 A.D.) ou Lucas era o autor.
7. Adolph von Harnack disse que Áquila e Priscila (eles ensinaram Apolo o evangelho completo e estavam associados com Paulo e Timóteo, cf. Atos 18.26) escreveram-no.
8. Sir William Ramsey disse que Filipe (o evangelista) escreveu-o para Paulo enquanto Paulo estava na prisão em Cesaréia.
9. Outros têm afirmado Filipe ou Silas (Silvano).

IV. DESTINATÁRIOS

A. O título “aos Hebreus” se dirige ao povo hebreu, portanto, o livro foi escrito para todos os judeus (cf. Clemente de Alexandria, citado por Eusébio, *Hist, Ecl.* VI, 14).

B. A evidência interna seguindo *No easy Salvation* [Sem Salvação Fácil] de R. C. Glaze, Jr. afirma que um grupo específico de judeus crentes ou uma sinagoga está sendo endereçada (cf. 6.10; 10.32-34; 12.4; 13.7,19,23).
1. Eles parecem ser crentes judeus por causa das numerosas citações do AT e a matéria de assunto (cf. 3.1; 4.14-16; 6.9; 10.34; 13.1-25).
2. Eles tinham experimentado alguma perseguição (cf. 10.32; 12.4). O judaísmo era conhecido como uma religião legal pelas autoridades romanas enquanto mais tarde no primeiro século o cristianismo foi considerado ilegal quando se separou da adoração da sinagoga.
3. Eles tinham sido crentes por um longo tempo, mas ainda eram imaturos (cf. 5.11-14). Eles tinham medo de romper completamente com o judaísmo (cf. 6.1,2).

C. O texto ambíguo de 13.24 poderia implicar que foi escrito (1) da Itália ou (2) para a Itália, provavelmente Roma.

D. A localização dos destinatários está vinculada às teorias diferentes no que se refere à autoria.
   1. Alexandria – Apolo
   2. Antioquia – Barnabé
   3. Cesaréia – Lucas Filipe
   4. Roma – Clemente de Roma e a menção da Itália em 13.24.
   5. Espanha – Essa foi a teoria de Nicolas de Lira (1270-1340 A.D.)

V. DATA

A. Pouco antes da destruição de Jerusalém pelo general romano (depois imperador) Tito, em 70 A.D.
   1. O autor menciona o companheiro de Paulo Timóteo de nome (cf. 13.23)
   2. O autor se refere aos sacrifícios contínuos (cf. 8.13; 10.1,2) no templo
   3. O autor menciona perseguição que pode enquadrar a época de Nero (54-68 A.D.)
   4. O autor encoraja os leitores a não retornar ao judaísmo e seus rituais

B. Depois de 70 A.D.
   1. O autor usa os rituais do tabernáculo, não do templo de Herodes
   2. O autor menciona perseguição
      a. Possivelmente sob Nero (cf. 10.32-34)
      b. Possibilidade mais recente sob Domiciano (cf. 12.4-13)
   3. O livro pode se relacionar com o avivamento do judaísmo rabínico (escritos de Jâmnia) no fim do primeiro século

C. Antes de 96 A.D. porque o livro é citado por Clemente de Roma.

VI. PROPÓSITO

A. Os cristãos judeus são encorajados a deixarem a sinagoga e identificarem-se publicamente (completamente) com a igreja (cf. 13.13).

B. Os cristãos judeus são encorajados a dedicarem-se ao mandato do evangelho (c. Mt 28.19,20; Atos 1.8).

C. Os descrentes judeus em comunhão com esses crentes judeus são o foco dos capítulos 6 e 10. Observe a presença de três grupos, “nós”, “vós”, e “eles”. Eles são avisados pessoalmente a responder pessoalmente à evidência abundante e clara nas vidas de seus amigos e co-adoradores.

D. Essa suposta reconstrução histórica é tirada de *No Easy Salvation* [Sem Salvação Fácil] de R. C. Glaze, Jr.

   “O problema não era aquele da tensão entre a maioria cristã e a minoria não-cristã. A exata oposição era verdadeira. Os cristãos judeus dessa congregação tinha tanto comprometido sua fé e senso de mordomia que os dois grupos podiam adorar juntos como uma congregação. Nenhum dos grupos colocava em dúvida seriamente a consciência do outro. A pregação do grupo cristão não resultava mais em convicção e decisão da parte dos membros não salvos da sinagoga. Os cristãos estavam em estado de estagnação por causa de sua relutância para aceitar as exigências

completas do viver cristão corajoso. Os descrentes tinham se tornado endurecidos pela contínua rejeição ao ponto de indiferença total. Esses grupos tinham então se tornado companheiros de leito conciliáveis.

A relutância do grupo cristão para 'prosseguir até a perfeição" (6.1) era motivada por dois fenômenos: alto respeito pelas tradições do judaísmo e relutância para pagar o preço de identificação plena com o cristianismo, que estava se tornando cada vez mais um movimento gentio" (p. 23).

VII. BREVE ESBOÇO DE HEBREUS

1.1-3	A superioridade do Filho sobre os profetas
1.4-2.18	A superioridade do Filho sobre os anjos
3.1-4.13	A superioridade do Filho sobre o Pacto Mosaico
4.14-5.10; 6.13-7.28	A superioridade do Filho sobre o Sacerdócio Aarônico
5.11-6.12	A superioridade dos judeus crentes sobre os judeus descrentes
8.1-10.18	A superioridade do Filho sobre os procedimentos do Pacto Mosaico
10.19-13.25	A superioridade do Filho apoiada e revelada nos crentes

VIII. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. "nestes últimos dias", 1.2
2. "resplendor da sua glória", 1.3
3. "expressão exata do seu Ser", 1.3
4. Majestade, 1.3
5. "para que, em tempo algum, nos desviemos delas", 2.1
6. "a palavra falada pelos anjos", 2.2
7. "provasse a morte por todos", 2.9
8. "o Autor da salvação", 2.10
9. "um sumo sacerdote", 2.17; 4.15
10. Propiciação, 2.17
11. O Apóstolo, 3.1
12. O Sumo Sacerdote, 3.1
13. Confissão, 3.1;4.14
14. Hoje, 3.13
15. "o sétimo dia", 4.4
16. "um repouso", 4.9
17. "penetrou nos céus", 4.14
18. "mas sem pecado", 4.15
19. "acheguemo-nos junto", 4.16
20. "os princípios elementares", 5.12

21. Batismos, 6.2
22. “a promessa”, 6.15
23. “o véu”, 6.19
24. “Jesus se tem tornado fiador de superior aliança”, 7.22
25. Intercessão, 7.25
26. Tabernáculo, 8.2
27. “figura e sombra das coisas celestes”, 8.5
28. “nova aliança”, 8.8,13
29. “o Santo dos Santos”, 9.3
30. O bordão de Arão, 9.4
31. O propiciatório, 9.5
32. “uma tão grande nuvem de testemunhas”, 12.1
33. “uma raiz de amargura”, 12.15
34. “Jerusalém celestial”, 12.22

IX. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. “o Primogênito”, 1.6
2. “aquele que tinha o poder da morte”, 2.14
3. “alguns o provocaram”, 3.16
4. Melquisedeque, 5.6
5. Há três grupos mencionados em 5.11-6.8: “vós”, “aqueles”, e “nós”. A quem cada um se refere?
6. Querubim, 9.5
7. Enoque, 11.5
8. Raabe, 11.31
9. “grande Pastor”, 13.20
10. Timóteo, 13.23

X. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Salém, 7.1
2. Jericó, 11.30
3. Monte Sião, 12.22
4. Itália, 13.24

XI. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Liste os aspectos do “filho” mencionados em 1.2-4
2. Por que os anjos são mencionados tanto nos primeiros capítulos de Hebreus?
3. Como os anjos estão relacionados com os crentes? (1.14)
4. Como Jesus foi feito um pouco menor que os anjos? (2.9)
5. Qual é a grande verdade de 2.18; 4.15?
6. Como Moisés e Jesus são comparados em 3.1-6?
7. O que 3.7 implica sobre o Espírito?
8. Sobre o que 3.12 está falando?
9. O que 3.11 quer dizer, “não entrarão no meu repouso”?

10. O que 3.14 diz sobre a confiança cristã?
11. Explique 4.12 com suas próprias palavras.
12. Por que o autor menciona um antigo sacerdote cananeu? (5.6-10)
13. Explique a significância de 5.8,9.
14. Liste as doutrinas em 6.1,2. Elas são judaicas ou cristãs? Por quê?
15. Por que o termo “impossível” em 6.6 refuta aqueles que acreditam que você pode ser salvo, perdido, salvo?
16. Por que Melquisedeque é dito ser sem pai ou mãe? (7.3)
17. Por que Abraão está pagando um dízimo a Melquisedeque tão importante? (7.4-10)
18. O que 8.13 e 10.4 implicam sobre o AT?
19. Como 9.22 refuta o Hinduísmo?
20. Como 10.25 e 39 se relacionam com o cenário histórico?
21. Como o capítulo 6 está relacionado com o capítulo 10?
22. Resuma o capítulo 11 em suas próprias palavras?
23. A que 12.2 está se referindo?
24. Por que 13.8 é tão significante?

0
50
100
200
300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A TIAGO

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. Este é o livro favorito de Soren Kierkegaard no Novo Testamento porque ele enfatiza o cristianismo prático, diário.

B. Este foi o livro menos favorito de Martinho Lutero no Novo Testamento porque parece ele parece contradizer a ênfase da “justificação pela fé” de Paulo em Romanos e Gálatas.

C. Este é um gênero muito diferente dos outros livros do Novo Testamento
   1. Muito como um livro de Provérbios da nova aliança falado por um profeta ardente
   2. Escrito cedo depois da morte de Jesus e ainda muito judaico e prático

II. AUTOR

A. O autor tradicional é Tiago (Hebraico, “Jacó”), o meio-irmão de Jesus (um dos quatro, cf. Mt 13.55; Marcos 6.3; Atos 1.14; 12.17; Gl 1.19). Ele foi o líder da igreja de Jerusalém (48-62 A.D., cf. Atos 15.13-21; Gl 2.9).
   1. Ele foi chamado “Tiago o Justo” e depois apelidado “joelhos de camelo” porque ele constantemente orava de joelhos (de Hegesipo, citado por Eusébio).
   2. Tiago não era um crente até depois da ressurreição (cf. Marcos 3.21; João 7.5; I Co 15.7).
   3. Ele estava presente no cenáculo quando o Espírito veio no Pentecostes (cf. Atos 1.14).
   4. Ele era casado (cf. I Co 9.5).
   5. Ele é referido por Paulo como uma coluna (possivelmente um apóstolo, cf. Gl 1.19) mas não um dos Doze (cf. Gl 2.9; Atos 12.17; 15.13ss).
   6. Em *Antiquities of the Jews* [Antiguidades dos Judeus], 20.9.1, Josefo diz que ele foi apedrejado em 62 A.D. pelos saduceus do Sinédrio, enquanto uma outra tradição (os escritores do segundo século, Clemente de Alexandria ou Hegesipo) diz que ele foi empurrado da parede do Templo.
   7. Por muitas gerações depois da morte de Jesus um parente de Jesus foi nomeado líder da igreja em Jerusalém.

B. Em *Studies in the Epistle of James* [Estudos na Epístola de Tiago], A. T. Robertson afirma a autoria de Tiago:

   “Há muitas provas que a epístola foi escrita pelo autor do discurso em Atos 15.13-21 – similaridades delicadas de pensamento e estilo sutis demais para mera imitação ou cópia. A mesma semelhança aparece entre a Epístola de Tiago e a carta para Antioquia, provavelmente escrita também por Tiago (Atos 15.23-29). Há, além disso, aparentes reminiscências do Sermão do Monte, que Tiago pode ter ouvido pessoalmente ou pelo menos ouviu a essência dele. Há o mesmo vigor de imagens na epístola que é uma característica tão proeminente do ensino de Jesus” (p. 2).

   A. T. Robertson está aqui seguindo *The Epistle of St. James* [A Epístola de São Tiago] de J. B. Mayor, pp. iii-iv.

C. Há dois outros homens chamados Tiago na lista apostólica do NT. No entanto, Tiago, o irmão de João, foi morto muito cedo em 44 A.D. por Herodes Agripa I (cf. Atos 12.1,2). O outro Tiago, "o menor" ou "o mais jovem" (cf. Marcos 15.40), nunca é mencionado fora das listas dos apóstolos. O autor de nossa epístola era aparentemente bem conhecido.

D. Há três teorias quanto ao relacionamento de Tiago com Jesus:
   1. Jerônimo disse que ele era primo de Jesus (de Alfeu e Maria de Clopas). Ele obteve isso da comparação de Mt 27.56 com João 19.25.
   2. A tradição católica romana afirma que era um meio-irmão de um casamento anterior de José (cf. comentários de Orígenes sobre Mt 13.55 e Epifânio em *Heresies* [Heresias], 78).
   3. Tertuliano (160-220 A.D.), Helvídio (366-384 A.D.) e a maioria dos protestantes afirmam que ele era um verdadeiro meio-irmão de Jesus de José e Maria (cf. Marcos 6.3; I Co 9.5).
   4. Opções nº 1 e nº 2 foram desenvolvidas para proteger a doutrina católica romana da virgindade perpétua de Maria.

III. DATA

A. Se a autoria acima é aceita, há duas datas possíveis:
   1. Cedo, antes do Concílio de Jerusalém (Atos 15) em 49 A.D. (se essa data é verdadeira então Tiago é o livro mais antigo do NT a ser circulado)
   2. Mais tarde, pouco antes da morte de Tiago em 62 A.D.

B. A primeira data tem a seu favor:
   1. O uso de "sinagoga" em 2.2
   2. A falta de organização de igreja
   3. O uso da palavra "presbítero" em seu sentido judaico em 5.14
   4. Nenhuma menção da controvérsia sobre a missão dos gentios (cf. Atos 15)
   5. Tiago parece estar escrevendo para uma comunidade crente judaica primitiva longe de Jerusalém e possivelmente fora da Palestina (cf. 1.1)

C. A última data tem a seu favor:
   1. A possível reação de Tiago (cf. 2.14-20) à carta de Paulo aos Romanos (cf. 4.1ss), tomando uma abordagem contrária para corrigir um uso inapropriado pelos hereges (cf. II Pe 3.15,16). Se isso é verdadeiro, um bom título para Tiago seria "uma correção no meio do percurso".
   2. O livro aparentemente supõe as doutrinas cristãs básicas por causa da ausência total delas do livro.

IV. DESTINATÁRIOS

A. A referência "às doze tribos que andam dispersas" (1.1) é nossa dica importante. Também, a inclusão da carta nas "epístolas católicas" reflete sua natureza encíclica. Obviamente uma igreja não é tão proeminente quanto um específico embora disperso grupo de indivíduos e estes parecem ser cristãos judeus fora da Palestina.

B. Há três possíveis interpretações da frase em 1.1:

1. Judeus – Isto parece improvável por causa do uso recorrente de "irmãos" e a falta das verdades importantes do evangelho sobre Jesus. Também, depois do Exílio, muitas das doze tribos originais nunca retornaram. A mesma metáfora é usada simbolicamente dos crentes em Ap 7.4-8.
2. Cristãos judeus – Isto parece ser o mais provável por causa do tom judaico do livro e a posição de liderança de Tiago na igreja de Jerusalém.
3. A igreja como Israel espiritual – Isto é possível por causa do uso de "diáspora" em I Pe 1.1 e a alusão de Paulo à igreja (judeus e gentios crentes) como Israel espiritual (cf. Rm 2.28,29; 4.16ss; Gl 3.29; 6.16).

V. DESTINATÁRIOS

A. Uma tentativa para aplicar o Novo Pacto especificamente a cristãos judeus do primeiro século vivendo em cenários pagãos.

B. Alguns acreditam que era judeus ricos perseguindo judeus cristãos. É também possível que os cristãos primitivos estavam sujeitos ao abuso pagão anti-semita. Era obviamente um tempo de necessidade física e perseguição (cf. 1.2-4, 12; 2.6,7; 5.4-11,13,14).

VI. GÊNERO LITERÁRIO

A. Esta carta/sermão reflete um conhecimento de literatura de sabedoria, tanto canônica (Jó – Cantares) e inter-bíblica (Eclesiástico aproximadamente 180 a.C.). Sua é a vida prática – fé em ação (cf. 1.3,4).

B. De algumas maneiras o estilo é muito similar tanto aos mestres da sabedoria judaica quanto aos mestres itinerantes da moral grega e romana (como os estóicos). Alguns exemplos são:

1. Estrutura frouxa (pulando de um assunto para outro)
2. Muitos imperativos (54 deles)
3. Diatribe (um suposto objetante fazendo perguntas, cf. 2.18; 5.13). Isso também é visto em Malaquias, Romanos e I João.

C. Embora haja poucas citações diretas do AT (cf. 1.11; 2.8,11,23; 4.6), como o Livro do Apocalipse, há muitas alusões ao AT.

D. O esboço de Tiago é quase mais longo do que o livro mesmo. Isso reflete a técnica rabínica de pular de assunto para assunto a fim de manter a atenção do público. Os rabis chamavam-na "pérolas num cordão".

E. Tiago parece ser uma combinação de gêneros literários do AT: (1) sábio (mestres de sabedoria) e (2) profetas (muito como Amós e Jeremias). Ele usa verdades do AT mas as lava no Sermão de Jesus nos ensinamentos do Monte.

VII. CONTEÚDO

A. Tiago usa alusões às palavras de Jesus, encontradas nos Evangelhos Sinóticos, mais do que qualquer outro livro do NT (i.e. 1.5,6,22; 2.5,8,13; 3.12,18; 4.10,12; 5.12). É ainda possível que

Tiago contenha algumas citações de Jesus (cf. 1.27; 2.13; 3.18; 4.11,12,17).

B. Tiago é rememorativo do Sermão do Monte

TIAGO	**SERMÃO DO MONTE**
1.2	Mt 5.1-2
1.4	Mt 5.48
1.5	Mt 7.7 (21.26)
1.12	Mt 5.3-11
1.20	Mt 5.22
1.22-25	Mt 7.24-27
2.5	Mt 5.3 25.34
2.8	Mt 5.43; 7.12
2.13	Mt 5.7 (6.14,15; 18.32-35)
3.6	Mt 5.22,29,30
3.12	Mt 7.16
3.18	Mt 5.9; 7.16.17
4.4	Mt 6.24
4.11,12	Mt 7.1
4.13	Mt 6.34
5.2	Mt 6.19,20
5.10,11	Mt 5.12
5.12	Mt 5.34-37

C. É teologia aplicada (fé sem obras é morta). Dos 180 versos, 54 são imperativos.

VIII. CANONIZAÇÃO

A. A inclusão de Tiago foi tardia e difícil.
1. Tiago não estava na lista canônica de Roma aproximadamente 200 A.D. chamado “Fragmento Muratoriano”.
2. Não estava na lista canônica da África do Norte, 360 A.D., chamada “Lista de Cheltenham” (também chamada catálogo de Karl Mondem).
3. Não estava incluída na versão Antiga Latina do NT.
4. Eusébio a lista como um dos livros mais disputados (Hebreus, Tiago, II Pedro, II e III

João, Judas e Apocalipse), *Hist. Ecl.* II.23.24-24; III.25.3.

5. Não foi recebida na Igreja Ocidental até o 4º século e não foi documentada na Igreja Oriental até a revisão da tradução Peshita do 5º século.
6. Foi rejeitada por Teodoro de Mopsuéstia (397-428 A.D.), o líder da escola antioquina de interpretação bíblica (ele rejeitou todas as epístolas católicas).
7. Erasmo tinha dúvidas sobre ela, como fez Martinho Lutero, que a chamou "epístola de palha" porque ele achava que ela contradizia as ênfases de Romanos e Gálatas na "justificação pela fé".

B. Evidencia da autenticidade de Tiago:

1. Foi aludida nos escritos de Clemente de Roma (96 A.D.) e depois no segundo século por Inácio, Policarpo, Justino Mártir e Irineu.
2. Foi aludida no escrito cristão não canônico, mas popular, chamado *Pastor de Hermas*, escrito aproximadamente 130 A.D.
3. É citada diretamente por Orígenes (185-245) em seu comentário sobre João XIX.23.
4. Em sua *Hist. Ecl.* II.23, Eusébio a listou entre os "livros disputados", mas acrescentou que era aceita pela maioria das igrejas.
5. Está incluída na revisão da tradução siríaca de 412 A.D. (chamada Peshita).
6. Orígenes e João de Damasco no Oriente e Jerônimo e Agostinho no Ocidente defenderam a inclusão deste livro no Cânon. Recebeu seu status canônico oficial nos Concílios de Hipona, 393 A.D., e Cartago, 397 A.D. e novamente em 419 A.D.
7. Foi aceita por Crisóstomo (345-407 A.D.) e Teodoreto (393-457 A.D.), ambos líderes da escola antioquina de interpretação de bíblica.

IX. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

A. "as doze tribos", 1.1
B. Dispersas, 1.1
C. "tende por motivo", 1.2
D. Aprovado, 1.12
E. Coroa da vida, 1.12
F. "não há mudança, nem sombra de variação", 1.17
G. "cumpridores da palavra", 1.22
H. A lei perfeita, 1.25
I. "também os demônios o crêem", 2.19
J. "mais duro juízo", 3.1
K. Inferno, 3.6
L. "jurar pelo céu ou pela terra", 5.12
M. Ungir, 5.14
N. "confessai os vossos pecados uns aos outros", 5.16

X. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

A. “homem de ânimo dobre”, 1.8
B. “o Pai das luzes”, 1.17
C. Raabe, 2.25
D. “o Senhor dos Exércitos”, 5.4
E. Jó, 5.11
F. Os presbíteros, 5.14
G. Elias, 5.17

XI. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR – NENHUM

XII. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

A. Como 1.2 pode ser verdadeiro?
B. Como a oração é limitada? (1.5-8; 4.1-5)
C. Como 1.9-11 inverte as expectativas do papel cultural?
D. Como 1.13 se compara com Mt 6.13?
E. Como 1.22 é o tema do livro?
F. 2.1-7 está falando sobre um cenário de adoração ou um cenário de corte da igreja? Por quê?
G. A que evento na vida cristã 2.7 está se referindo?
H. Por que 2.10 é uma verdade importante?
I. Por que 2.17 causou tanto conflito na igreja? (cf. 2.20)
J. Como Paulo e Tiago usam Abraão como um exemplo, mas de maneiras diferentes? (2.18-26)
K. Explique o ponto de 3.1-5 em suas próprias palavras.
L. Descreva a diferença entre a sabedoria mundana e a sabedoria de Deus. (3.15-17)
M. Por que 4.5 é tão difícil para interpretar?
N. Por que 5.1-6 teria surpreendido os crentes judeus?

INTRODUÇÃO A I PEDRO

I. AUTORIA

A. Evidência interna para o Apóstolo Pedro
  1. Afirmada em 1.1
  2. Alusões às palavras e experiências da vida de Jesus e os Doze (i.e. testemunha ocular de 5.1)
    a. Exemplos tirados de *The First Epistle of St. Peter* [A Primeira Epístola de São Pedro] de E. G. Selwyn, 1946
      (1) 1.3 - João 21.7
      (2) 1.7-9 - Lucas 22.31; Marcos 8.29
      (3) 1.10-12 - Lucas 24.25ss; Atos 15.14ss
      (4) 3.15 - Marcos 14.29,71
      (5) 5.2 - João 21.15ss
    b. Exemplos tirados de *The First Epistle General of Peter* [A Primeira Epístola Geral de Pedro] de Alan Stibb, 1971
      (1) 1.16 - Mt 5.48
      (2) 1.17 - Mt 22.16
      (3) 1.18 - Marcos 10.45
      (4) 1.22 - João 15.12
      (5) 2.4 - Mt 21.42ss
      (6) 2.19 - Lucas 6.32; Mt 5.39
      (7) 3.9 - Mt 5.39
      (8) 3.14 - Mt 5.10
      (9) 3.16 - Mt 5.44; Lucas 6.28
      (10) 3.20 - Mt 24.37,38
      (11) 4.11 - Mt 5.16
      (12) 4.13 - Mt 5.10ss
      (13) 4.18 - Mt 24.22
      (14) 5.3 - Mt 20.25
      (15) 5.7 - Mt 6.25ss
  3. Palavras e frases similares aos sermões de Pedro em Atos
    a. 1.20 - Atos 2.23
    b. 2.7,8 - Atos 4.10,11
    c. 2.24 - Atos 5.30; 10.39 (esp. uso de *xylon* para cruz)
    d. 4.5 - Atos 10.45
  4. Comparações missionárias contemporâneas do primeiro século
    a. Silvano (Silas) - 5.12
    b. Marcos (João Marcos) - 5.13

B. Evidência externa para o Apóstolo Pedro
  1. Aceita cedo e amplamente pela igreja primitiva
    a. Fraseologia similar, possivelmente citações da *Letter to Corinthians* [Carta aos Coríntios] de Clemente de Roma (95 A.D.)
    b. Fraseologia similar, possivelmente da *Epistle of Barnabas* [Epístola de Barnabé]

(130 A.D.)

c. Aludida por Papias, o Bispo de Hierópolis (140 A.D.) numa citação de Eusébio
d. Citada por Policarpo em sua *Epistle to the Philippians* [Epístola aos Filipenses] 8.1, mas não menciona I Pedro de nome (ele morreu em 155 A.D.)
e. Citada por Irineu (140-203 A.D.)
f. Citada por Orígenes (185-253 A.D.). Orígenes acreditava que I Pe 5.13, onde Pedro chama Marcos “meu filho”, significa que ele escreveu o Evangelho de Pedro.
g. Citada por Tertuliano (150-222 A.D.)

C. Razões para questionar a autoria do Apóstolo Pedro de I Pedro
1. Não está listada na Fragmento Muratoriano, que foi uma lista de livros canônicos compilada em Roma entre 180 e 200 A.D.
2. O grego é bom, grego coinê polido, que é surpreendente de um pescador Galileu inculto
3. Pedro parece tanto como Romanos e Efésios de Paulo
4. A perseguição enquadra uma data mais recente
   a. Domiciano (81-96 A.D.)
   b. Trajano (98-117 A.D.)

D. Possíveis respostas para as preocupações da erudição moderna
1. O Fragmento Muratoriano pode estar danificado e está faltando pelo menos uma linha de texto (cf. *A General Survey of the History of the Canon of the New Testament* [Uma Pesquisa Geral da História do Cânon do Novo Testamento] de B. F. Westcott, 6ª ed. p. 289
2. Pedro não era inculto (cf. Atos 4.13), mas não instruído nas escolas rabínicas. Aparentemente a maioria dos judeus na Galiléia eram bilíngües de nascimento. A outra questão importante nessa discussão é o uso de Pedro de um escriba. O texto de I Pe 5.12 sugere firmemente que ele usou Silvano (Silas).
3. Tanto Pedro quanto Paulo com freqüência usavam material litúrgico ou de formação comum na igreja primitiva. Eles também tiveram algum contato através dos anos (i.e. Atos, Gl e II Pe 3.15,16).

   Para mim a razão mais provável para a similaridade de Pedro com o escrito de Paulo pode ser explicada pelo uso de Pedro do companheiro missionário de Paulo Silas (Silvano). É incerto quanta liberdade os autores regularmente permitiam que seus escribas exercitassem.
4. I Pedro não reflete necessariamente uma perseguição por todo o império. A afirmação de Pedro de crentes necessitando estarem sujeitos ao governo (cf. 2.13-17) seria incomum numa época de perseguição por todo o império.

   A doença mental crescente de Nero (54-68 A.D.) (i.e. alegações grandiosas) encorajou cultos locais do imperador, especialmente na Ásia Menor para instigar perseguições locais. I Pedro enquadra a época de Nero melhor do que a época de Domiciano ou Trajano. É ainda possível que alguma perseguição está vindo de grupos judaicos assim como oficiais governamentais locais ou cultos locais.

E. Não há nada em I Pedro mesmo para exigir um autor mais recente.

II. DATA

A. A data está obviamente relacionada com autoria.

B. A tradição relaciona as mortes de Pedro e Paulo em Roma sob Nero, provavelmente 65 A.D. Se for assim, então I Pedro teve de ter sido escrita aproximadamente 63-64 A.D.

C. Uma data em meados do primeiro século é provável se I Pedro é aludida por Clemente de Roma (95 A.D.).

D. A. T. Robertson acredita que Pedro morreu em 67-68 A.D. e escreveu I Pedro em 65-66 A.D. Eu acho que ele morreu em 64-65 e escreveu pouco antes disso.

III. DESTINATÁRIOS

A. Típico das cartas do primeiro século os destinatários são notados em 1.1 como "aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia". Essas províncias romanas (supondo que Galácia seja Galácia étnica do norte) estão localizadas no norte da Turquia moderna. Essas áreas são aparentemente lugares que Paulo não evangelizou nem Pedro (cf. 1.12). Possivelmente essas igrejas se originaram de convertidos no Pentecostes.

B. Embora essas igrejas possam ter sido originalmente iniciadas crentes judeus, no tempo do escrito de Pedro, elas eram principalmente gentias.
   1. 1.14 - anteriormente ignorantes de Deus
   2. 1.18 - maneiras fúteis herdadas de seu pai
   3. 2.9,10 - agora povo de Deus
   4. 2.12 - entre os gentios
   5. 4.3,4 - listas de vícios gentios

C. O livro contém elementos judaicos
   1. O uso dos termos "estrangeiros", "diáspora" refletem um pano de fundo do AT (cf. João 9.35; Atos 7.6)
   2. O uso de Escrituras do OT
      a. Êxodo 19 (cf. 2.5,9)
      b. Isaías 53 (cf. 1.19; 2.22,24,25)

   Contudo, esses exemplos não refletem uma igreja judaica, mas

   3. A transferência de títulos do AT de Israel para igreja (i.e. "um reino de sacerdotes")
      a. 2.5
      b. 2.9
   4. Um documento de instrução da igreja (catecismo), que empregava textos messiânicos do AT
      a. 1.19 - Isaías 53.7 (i.e. Cordeiro)
      b. 2.22 - Isaías 53.5
      c. 2.24 - Isaías 53.4,5,11,12
      d. 2.25 - Isaías 53.6

D. Embora Pedro fosse chamado especialmente para ministrar a judeus (cf. Gl 2.8), ele, como Paulo, trabalhava tanto com judeus quanto gentios (cf. Atos 10)

IV. PROPÓSITO

A. I Pedro tem tanto um aspecto doutrinário quanto pratico. No entanto, como Paulo dividia suas cartas numa seção de início sobre doutrina e uma seção de conclusão sobre aplicação, Pedro funde as duas. Seu livro muito mais difícil para esboçar. De muitas maneiras, reflete um sermão mais do que uma carta (cf. gênero).

B. A questão principal discutida é sofrimento e perseguição. Isso é feito de duas maneiras.
   1. Jesus é apresentado como o exemplo supremo de sofrimento e rejeição (cf. 1.11; 2.21,23; 3.18; 4.1,13; 5.1,9,10).
   2. Os seguidores de Jesus são solicitados a imitar Seu padrão e atitude (cf. 1.6,7; 2.19; 3.13-17; 4.1,12-19; 5.9).

C. À luz do sofrimento e perseguições tão comuns nos primeiros anos do cristianismo, não é surpreendente com que freqüência a Segunda Vinda é mencionada. Este livro, como a maioria dos escritos do NT, é completamente escatológico.

V. GÊNERO

A. Este livro tem uma abertura e conclusão greco-romana típica do primeiro século
   1. 1.1,2
      a. Autor
      b. Destinatários
      c. Oração
   2. 5.12-14
      a. Saudações finais
         (1) De quem
         (2) Para quem
      b. Oração

B. O corpo principal da carta se parece com um sermão mais do que uma carta. Alguns têm suposto que ela foi
   1. Primeiro um sermão
   2. Primeiro uma liturgia batismal
   3. Primeiras peças do catecismo da igreja primitiva combinadas

C. A carta parece terminar em 4.11 com uma doxologia, mas nenhum manuscrito grego para nesse ponto. É possível que 4.12-5.11 seja um resumo da carta inteira.

D. Eu pessoalmente acredito que I Pedro funciona como uma carta cíclica para as igrejas que Pedro não começou pessoalmente, praticamente de igual modo como Colossenses de Paulo, mas também um encorajamento geral para os crentes estarem atentos aos problemas próximos, praticamente de igual modo como as cartas de Gálatas e Efésios de Paulo.

   O gênero cíclico explica a falta de um começo e conclusão menos pessoal à carta. Também explica a falta de exemplos de perseguição específicos.

VI. CANONIZAÇÃO

A. Eu incluo a categoria de canonização em I Pedro porque a questão é tão controversa com II Pedro.

B. I Pedro é listado em *Hist. Ecl. 3.3.25*, como sendo parte de "os livros disputados". Na igreja antiga nunca foi posta em dúvida como uma carta verdadeira do Apóstolo Pedro.

C. A questão da canonicidade é exacerbada por causa do numero de escritos espúrios atribuídos a Pedro. A igreja primitiva nunca aceitou nenhum deles, reconhecendo somente I Pedro e a disputada II Pedro como realmente do Apóstolo.
   a. Atos de Pedro
   b. Atos de Pedro e André
   c. Atos de Pedro e Paulo
   d. A paixão de Pedro e Paulo
   e. Os Atos de Pedro e os Doze
   f. Apocalipse de Pedro
   g. Evangelho de Pedro
   h. Paixão de Pedro
   i. Pregação de Pedro
   j. Atos de Pedro Eslavo

   (Para uma discussão de cada um desses escritos pseudônimos, veja a *Zodervan Pictorial Encyclopedia of the Bible* [Enciclopédia Ilustrada da Bíblia de Zodervan] Vol. 4; pp. 721-723, 732-733, 740). Nenhum desses escritos supostamente atribuídos a Pedro eram mesmo seriamente considerados ser parte do cânon do NT. Isto, em e de si mesmo, diz muito sobre a inclusão de I e II Pedro.

PEDRO, O HOMEM

I. SUA FAMÍLIA

A. A família de Pedro morava na Galiléia dos Gentios na cidade de Betsaída na costa norte do Mar da Galiléia (ou o Mar de Tiberíades cf. João 1.44), mas aparentemente se mudou para Cafarnaum em algum ponto (cf. Marcos 1.21,29).

B. O nome do pai de Pedro era Jonas (cf. Mt 16.17) ou João (cf. João 1.42; 21.15-17).

C. Seu nome dado era Simão (cf. Marcos 1.16,29,30,36), que era comum na Palestina do primeiro século. Era a forma judaica de Simeão (cf. Atos 15.14; II Pe 1.1).
Jesus deu novo nome a ele de Pedro (*Petros*, que significa "rocha", considerado descrever sua eventual força e estabilidade) em Mt 16.18; Marcos 3.16; Lucas 6.14; e João 1.42. A forma aramaica é *Cefas* (cf. João 1.42; I Co 1.12; 3.22; 9.5; 15.5; Gl 1.18; 2.9,11,14). Com freqüência no NT esses dois nomes são dados juntos (cf. 16.16; Lucas 5.8; João 1.40; 6.8, 68; 13.6,9,24,36; 18.10,15,25; 20.2,6; 21.2,3,7,11,15).

D. O nome do irmão de Pedro era André (cf. Marcos 1.16). Ele era um discípulo de João Batista (cf. João 1.35,40) e depois um crente e seguidor de Jesus (cf. João 1.36,37). Ele levou Simão a Jesus (cf. João 1.41). Vários meses depois Jesus confrontou-os junto ao Mar da Galiléia e os chamou para serem seus discípulos oficiais de período integral (cf. Mt 4.18-20; Marcos 1.16-18; e Lucas 5.1-11).

E. Ele era casado (cf. Marcos 1.30; I Co 9.5), mas não há menção de filhos.

II. SUA OCUPAÇÃO

A. A família de Pedro possuía vários barcos de pesca e até servos contratados.

B. A família de Pedro pode ter sido sócios com Tiago, João e o pai deles, Zebedeu (cf. Lucas 5.10).

C. Pedro retornou a pescar brevemente depois da morte de Jesus (cf. João 21)

III. SUA PERSONALIDADE

A. Os pontos fortes de Pedro
1. Ele era um seguidor dedicado, mas muito impulsivo (cf. Marcos 9.5; João 13.4-11).
2. Ele tentou atos de fé, mas com freqüência falhou (e.g. andar sobre as águas, cf. Mt 14.28-31)
3. Ele era valente e disposto a morrer (cf. Mt 26.51,52; Marcos 14.47; Lucas 22.49-51; João 18-10,11).
4. Depois de Sua ressurreição, Jesus se dirigiu a ele pessoalmente como o líder desacreditado dos Doze em João 21 e proveu uma oportunidade para arrependimento e restauração à liderança.

B. As fraquezas de Pedro
   1. Ele tinha tendências iniciais para o legalismo judaico
      a. Comer com os gentios (Gl 2.11-21)
      b. Leis de alimento (Atos 10.9-16)
   2. Ele, como todos os Apóstolos, não compreendeu completamente os novos ensinos radicais de Jesus e suas implicações
      a. Marcos 9.5,6
      b. João 13.6-11; 18.10,11
   3. Ele foi pessoalmente e severamente criticado por Jesus (Marcos 8.33; Mt 16.23)
   4. Ele foi encontrado dormindo em vez de orando no grande momento de necessidade de Jesus no Getsêmani (Marcos 14.32-42; Mt 26.36-46; Lucas 22.40-60)
   5. Ele repetidamente negou conhecer Jesus (Marcos 14.66-72; Mt 26.69-75; Lucas 22.56-62; João 18.16-18,25-27)

IV. SUA LIDERANÇA DO GRUPO APOSTÓLICO

A. Há quatro listas dos Apóstolos (cf. Mt 10.2-4; Marcos 3.16-19; Lucas 6.14-16; Atos 1.13). Pedro é sempre listado primeiro. Os Doze são divididos em três grupos de quatro. Eu acredito que isso os permitiu alternarem-se em casa para verificarem suas famílias.

B. Pedro com freqüência serve como o porta-voz do grupo apostólico (cf. Mt 16.13-20; Marcos 8.27-30); Lucas 9.18-21). Essas passagens têm sido também usadas para afirmar a autoridade de Pedro dentro do grupo (cf. Mt 16.18). Contudo, dentro desse exato contexto ele é repreendido por Jesus como uma ferramenta de Satanás (cf. Mt 16.23; Marcos 8.33).

   Também, quando os discípulos estão discutindo sobre quem é o maior, Pedro não é suposto tomar essa posição (cf. Mt 20.20-28, especialmente v. 24; Marcos 9.33-37; 10.35-45).

C. Pedro não era o líder da igreja de Jerusalém. Isso coube a Tiago, meio-irmão de Jesus (cf. Atos 12.17; 15.13; 21.18; I Co 15.7; Gl 1.19; 2.9,12).

V. SEU MINISTÉRIO DEPOIS DA RESSURREIÇÃO DE JESUS

A. O papel de liderança de Pedro é claramente visto nos primeiros capítulos de Atos
   1. Ele liderou na eleição da substituição de Judas (cf. Atos 1.15-26).
   2. Ele pregou o primeiro sermão no Pentecostes (cf. Atos 2).
   3. Ele curou um coxo e pregou o segundo sermão registrado (cf. Atos 3.1-10; 3.11-26).
   4. Ele falou corajosamente ao Sinédrio em Atos 4.
   5. Ele presidiu a disciplina da igreja de Ananias e Safira em Atos 5.
   6. Ele falou no Concílio de Jerusalém em Atos 15.7-11.
   7. Vários outros eventos e milagres são atribuídos a ele em Atos.

B. Pedro, contudo, nem sempre incorporou as implicações do evangelho
   1. Ele reteve uma crença do AT (Gl 2.11-14).
   2. Ele teve de ter uma revelação especial para incluir Cornélio (cf. Atos 10) e outros gentios.

VI. OS ANOS DE SILÊNCIO

A. Há pouca ou nenhuma informação sobre Pedro depois do Concílio de Jerusalém de Atos 15
   1. Gálatas 1.18
   2. Gálatas 2.7-21
   3. I Coríntios 1.12; 3.22; 9.5; 15.5

B. Tradição da igreja primitiva
   1. Pedro sendo martirizado em Roma é mencionado na carta de Clemente de Roma à igreja em Corinto em 95 A.D.
   2. Tertuliano (150-222 A.D.) também observa o martírio de Pedro em Roma sob Nero (54-68 A.D.).
   3. Clemente de Alexandria (200 A.D.) diz que Pedro foi morto em Roma.
   4. Orígenes (252 A.D.) diz que Pedro foi martirizado por crucificação, de cabeça para baixo, em Roma.

VII. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Presciência, 1.2
2. “aspersão do sangue de Jesus Cristo”, 1.2
3. “gerou de novo”, 1.3
4. Várias tentações, 1.6
5. “a prova da vossa fé”, 1.7
6. “a revelação de Jesus Cristo”, 1.7,13
7. Almas, 1.9
8. “um cordeiro imaculado e incontaminado”, 1.19
9. “foi conhecido antes da fundação do mundo”, 1.20
10. “a palavra do Senhor permanece para sempre”, 1.25
11. “o genuíno leite espiritual”, 2.2
12. “a pedra viva”, 2.4
13. “sacerdócio santo”, 2.5
14. Uma pedra angular, 2.6
15. “uma pedra de tropeço”, 2.8
16. Sujeitar, 2.13
17. “mortos para os pecados, vivamos para a justiça”, 2.24
18. “pelas suas feridas fostes sarados”, 2.24
19. Compassivo, 3.8
20. Uma defesa, 3.15
21. “o batismo, agora também vos salva”, 3.21
22. Testar, 4.12
23. “resisti-lhe”, 5.9

VIII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. “Santo”, 1.15
2. “Pastor e Bispo da vossa alma”, 2.25
3. Os presbíteros, 5.1
4. O Sumo Pastor, 5.4
5. Silvano, 5.12
6. Marcos, 5.13

IX. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Ponto, 1.1
2. Galácia, 1.1
3. Capadócia, 1.1
4. Ásia, 1.1
5. Bitínia, 1.1
6. Sião, 2.6
7. Babilônia, 5.13

X. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Descreva a herança dos crentes. (1.4,5)
2. Explique 1.1 em suas próprias palavras.
3. O que é que os anjos querem saber? (1.12)
4. Como os cristãos devem obedecer 1.16?
5. Como alguém cresce com respeito à salvação? (2.2)
6. Por que 2.5 e 9 é importante?
7. Como 2.16 se relaciona com Romanos 14?
8. Como 3.3 está relacionado hoje?
9. Nosso relacionamento com nosso cônjuge pode afetar nossas orações? (3.7)
10. Onde Cristo foi pregar aos espíritos em prisão? (3.19)
11. Explique 3.22 à luz da teologia gnóstica.
12. Qual é o tema geral de I Pedro?

Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A II PEDRO

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. O propósito ou escopo desta introdução não é discutir em detalhe os problemas conectados com a autoria de II Pedro. Eu pessoalmente concluo que não há nenhuma razão convincente para negar a autoria de Pedro. Três fontes tem sido úteis ao pensar durante essa questão.

1. Artigo "Literary Forgeries and Canonical Pseudepigrapha" [Falsificações Literárias e Pseudo-epigrafes Canônicas] de Bruce M. Metzger em *The Journal of the Evangelical Society of Biblical Literature*,[Revista da Sociedade Evangélica de Literatura Bíblica], 1976, pp. 3-24.
2. Artigo "The Authenticity of 2 Peter" [A Autenticidade de 2 Pedro] de Michael J. Kruger em *The Journal of the Evangelical Theological Society* [Revista da Sociedade Evangélica Teológica], Vol. 42, Nº 4, pp. 645-671.
3. Livro *2 Peter Reconsidered* [2 Pedro Reconsiderado], Tyndale Press, 1961.

B. Enquanto eu penso sobre a possibilidade de que II Pedro não foi escrita por Pedro, muitas coisas passam por minha mente.

1. Quem escreveu II Pedro não muda minha visão de que é inspirada e digna de confiança. A autoria afeta a hermenêutica, não a inspiração, que é uma pressuposição de fé e um processo histórico documentável.
2. Por que eu sou incomodado pela pseudonímia? Aparentemente o mundo greco-romano do primeiro século estava acostumado com isso (artigo de Metzger).
3. Estou relutante a admiti-la por causa de minhas próprias preferências ou posso honestamente avaliar a evidência histórica e textual? A tradição tem me predisposto a uma certa conclusão?
4. A igreja antiga questionou a autoria de Pedro, mas não a mensagem do livro (exceto a igreja síria). É uma mensagem ortodoxa em unidade teológica com outros livros do NT cm muitas afinidades aos sermões de Pedro em Atos.

C. Eusébio usou três categorias para descrever os escritos cristãos:

1. Aceitos
2. Disputados
3. Espúrios

Ele incluiu II Pedro junto com Tiago, Judas, II João e III João na categoria 2 (i.e. disputados). Eusébio aceitou I Pedro, tinha dúvidas sobre II Pedro, e rejeitou como espúrios outros supostos escritos de Pedro (1) os Atos de Pedro; (2) o Evangelho de Pedro; (3) a Pregação de Pedro; e (4) o Apocalipse de Pedro.

II. AUTORIA

A. Este é o livro mais disputado do NT quanto à autoria tradicional.

B. As razoes para essas dúvidas são tanto internas (seu estilo e conteúdo) quanto externas (sua aceitação tardia).

PREOCUPAÇÕES INTERNAS

1. Estilo
   a. O estilo é muito diferente de I Pedro. Isso foi reconhecido por Orígenes e Jerônimo.
      (1) Orígenes reconheceu que alguns rejeitaram a autoria de Pedro, contudo citou de II Pedro seis vezes em seus escritos.
      (2) Jerônimo atribuiu isso ao uso de Pedro de um escriba diferente. Ele também reconhece que alguns em sua época rejeitaram a autoria de Pedro.
      (3) Eusébio dirige-se a essa preocupação em *Hist. Ecl.* 3.3.1: "mas a suposta segunda Epístola que nós não recebemos como canônica, mas todavia tem parecido útil para muitos e tem sido estudada com outra Escritura".
   b. O estilo de II Pedro é muito peculiar. Em *The Epistles of James, Peter and Jude* [As Epístolas de Tiago, Pedro e Judas] na Anchor Bible [Bíblia Âncora], pp. 146-147, B. Reicke o chama "asianismo".

      "Foi chamado estilo 'asiático' porque seus representantes mais importantes vieram da Ásia Menor e era caracterizado por uma maneira de expressão carregada, prolixa, pomposa inclinando para romance e bizarro, e descuidada em violar os ideais clássicos de simplicidade... Nossa epístola foi indubitavelmente escrita em conformidade com as regras da escola asiática que ainda era importante durante o primeiro século cristão".
   c. É possível que Pedro tentou escrever numa língua (i.e. grego coinê) em que ele não era completamente funcional. Sua língua-mãe era o aramaico.
2. Gênero
   a. Esta é uma carta típica do primeiro século?
      (1) Ela tem um começo e uma conclusão
      (2) Ela, contudo, parece ser uma carta cíclica para várias igrejas, como Gálatas, Efésios, Tiago e I João
   b. Pode ser um gênero judaico especializado chamado "testamento", que é caracterizado por
      (1) Um discurso de despedida
         (a) Deuteronômio 31-33
         (b) Josué 24
         (c) O Testamento dos Doze Patriarcas
         (d) João 13-17
         (e) Atos 20.17-28
      (2) Uma predição de morte iminente (cf. II Timóteo)
      (3) Uma admoestação de seus ouvintes a continuar em sua tradição
3. A relação entre II Pedro e Judas
   a. Houve obviamente algum empréstimo literário
   b. A alusão a fontes não-canônicas tem feito muitos rejeitarem tanto Judas quanto II Pedro, contudo mesmo I Pedro faz alusão a I Enoque e Paulo ainda cita poetas gregos.
4. O livro mesmo afirma ser de Pedro o Apóstolo
   a. Ele é identificado em 1.1. Ele é chamado Simão Pedro. Pedro é o nome dado a ele por Jesus (cf. Mt 16). Simeão (não Simão) é raro e incomum. Se alguém estava tentando escrever em nome de Pedro, a escolha dessa grafia semítica é muito surpreendente e contraproducente à pseudonímia.
   b. Ele afirma ser uma testemunha ocular à transfiguração (cf. Mt 17.1-8; Marcos 9.2-8; Lucas 9.28-36) em 1.16-18.
   c. Ele afirma ter escrito uma primeira carta (cf. 3.1), que implica I Pedro.
5. Ortodoxia
   a. Não há nada nesta carta que contradiz ensino apostólico do NT.
   b. Há alguns termos singulares (i.e. mundo destruído por fogo e escritos de Paulo vistos como Escritura), mas nada gnóstico ou adoptionistico ou obviamente herético.

PREOCUPAÇÕES EXTERNAS

1. Eusébio lista os escritos cristãos do primeiro e segundo séculos em três categorias
   a. Aceitos
   b. Disputados
   c. Espúrios

   II Pedro, junto com Hebreus, Tiago, II João e III João são listados na categoria de disputados.
2. II Pedro não aparece no cânon de Marcião (154 A.D.), mas Marcião também rejeitou muitos outros livros do NT.
3. II Pedro não aparece no Fragmento Muratoriano (180-200 A.D.), mas a lista parece estar danificada e também não lista Hebreus, Tiago ou I Pedro.
4. Foi rejeitada pela igreja oriental (síria)
   a. Não na Peshita (primeira metade do quinto século)
   b. Foi incluída no Filoxeniana (507 A.D.) do Iraque e versão Harcleana (616 A.D.) da África do Norte.
   c. Crisóstomo e Teodoro de Mopsuéstia (i.e. líderes da escola antioquina de interpretação) rejeitaram todas as epístolas católicas.
5. II Pedro parece ser citada em "o Evangelho da Verdade" e "o Apócrifo de João" encontrados nos textos gnósticos de Nag Hammadi (cf. *The Nag Hammati Gnóstic Texts and the Bible* [Os Textos Gnósticos de Nag Hammati e a Bíblia] de Andrew K. Helmbold, p. 91). Esses escritos em cóptico são traduções de textos gregos mais antigos. Se II Pedro é aludida então é impossível para ela ter sido escrita no segundo século.
6. Está incluída no P^{72}, datado pela UBS^4 (p.8) como terceiro ou quarto século.
7. É aludida ou citada por Clemente de Roma (95 A.D.)
   a. I Clemente (9.2 – II Pedro 1.17)
   b. I Clemente (23.3 – II Pedro 3.4)
   c. I Clemente (35.5 – II Pedro 2.2)
8. Ela pode ser aludida no *Diálogo com Trifo* 82.1 – II Pe 2.1. Esses são os únicos dois lugares nos escritos cristãos antigos onde o termo grego *pseudoppophetai* é usado.
9. Irineu (130-200 A.D.) possivelmente alude a II Pedro (ele citado pela *Hist. Ecl.* de Eusébio 5.32.2 – II Pe 3.8 e 3.1.1 – II Pe 1.15).
10. Clemente de Alexandria (150-215 A.D.) escreveu o primeiro comentário (embora esteja agora perdida) sobre II Pedro.
11. Ela aparece na carta da Páscoa de Atanásio (367 A.D.), que foi uma lista corrente de livros canônicos.
12. Ela foi aceita como canônica pelos concílios da igreja primitiva de Laodicéia (372 A.D.) e Cartago (397 A.D.)
13. É interessante que outros supostos escritos de Pedro (i.e. os Atos de Pedro, os Atos de André e Pedro, os Atos de Pedro e Paulo, Paixão de Pedro e Paulo, os Atos de Pedro e os Doze Apóstolos, o Apocalipse de Pedro e a Pregação de Pedro) foram todos rejeitados pelas igrejas primitivas como espúrios (i.e. não-inspirados).

III. DATA

i. Isso depende da autoria.

ii. Se você está convencido da autoria de Pedro então em algum momento antes de sua morte (cf. 1.14)

iii. A tradição da igreja afirma que o Apóstolo Pedro morreu em Roma enquanto Nero era César. Nero instituiu a perseguição para os cristãos em 64 A.D. Ele se matou em 68 A.D.

iv. Se um seguidor de Pedro escreveu em seu nome, então uma data tão tardia quanto 130-150 é provável porque II Pedro é citada no *Apocalipse de Pedro* assim como *O Evangelho da Verdade* e *Apócrifo João*.

v. O famoso arqueólogo americano W. F. Albright afirma que foi escrita antes de 80 A.D. por causa de suas similaridades como os Rolos do Mar Morto.

IV. DESTINATÁRIOS

A. Se I Pedro é referida em II Pedro 3.1 então os destinatários seriam os mesmos (i.e. Turquia do norte).

B. II Pedro pode ser uma carta de recomendação para encorajar os crentes a perseverar sob prova, resistir os falsos doutores e viver fielmente na tradição do evangelho em antecipação da Segunda Vinda

V. OCASIÃO

A. Enquanto I Pedro se dirige a perseguição e sofrimento, II Pedro se dirige aos falsos doutores.

B. A natureza exata do ensino falso é incerta, mas pode estar relacionada com o gnosticismo antinomiano (cf. 2.1-22; 3.15-18). Este livro usa vocabulário técnico empregado tanto pelo gnosticismo incipiente quanto as religiões de mistério. Isso pode ter sido uma técnica apologética intencional atacando a teologia deles.

C. Este livro, como II Tessalonicenses, se dirige ao assunto de uma Segunda Vinda demorada, mas certa, em que os filhos de Deus serão glorificados e os descrentes julgados (cf. 3.3,4). É interessante que I Pedro caracteristicamente usa o termo *apocalupsis* para se referir ao retorno de Jesus, enquanto II Pedro usa *parousia*. Isso possivelmente reflete o uso de escribas diferentes (i.e. Jerônimo).

VI. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Servo, 1.1
2. Divino poder, 1.3
3. Piedade, 1.3
4. “participantes da natureza divina”, 1.4
5. “Reino eterno”, 1.11
6. “brevemente hei de deixar este meu tabernáculo”, 1.14
7. “a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”, 1.16
8. “nós mesmos vimos a sua majestade”, 1.16
9. “meu Filho amado”, 1.17
10. “a estrela da alva apareça”, 1.19
11. Falsos profetas, 2.1
12. Falsos doutores, 2.1
13. “anjos que pecaram”, 2.4
14. Inferno (i.e. Tártaro), 2.4
15. “desprezam as dominações”, 2.10

16. “difamar autoridades superiores”, 2.10
17. “o santo mandamento”, 2.21
18. “apressando-vos para a vinda do Dia de Deus”, 3.12
19. “novos céus e nova terra”, 3.13
20. “imaculados e irrepreensíveis”, 3.14

VII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Noé, 2.5
2. Ló, 2.7
3. Balaão, 2.15

VIII. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR – NENHUM

IX. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. 1.1 está chamando Jesus Deus?
2. Como 1.10 relaciona a soberania de Deus e o livre-arbítrio humano?
3. Quando Jesus contou a Pedro sobre Sua morte? 1.14
4. Liste as maneiras que o capítulo 1 reflete os dias de Pedro com Jesus.
5. Que grande verdade 1.20,21 afirma?
6. Liste as características dos falsos líderes no capítulo 2.
7. Por que 2.1 é, “negarão o Senhor que os resgatou”, tão angustiante?
8. Por que 2.8 é surpreendente? (2.20)
9. Explique 2.20 em suas próprias palavras.
10. O que exatamente os falsos doutores estão afirmando em 3.4?
11. Por que é dito que a terra é formada da água? (3.5)
12. Qual é implicação de 3.8?
13. Como 3.9b está relacionado com I Tm 2.4?
14. Onde mais na Bíblia a verdade de 3.10 é dada?
15. Por que a alusão de Pedro a Paulo é tão importante?
16. Qual é o tema central de II Pedro?

INTRODUÇÃO A I JOÃO

I. SINGULARIDADE DO LIVRO

A. O livro de I João não é uma carta pessoal tanto quanto uma "Circular Fervorosa da Sede" (carta coletiva).
   1. Não tem introdução tradicional (de quem, para quem)
   2. Não tem saudações pessoais ou mensagem final.

B. Não há menção feita de nomes pessoais. Isso é altamente incomum. Os únicos livros do NT que não incluem o nome do autor são hebreus e I João. Contudo, é óbvio que foi escrito para crentes enfrentando no momento um problema interno da igreja de falsos mestres.

C. Esta carta é um poderoso tratado teológico
   1. A centralidade de Jesus
      a. Plenamente Deus e plenamente homem
      b. A salvação vem pela fé em Jesus Cristo, não uma experiência mística ou conhecimento secreto (falsos mestres)
   2. A exigência por um estilo de vida cristão
      a. Amor fraternal
      b. Obediência
      c. Rejeição do sistema do mundo caído
   3. A garantia da salvação eterna pela fé em Jesus de Nazaré ("conhecer" usado 27 vezes)
   4. Como reconhecer os falsos mestres

D. Esse é o grego coinê menos complicado de qualquer livro no NT, contudo esse livro, como nenhum outro, sonda as profundezas das verdades profundas e eternas em Jesus Cristo.

E. É possível que I João foi considerada a ser uma carta de capa para o Evangelho de João. A heresia gnóstica do primeiro século forma a origem para ambos os livros. O Evangelho tem uma verdade evangelística, enquanto I João é escrita para crentes.
   O famoso comentarista Westcott afirmou que o Evangelho sustenta a divindade de Jesus, enquanto I João sustenta Sua humanidade. Estes livros andam juntos!

F. João escreve em termos preto e branco (dualísticos). Esta é a característica dos Rolos do Mar Morto e dos falsos mestres gnósticos. O dualismo literário estruturado de I João é tanto verbal (luz versus trevas) quanto estilístico (uma declaração negativa seguida por uma positiva). Isto é diferente do Evangelho de João, que emprega um dualismo vertical (de cima versus de baixo).

G. É muito difícil esboçar I João por causa do uso de temas recorrentes de João. O livro é como uma tapeçaria de verdades tecidas juntas em padrões repetidos (cf. Bill Hendricks, *Tapestries of Truth, The Letters of John* [Tapeçarias da Verdade, As Cartas de João]).

II. AUTOR

A. A autoria de I João é parte do debate sobre a autoria do Corpo Joanino – o Evangelho, I João, II João, III João e Apocalipse.

B. Há duas posições básicas

1. Tradicional

   a. A tradição era unânime entre os pais da Igreja primitiva que João, o Apóstolo amado, era o autor de I João.

   b. Resumo da evidência da igreja primitiva

      (1) Clemente de Roma (90 A.D.) faz alusões a I João

      (2) Policarpo de Esmirna, *Philippians 7* [Filipenses 7] (110-140 A.D.) cita I João

      (3) *Dialogue* [Diálogo], de Justino Mártir, 123.9 (150-160 A.D.) cita I João

      (4) Alusões a I João são feitas nos escritos de

         (a) Inácio de Antioquia (datas de seus escritos são incertas, mas no começo dos anos 100 A.D.)

         (b) Papias de Hierápolis (nascido entre 50-60 A.D. e martirizado aproximadamente 155 A.D.

      (5) Irineu de Lion (130-202) atribui I João ao Apóstolo João. Tertuliano, um apologista primitivo que escreveu 50 livros contra hereges, com freqüência citava I João.

      (6) Outros escritos primitivos que atribuem a autoria a João o Apóstolo são Clemente, Orígenes e Dionísio, todos três de Alexandria, o Fragmento Muratoriano (180-200 A.D.) e Eusébio (terceiro século).

      (7) Jerônimo (segunda metade do quarto século) sustentou a autoria de João, mas admitiu que foi negada por alguns em sua época.

      (8) Teodoro de Mopsuéstia, Bispo de Antioquia de 392-428 A.D., negou a autoria de João.

   c. Se João, o que nós conhecemos sobre João o Apóstolo?

      (1) Ele era o filho de Zebedeu e Salomé

      (2) Ele era um pescador no Mar da Galiléia com seu irmão, Tiago (possivelmente possuía vários barcos)

      (3) Alguns acreditam que sua mãe era uma irmã de Maria, a mãe de Jesus (cf. João 19.25; Marcos 15.20)

      (4) Aparentemente ele era rico porque ele tinha:

         a. Servos contratados (cf. Marcos 1.20)

         b. Vários barcos

         c. Uma casa em Jerusalém (f. Mt 20.20)

      (5) João tinha acesso à casa do Sumo Sacerdote em Jerusalém, que mostra que ele era uma pessoa de algum renome (cf. João 18.15,16)

      (6) Foi João em cujo cuidado Maria, a mãe de Jesus, foi comprometido

   d. A tradição da Igreja primitiva unanimemente testificou que João viveu mais que todos os outros Apóstolos, e depois da morte de Maria em Jerusalém Ele se mudou para a Ásia Menor e se estabeleceu em Éfeso, a maior cidade da área. Dessa cidade ele foi exilado na Ilha de Patmos (um pouco distante da costa) e foi depois liberto e retornou a Éfeso (Eusébio cita Policarpo, Papias e Irineu).

2. Erudição moderna

   a. A vasta maioria dos estudiosos modernos reconhece a similaridade entre todos os escritos joaninos, especialmente na fraseologia, vocabulário e formas gramaticais. Um bom exemplo disso é o contraste marcante que caracterizou esses escritos: vida versus morte, verdade versus falsidade. Essa mesma dicotomia marcante pode ser

vista em outros escritos da época; os Rolos do Mar Morto e os escritos gnósticos incipientes.

b. Tem havido várias teorias sobre o inter-relacionamento entre os cinco livros tradicionalmente atribuídos a João. Alguns grupos afirmam a uma pessoa, duas pessoas, três pessoas, e etc. Parece que a posição mais plausível é que todos os escritos joaninos são resultado dos pensamentos de um homem, mesmo se possivelmente escrito por vários de seus discípulos.

c. Minha crença é que João, o Apóstolo idoso, escreveu cinco livros quase no final de seu ministério em Éfeso.

III. DATA – Obviamente isso está vinculado à autoria

A. Se João o Apóstolo escreveu essas cartas, e especialmente I João, nós estamos falando sobre algum momento durante o fim do primeiro século. Isso daria tempo para o desenvolvimento dos sistemas teológico-filosóficos falsos gnósticos e também caberia na terminologia de I João ("filhinhos"), que parece implicar um homem mais velho falando com um grupo de crentes mais jovens. Jerônimo diz que João viveu 68 depois da crucificação de Jesus. Isto parece se enquadrar com essa tradição.

B. A. T. Robertson acha que I João foi escrita entre 85-95 A.D., enquanto o Evangelho foi escrito antes de 95 A.D.

C. *The New International Commentary on I John* [O Novo Comentário Internacional de I João] de I. Howard Marshall afirma que uma data entre 60-100 A.D. é tão próxima quanto à erudição moderna gostaria de chegar a estimar a data dos escritos joaninos.

IV. DESTINATÁRIOS

A. A tradição afirma que este livro foi escrito para a província romana da Ásia Menor, com Éfeso sendo sua área metropolitana principal.

B. A carta parece ter sido enviada para um grupo específico de igrejas na Ásia Menor que estavam experimentando um problema com falsos mestres (como Colossenses e Efésios), especificamente gnósticos docetas que negavam a humanidade de Cristo, mas afirmavam Sua divindade.

C. Agostinho (quarto século) diz que foi escrita para os partos (Babilônia). Ele é seguido por Cassiodoro (começo do sexto século). Isso provavelmente veio da confusão da frase "senhora eleita" e a frase "aquela que se em Babilônia", que são usadas em I Pedro e II João 1.

D. O Fragmento Muratoriano, uma lista canônica primitiva dos livros do NT escrito entre 180-200 em Roma, afirma que esta carta foi escrita "depois da exortação de seus discípulos e bispos companheiros".

V. A HERESIA

A. A carta mesma é obviamente um areação contra um tipo de ensino falso (cf. "Se dissermos..." 1.6ss e "aquele que diz..." 2.9; 4.20 [diatribe]).

B. Nós podemos aprender alguns princípios básicos da heresia pela evidência interna de I João.
   1. Uma negação da encarnação de Jesus Cristo
   2. Uma negação da centralidade de Jesus Cristo na salvação
   3. Uma falta de um estilo de vida cristão apropriado
   4. Uma ênfase no conhecimento (muitas vezes secreto)
   5. Uma tendência para exclusivismo

C. O cenário do primeiro século
   O mundo romano do primeiro século foi um tempo de ecletismo entre as religiões orientais e ocidentais. Os deuses dos panteões gregos e romanos eram de má reputação. As religiões de mistério eram muito populares por causa de sua ênfase no relacionamento pessoal com a divindade e conhecimento secreto. A filosofia grega popular era popular. Para esse mundo de religião eclética veio a exclusividade da fé cristã (Jesus é o único caminho para Deus, cf. João 14.6). Seja qual for a origem exata da heresia, foi uma tentativa para tornar a estreiteza aparente do cristianismo plausível e intelectualmente aceitável para público greco-romano mais amplo.

D. Possíveis opções quanto a que grupo de gnósticos João está se dirigindo
   1. Gnosticismo incipiente
      a. Os ensinos básicos do gnosticismo incipiente do primeiro século parecem ter sido uma ênfase no dualismo eterno (ontológico) entre espírito e matéria. O espírito (Alto Deus) era considerado bom, enquanto a matéria era inerentemente má. Essa dicotomia parece-se com o ideal versus físico, celeste versus terreno, invisível versus visível do platonismo. Havia também uma ênfase exagerada na importância na importância do conhecimento secreto (senhas ou códigos secretos que permitem uma alma passar pelas esferas angélicas [*aeons*] acima para o deus alto) necessário para salvação.
      b. Há duas formas de gnosticismo incipiente que aparentemente poderiam estar na origem de I João
         a. Gnosticismo doceta, que nega a verdadeira humanidade de Jesus porque a matéria é má
         b. Gnosticismo cerintiano, que identifica o Cristo com um dos muitos *aeons* ou níveis angélicos entre o deus alto e a matéria má. Esse "Cristo Espírito" habitou o homem Jesus em seu batismo e o deixou antes de sua crucificação.
         c. Desses dois grupos alguns praticavam os ascetismo (se o corpo o quer, é mal), o outro antinomianismo (se o corpo o quer, dê-o). Não há nenhuma evidência escrita de um sistema desenvolvido do gnosticismo no primeiro século. Não é até o meio do segundo século que evidência documentada existiu. Para mais informação sobre "gnosticismo" veja
            (a) *The Gnostic Religion* [A Religião Gnóstica] de Hans Jonas, publicado por Beacon Press
            (b) *The Gnostic Gospels* [Os Evangelhos Gnósticos] de Elaine Pagels, publicado por Random House
   2. Inácio sugere uma outra possível fonte da heresia em seus escritos *aos Esmirniotas* iv-v. Eles negavam a encarnação de Jesus e viviam estilos de vida antinomiano.
   3. Contudo uma outra possibilidade menos provável da fonte da heresia é Meandro de Antioquia, que é conhecido dos escritos de Irineu, *Against Heresies* [Contra Heresias] XXIII. Ele era um seguidor de Simão o Samaritano e um defensor do conhecimento secreto.

E. A Heresia Hoje

1. O espírito dessa heresia está presente conosco hoje quando a pessoas tentam continuar a combinar verdade cristã com outros sistemas de pensamento.
2. O espírito dessa heresia está presente conosco hoje quando a pessoas enfatizam doutrina "correta" para a exclusão de relacionamento pessoal e fé de estilo de vida.
3. O espírito dessa heresia está presente conosco hoje as pessoas transformam o cristianismo numa elite intelectual exclusiva.
4. O espírito dessa heresia está presente conosco hoje quando as pessoas se voltam para o ascetismo ou antinomianismo.

VI. PROPÓSITO

A. Tem um foco prático para os crentes

1. Dá-lhes alegria (cf. 1.4)
2. Encorajá-los a viver vidas piedosas (cf. 1.7)
3. Dá-lhes garantia de sua salvação em Cristo (cf. 5.13)
4. Ordená-los (e lembrá-los) a amar um ao outro e não o mundo.

B. Tem um foco doutrinário para os crentes

1. Refutar o erro de separar a divindade e a humanidade de Jesus
2. Refutar o erro de separar espiritualidade num intelectualismo desprovido de vida piedosa
3. Refutar o erro de que alguém pode ser salvo em isolação dos outros

VII. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Desde o princípio, 1.1
2. Palavra da vida, 1.1
3. Vida eterna, 1.2
4. Comunhão (*koinonia*), 1.3
5. Deus é luz, 1.5
6. Caminhar, 1.6,7
7. O sangue de Jesus, 1.7
8. Meus filhinhos, 2.1
9. Propiciação, 2.2; 4.10
10. Conhecer, 2.3, 4, 18, 20, 21, etc.
11. Permanecer, 2.6, 17, 24, 25, 27, etc.
12. Mandamento novo, 2.7
13. Por causa do seu nome, 2.12
14. O mundo, 2.15
15. A última hora, 2.18
16. Unção, 2.20, 27
17. Confessar, 2.23; 4.2, 3, 15, etc.
18. Provar os espíritos, 4.1
19. O Dia do Juízo, 4.17
20. Nascido de Deus, 5.18

VIII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. Advogado, 2.1
2. Mentiroso, 2.4, 22
3. Anticristo, 2.18; 4.3
4. Anticristos, 2.18
5. Os que vos procuram enganar, 2.26
6. Diabo, 3.8, 10
7. Caim, 3.12
8. O maligno, 5.18

IX. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

Sem locais do mapa

X. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Por que I João 1.1-4 usa tantos verbos refletindo os sentidos (i.e. ouvido, visto, contemplamos, apalparam, visto, ouvido)?
2. Por que 1.9 é um verso tão importante? Para quem está falando?
3. Como você relaciona 1.10 com 3.6 e 9?
4. Por que o verbo "conhecer" é usado tão freqüentemente em I João? Defina sua conotação hebraica.
5. O que a frase recorrente "Se dissermos..." significa ou implica?
6. Quem são os falsos mestres que João está confrontando? Explique suas crenças que são contrárias ao cristianismo bíblico!
7. A que doutrina 3.2 se relaciona?
8. Por que 3.6 e 9 são tão difíceis para interpretar?
9. Como 4.8 se relaciona a cristãos conflitantes?
10. O conceito de Trindade aparece em 4.13,14. Explique isso em suas próprias palavras.
11. Explique 4.19 em suas próprias palavras.
12. Há três provas em I João que asseguram aos crentes que eles são cristãos. Liste as três provas.
13. Por que 5.13 é um verso tão importante?
14. 5.14,15 promete aos crentes que suas orações sempre serão respondidas positivamente?
15. O que é um pecado que leva à morte? (5.16)
16. 5.18 promete aos crentes que eles nunca serão provados ou tentados por Satanás? Por que ou por que não?
17. O que a frase "o mundo inteiro jaz no maligno" quer dizer?

INTRODUÇÃO A II e III JOÃO

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. Eu realmente acho que II e III João formam uma mensagem equilibrada para uma igreja local, provavelmente algum lugar na província romana da Ásia Menor, quase no final do primeiro século.

B. II João lida com problemas de pregadores hereges itinerantes, enquanto III João lida com a admoestação para ajudar pregadores cristãos itinerantes.

C. Há três homens diferentes identificados especificamente em III João:
   1. Gaio (um homem piedoso na igreja destinatária)
      a. Há três Gaios mencionados em outras partes da Bíblia: Gaio da Macedônia, Atos 19.29; Gaio de Derbe, Atos 20.4; e Gaio de Corinto, Rm 16.23; I Co 1.14.
      b. Os escritos conhecidos como "Constituições Apostólicas" listam o Gaio de III João como o Bispo de Pérgamo, apontado por João.
   2. Diótrefes (um encrenqueiro ímpio na igreja destinatária)
      a. Esta é a única menção desse homem no NT. Seu nome é um nome muito raro que significa "protegido de Zeus". Quão irônico é que o homem dado o nome de "Zeus" estaria contra viajantes quando "Zeus" era o "protetor dos viajantes".
      b. Sua atitude é exposta nos verso 9,10.
   3. Demétrio (o portador da carta de João para essa igreja local)
      a. Aparentemente ele é um dos missionários viajantes e o portador da carta do Apóstolo em Éfeso.
      b. A tradição chamada "As Constituições Apostólicas" lista Demétrio como o Bispo de Filadélfia, que foi apontado pelo Apóstolo João.

D. A igreja primitiva lutou com como avaliar e apoiar pregadores/mestres/evangelistas viajantes. Um escrito cristão não-canônico primitivo do começo do segundo século chamado *The Didache* [O Didaquê] ou *The Teaching of the Twelve Apostles* [O Ensino dos Doze Apóstolos] tem estas diretrizes:

   CAPÍTULO XI – A RESPEITO DE MESTRES, APÓSTOLOS E PROFETAS

   > "Quem quer que, portanto, venha e ensine-vos todas estas coisas que foram ditas antes, recebei-o. Mas se o mestre mesmo torna e ensina uma outra doutrina para destruir esta, não ouvi-o. mas *se ele ensina* assim como para aumentar a justiça e o conhecimento do Senhor, recebei-o como o Senhor. Mas a respeito dos apóstolos e profetas, segundo o grau do Evangelho, assim fazei: que cada apóstolo que vem a vós sejam recebidos como o Senhor. Mas ele não permanecerá *exceto* um dia; mas se houver necessidade, também o seguinte; mas se ele permanecer três dias, ele é um falso profeta. E quando o apóstolo for embora, deixai-o levar nada exceto pão até que ele se aloje; mas se ele pedir dinheiro, ele é um falso profeta" (p. 380).

   CAPÍTULO XII – RECEPÇÃO DE CRISTÃOS

   > "Mas quem quer que diga no Espírito, dai-me dinheiro, ou algo mais, vós não ouvireis

a ele; mas ele disser a vós para dar por causa de outros que estão em necessidade, não deixais que ninguém o julgue. Mas deixai cada um que vem em nome do Senhor ser recebido, depois vós provareis e o conhecereis; pois vós tereis entendimento à direita e à esquerda. Se aquele que vem é um viajante, assisti-o na medida em que vós podeis; mas ele não permanecerá convosco, exceto durante dois ou três dias, se necessário for. Mas se ele desejar permanecer convosco, sendo um artesão, deixai-o trabalhar e comer; mas se ele não tiver ofício, segundo o vosso entendimento, vede a isso que, como um cristão, ele não viverá convosco preguiçoso. Mas se ele não desejar assim fazer, ele é um comerciante de Cristo. Vigiai que vós vos conserveis longe de tais" (p. 381).

II. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. "desde o princípio", 1.1
2. "Deus é luz", 1.5
3. Confessar, 1.9
4. "meus filhinhos", 2.1
5. Advogado, 2.1
6. Propiciação, 2.2
7. Conhecer, 2.3
8. "permanecer nele", 2.6
9. "não ameis o mundo", 2.15
10. "a última hora", 2.18
11. A unção, 2.27
12. "o Espírito, e a água, e o sangue", 5.8
13. "pecado para morte", 5.16
14. "guardai-vos dos ídolos", 5.21

III. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. A Palavra da Vida, 1.2
2. Anticristo, 2.18 (III João v. 7)
3. Anticristos, 2.18
4. Senhora eleita, II João v. 1
5. Seus filhos, II João v. 1
6. "os filhos da tua irmã eleita", II João v. 13
7. Gaio, III João
8. Diótrefes, III João v. 9
9. Demétrio, III João v. 12

IV. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR – NENHUM

V. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Por que I João 1.1-4 usa tantos verbos refletindo os cinco sentidos?
2. Por que alguém diria não tem pecado? (1.8)
3. Como 2.2 se relaciona com João 3.16?
4. Explique 2.7,8 em suas próprias palavras.

5. 2.12-14 se relaciona com faixas etárias diferentes na igreja ou todos os cristãos?
6. Explique 2.22,23 à luz da teologia gnóstica.
7. Qual é a verdade central do parágrafo 2.28-3.3?
8. Por que 3.6 e 9 são tão difíceis para interpretar?
9. Como 3.15 se relacionam com o Sermão do Monte?
10. Explique 3.20 em suas próprias palavras.
11. Como alguém prova os espíritos? (4.1-6)
12. Como 4.2 se relaciona com a teologia gnóstica? (II João v. 7)
13. Qual é a verdade central de 4.7-24?
14. Como 5.13 funciona como um dos temas do livro todo?
15. Deus responde toda oração? (5.14,15)
16. II João está se referindo à casa de alguém ou igreja de alguém? Por quê?
17. III João v. 2 é um texto que promete saúde e prosperidade?
18. O que a frase "o mundo inteiro jaz no maligno" quer dizer?

INTRODUÇÃO A JUDAS

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. Judas é um livro amedrontador, sobre o perigo recorrente de erro, rebelião e juízo. Os crentes devem sempre estar alerta. Sua proteção é (1) o chamado, o amor e o poder conservador do Pai e (2) conhecimento das Escrituras, viver piedoso e misericórdia para com os crentes companheiros feridos.

B. Contudo, mesmo em meio aos avisos, a conclusão de Judas é uma das mais fortes orações da afirmação do poder conservador de Deus.

C. O relacionamento entre Judas e II Pedro é incerto quanto a:
   1. Qual foi escrita primeiro
   2. Por que elas são tão similares contudo diferentes
   3. Como uma descreve uma heresia próxima e a outra uma heresia presente
   4. Se havia um documento da igreja primitiva do qual ambos os autores redigiram
   5. Se qualquer dos exemplos de rebelião envolveu crentes

D. Este livro ilustra o equilíbrio teológico entre
   1. O poder conservador de Deus (vv. 1,24)
   2. Crentes conservando a si mesmos (v. 21)

II. AUTOR

A. Judas (hebraico, Judá, ou grego, Judas) caracteriza-se por duas designações
   1. "servo de Jesus Cristo" – Esta não é exatamente a mesma como a designação habitual de Paulo, embora elas pareçam à mesma em português. Paulo sempre coloca o substantivo "escravo" primeiro, seguido pela frase GENITIVA descritiva. Isso também é verdadeiro de II Pedro.

      Contudo, a ordem de palavra em Judas é a mesma como a ordem de palavra em Tiago (frase descritiva GENITIVA primeiro).
   2. "irmão de Tiago" – Há muitas pessoas no NT chamadas Tiago (Jacó), mas o nome sozinho, sem qualquer descrição, lembra um de Tiago 1.1. Tiago, o meio-irmão de Jesus, era o líder da igreja de Jerusalém durante as viagens missionárias de Paulo (cf. Atos 15). Tem sido especulado que ambos os meio-irmãos escolheram, por humildade, não identificarem-se como relacionados biologicamente com Jesus.

B. A abertura simples reflete alguém que era conhecido e ativo (cf. I Co 9.3) na igreja primitiva, mas sobre quem nenhuma informação sobreviveu. Se alguém escrevendo num período mais recente queria escrever no nome de uma pessoa famosa do passado (pseudografia), Judas não seria um bom candidato.

C. A tradição antiga que Judas era um cristão hebreu e meio-irmão de Jesus (cf. Mt 13.55; Marcos 6.3) apóia-se em varias suposições
   1. Um relacionamento de família com Tiago (cf. Tiago 1.1)
   2. O uso extensivo do AT

3. O uso literário característico hebraico do três
    a. 3 eventos de apostasia do AT
    b. 3 personagens do AT
    c. Saudação de abertura
        (1) Três verbos: “chamados”, “queridos”, “conservados”
        (2) Três perdidos de oração: “misericórdia”, “paz”, “amor”

D. O estilo e a forma grega de Judas são grego coinê bem escrito. Judas deve ter tido uma exposição cosmopolita (cf. I Co 9.5).

    No que se refere à personalidade, ele é muito como Tiago; ele usa uma abordagem franca, direta para o mandato para o viver piedoso neste mundo de pecado e rebelião.

III. DATA

A. Não há certeza, somente especulação.

B. Listemos alguns dos parâmetros
1. Durante a vida de Judas, se ele era o irmão mais novo de Tiago e meio-irmão de Jesus
2. O relacionamento literário do livro de Judas com II Pedro. Dos vinte e cinco versos em Judas, dezesseis (vv. 3-18) têm alguma associação com II Pe 2.1-18. Se Pedro é o autor de II Pedro, então a data é próxima a sua vida (ele morreu em 64 A.D.). É, contudo, incerto quem cita quem:
    a. II Pedro cita Judas
    b. Judas cita II Pedro
    c. Ambas usam documentos catequistas primitivos ou tradição da igreja

C. Os conteúdos do livro implicam uma data em meados do primeiro século. Bastante tempo tinha decorrido para heresia se desenvolver. A presença física dos Apóstolos tinha acabado de passar (vv. 18,19). Judas menciona os problemas morais dos falsos mestres, mas não discute erros doutrinários. Ele usa exemplos do AT, nãos os ensinos de Jesus (citações ou historias).

D. Em *História Eclesiástica* III.19.1-20.6, Eusébio menciona uma tradição (1) que netos de Judas foram levados a Roma para enfrentarem Domiciano sobre acusações de alta traição; (2) que eles eram descendentes da realeza judaica; e (3) que eles eram parentes de Jesus de Nazaré. Domiciano reinou de 81-96 A.D.

E. Uma data dos anos 60 aos anos 80 é possível.

IV. DESTINATÁRIOS E OCASIÃO

A. A igreja primitiva não era teologicamente monolítica; mesmo os Apóstolos enfatizavam aspectos diferentes do evangelho. Quando os Apóstolos começaram a morrer (ou pelos eram poucos demais ou muito longe demais para serem consultados) e a Segunda Vinda continuou a ser demorada, a igreja primitiva enfrentou o desafio de “padronizar” parâmetros aceitáveis para os ensinos do evangelho. O AT, as palavras e historias de Jesus e a pregação dos Apóstolos se tornaram os padrões.

B. Judas foi escrita numa época de fluxo e transtorno de autoridade clara. Os crentes (se uma igreja

local ou área geográfica é incerta) estavam enfrentando invasão massiva de erro através de teologia/filosofia especulativa. O que é conhecido da heresia:

1. Os hereges eram parte das reuniões da igreja (“festas de amor” cf v. 12)
2. Os hereges eram mestres imorais, manipuladores que estavam causando divisões entre o povo de Deus (cf. v. 19)
3. Os hereges parecem ter usado ou discutido “anjos” em sua teologia
4. Os hereges parecem ter enfatizado “conhecimento” (*gnosis*)

   Se alguém estiver familiar com o mundo greco-romano do primeiro e segundo séculos, essas características implicam o movimento filosófico/teológico conhecido como “gnosticismo”. É certamente verdadeiro que as origens desses hereges específicos do segundo século foram um elemento comum de muito do pensamento do oriente - próximo. Elementos do dualismo tão característico do gnosticismo estão presentes nos Rolos do Mar Morto. Muitos dos livros do NT (Ef, Cl, as Pastorais, I, II João) foram escritos para combater um tipo similar de ensino/mestres falsos.

V. PROPÓSITO

A. O autor desejou escrever sobre a comum salvação deles (v. 3)

B. A invasão de ensinos e mestres falsos em épocas de comunhão íntima da igreja (cf. v. 12) fez o autor dirigir-se à questão urgente da “fé que uma vez foi dada aos santos” (cf. v. 3,20). Sua meta era a ortodoxia, mas ele abordou o assunto através do viver piedoso (ortopraxia), não doutrina (muito similar a Tiago 2.14-24). Como as pessoas viviam era uma janela clara para sua teologia.

C. O autor que encorajar os crentes a
   1. Crescer espiritualmente (cf. v. 20)
   2. Ser assegurados da salvação (cf. vv. 21,24,25)
   3. Ajudar os caídos (cf. 22,23)

VI. CANONIZAÇÃO

A. Este livro foi inicialmente aceito (cf. citação de Clemente de Roma aproximadamente 94 A.D.), então depois disputado e finalmente aceito (Concílio de Nicéia, 325 A.D. e Cartago, 397 A.D.).

B. Seu problema principal em adquirir status canônico era citação de livros não-canônicos (I Enoque e Assunção de Moisés). Esses livros, especialmente I Enoque, circulavam amplamente entre os crentes do primeiro século e eram teologicamente influentes.
   1. Por que isso é um problema? Implica que os livros não-canônicos são autoritários?
      a. O AT cita escrito não-inspirado (cf. Nm 21.14,15,26-30 [profecias de Balaão em Nm 22,23]; Josué 10.13; II Sm 1.18ss; I Reis 11.41; 14.19,29; 15.7,23,31)
      b. Jesus usou fontes não-canônicas como material ilustrativo (cf. Mt 23.35)
      c. Estevão usou fontes não-canônicas (cf. Atos 7.4,14-16)
      d. Paulo com freqüência usava fontes não-canônicas
         (1) Misdrash rabínica a respeito de Cristo como a rocha que seguia os filhos de Israel durante o período errante do deserto (cf. I Co 10.4)
         (2) Os nomes dos magos de Faraó de Êx 7.11,22; 8.7 (cf. II Tm 3.8) foram tirados de alguns escritos judaicos intertestamentários.
         (3) Escritos gregos

a) O poeta Arato (Atos 17.28)
b) O poeta Menandro (I Co 15.33)
c) O poeta Epimênides ou Eurípedes (Tito 1.12)

e. Tiago usou tradição rabínica em Tiago 5.17
f. João usou a mitologia de cosmologias do oriente - próximo em Ap 12.3

2. Por que Judas usou essas fontes não-canônicas?
   a. Possivelmente elas eram livremente usadas pelos falsos mestres
   b. Possivelmente elas eram respeitadas e lidas pelos destinatários

C. Suporte para a canonicidade de Judas é apoiado por
1. Citada ou aludida por
   a. Clemente de Roma (94-97 A.D.)
   b. Policarpo (110-150 A.D.)
   c. Irineu (130-202 A.D.)
   d. Tertuliano (150-220 A.D.)
   e. Atenágoras (117 A.D.)
   f. Orígenes (185-254 A.D.)

   (Estes são tirados do *International Critical Commentary* [Comentário Crítico Internacional], pp. 305-308)

2. Mencionada em
   a. Clemente de Alexandria (150-215 A.D.)
   b. Cirilo de Jerusalém (315-386 A.D.)
   c. Jerônimo (340-420 A.D.)
   d. Agostinho (400 A.D.)
3. Listada na listas canônicas de
   a. Fragmento Muratoriano (200 A.D.)
   b. Barocócio (206 A.D.)
   c. Atanásio (36 A.D.)
4. Afirmada pelos Concílios
   a. Nicéia (325 A.D.)
   b. Hipona (393 A.D.)
   c. Cartago (397 3 419 A.D.)
5. Presente nas traduções da
   a. Antiga Latina (150-170 A.D.)
   b. Revisão Siríaca, a Peshita (5º século A.D.)

D. A igreja mais recente estava na dúvida sobre o status canônico (inspirado) de Judas. Eusébio a listou entre os livros disputados (*Hist. Ecl.* III.25). Tanto Crisóstomo quanto Jerônimo mencionam a citação de Judas de fontes não-canônicas como a razão que é disputada por alguns como canônica. Foi rejeitada pela igreja síria primitiva junto com II Pedro, II e III João.

E. Apenas uma palavra sobre I Enoque. Foi originalmente escrito em hebraico (mas está agora perdido exceto por fragmentos em aramaico entre os Rolos do Mar Morto), traduzido para o grego (somente fragmentos sobrevivem) e antes de 600 A.D. copiado para o etíope (uma copia sobrevive). O livro foi escrito no período inter-bíblico, mas foi editado várias vezes, como a cópia etíope mostra. Foi muito influente na igreja primitiva; Tertuliano cita-o como Escritura.

Foi citado na Epístola de Barnabé (como Escritura) e por Irineu e Clemente de Alexandria. Tinha perdido aprovação na igreja primitiva antes do quarto século.

VII. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. "nossa comum salvação", v. 3
2. "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos", v. 3
3. Dissolução, v. 4
4. "seu próprio domicilio", v. 6
5. "sob trevas, em algemas eternas", v. 6
6. "outra carne", v. 7
7. "fogo eterno", v. 7
8. Festas de amor, v. 12
9. Santos, v. 14
10. "orando no Espírito Santo", v. 20
11. "único Deus", v. 25

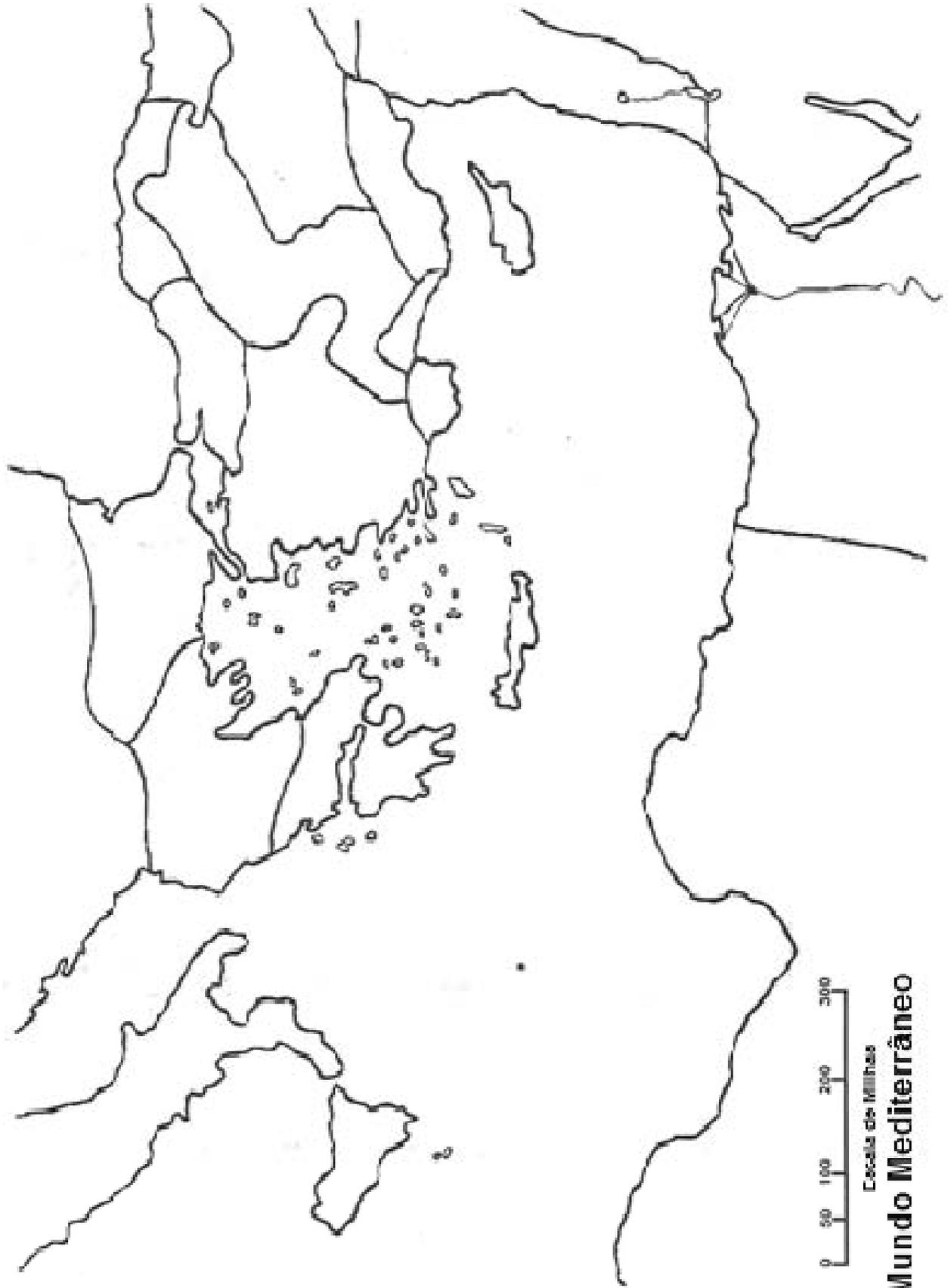
VIII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. "certos indivíduos se introduziram", v. 4
2. "anjos que não guardaram seu principado", v.6
3. Miguel, v. 9
4. Balaão, v. 11
5. Core, v. 11
6. Enoque, v. 14
7. "àquele que é poderoso", v. 24

IX. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Egito, v. 5
2. Sodoma e Gomorra, v. 7

X. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. A que tipo de falsos mestres Judas está se referindo? (cf. 8-13)
2. Por que Judas cita livros não-canônicos? (vv. 9, 14, 15)
3. Como alguém conserva a si mesmo no amor de Deus? (v. 21)
4. Qual é o tema central de Judas?
5. Como Judas está relacionada com II Pedro?

0
50
100
200
300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

INTRODUÇÃO A PROFECIA DO ANTIGO TESTAMENTO

I. INTRODUÇÃO

A. Declarações de abertura

1. A comunidade crente não concorda em como interpretar profecia. Outras verdades têm sido estabelecidas como a uma posição ortodoxa durante os séculos, mas não esta.
2. Há vários estágios bem defendidos da profecia do AT
   a. Pré-monarca (antes do Rei Saul)
      (1) Indivíduos chamados profetas
         a) Abraão – Gn 20.7
         b) Moisés – Nm 12.6-8; Dt 18.15; 34.10
         c) Arão – Êx 7.1 (porta-voz de Moisés)
         d) Miriam – Êx 15.20
         e) Eldade e Medade – Nm 11.24-30
         f) Débora – Jz 4.4
         g) Incógnito – Jz 6.7-10
         h) Samuel – I Sm 3.20
      (2) Referências aos profetas como um grupo – Dt 13.1-5; 18.20-22
      (3) Grupos ou associações proféticas – I Sm 10.5-13; 1.20; I Rs 20.35,41; 22.6,10-13; II Rs 2.3,7; 4.1,38; 5.22; 6.1, etc.
      (4) Messias chamado profeta – Dt 18.15-18
   b. Profetas monarcas não-escribas (eles se dirigem ao rei)
      (1) Gade – I Sm 7.2; 12.25; II Sm 24.11; I Cr 29.29
      (2) Natã – II Sm 7.2; 12.25; I Rs 1.22
      (3) Aías – I Rs 11.29
      (4) Jeú – I Rs 16.1,7,12
      (5) Incógnito – I Rs 18.4,13; 20.13,22
      (6) Elias – I Rs 18; II Rs 2
      (7) Micaías – I Rs 22
      (8) Eliseu – II Rs 2.8,13
   c. Profetas escribas clássicos (eles se dirigem à nação assim como ao rei):
   Isaías – Malaquias (exceto Daniel)

B. Termos bíblicos

1. *ro'eh* = vidente, I Sm 9.9. Esta referência mostra a transição para o *Nabi*, que significa “profeta” e vem da raiz “chamar”. *Ro'eh* é do termo hebraico geral “ver”. Essa pessoa entendia os caminhos e planos de Deus e era consultada para averiguar a vontade de Deus num assunto.
2. *hozeh* = vidente, II Sm 24.11. É basicamente um sinônimo de *ro'eh*. É de um termo hebraico mais raro para “ver”. A forma no particípio é usada mais freqüentemente para se referir aos profetas.
3. *nabi'* = profeta, cognato do verbo acádio *nabu* = “chamar” e árabe *naba'a* = “anunciar”. Este é o termo mais comum do AT para designar um profeta. É usado mais de 300 vezes. A etimologia exata é incerta, mas “chamar” no momento parece ser a melhor opção. Possivelmente a melhor compreensão vem da descrição de YHWH do relacionamento de Moisés com Faraó através de Arão (cf. Êx 4.10-16; 7.1; Dt 5.5). Um profeta é alguém que fala por Deus ao Seu povo (cf. Amós 3.8; Jr 1.7,17; Ez 3.4).
4. Todos os três termos são usados para o ofício de profeta em I Cr 29.29; Samuel - *Ro'eh*; Natã – *Nabi'*; e Gade – *Hozeh*.
5. A frase ‘*ish há – ‘elohim'*, “homem de Deus” é também uma designação mais geral para aquele que fala por Deus. É usada umas 76 vezes no AT no sentido de “profeta”.

6. A palavra “profeta” é grega na origem. Vem de (1) pro = “antes” ou “para”; (2) phemi = “falar”.

II. DEFINIÇÃO DE PROFECIA

A. O termo “profecia” tinha um campo semântico mais amplo em hebraico do que em português. Os judeus rotularam os livros históricos de Josué a Reis (exceto Rute) “os profetas anteriores”. Tanto Abraão (Gn 20.7; Sl 105.5) quanto Moisés (Dt 18.18) são designados como profetas (também Miriam, Êx 15.20). Portanto, tenha cuidado com uma definição portuguesa adotada!

B. “o profetismo pode legitimamente ser definido como aquela compreensão da história que aceita significado somente em termos do interesse divino, propósito divino, participação divina” (*Interpreter’s Dictionary of the Bible* [Dicionário da Bíblia do Intérprete], vol. 3, p. 896).

C. “O profeta é nem um filósofo nem um teólogo sistemático, mas um mediador do pacto que entrega a palavra de Deus ao Seu povo a fim de formar ao seu futuro reformando seu presente”. (“Prophets and Profecy” [“Profetas e Profecia”], *Encyclopedia Judaica*, vol. 13, p. 1152).

III. PROPÓSITO DA PROFECIA

A. Profecia é uma maneira para Deus falar ao Seu povo, provendo orientação em seu cenário presente e esperança em Seu controle das suas vidas e eventos do mundo. Sua mensagem era basicamente coletiva. É considerada para repreender, encorajar, gerar fé e arrependimento, e informar o povo de Deus sobre Ele mesmo e Seus planos. Com freqüência é usada para revelar claramente a escolha de Deus de um porta-voz (Dt 13.1-3; 18.20-22). Isso, tomado fundamentalmente, se referiria ao Messias.

B. Com freqüência, o profeta pegava uma crise histórica ou teológica de sua época e a projetava num cenário escatológico. Essa visão de tempo do fim da história (teleológica) é única a Israel e seu sentido de eleição divina e promessas de pacto.

C. O ofício de profeta parece equilibrar (Jr 18.18) a suplantar o ofício do Sumo Sacerdote como uma maneira de conhecer a vontade de Deus. O Urim e Tumim transcendem numa mensagem verbal do porta-voz de Deus. O ofício de profeta parece também ter expirado em Israel depois de Malaquias. Não aparece até 400 anos depois com João Batista. É incerto como o dom do Novo Testamento de “profecia” se relaciona com AT. Os profetas do Novo Testamento (Atos 11.27,28; 13.1; 14.29,32,37; 15.32; I Co 12.10,28,29; Ef 4.11) não são reveladores de nova revelação, mas narradores e preditores da vontade de Deus em situações de pacto.

D. A profecia não é exclusivamente ou fundamentalmente preditiva por natureza. Predição é uma maneira de confirmar seu ofício e sua mensagem, mas ser observado “... Menos que 2 por cento da profecia do Antigo Testamento é messiânica. Menos que 5 por cento especificamente descreve a era da Nova Aliança. Menos que 1 por cento diz respeito a eventos ainda vindouros” (Fee & Stuart, *Entendes O Que Lês?*, p. 154).

E. Os profetas representam Deus ao povo, enquanto os sacerdotes o povo a Deus. Esta é uma afirmação geral. Há exceções como Habacuque, que dirige perguntas a Deus.

F. Uma razão que é difícil para entender os profetas é porque nós não sabemos como seus livros foram estruturados. Eles não são cronológicos. Eles parecem ser temáticos, mas nem sempre da maneira que alguém esperaria. Com freqüência não há cenário histórico óbvio, time-frame, ou divisão clara entre oráculos, é difícil (1) ler os livros inteiro em uma sessão; (2) esboçar-los por tópico; e (3) averiguar a verdade central ou intenção autoral em cada oráculo.

IV. CARACTERÍSTICAS DA PROFECIA

A. No AT parece haver um desenvolvimento do conceito de "profeta" e "profecia". No Israel primitivo aí se desenvolveu uma associação de profetas, liderados por líderes carismáticos fortes tais como Elias e Eliseu. Às vezes a frase "os filhos dos profetas" foi usada para designar esse grupo (II Rs 2). Os profetas às vezes foram caracterizados por formas de êxtase (I Sm 10.10-13; 19.18-24).

B. Contudo, esse período passou rapidamente para o tempo de profetas individuais. Havia aqueles profetas (tanto verdadeiros quanto falsos) que se identificavam com Rei e moravam no palácio (Gade, Natã). Também, havia aqueles que eram independentes, às vezes totalmente desconectados com o status quo da sociedade israelita (Amós). Eles são tanto masculinos quanto femininos (II Rs 22.14).

C. O profeta era freqüentemente um revelador do futuro, condicionada na resposta imediata do homem. Com freqüência a tarefa do profeta era revelar o plano universal de Deus para Sua criação que não é afetado pela resposta humana. Esse plano escatológico universal é único entre os profetas do Oriente Próximo Antigo. Predição e fidelidade do Pacto são focos duplos das mensagens proféticas (cf. Fee e Stuat, p. 153). Isso implica que os profetas eram fundamentalmente coletivos no foco. Eles geralmente, mas não exclusivamente, se dirigem à nação.

A maior parte do material profético foi apresentada oralmente. Foi depois combinado por meio de temas ou cronologia, ou outros padrões da literatura do Oriente Próximo, que estão perdidos para nós. Porque era oral, não é tão estruturado quanto prosa escrita. Isso torna os livros difíceis de ler direto inteiro e difícil de compreender sem um cenário histórico específico.

Os profetas usam vários padrões para comunicar suas mensagens

1. Cena judicial – Deus leva seu povo ao tribunal; muitas vezes é um caso de divórcio onde YHWH rejeita sua esposa (Israel) por sua infidelidade (Oséias 4; Miquéias 6).
2. Canto fúnebre – o medidor especial desse tipo de mensagem e seu "ai" característico separa-o como uma forma especial (Isaías 5; Habacuque 2).
3. Pronunciamento de bênção do pacto – a natureza condicional do Pacto é enfatizada e as conseqüências, tanto positivamente quanto negativamente, são explicadas claramente para o futuro (Deuteronômio 27-28).

V. QUALIFICAÇÕES BÍBLICAS PARA VERIFICAÇÃO DE UM PROFETA VERDADEIRO

A. Deuteronômio 13.1-5 (predições/sinais)
B. Deuteronômio 18.9-22 (profetas falsos/profetas verdadeiros)

C. Tantos homens quanto mulheres são chamados e designados como profetas ou profetisas
1. Miriam – Êxodo 15
2. Débora – Juízes 4.4-6

3. Hulda – II Reis 22.14-20; II Crônicas 34.22-28

Nas culturas dos arredores os profetas eram confirmados por meio da adivinhação. Em Israel eles eram confirmados por

1. Um teste teológico – o uso do nome de YHWH
2. Um teste histórico – predições exatas

VI. DIRETRIZES ÚTEIS PARA INTERPRETAR PROFECIA

A. Encontre a intenção do profeta original (editor) observando o cenário histórico e o contexto literário de cada oráculo. Geralmente envolverá Israel quebrando o Pacto Mosaico de alguma maneira.

B. Leia e interprete o oráculo todo, não só uma parte; esboçá-lo quanto ao conteúdo. Veja como se relaciona com os oráculos dos arredores. Tente esboçar o livro todo.

C. Adote uma interpretação da passagem até que algo no texto mesmo aponte-lhe para o uso figurado; então coloque a linguagem figurada em prosa.

D. Analise ação simbólica à luz do cenário histórico e passagens paralelas. Não deixe de lembrar que essa é uma literatura do antigo oriente próximo, não literatura ocidental ou moderna.

E. Trate predições com cuidado
   1. Elas são exclusivamente para a época do autor?
   2. Elas foram subseqüentemente cumpridas na história de Israel?
   3. Elas são contudo eventos futuros?
   4. Elas têm uma realização contemporânea e contudo uma realização futura?
   5. Permita que os autores da Bíblia, não autores modernos, guiem suas respostas.

Preocupações especiais

1. A predição é qualificada por resposta condicional?
2. É certo para quem a profecia é dirigida (e por quê?)
3. Há uma possibilidade tanto biblicamente e/ou historicamente para realizações múltiplas?
4. Os autores do NT sob inspiração puderam ver o Messias em muitos do AT que não são óbvios para nós. Eles parecem usar tipologia ou jogo de palavra. Visto que não somos inspirados, nós podemos melhor deixar essa abordagem para eles.

VII. LIVROS ÚTEIS

A Guide to Biblical Prophecy [Um Guia para Profecia Bíblica] de Carl E. Armending e W. Ward Gasque
Entendes O Que Lês? de Gordon Fee e Douglas Stuart
My Servants the Prophets [Meus Servos os Profetas] de Edward J. Young
The Expositor's Bible Commentary [Comentário da Bíblia do Expositor], vol. 6, "Isaías – Ezequiel", Zondervan
The Prophecies of Isaiah [As Profecias de Isaías] de J. A. Alexander, 1976, Zondervan
Exposition of Isaiah [Exposição de Isaías] de H. C. Leupold, 1971, Baker
A Study Guide Commentary [Um Comentário Guia de Estudo], "Isaías" de D. David Garland, 1978, Zondervan

INTRODUÇÃO A APOCALIPSE

ARTIGOS INTRODUTÓRIOS CRUCIAIS

(Por que os Cristãos Têm Tantas Interpretações Dogmáticas de Apocalipse)

Através dos anos de meu estudo da escatologia, tenho aprendido que a maioria dos cristãos não tem ou querem uma cronologia do tempo do fim desenvolvida, sistematizada. Há alguns cristãos que focam ou se especializam nesta área por razões teológicas, filosóficas ou denominações. Esses cristãos parecem tornar-se obcecados com como tudo terminará e de alguma maneira perdem a urgência do evangelho! Os crentes não podem afetar a pauta escatológica (tempo do fim) de Deus, mas eles podem participar do mandato soteriológico (a doutrina da salvação) (cf. Mt 28.19,20). A maioria dos crentes afirma uma Segunda Vinda de Cristo e uma culminação com o tempo das promessas de Deus. Os problemas interpretativos surgindo de como compreender essa culminação temporal vem de várias fontes:

1. A tensão entre modelos proféticos do Antigo Pacto e os modelos apostólicos do Novo Pacto
2. A tensão entre o monoteísmo da Bíblia (um Deus para Todos) e a eleição de Israel (um povo especial)
3. A tensão entre o aspecto condicional dos pactos e promessas bíblicas ("se...então") e a fidelidade incondicional de Deus para a redenção da humanidade caída
4. A tensão entre os gêneros literários do Oriente Próximo e os modelos literários ocidentais modernos
5. A tensão entre o Reino de Deus enquanto presente, contudo futuro.
6. A tensão entre a crença no retorno iminente de Cristo e a crença de que alguns eventos devem acontecer primeiro.

Discutamos essas tensões uma por vez.

PRIMEIRA TENSÃO

Os profetas do AT predizem uma restauração de um reino judeu na Palestina centrado em Jerusalém onde todas as nações da terra se reúnem para louvar e servir um governante davídico, mas os Apóstolos do NT nunca focam nessa pauta. O AT não é inspirado (cf. Mt 5.17-19)? Os autores do NT omitiram eventos do tempo do fim cruciais?

Há várias fontes de informação sobre o fim do mundo:

1. Profetas do AT
2. Escritores apocalípticos do AT (cf. Ez 37-39; Dn 7-12)
3. Escritores apocalípticos não-canônicos intertestamentários (como I Enoque)
4. Jesus mesmo (cf. Mt 24; Marcos 13; Lucas 21)
5. Os escritos de Paulo (cf. I Co 15; II Co 5; I Ts 4; II Ts 2)
6. Os escritos de João (o livro de Apocalipse)

Todos esses ensinam claramente uma pauta de tempo do fim (eventos, cronologia, pessoas)? Se não, por quê? Eles todos não são inspirados (exceto os escritos intertestamentários judaicos)?

O Espírito revelou verdades para os escritores do AT em termos e categorias que eles poderiam compreender. Contudo, através de revelação progressiva o Espírito expandiu esses conceitos escatológicos para um escopo universal. Aqui estão alguns exemplos relevantes:

1. A cidade de Jerusalém é usada como uma metáfora do povo de Deus (Sião) e é projetada no NT como um termo expressando a aceitação de Deus de todos os arrependidos, humanos crentes (a nova Jerusalém de Apocalipse 20-22). A expansão teológica de uma cidade física, literal para o povo de Deus é prefigurada na promessa de Deus para redimir a humanidade caída em Gn 3.15 antes que havia mesmo quaisquer judeus ou uma cidade capital judaica. Mesmo a chamada de Abraão envolveu os gentios.
2. No AT os inimigos são nações dos arredores do Antigo Oriente Próximo, mas no NT eles são expandidos a todas as pessoas descrentes, anti-Deus e satanicamente inspiradas. A batalha mudou-se de um conflito geográfico, regional para um conflito cósmico.
3. A promessa de uma terra que é tão fundamental no AT (as promessas patriarcais) torna-se agora a terra toda. A Nova Jerusalém vem para uma terra recriada, não o Oriente Próximo apenas.
4. Alguns outros exemplos dos conceitos proféticos do AT sendo expandidos são (1) a descendência de Abraão é agora os espiritualmente circuncidados (cf. Rm 2.28,29); (2) o povo do pacto agora inclui os gentios (cf. Os 1.9; 2.23; Rm 9.24-26; também Lv 26.12; Êx 29.45; II Co 6.16-18 e Êx 19.5; Dt 14.2; Tito 2.14); (3) o templo é agora a igreja local (cf. I Co 3.16) ou o crente individual (cf. I Co 6.19); e (4) mesmo Israel e suas frases descritivas características agora se referem a todo o povo de Deus (cf. Gl 6.16; I Pe 2.5, 9, 10; Ap 1.6)

O modelo profético tem sido cumprido, expandido e é agora mais inclusivo. Jesus e os escritores Apostólicos não apresentam o tempo do fim da mesma maneira como os profetas do AT (cf. Martin Wyngaarden, *The Future of The Kingdom in Prophecy and Fulfillment* [O Futuro do Reino na Profecia e Realização]). Intérpretes modernos que tentam tornar o modelo do AT literal ou normativo deturpam o Apocalipse num livro muito judaico e forçam o significado em frases atomizadas, ambíguas de Jesus e Paulo! Os escritores do NT não negam os profetas do AT, mas mostram sua implicação final universal. Não há sistema organizado, lógico para a escatologia de Jesus ou de Paulo. O propósito deles é fundamentalmente redentivo ou pastoral.

Contudo, mesmo dentro do NT há tensão. Não sistematização clara dos eventos escatológicos. De muitas maneiras o Apocalipse surpreendentemente usa alusões do AT ao descrever o fim em vez dos ensinos de Jesus (cf. Mt 24; Marcos 13)! Ele segue o gênero literário desenvolvido durante o período intertestamentário (literatura apocalíptica judaica). Esta pode ter sido a maneira de João de ligar os Pactos Antigo e Novo. Ela mostra o antigo padrão da rebelião humana e o compromisso de Deus com a redenção! Mas deve ser observado que embora Apocalipse use linguagem, pessoas e eventos do AT, ele os reinterpreta à luz da Roma do primeiro século.

SEGUNDA TENSÃO

A ênfase bíblica é num Deus pessoal, espiritual, criador-redentor. A singularidade do AT é em sua própria época era seu monoteísmo. Todas as nações dos arredores eram politeístas. A unidade de Deus é o coração da revelação do AT (cf. Dt 6.4). A criação é um estágio para o propósito da comunhão entre Deus e o gênero humano, feito à Sua imagem e semelhança (cf. Gn 1.26,27). Contudo, a humanidade se rebelou, pecando contra o amor, liderança e propósito de Deus (cf. Gn 3). O amor e propósito de Deus era tão forte e certo que Ele prometeu redimir a humanidade caída (cf. Gn 3.15)!

A tensão surge quando Deus escolhe usar um homem, uma família, uma nação para alcançar o resto da humanidade. A eleição de Deus de Abraão e os judeus como um reino de sacerdotes (cf. Êx 19.4-6) causou orgulho em vez de serviço, exclusão em vez de inclusão. O chamado de Deus de Abraão envolveu a bênção de toda humanidade (cf. Gn 12.3). Deve ser lembrado e enfatizado que a eleição do AT era para o serviço, não salvação. Todo o Israel nunca esteve justo com Deus, nunca eternamente salvo baseado somente em seu

direito nato (cf. João 8.31-47), mas pela fé e obediência pessoal. Israel perdeu sua missão, tornou mandato em privilégio, serviço num prestígio especial. Deus escolheu um para escolher todos!

TERCEIRA TENSÃO

Há uma tensão teológica ou paradoxo entre pactos condicionais e incondicionais. É certamente verdadeiro que o propósito/plano redentivo é incondicional (cf. Gn 15.12-21). Contudo, a resposta humana é sempre condicional!

O padrão "se... então" aparece tanto no AT quanto no NT. Deus é fiel; a humanidade é infiel. Essa tensão tem causado muita confusão. Os intérpretes têm tido a tendência a focar no único "chifre do dilema", a fidelidade de Deus ou o esforço humano, a soberania de Deus ou livre-arbítrio do gênero humano. Ambos são bíblicos e necessários.

Isso se relaciona à escatologia, às promessas do AT de Deus a Israel. Se Deus promete, isso o estabelece, sim? Deus está atado a Suas promessas; Sua reputação está envolvida (cf. Ez 36.22-38). Contudo, a humanidade é instrumento de bênção de Deus! Os pactos incondicionais e condicionais se encontram em Cristo (cf. Is 53), não Israel! A fidelidade suprema de Deus reside na redenção de todos que se arrependerão e crerão, não em quem era seu pai/mãe! Cristo, não Israel, é a chave para todos os pactos e promessas de Deus. Se há um parêntese teológico na Bíblia, não é a Igreja, mas Israel (cf. Gl 3).

A missão de redenção do mundo passou para a Igreja (cf. Mt 28.19,20; Atos 1.8). Isto não é para implicar que Deus rejeitou totalmente os judeus (cf. Rm 9-11). Há certamente, mas não exclusivamente, um lugar e propósito para o Israel crente, do tempo do fim (Zc 12.10).

QUARTA TENSÃO

Gênero é um elemento crítico ao interpretar corretamente a Bíblia. A Igreja se desenvolveu num cenário cultural ocidental (grego). A literatura Oriental é muito mais figurada, metafórica e simbólica do que os modelos literários da cultura ocidental moderna. Os cristãos têm sido culpados de usar seus modelos de história e literário para interpretar profecia bíblica (tanto AT quanto NT). Cada geração e entidade geográfica tem usado sua cultura, história e literalidade para interpretar Apocalipse. Cada uma delas está errada! É arrogante pensar que a cultura ocidental moderna é o foco da profecia bíblica!

O gênero em que autor original, inspirado escolhe para escrever é um contrato com o leitor. O livro de Apocalipse não é uma narrativa histórica. É uma combinação de carta (capítulos 1-3), profecia e principalmente literatura apocalíptica. É tão errado fazer a Bíblia dizer mais do que foi pretendido pelo autor original quanto fazê-la dizer menos do que o que ele pretendeu! A arrogância de intérpretes e dogmatismos são ainda mais inadequados num livro como Apocalipse.

A Igreja nunca concordou numa interpretação adequada. Eu sou um intérprete dialético (paradoxal). Minha preocupação é pela Bíblia toda, não alguma(s) parte(s) selecionada(s). A crença oriental da Bíblia apresenta a verdade em pares cheios de tensão. Nossa tendência ocidental para com a verdade proposicional não é inválida, desequilibrada! Eu acho que possível remover pelo menos um pouco do impasse ao interpretar Apocalipse observando seu propósito mutável para sucessivas gerações de crentes. É óbvio para a maioria dos intérpretes que Apocalipse deve ser interpretado à luz de sua própria época e seu gênero. Uma abordagem histórica para Apocalipse deve tratar com o que os primeiros leitores teriam, e poderiam ter, compreendido. De muitas maneiras os intérpretes modernos têm perdido o significado de muitos dos símbolos do livro. A verdade principal inicial de Apocalipse era encorajar crentes perseguidos. Mostrou o controle de Deus da história (como fizeram os profetas do AT); afirmou que a história está se movendo para um fim, juízo ou bênção marcada (como fizeram os profetas do AT). Afirmou em termos apocalípticos judaicos do primeiro século o amor, presença, poder e soberania de Deus!

Funciona destas mesmas maneiras teológicas para cada geração de crentes. Descreve a luta cósmica de bem e do mal. Os detalhes do primeiro século podem ter sido perdidos para nós, mas não as verdades poderosas, confortantes. Quando intérpretes ocidentais, modernos tentam forçar os detalhes de Apocalipse na história contemporânea deles, o padrão de interpretações falsas continua!

É bastante possível que os detalhes do livro podem tornar-se notavelmente literais novamente (como fez o AT em relação à vida de Cristo) para a última geração de crentes enquanto eles enfrentam a investida de um líder anti-Deus (cf. II Ts 2) e a cultura. Ninguém pode conhecer essas realizações literais do Apocalipse até que as palavras de Jesus (cf. Mt 24; Marcos 13; Lucas 21) e Paulo (cf. II Ts 2) também se tornem historicamente evidentes. Suposição, especulação e dogmatismo são todos inadequados. A literatura apocalíptica mostra essa flexibilidade. Agradeça a Deus pelas imagens e símbolos que superam a narrativa histórica. Deus está no controle; Ele reina; Ele vem!

A maioria dos comentários modernos não entendem o significado do gênero! Intérpretes ocidentais modernos com freqüência buscam um sistema de teologia lógico, claro em vez de serem justos com um gênero ambíguo, simbólico, dramático da literatura apocalíptica judaica. Essa verdade é expressa bem por Ralph P Martin em seu artigo "Approaches to New Testament Exegesis" [Abordagens à Exegese do Novo Testamento], no livro *New Testament Interpretation* [Interpretação do Novo Testamento], editado por J. Howard Marsahall:

> "A menos que reconheçamos a qualidade dramática deste escrito e lembremos o modo em que a linguagem está sendo usada como um veículo para expressar verdade religiosa, erraremos intensamente em nossa compreensão do Apocalipse, e erroneamente tentaremos interpretar suas visões como se ele fosse um livro de prosa literal e preocupado em descrever eventos de história empírica e datável. Tentar o último curso é topar com toda maneira de problemas de interpretação. Mais seriamente leva a uma distorção do significado essencial de apocalíptico e assim perde o grande valor desta parte do Novo Testamento como uma afirmação em linguagem mito-poética da soberania de Deus em Cristo e o paradoxo de seu domínio que mistura poder e amor (cf. 5.5,6; o Leão é o Cordeiro)" (p. 235).

W. Randolph Tate em seu livro *Biblical Interpretations* [Interpretações Bíblicas] disse

> "Nenhum outro gênero da Bíblia tem sido tão ardentemente lido com resultados tão deprimentes como apocalipse, especialmente os livros de Daniel e Apocalipse. Este gênero tinha sofrido de uma história desastrosa de interpretação errônea devido a um mal-entendido de suas formas, estrutura e propósito literários. Por causa de sua afirmação exata para revelar o que está em breve para acontecer, o apocalipse tem sido visto como um mapa de estrada para e um anteprojeto do futuro. O defeito trágico nessa visão é a suposição que a estrutura de referência do livro é a era contemporânea do leitor em vez da do autor. Essa abordagem equivocada para o apocalipse (particularmente Apocalipse) trata o trabalho como se fosse um criptograma pelo qual eventos contemporâneos podem ser usados para interpretar o símbolo do texto... Primeiro, o intérprete deve reconhecer o apocalíptico comunica suas mensagens através do simbolismo. Interpretar um símbolo literalmente quando é metafórico é simplesmente interpretar mal. A questão não é se os eventos no apocalíptico são históricos. Os eventos podem históricos; eles podem ter realmente acontecidos, ou poderiam acontecer, mas o autor apresenta eventos e comunica significado através de imagens e arquétipos" (p. 137).

Do *Dictionary of Biblical Imagery* [Dicionário de Imagens Bíblicas], editado por Ryken, Wilhost e Longman III:

> "Os leitores de hoje são muitas vezes desorientados e frustrados por esse gênero. As imagens inesperadas e experiências fora-deste-mundo parecem bizarras e fora de sincronização com a maior parte da Escritura. Levar esta literatura ao pé da letra deixa muitos leitores lutando para determinar 'o que acontecerá quando', assim perdendo a intenção da mensagem apocalíptica" (p.35).

QUINTA TENSÃO

O reino de Deus é presente, contudo futuro. Esse paradoxo teológico se torna focado no ponto de escatologia. Se alguém espera uma realização literal de todas as profecias do AT para Israel então o Reino se torna principalmente uma restauração de Israel para uma localidade geográfica e uma preeminência teológica! Isso necessitaria que a Igreja seja secretamente arrebatada no capítulo 5 e os capítulos restantes se relacionam com Israel.

Contudo, se o foco é no reino estando presente na primeira vinda de Cristo, então o foco se torna a encarnação, vida, ensinos, morte e ressurreição de Cristo. A ênfase teológica é na salvação atual. O reino veio, o AT é cumprido na oferta de Cristo de salvação para todos, não Seu milenar sobre todos!

É certamente verdadeiro que a Bíblia fala de ambas as vindas de Cristo, mas onde a ênfase deve ser colocada? Parece para mim que a maioria das profecias do AT foca na primeira vinda, o estabelecimento do reino messiânico (cf. Dn 2). De muitas maneiras isso é análogo ao reino eterno de Deus (cf. Dn 7) e o reino milenar de Cristo (cf. Ap 20). No AT o foco está no reino eterno de Deus, contudo o mecanismo para a manifestação desse reino é o ministério do Messias (cf. I Co 15.26,27). Não é uma questão do que é verdadeiro; ambos são verdadeiros, mas onde está a ênfase? Deve ser dito que alguns intérpretes se tornam tão focados no reino milenar do Messias que eles têm perdido o foco bíblico no reino eterno do Pai. O reino de Cristo é um evento preliminar. Como as duas vindas de Cristo não eram óbvias no AT, assim também, o reino temporal do Messias!

A chave para a pregação e ensino de Jesus é reino de Deus. É tanto presente (na salvação e culto) quanto futuro (na difusão e poder). Apocalipse, se ele foca num reino messiânico milenar (cf. Ap 20), é preliminar, não final (cf. Ap 21-22). Não é óbvio do AT que um reino temporal é necessário; na verdade, o reino messiânico de Daniel 7 é eterno, não milenar.

SEXTA TENSÃO

A maioria dos crentes tem sido ensinada que Cristo está breve, de repente, e inesperadamente (Mt 10.23; 24.27,34,44; Marcos 9.1; 13.30). Mas cada geração até tem estado errada! A brevidade (imediação) do retorno de Jesus é uma esperança prometida poderosa de cada geração, mas uma realidade para somente uma (e aquela perseguida). Os crentes devem viver como se Ele estivesse voltando amanhã, mas planejar e executar a Grande Comissão (cf. Mt 28.19,20) como se Ele tardasse.

Algumas passagens nos evangelhos (cf. Marcos 13.10; Lucas 17.2; 18.8) e I e II Tessalonicenses são baseadas numa Segunda Vinda demorada (*Parousia*). Há alguns eventos históricos que devem acontecer primeiro:

1. Evangelização mundial (cf. Mt 24.15; Marcos 13.10)
2. A revelação do "homem do pecado" (cf. Mt 24.15; II Ts 2; Ap)
3. A grande perseguição (cf. Mt 24.21,24; Ap)

Há uma ambigüidade intencional (cf. Mt 24.42-51; Marcos 13.32-36)! Viva cada dia como se fosse seu último mas planeje e se prepare para o ministério futuro!

CONSISTÊNCIA E EQUILÍBRIO

Deve ser dito que diferentes escolas de interpretação escatológica moderna todas contêm meias verdades. Elas explicam e interpretam bem alguns textos. O problema reside na consistência e equilíbrio. Com freqüência há um conjunto de pressuposições que usam o texto bíblico para encher um esqueleto teológico pré-estabelecido. A Bíblia não revela uma escatologia lógica, cronológica, sistemática. É como um álbum de família. As fotos são verdadeiras, mas nem sempre em ordem, em contexto, numa seqüência lógica. Algumas das fotos caíram do álbum e gerações mais recentes de membros da família não sabem

exatamente como colocá-las de volta. A chave para interpretação apropriada do Apocalipse é a intenção do autor original como revelada em sua escolha do gênero literário. A maioria dos intérpretes tenta carregar suas ferramentas e procedimentos exegéticos dos outros gêneros do NT para suas interpretações do Apocalipse. Eles focam no AT em vez de permitir que os ensinos de Jesus e Paulo estabeleçam a estrutura teológica e deixe Apocalipse atuar como ilustrativo.

Eu devo admitir que eu abordo este comentário com um pouco de medo e temor, não por causa de Ap 22.18,19, mas por causa do nível de controvérsia que interpretação deste livro tem causado e continua a causar entre o povo de Deus. Eu amo a revelação de Deus. Ela é verdadeira quando todos os homens são mentirosos (cf. Rm 3.4)! Por favor, use este comentário como uma tentativa a ser pensada provocadora e não definitiva, como um guia e não um mapa de estrada, como um “e se”, não “assim diz o Senhor”. Tenho enfrentado minhas próprias impropriedades, preconceitos e pauta teológica. Tenho também visto essas dos outros intérpretes. Quase parece que as pessoas encontram em Apocalipse o que elas esperam achar. O gênero empresta-se ao abuso! Contudo, está na Bíblia para um propósito. Sua localização com a “palavra” final não é por acidente. Tem uma mensagem de Deus para Seus filhos de cada e todas as gerações. Deus quer que nós entendamos! Juntemos as mãos, não formar campos; afirmemos o que é claro e central, não tudo que pode ser, pôde ser, poderia ser verdadeiro. Deus nos ajude a todos!

Use este espaço para listar suas próprias pressuposições sobre como interpretar o Apocalipse. Todos nós trazemos nossos preconceitos conosco na interpretação deste livro. Identificá-los ajuda-nos superar sua influência e limita nosso dogmatismo.

1.

2.

3.

4.

etc.

APOCALIPSE

I. DECLARAÇÕES DE ABERTURA

A. A maior parte de minha vida adulta acadêmico-teológica, tenho tido a pressuposição de que aqueles que acreditam na Bíblia tomam-na "literalmente" (e isso é certamente verdadeiro para narrativa histórica). Contudo, tem se tornado cada vez mais óbvio para mim que tomar profecia, poesia, parábolas e literatura apocalíptica literalmente é não entender o principal do texto inspirado. A intenção do autor, não a literalidade, é a chave para uma compreensão apropriada da Bíblia. Fazer a Bíblia dizer mais (especificidade doutrinária) é tão perigoso e enganoso quanto interpretá-la de uma maneira tal como fazê-la dizer menos do que foi pretendido pelo escritor original, inspirado. O foco deve ser o contexto mais amplo, o cenário histórico e a intenção do autor expressa no texto mesmo e em sua escolha do gênero. Gênero é um contrato literário entre o autor e o leitor. Não acertar essa pista é certamente conduzir a interpretação errônea!

O livro de Apocalipse é certamente narrativa verdadeira, mas não histórica, não considerado para ser tomado literalmente. O gênero mesmo está gritando esse ponto para nós se apenas o ouvirmos. Isto não significa que não é inspirado ou verdadeiro; é apenas figurado, críptico, simbólico, metafórico e imaginativo.

B. Apocalipse é um gênero literário notavelmente judaico, apocalíptico. Foi muitas vezes usado em épocas cheias de tensão para expressar a convicção de que Deus estava no controle da história e traria libertação para Seu povo. Este tipo de literatura é caracterizado por

1. Um forte sentido da soberania universal de Deus (monoteísmo e determinismo)
2. Uma luta entre o bem e o mal, esta era e era por vir (dualismo)
3. Uso de palavras-código secretas (geralmente do AT ou literatura apocalíptica judaica intertestamentária)
4. Uso de cores, números, animais, às vezes animais/humanos
5. Uso de mediação angélica por meio de visões e sonhos, mas geralmente através de mediação angélica
6. Foca fundamentalmente no tempo do fim (nova era)
7. Uso de um conjunto fixo de símbolos, não realidade, para comunicar a mensagem do tempo do fim
8. Alguns exemplos deste tipo de gênero são:
   a. Antigo Testamento
      (1) Isaías 24-27, 56-66
      (2) Ezequiel 37-48
      (3) Daniel 7-12
      (4) Joel 2.28-3.21
      (5) Zacarias 1-6, 12-14
   b. Novo Testamento
      (1) Mateus 24, Marcos 13, Lucas 21 e I Coríntios 15 (de algumas maneiras)
      (2) II Tessalonicenses 2 (de quase todas as maneiras)
      (3) Apocalipse (capítulos 4-22)
9. Não-canônico (tirado de D. S. Russel, *The Method and Message of Jewish Apocalyptic* [O Método e Mensagem do Apocalíptico Judaico], pp. 37-38)

a. I Enoque, II Enoque (os Segredos de Enoque)
b. O Livro dos Jubileus
c. Os Oráculos Sibilinos III, IV, V
d. O Testamento dos Doze Patriarcas
e. Os Salmos de Salomão
f. A Assunção de Moisés
g. O Martírio de Isaías
h. O Apocalipse de Moisés (Vida de Adão e Eva)
i. O Apocalipse de Abraão
j. O Testamento de Abraão
k. II Esdras (IV Esdras)
l. Baruque II, III

C. Essas obras nunca foram apresentadas oralmente. Elas são obras literárias altamente estruturadas. A estrutura é crucial para uma interpretação apropriada. Parte da estrutura planejada do livro de Apocalipse é os sete selos, sete trombetas, e sete taças. Com cada ciclo o juízo aumenta: selos destruição de 1/4; trombetas, destruição de 1/3; taças, destruição total. No fim de cada ciclo a Segunda Vinda de Cristo ocorre: selos, 6.12-17; trombetas, 11.15-18; taças, 19.1-21. Isto mostra que o livro não é cronologicamente seqüencial, mas um drama em vários atos que prevê o mesmo período de tempo em três temas de juízo do AT progressivamente violento.

Há várias seções literárias mais um prólogo e um epílogo

1. 1.1-8 (prólogo)
2. 1.9-3.22
3. 4.1-8.1
4. 8.2-11.19
5. 12.1-14.20
6. 15.1-16.21
7. 17.1-19.21
8. 20.1-22.5
9. 22.6-21 (epílogo)

É óbvio que o número “sete” desempenha um grande papel na estrutura do livro como pode ser visto das sete igrejas, sete selos, sete trombetas e sete taças. Alguns outros exemplos de “sete” são

1. 7 castiçais, 1.12
2. 7 espíritos de Deus, 1.4; 3.1; 4.5; 5.6
3. 7 estrelas, 1.20; 2.1
4. 7 trovões, 10.3
5. 7 bem-aventuranças, 1.3; 14.13; 16.15; 19.9
6. 7 reis, 17.10
7. 7 pragas, 21.9
8. 7 ligações com animais
   a. 7 chifres...7 olhos, 5.6
   b. 7 cabeças...7diademas, 12.3; 13.1
   c. Mulher sobre uma besta de 7 cabeças, 17.3,7,9
   d. Mulher sentada sobre 7 montes, 17.9

D. A interpretação deste livro é mais suscetível a preconceito teológico. As pressuposições de alguém levam a interpretação de detalhes ambíguos. Essas pressuposições teológicas funcionam em vários estágios

1. A origem dos símbolos
    a. Alusões do Antigo Testamento
        (1) Os temas do AT como criação, a queda, o dilúvio, o êxodo, Jerusalém restaurada
        (2) Centenas de alusões (geralmente não citações) dos profetas
    b. Literatura judaica intertestamentária (Enoque, Baruque, Oráculos Sibilinos, II Esdras)
    c. Mundo greco-romano do primeiro século
    d. Relatos de criação cosmológica do antigo oriente próximo (especialmente Ap 12)
2. A estrutura de tempo do livro
    a. Primeiro século
    b. Todos os séculos
    c. Última geração
3. Redes teológicas sistemáticas
    a. Amilenista
    b. Pós-milenista
    c. Pré-milenista
    d. Pré-milenista dispensacional

À luz da divergência hermenêutica (as diferentes abordagens para interpretação) e dogmatismo inadequado (a atitude de sabe-tudo), como um intérprete deveria proceder? Primeiro, Admitamos que os cristãos ocidentais modernos não compreendam o gênero e não reconheçam as alusões históricas que os cristãos do primeiro século teriam imediatamente compreendido. Segundo, admitamos que cada geração de cristãos tem forçado o Apocalipse ao seu cenário histórico pessoal e todos têm estado errado até agora. Terceiro, leiamos a Bíblia antes de lermos os sistemas teológicos. Procure o contexto literário de cada visão/oráculo e afirme a verdade central numa sentença declarativa. A verdade central será a mesma para cada geração de crentes enquanto a especificidade dos detalhes pode ser relevante para apenas a primeira e/ou última geração de crentes. Os detalhes podem ser relevantes, mas a história, não a teologia, revelará seu propósito. Quarto, lembremos que este livro é fundamentalmente uma palavra de conforto e encorajamento para fidelidade em meio à perseguição de crentes por descrentes. Este livro não é considerado para responder a curiosidade de cada geração de crentes, nem esboçar um plano detalhado de eventos do tempo do fim. Quinto, é seguro afirmar que a sociedade humana caída está num curso de colisão com o reino de Deus. Parecerá em princípio que o mundo venceu (como o Calvário), mas espere; Deus é soberano, Ele está no controle da história, da vida e morte. Seu povo é vitorioso nEle!

E. Apesar da dificuldade e ambigüidade de interpretação, este livro tem uma mensagem e uma palavra inspirada de Deus para Seu povo em cada época. Vale apena o esforço extra necessário para estudar este livro único. Sua posição estratégica no cânon do NT fala de sua mensagem culminante. Em seu breve comentário sobre Apocalipse Alan Johnson diz, “Na verdade, pode bem ser que, com a exceção dos Evangelhos, o Apocalipse contenha o ensino mais profundo e comovente sobre a doutrina e discipulado cristão encontrado em qualquer lugar na Escritura Sagrada. Nem o fanatismo de alguns que têm fixado sua atenção na profecia em vez de em

Cristo, nem a diversidade de pontos de vista interpretativos deveriam desencorajar-nos de procurar verdade cristã neste maravilhoso livro" (p. 9).

Lembre, essas são verdadeiramente as últimas palavras de Jesus para Sua igreja! A Igreja moderna não se atreva a ignorar ou minimizá-las! Elas devem preparar os crentes para perseguição e conflito à luz da soberania (monoteísmo) de Deus, a realidade do mal (dualismo limitado), os resultados atuais da queda (rebelião humana) e as promessas de Deus para redimir o gênero humano (pacto incondicional cf. 3.15; 12.1-3; Êx 19.5,6; João 3.16; II Co 5.21).

II. AUTOR

A. Evidência interna da autoria da autoria de João o Apóstolo
   1. O autor se identificou quatro vezes como João (cf. 1.1,4, 9; 22.8)
   2. Ele também se chamou
      a. Servo (cf. 1.1; 22.6)
      b. Irmão e companheiro na tribulação (cf. 1.9)
      c. Profeta (cf. 2.9), e chamou este livro uma profecia (cf. 1.3; 22.7,10,18,19)

B. Evidência externa da autoria de João o Apóstolo dos autores cristãos primitivos
   1. João o Apóstolo, filho de Zebedeu
      a. Justino Mártir (Roma 250 A.D.) em *Diálogo com Trifo* 81
      b. Irineu (Lion) em *Contra Heresias* IV.14.2; 17.6; 21.3; V.16.1; 28.2; 30.3; 34,6; 35.2
      c. Tertuliano (África do Norte) em *Contra Práxeas* 27
      d. Orígenes (Alexandria) em
         (1) *Sobre alma*, L.8.1
         (2) *Contra Marcião*, II.5
         (3) *Contra Hereges*, III.14, 25
         (4) *Contra Celso*, VI.6, 32; VIII.17
      e. O Cânon Muratoriano (Roma 180-200 A.D.)
   2. Outros Candidatos
      a. João Marcos – Este foi primeiro mencionado por Dionísio, Bispo de Alexandria (247-264 A.D.), que negou a autoria de João o Apóstolo, mas ainda sustentou a obra como canônica. Ele baseou sua rejeição no vocabulário e estilo assim como a natureza anônima de outros escritos de João. Ele convenceu Eusébio de Cesaréia.
      b. João o ancião – Este vem de uma citação em Eusébio de Papias. Contudo, a citação de Papias provavelmente usou este título para João o Apóstolo em vez de sua afirmação de um outro autor.
      c. João Batista – (com adições editoriais mais recentes) foi sugerido por J. Massyngberde Ford no Anchor Bible Commentary [Comentário da Bíblia Âncora], baseado fundamentalmente no uso de João Batista de "cordeiro" para Jesus. A única outra ocorrência deste título está em Apocalipse.

C. Dionísio, o bispo de Alexandria (247-264 A.D.), foi o primeiro a expressar dúvidas (seu livro foi perdido, mas ele é citado por Eusébio de Cesaréia, que concordou com ele) sobre a autoria de João o Apóstolo baseado em
   1. João o Apóstolo não refere a si mesmo como João no Evangelho nem suas cartas, mas Apocalipse é de "João"
   2. A estrutura de Apocalipse é diferente do Evangelho e as cartas

3. O vocabulário de Apocalipse é diferente do Evangelho e as cartas
4. O estilo gramatical de Apocalipse é de qualidade inferior ao Evangelho e as cartas

D. Provavelmente o desafio moderno mais sério para a autoria de João o Apóstolo vem de R. H. Charles em *Saint John* [São João], Vol. I p.xxxixss.

E. A maioria da erudição moderna tem rejeitado a autoria de muitos dos livros do NT. Um bom exemplo desta tendência relacionada com Apocalipse pode ser Raymond E. Brown, um famoso estudioso joanino católico. O volume introdutório da Anchor Bible Commentary series [série de Comentário da Bíblia Âncora] diz, "escrito por um profeta cristão judeu chamado João que era nem João, filho de Zebedeu, nem o escritor do Evangelho joanino ou das Epístolas" (p. 774).

F. De muitas maneiras a autoria é incerta. Há paralelos notáveis com outros escritos do Apóstolo João e também diferenças notáveis. A chave para compreensão deste livro não está em seu autor humano, mas em seu autor Divino! O autor estava convencido de ser um profeta inspirado (cf. 1.3; 22.7,10,18,19).

III. DATA

A. Isto está certamente vinculada integralmente à autoria

B. Algumas datas possíveis
1. A data tradicional é durante o reinado de Domiciano (81-96 A.D.) por que ajusta a evidência interna de perseguição
    a. Irineu (citado por Eusébio) em *Contra Heresias*, V.30.3. "Isso (essa perseguição) foi vista não muito tempo atrás, quase em nossa geração, no final do reinado de Domiciano"
    b. Clemente de Alexandria
    c. Orígenes de Alexandria
    d. Eusébio de Cesaréia, *História da Igreja*, iii.23.1
    e. Victorinus, *Apocalipse* x.11
    f. Jerônimo
2. Epifânio, um escritor do terceiro século, em *Haer*, 51.12, 32, diz que João a escreveu depois de sua libertação de Patmos que foi durante o reinado de Cláudio (41-54).
3. Outros a admitiram ser durante o reinado de Nero (54-68 A.D.) por causa de:
    a. A origem óbvia da perseguição do culto do imperador
    b. *Caesar Nero*, escrito em hebraico, iguala o número da besta, 666

IV. DESTINATÁRIOS

A. De 1.4 é óbvio que os destinatários foram as sete igrejas na província romana da Ásia. Essas igrejas são endereçadas de uma maneira tal como a sugerir a rota de viagem do portador da carta.

B. A mensagem de Apocalipse relaciona singularmente com todas as igrejas e crentes que estão experimentando perseguição de um sistema do mundo caído.

C. Quanto à conclusão canônica do NT, este livro é uma mensagem de consumação a todos os crentes de todas as épocas.

V. OCASIÃO

A. O cenário foi a perseguição causado pela separação da igreja locais da proteção legal que Roma concedeu ao judaísmo. Essa divisão ocorreu oficialmente por volta de 70 A.D. quando os rabinos de Jâmnia instituíram uma fórmula de juramento exigiam que os membros das sinagogas locais amaldiçoassem Jesus de Nazaré.

B. Documentos romanos indicam que a adoração do imperador tornou-se o conflito principal com a igreja dos reinados de Nero (54-68) a Domiciano (81-96 A.D.). Contudo, não há documentação de perseguição oficial em todo o império. Aparentemente Apocalipse refletiu a exuberância dos cultos locais de adoração do imperador nas províncias orientais do Império Romano (cf. “Biblical Archaeology Review” [Revisão da Arqueologia Bíblica], Maio/Junho 1993 p. 29-37).

VI. A SINTAXE

A. Há muitos problemas gramaticais no texto grego.

B. Algumas razões possíveis para esses problemas.
   1. Padrões de pensamento aramaico de João.
   2. Ele não tinha escriba em Patmos para escrever para ele.
   3. A euforia das visões era irresistível.
   4. Eles são intencionais para o efeito.
   5. O gênero (apocalíptico) era altamente figurado.

C. Idiossincrasias similares são encontradas em outros escritos apocalípticos judaicos.

VII. CANONICIDADE

A. Foi rejeitado cedo pela Igreja Oriental; o livro não aparece na Peshita (siríaca do quinto século).

B. No começo do quarto século Eusébio, seguindo Dionísio de Alexandria no final do terceiro século disse que Apocalipse não foi escrito pelo Apóstolo João. Ele o listou como um dos livros “disputados”, mas incluiu-o em sua lista canônica (cf. *História Eclesiástica*, III.24.18; III.25.4; e III.39.6).

C. O Concílio de Laodicéia (aproximadamente 360 A.D.) omitiu-o da lista dos livros canônicos. Jerônimo rejeitou-o como canônico, mas o Concílio de Cartago (397 A.D.) incluiu-o. Apocalipse foi admitido por meio do apoio da Igreja Oriental num acordo que incluiu Hebreus (que foi apoiado pela Igreja Ocidental).

D. Nós deveríamos reconhecer que é uma pressuposição dos crentes que o Espírito Santo guiou o processo histórico em sua conclusão do cânon cristão.

E. Os dois principais teólogos do movimento protestante rejeitaram seu lugar na doutrina cristã.
   1. Martinho Lutero chamou-o nem profético ou apostólico, em essência rejeitando sua

inspiração.

2. João Calvino, que escreveu um comentário sobre cada livro do NT exceto Apocalipse, em essência rejeitando sua relevância.

VIII. TEORIAS HISTÓRICAS DE INTERPRETAÇÃO

A. Tem sido notoriamente difícil interpretar; contudo, dogmatismo é inadequado!

B. Os símbolos são traçados de
   1. Passagens apocalípticas do Antigo Testamento
      a. Daniel
      b. Ezequiel
      c. Zacarias
      d. Isaías
   2. Literatura apocalíptica judaica intertestamentária
   3. O cenário histórico greco-romano do primeiro século especialmente Ap 17)
   4. Relatos de criação mitológica do antigo oriente próximo (especialmente Ap 12)

C. Em geral há quatro tendências dominantes de interpretação
   1. PRETERISTA – este grupo vê o livro como fundamentalmente ou exclusivamente relacionado com as igrejas do primeiro século na província romana da Ásia. Todos os detalhes e profecias foram cumpridos no primeiro século.
   2. HISTORICISTA – este grupo vê o livro com um panorama da história, fundamentalmente da civilização ocidental e em algum sentido a Igreja Católica Romana. Com freqüência as cartas às setes igrejas dos capítulos 2 e 3 são usadas como uma descrição de certos períodos de tempo. Alguns vêem esses como temporalmente síncrono e outros como cronologicamente seqüencial.
   3. FUTURISTA – este grupo vê o livro como se referindo aos eventos imediatamente anteriores à Parousia (Segunda Vinda de Cristo) que será literalmente e historicamente cumprida.
   4. IDEALISTA – este grupo vê o livro como totalmente simbólico da luta entre o bem e o mal que não tem significância histórica.

   Todas estas têm alguma validade, mas elas não entendem a ambigüidade da escolha de gênero e imagens de João. O problema é equilíbrio, não qual é correta.

IX. PROPÓSITO DO LIVRO

A. O propósito de Apocalipse é mostrar a soberania de Deus na história e promessa de Deus da culminação de todas as coisas nEle. Os fiéis devem permanecer na fé e esperança em meio à perseguição e agressão deste sistema de mundo caído. O foco do livro é perseguição e fidelidade dos crentes no primeiro século e em todos os séculos. Lembre, os profetas falaram do futuro num esforço para reformar o presente. Apocalipse não é somente sobre como terminará , mas como está indo. Em seu artigo no *Expositor's Bible Commentary* [Comentário da Bíblia do Expositor] Vol. I intitulado "The Eschatology of the Bible", Robert L. Sancy disse, "os profetas bíblicos estavam preocupados fundamentalmente com o tempo e arranjo teológico dos eventos futuros. Para eles o estado espiritual de seus contemporâneos era o ponto de importância e a grande visitação escatológica de Deus para juízo da injustiça e bênção dos piedosos era inserida pelo seu impacto ético no presente" (p. 104).

B. O propósito geral é resumido bem na breve introdução às traduções TEV e NJB

1. TEV, p. 1122, "A Revelação a João foi escrita num tempo quando os Cristãos estavam sendo perseguidos por causa de sua fé em Jesus como Senhor. A preocupação principal do escritor é dar aos seus leitores esperança e encorajamento e instá-los a permanecer fiéis durante tempos de sofrimento e perseguição".
2. NJB, p. 1416, "A Bíblia é resumida na mensagem de esperança e o simbolismo rico deste livro. É uma visão de resgate das provas que assediam o povo de Deus e a promessa de um futuro glorioso. A mensagem é expressa por meio de imagens que se movem na Bíblia inteira, para que cada aspecto, animais, cores, números, seja evocativo e cheio de conotações para um leitor familiar com o AT. Desta maneira é uma revelação secreta e alusiva do que está por vir, embora o simbolismo natural dos grandes atos de adoração e a visão final do esplendor messiânico da nova Cidade Santa sejam claros bastante. Havia uma tradição de tal escrito no judaísmo de Daniel em diante para fortalecer o povo de Deus na perseguição com garantia da libertação e triunfo final".

C. É crucial que o intérprete dê ao tema redentivo prioridade

1. Deus trouxe salvação individual, coletiva e cósmica através de Cristo.
2. A redenção de Deus é tanto espiritual quanto física. A Igreja está salva, mas não segura! Um dia Ela será!
3. Deus ainda ama humanidade caída, rebelde, egocêntrica. A ira de Deus nos selos e trombetas é para redenção (cf. 9.20,21; 14.6,7; 16.9,11; 21.7; 22.17).
4. Deus não apenas restaura a humanidade caída, mas também a criação caída. O mal em cada nível será expurgado!

D. Este livro não <u>deve</u> ser visto como um gráfico cronológico dos eventos, tempos e maneira da Segunda Vinda. Tem sido muitas vezes interpretado como o "segredo" para a história ocidental. Cada geração tem forçado suas histórias nos símbolos apocalípticos; cada uma tem estado errada até agora.

Os detalhes dessas profecias serão muito mais óbvios para a última geração de crentes sofrendo sob o Anticristo. Uma interpretação literal tem feito este livro ser ignorado por alguns (Calvino), depreciado por outros (Lutero, "nem apostólico nem profético"), e superenfatizado por outros (milenistas).

X. CHAVES DE INTERPRETAÇÃO DO BOB

A. Precisamos levar em conta a origem judaica

1. O gênero apocalíptico do AT é um tipo literário altamente simbólico
2. Numerosas alusões são traçadas do AT (dos 404 versos 275 incluem alusões a textos do AT); o significado desses símbolos tem sido reinterpretado à luz da situação romana do primeiro século.
3. O prenúncio profético toma eventos atuais para prefigurar eventos escatológicos. Muitas vezes esses cumprimentos históricos apontam para cumprimentos históricos finais do tempo do fim.

B. A estrutura global do livro ajuda-nos a ver o propósito do autor

1. Os selos, as trombetas e as taças cobrem o mesmo período de tempo. Apocalipse é um

drama em atos seqüenciais.

2. O reino messiânico temporal preliminar ao reino eterno do Pai (cf. I Co 15.26-28). O Reino Celestial substitui o terreno.

C. O contexto histórico deve ser levado em conta em qualquer interpretação do livro
   1. A presença da adoração do imperador
   2. Perseguição local nas províncias orientais
   3. A Bíblia não pode significar o que ela nunca significou. A interpretação de Apocalipse deve estar relacionada com a época de João primeiro. Pode ter cumprimentos ou aplicações múltiplos, mas eles devem ser baseados no texto e na época do primeiro século.

D. O significado de alguns dos termos crípticos está perdido para nós devido ao nosso cenário cultural, lingüístico e existencial. Possivelmente os eventos mesmos do tempo do fim lançarão luz sobre a interpretação apropriada desses símbolos. Tenha cuidado para não insistir com todos os detalhes desta profecia apocalíptica. Os intérpretes modernos devem buscar a verdade principal em cada uma dessas visões.

E. Resumamos alguns dos elementos interpretativos chave
   1. As origens históricas do simbolismo
      a. Temas do AT
      b. Alusões do AT
      c. Literatura apocalíptica judaica
      d. Cenário greco-romano do primeiro século
   2. As maneiras do autor de definir seu simbolismo
      a. Conversas com guias angélicos
      b. O hino de corais celestiais
      c. O autor mesmo declara o significado
   3. A estrutura do livro (especialmente o paralelo entre os selos, trombetas e taças)

F. Mais ajuda
   1. Meus dois comentaristas favoritos sobre Apocalipse são George Eldon Ladd e Alan F. Johnson. Eles não têm a mesma opinião. Há tanto desacordo entre estudiosos piedosos, cultos, sinceros que uma palavra de cautela é apropriada. Citemos Alan Johnson em seu *Commentary on Revelation* [Comentário sobre Apocalipse] da Zondervan:

      "Em vista do uso complicado das imagens e visões de 4.1 ao fim de Apocalipse e a questão como este material se relaciona com os capítulos 1-3, não surpreendente que os comentaristas difiram muito em seu tratamento desses capítulos. Um problema é esse da interpretação: *O que* as imagens e as visões significam? Outro problema envolve cronologia: *Quando* essas coisas acontecem? Além disso, João interpreta suas imagens freqüentes do AT de acordo exato com suas fontes do AT, ou ele reinterpreta livremente essas imagens? O que é simbólico e o que é literal? Respostas para tais perguntas determinarão a abordagem do intérprete. Visto que algumas perguntas são capazes de respostas dogmáticas, há uma necessidade por tolerância de abordagens divergentes na esperança de que o Espírito uma discussão de mente aberta para levar-nos mais distantes no significado do Apocalipse" (p. 69).
   2. Para uma introdução geral ao relacionamento de Apocalipse com o AT, eu recomendo *Prophecy Interpreted* [Profecia Interpretada] de John P. Milton e *The Authority of the Old Testament* [A Autoridade do Antigo Testamento] de John Bright. Para uma boa discussão do relacionamento de Apocalipse com Paulo, eu recomendo *A Man In Christ* [Um Homem

Em Cristo] de James S. Stewart.

XI. TERMOS E FRASES PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. “as coisas que brevemente devem acontecer”, 1.1,3
2. “eis que vem com as nuvens”, 1.7
3. Amém, 1.7
4. “o Alfa e o Ômega”, 1.8
5. “da boca saía–lhe uma afiada espada de dois gumes”, 1.16
6. “as chaves da morte e do inferno”, 1.18
7. “abandonaste o teu primeiro amor”, 2.4
8. “ao que vencer”, 2.7
9. “a árvore da vida que está no meio do paraíso de Deus”, 2.7
10. “a sinagoga de Satanás”, 2.9; 3.9
11. “a segunda morte”, 2.11
12. “as coisas profundas de Satanás”, 2.24
13. “o livro da vida”, 3.5
14. “a chave de Davi”, 3.7
15. “nova Jerusalém”, 3.12
16. “eu me achei em espírito”, 4.2
17. Um mar de vidro, 4.6
18. Um livro, 5.1
19. Sete selos, 5.1
20. “de pé, um Cordeiro como tendo sido morto”, 5.6
21. “sete chifres e sete olhos”, 5.6
22. “a grande tribulação”, 7,14
23. “um incensário de ouro”, 8.3
24. “o poço do abismo”, 9.2
25. Aleluia, 19.1
26. “a ceia das bodas do Cordeiro”, 19.9
27. “o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso”, 19.15
28. “amarrou por mil anos”, 20.2
29. Nova Jerusalém, 21.2
30. “a resplandecente Estrela da manhã”, 22.16

XII. PESSOAS PARA IDENTIFICAR SUCINTAMENTE

1. “enviado por intermédio do seu anjo”, 1.1
2. João, 1.1
3. “os sete espíritos”, 1.4
4. O Todo-Poderoso, 1.8
5. Quem é descrito em 1.12-16?
   De onde essa descrição vem?
6. Nicolaítas, 2.6,15
7. Jezabel, 2.20
8. Anciãos, 4.4,10

9. O Leão da tribo de Judá, 5.5
10. “um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um arco”, 6.2
11. “debaixo do altar as almas dos que foram mortos”, 6.9
12. “assinalado na testa”, 7.3
13. “grande multidão”, 7.9
14. “uma estrela do céu”, 9.1
15. “outro anjo forte”, 10.1
16. “duas testemunhas”, 11.3
17. Uma mulher, 12.1
18. “um grande dragão vermelho”, 12.3
19. “um filho, um varão”, 12.5
20. “subir do mar uma besta”, 13.1
21. “subir da terra oura besta”, 13.11
22. Babilônia, 14.8
23. A grande prostituta, 17.1
24. “um cavalo branco. O que estava assentado sobre ele”, 19.11
25. Gogue e Magogue, 20.8

XIII. LOCAIS DO MAPA PARA LOCALIZAR

1. Patmos, 1.9
2. Éfeso, 1.11
3. Esmirna, 1.11
4. Pérgamo, 1.11
5. Tiatira, 1.11
6. Sardes, 1.11
7. Filadélfia, 1.11
8. Laodicéia, 1.11
9. Monte Sião, 14.1

XIV. QUESTÕES DE DISCUSSÃO

1. Que tipo de gênero é Apocalipse? Liste as características.
2. Por que essas sete igrejas são mencionadas nos capítulos 2 e 3?
3. Por que todas as tribos da terra lamentarão sobre Ele? (1.7)
4. Liste todos os “setes” no capítulo 1.
5. O que significa que Jesus removerá o castiçal de uma igreja? (2.5)
6. Liste os itens comuns encontrados na mensagem para cada uma das sete igrejas.
7. Qual é o cenário para os capítulos 4-5?
8. Qual é o relacionamento entre os sete selos, as sete trombetas e as sete taças?
9. Quem são os sete cavaleiros do capítulo 6? De onde essa imagem vem?
10. Quem são os 144.000? Por que as tribos judaicas estão listadas incorretamente?
11. Por que os juízos aumentam de 1/4 nos selos para 1/3 nas trombetas, para completa destruição nas taças?
12. A quem o exército de 200.000.000 se refere em 9.13-19?
13. Descreva a guerra no céu em 12.7-10.
14. Por que Deus permite a besta fazer guerra contra os santos? (13.7)

15. Como a besta imita Cristo?
16. Quem fará parte da primeira ressurreição? (2.4-6) Quem fará parte da segunda ressurreição?
17. Qual é a significância de 22.3?
18. Como 22.5 está relacionado com 20.4?
19. Explique 22.18,19 em suas próprias palavras.
20. Qual é o tema central de Apocalipse?

0 50 100 200 300
Escala de Milhas
Mundo Mediterrâneo

APÊNDICE UM

GLOSSÁRIO

Adocionismo. Esta foi umas visões primitivas da relação de Jesus com a divindade. É basicamente afirmado que Jesus era um humano normal de todas as maneiras e foi adotado num sentido especial por Deus em seu batismo (cf. Mt 3.17; Marcos 1.1) ou em Sua ressurreição (cf. Rm 1.4). Jesus viveu uma vida tão exemplar que Deus, em algum ponto, (batismo, ressurreição) adotou-O como Seu "filho" (cf. Rm 1.4; Fp 2.9). Esta foi uma visão da minoria da igreja primitiva e do oitavo século. Em vez de Deus se tornar um homem (a Encarnação), ela inverteu isto e então o homem se torna Deus!

É difícil verbalizar como Jesus, Deus o Filho, divindade pré-existente, foi recompensado ou exaltado por uma vida exemplar. Se Ele já era Deus, como ele poderia ser recompensado? Se ele tinha gloria divina pré-existente, como poderia ser mais honrado? Embora seja difícil para nos compreendermos, o Pai de algum modo honrou Jesus num sentido especial por Seu cumprimento da vontade do Pai.

Escola Alexandrina. Este método de interpretação bíblica foi desenvolvido em Alexandria, Egito, no segundo século A.D. Ele usa os princípios interpretativos básicos de Filo que foi um seguidor de Platão. É freqüentemente chamado o método alegórico. Manteve domínio na igreja até a época da Reforma. Seus proponentes capazes foram Orígenes e Agostinho. Veja Moisés Silva, *Has The Church Misread The Bible?* [A Igreja Tem Interpretado Mal a Bíblia] (Academic, 1987)

Alexandrino. Este manuscrito grego do quinto século de Alexandria, Egito, inclui o Antigo Testamento, Apócrifos, e a maior parte do Novo Testamento. É uma das principais testemunhas para o Novo Testamento inteiro (exceto partes de Mateus, João e II Coríntios). Quando esse manuscrito, que é designado "A", e o manuscrito designado "B" (Vaticano) concordam numa leitura, é considerado ser original pela maioria dos estudiosos na maior parte dos casos.

Alegoria. Este é um tipo de interpretação bíblica que se desenvolveu dentro do judaísmo alexandrino. Foi popularizado por Filo de Alexandria. Sua idéia básica é o desejo de tornar a Escritura relevante para a cultura ou sistema filosófico de alguém ignorando o cenário histórico da Bíblia e/ou o contexto literário. Busca um significado escondido ou espiritual por trás de cada texto da Escritura. Deve ser admitido que Jesus, em Mateus 13, e Paulo, em Gálatas 4, às vezes usaram alegoria para comunicar a verdade. Isto, no entanto, estava na forma de tipologia, não estritamente alegoria.

Léxico analítico. Este é o tipo de ferramenta de pesquisa que permitido alguém identificar cada forma grega do Novo Testamento. É uma compilação, em ordem alfabética grega, de formas e definições básicas. Em combinação com uma tradução interlinear, permite aos crentes que não lêem grego analisar formas gramaticais e sintáticas do grego do Novo Testamento.

Analogia da Escritura. Esta é a frase usada para descrever a visão de que toda a Bíblia é inspirada por Deus e não é, portanto, contraditória mas complementar. Esta afirmação pressuposicional é a base para o uso de passagens paralelas ao interpretar um texto bíblico.

Ambigüidade. Isto se refere à incerteza que resulta num documento escrito quando há dois ou mais significados possíveis ou quando duas ou mais coisas estão sendo referidas ao mesmo tempo. É possível que João use ambigüidade intencional (duplo sentido).

Antropomórfico. Significando "ter características associadas com seres humanos", este termo é usado para descrever nossa linguagem religiosa sobre Deus. Vem do termo grego para gênero humano. Significa que falamos sobre Deus como se Ele fosse um homem. Deus é descrito em termos físicos, sociológicos e filosóficos que se relacionam com os seres humanos (cf. Gn 3.8; I Rs 22.19-23. Isto, claro, é somente uma analogia. Contudo, não há categorias ou termos a não ser humanos para nós usarmos. Portanto, nosso conhecimento de Deus, embora verdadeiro, é limitado.

Escola Antioquina. Este método de interpretação bíblica foi desenvolvido em Antioquia, Síria, no terceiro século A.D. como uma reação ao método alegórico de Alexandria, Egito. Sua idéia básica era focar no significado histórico da Bíblia. Interpretou a Bíblia como literatura humana, normal. Esta escola se tornou envolvida na controvérsia sobre se Cristo tinha duas naturezas (nestorianismo) ou uma natureza (plenamente Deus e plenamente homem). Foi rotulada herética pela Igreja Católica Romana e realocada para a Pérsia, mas a escola teve pouca significância. Seus princípios básicos depois se tornaram os princípios interpretativos dos Reformadores Protestantes Clássicos (Lutero e Calvino).

Antitético. Este é um dos três termos descritivos usados para denotar o relacionamento entre linhas da poesia hebraica. Relaciona-se com as linhas da poesia que são opostas em significado (cf. Pv 10.1, 15.1).

Literatura apocalíptica. Este foi predominantemente, possivelmente mesmo notavelmente, um gênero judaico. Foi um tipo críptico de escrita usado em tempos de invasão e ocupação dos judeus por poderes do mundo estrangeiro. Supõe que um Deus pessoal, redentor criou e controla eventos do mundo e que Israel e de um interesse e cuidado especial para Ele. Essa literatura promete vitória final através do esforço especial de Deus.

É altamente simbólico e extravagante com muitos termos crípticos. Muitas vezes expressou a verdade em cores, números, visões, sonhos, mediação angélica, palavras-código secretas e com freqüência um dualismo acentuado entre o bem e o mal.

Alguns exemplos deste gênero são (1) no AT, Ezequiel (capítulos 36-48), Daniel (capítulos 7-12), Zacarias; e (2) no NT, Mt 24; Marcos 13; II Ts 2 e Apocalipse.

Apologista (Apologetas). Esta é da raiz grega para "defesa legal". Esta é uma disciplina dentro da teologia que busca dar evidência e argumentos racionais para fé cristã.

A priori. Isto é basicamente sinônimo com o termo “pressuposição”. Envolve raciocínio a partir de definições, princípios ou posições previamente aceitos que são supostos ser verdadeiros. É aquilo que é aceito sem investigação ou análise.

Arianismo. Ário foi um presbítero na igreja em Alexandria, Egito, no terceiro e no começo do quarto século. Ele afirmou que Jesus era pré-existente, mas não divino (não da mesma essência como o Pai), possivelmente seguindo Provérbios 8.22-31. Ele foi contestado pelo bispo de Alexandria, que afirmou (318 A.D.) uma controvérsia que durou muitos anos. O arianismo se tornou o credo oficial da Igreja Oriental. O Concílio de Nicéia em 325 A.D. condenou Ário e afirmou a igualdade e divindade plena do Filho.

Aristóteles. Ele foi um dos filósofos da Grécia antiga, um discípulo de Platão e professor de Alexandre o Grande. Sua influência, mesmo hoje, chega a muitas áreas dos estudos modernos. Isto é porque ele enfatizou o conhecimento através da observação e classificação. Este é um dos princípios do método científico.

Autógrafos. Este é o nome dado aos escritos originais da Bíblia. Esses manuscritos originais, escritos à mão foram todos perdidos. Só copias de cópias restam. Esta é a fonte de muitas das variantes textuais nos manuscritos hebraicos e gregos.

Beza. Este é um manuscrito grego e latino do sexto século A.D. é designado por “D”. Contém os Evangelhos e Atos e algumas das Epístolas Gerais. É caracterizado por numerosas adições de copistas. Forma a base para o “Textus Receptus”, a principal tradição de manuscrito grego por trás da King James Version.

Parcialidade. Este é o termo usado para descrever a uma forte predisposição para com um assunto ou ponto de vista. É a crença em que a imparcialidade é impossível com relação a um assunto particular ou ponto de vista. É uma posição preconceituosa.

Autoridade bíblica. Este termo é usado num sentido muito especializado. É definido como compreender o que o autor original disse a sua época e aplicar essa verdade à nossa época. Autoridade bíblica é geralmente definida como vê a Bíblia mesma como nosso único guia autoritário. Contudo, à luz das interpretações incorretas atuais, eu limito o conceito à Bíblia quando interpretada pelos princípios do método histórico-gramatical.

Cânon. Este é o termo usado para descrever os escritos que são cridos ser unicamente inspirados. É usado com relação às Escrituras tanto do Antigo quanto do Novo Testamento.

Cristocêntrico. Este é um termo usado para descrever a centralidade de Jesus. Eu o uso em conexão com o conceito que Jesus é Senhor de toda a Bíblia. O Antigo Testamento aponta para Ele e Ele é seu cumprimento e meta (cf. Mt 5.17-48).

Comentário. Este é um termo especializado de livro de pesquisa. Dá a origem geral de um livro bíblico. Então tenta explicar o significado de cada seção do livro. Alguns focam na aplicação, enquanto outros tratam com o texto de uma maneira mais técnica. Esses livros são úteis, mas deveriam ser usados depois que alguém fez seu próprio estudo preliminar. As interpretações do comentarista nunca deveriam ser aceitas acriticamente. Comparar vários comentários de perspectivas teológicas diferentes é normalmente útil.

Concordância. Este é um tipo de ferramenta de pesquisa para o estudo da Bíblia. Lista cada ocorrência de cada palavra nos Antigo e Novo Testamentos. Ajuda de várias maneiras: (1) determinando a palavra hebraica e grega que reside por trás de qualquer palavra portuguesa particular; (2) comparando passagens onde a mesma palavra hebraica ou grega foi usada; (3) mostrando onde dois termos hebraicos ou gregos diferentes são traduzidos pela mesma palavra portuguesa; (4) mostrando a freqüência do uso de certas palavras em certos livros ou autores; (5) ajudando você encontrar uma passagem na Bíblia (cf. *How to Use New Testament Greek Study Aids* [Como Usar Auxílios de Estudo do Grego do Novo Testamento], pp. 54-55).

Rolos do Mar Morto. Isto se refere a uma série de textos antigos escritos em hebraico e aramaico que foram encontrados perto do Mar Morto em 1947. Eram bibliotecas religiosas de judaísmo sectário do primeiro século. A pressão da ocupação romana e as guerras zelotes dos anos 60 fizeram-nos ocultar os rolos em jarros de cerâmica hermeticamente selados em cavernas ou buracos. Eles têm nos ajudado a compreender o cenário histórico da Palestina do primeiro século e têm confirmado o Texto Massorético como sendo muito exato, pelo menos até lá pelo começo da era a.C. Eles são designados pela abreviação “DSS”.

Dedutivo. Este método de lógica ou de raciocínio se move dos princípios gerais para aplicações específicas por meio da razão. É o oposto do raciocínio indutivo, que reflete o método científico, de especificidades observadas para conclusões gerais (teorias).

Dialético. Este é o método de raciocínio pelo qual aquilo que parece contraditório ou paradoxal é sustentado junto numa tensão, buscando uma resposta unificada que inclui ambos os lados do paradoxo. Muitas doutrinas bíblicas têm pares dialéticos, predestinação – livre-arbítrio; segurança – perseverança; fé – obras; decisão – discipulado; liberdade cristã – responsabilidade cristã.

Diáspora. Este é o termo grego usado pelos judeus palestinos para descrever outros judeus que vivem fora das fronteiras geográficas da Terra Prometida.

Equivalente dinâmico. Este é o nome de uma teoria de tradução da Bíblia. Tradução da Bíblia pode ser vista como uma quantidade contínua de correspondência "palavra por palavra", onde uma palavra portuguesa deve ser fornecida para cada palavra hebraica ou grega, a uma "paráfrase", onde somente o pensamento é traduzido com menos consideração ao texto e fraseologia original. No meio destas duas teorias está "o equivalente dinâmico" que tenta levar o texto original a sério, mas o traduz em formas gramaticais e expressões idiomáticas modernas. Uma discussão muito boa dessas várias teorias de traduções é encontrada em *Entendes O Que Lês?*, p. 15 de Fee e Stuart e na Introdução à TEV de Robert Bratcher.

Eclético. Este termo é usado em conexão com crítica textual. Refere-se à prática de escolher leituras de manuscritos gregos diferentes a fim de chegar num texto que é suposto estar próximo aos autógrafos originais. Rejeita a visão de que qualquer família dos manuscritos gregos preserva os originais.

Eisegese. Esta é a oposta de exegese. Se exegese é um "tirar" da intenção ao autor original, esse termo implica um "levar para dentro" de uma idéia ou opinião estranha.

Etimologia. Este é um aspecto de estudo de palavra que tenta averiguar o significado original de uma palavra. Desse significado de raiz, usos especializados são mais facilmente identificados. Na interpretação, a etimologia não é o foco principal, antes o significado e uso contemporâneo de uma palavra.

Exegese. Este é o termo técnico para a prática de interpretar uma passagem específica. Significa "tirar" (do texto) implicando que o nosso propósito é entender a intenção do autor original à luz do cenário histórico, contexto literário, sintaxe e significado contemporâneo da palavra.

Gênero. Este é um termo francês que denota diferentes tipos de literatura. A idéia do termo é a divisão das formas literárias em categorias que compartilham características comuns: narrativa histórica, poesia, provérbio, apocalíptico e legislação.

Gnosticismo. A maior parte de nosso conhecimento desta heresia vem dos escritos gnósticos do segundo século. Contudo, as idéias incipientes estavam presentes no primeiro século (e antes).

Alguns princípios declarados do gnosticismo valentiniano e cerintiano do segundo século são: (1) matéria e espírito são co-eternos (um dualismo ontológico). A matéria é má, o espírito é bom. Deus, que é espírito, não pode ser diretamente envolvido com moldar a matéria má; (2) há emanações (*aeons* ou níveis angélicos) entre Deus e matéria. A última ou mais baixa foi YHWH do AT que formou o

universo (*kosmos*); (3) Jesus era uma emanação como YHWH, mas mais altos na escala, mais próximo ao Deus verdadeiro. Alguns O colocam como o mais alto, mas ainda menos que Deus e certamente Divindade não encarnada (cf. João 1.14). Visto que a matéria é má, Jesus não poderia ter um corpo humano e ainda ser Divino. Ele era um fantasma espiritual (cf. I João 1.1-3; 4.1-6); e (4) a salvação era obtida através da fé em Jesus mais conhecimento especial, que é somente conhecido por pessoas especiais. Conhecimento (senhas) era necessário para passar pelas esferas celestes. O legalismo judaico era também exigido para chegar a Deus.

Os falsos mestres gnósticos defendiam dois sistemas éticos opostos: (1) para alguns, o estilo de vida era totalmente sem relação com a salvação. Para eles, salvação e espiritualidade estavam encapsuladas num conhecimento secreto (senhas) através das esferas angélicas (*aeons*); (2) para outros, o estilo de vida era crucial para salvação. Eles enfatizavam um estilo de vida ascético como evidência de verdadeira espiritualidade.

Hermenêutica. Este é o termo técnico para os princípios que guiam a exegese. É tanto um conjunto de diretrizes específicas quanto uma arte/dom. A hermenêutica bíblica, ou sagrada, é geralmente dividida em duas categorias: princípios gerais ou princípios especiais. Estes se relacionam com os tipos diferentes de literatura encontrados na Bíblia. Cada tipo de diferente (gênero) tem suas próprias diretrizes únicas, mas também compartilham algumas suposições e procedimentos comuns de interpretação.

Alta crítica. Este é o procedimento da interpretação bíblica que foca no cenário histórico e estrutura literária de um livro bíblico particular.

Expressões idiomáticas. Esta palavra é usada para as frases encontradas em diferentes culturas que têm significado especializado não conectado com o significado normal dos termos individuais. Alguns exemplos modernos são: “aquilo foi terrivelmente bom” ou “você por pouco me mata”. A Bíblia contém esses tipos de frases.

Iluminação. Este é o nome dado ao conceito que Deus tem falado com a humanidade. O conceito completo é geralmente expresso por três termos: (1) revelação – Deus agiu na história humana; (2) inspiração – Ele deu a interpretação apropriada de Seus atos e seu significado para certos homens escolhidos para registrar para a humanidade; e (3) iluminação – Ele deu Seu Espírito para ajudar a humanidade entender Sua auto-revelação.

Indutivo. Este é um método de lógica ou raciocínio que se move dos particulares para o todo. É o método empírico da ciência moderna. Esta é basicamente a abordagem de Aristóteles.

Interlinear. Este é um tipo de ferramenta de pesquisa que permite aqueles que não lêem uma língua bíblica poderem analisar seu significado e estrutura. Coloca a tradução portuguesa num nível de palavra por

palavra imediatamente debaixo da linguagem bíblica original. Esta ferramenta, combinada com um "léxico analítico", dará as formas de definições básicas do hebraico e grego.

Inspiração. Este é o conceito que Deus falou à humanidade guiando os autores bíblicos a precisamente e claramente registrar Sua revelação. O conceito completo é geralmente expresso por três termos: (1) revelação – Deus agiu na história humana; (2) inspiração – Ele deu a interpretação apropriada de Seus atos e seu significado para certos homens escolhidos para registrar para a humanidade; e (3) iluminação – Ele deu Seu Espírito para ajudar a humanidade entender Sua auto-revelação.

Linguagem de descrição. Isto é usado em conexão com as expressões idiomáticas em que o Antigo Testamento está escrito. Fala de nosso mundo em termos da maneira que as coisas aparecem para os cinco sentidos. Não é uma descrição científica, nem foi considerada ser.

Legalismo. Esta atitude é caracterizada por uma ênfase exagerada em regras e rituais. Tem a tendência a confiar no desempenho humano de normas como um meio de aceitação por Deus. Tem a tendência a depreciar relacionamento e elevar desempenho, ambos dos quais são aspectos importantes do relacionamento pactual entre um Deus santo e humanidade pecadora.

Literal. Este é outro nome dado para o método de hermenêutica focado textualmente e histórico da Antioquia. Significa que a interpretação envolve o significado normal e óbvio da linguagem humana, embora ainda reconheça a presença de linguagem figurada.

Gênero literário. Isto se refere às formas distintas que a comunicação humana pode tomar, tais como poesia ou narrativa histórica. Cada tipo de literatura tem seus próprios procedimentos hermenêuticos além dos princípios gerais para toda literatura escrita.

Unidade literária. Isto se refere às divisões de pensamento principais de um livro bíblico. Pode ser constituída de alguns versos, parágrafos ou capítulos. É uma unidade independente com um assunto central.

Baixa crítica. Veja "crítica textual".

Manuscrito. Este termo se relaciona com as diferentes cópias do Novo Testamento grego. Geralmente eles são divididos em tipos diferentes por (1) material em que estão escritos (papiro, couro), ou (2) forma do escrita mesma (todas escritas maiúsculas ou contínuas). É abreviado por "MS" (singular) ou "MSS" (plural).

Texto Massorético. Isto se refere aos manuscritos hebraicos do nono século A.D. do Antigo Testamento produzido por gerações de eruditos judeus que contêm pontos de vogais outras notas textuais. Forma o texto básico para o nosso Antigo Testamento Português. Seu texto tem sido historicamente confirmado pelos MSS hebraicos, especialmente Isaías, conhecido dos Rolos do Mar Morto. É abreviado por "TM".

Metonímia. Esta é uma figura de linguagem em que o nome de uma coisa é usado para representar outra coisa associada com ela. Como exemplo, "a chaleira está fervendo" na verdade significa "a água dentro da chaleira está fervendo".

Fragmentos Muratorianos. Isto é uma lista dos livros canônicos do Novo Testamento. Foi escrita em Roma antes de 200 A.D. Dá os mesmos vinte e sete como o NT protestante. Isso mostra claramente que as igrejas locais de diferentes partes do Império Romano tinham "praticamente" estabelecido o cânon antes dos principais concílios da igreja do quarto século.

Revelação natural. Esta é uma categoria da auto-revelação de Deus ao homem. Envolve a ordem natural (Rm 1.19,20) e a consciência moral (Rm 2.14,15). É falada em Sl 19.1-6 e Rm 1-2. É distinta da revelação especial, que é a auto-revelação de Deus na Bíblia e supremamente em Jesus de Nazaré.

Esta categoria teológica está sendo re-enfatizada pelo movimento da "terra antiga" entre os cientistas cristãos (e.g. os escritos de Hugh Ross). Eles usam esta categoria para afirmar que toda verdade é verdade de Deus. A natureza é uma porta aberta para o conhecimento sobre Deus; é diferente da revelação especial (a Bíblia). Concede à ciência moderna a liberdade de pesquisar a ordem natural. Em minha opinião é uma oportunidade nova maravilhosa para testemunhar ao mundo ocidental científico moderno.

Nestorianismo. Nestório foi o patriarca de Constantinopla no quinto século. Ele foi formado na Antioquia da Síria e afirmou que Jesus tinha duas naturezas, uma plenamente humana e uma plenamente divina. Esta visão desviou-se da visão ortodoxa de uma natureza de Alexandria. A principal preocupação de Nestório era o título "mãe de Deus" dado a Maria. Nestório foi combatido por Cirilo de Alexandria e, por conseqüência, sua própria formação antioquina. Antioquia era a sede da abordagem histórica-gramatical-textual à interpretação bíblica, enquanto Alexandria era a sede da escola de interpretação quádrupla (alegórica). Nestório foi finalmente removido do cargo e exilado.

Autor original. Isto se refere aos autores/escritores reais da Escritura.

Papiros. Este é um tipo de material de escrita do Egito. É feito de juncos de rio. É o material em que as nossas cópias mais antigas do Novo Testamento grego estão escritas.

Passagens paralelas. Elas são parte do conceito que toda a Bíblia é dada por Deus e, portanto, é seu melhor intérprete e balanceador das verdades paradoxais. Isto é também útil quando alguém está tentando interpretar uma passagem confusa e ambígua. Elas também ajudam você encontrar a passagem mais clara sobre um dado assunto assim como outros aspectos escriturísticos de um dado assunto.

Paráfrase. Este é o nome de uma teoria de tradução da Bíblia. Tradução da Bíblia pode ser vista como uma quantidade contínua da correspondência "palavra por palavra", onde uma palavra portuguesa deve ser fornecida para cada palavra hebraica ou grega, a uma "paráfrase", onde somente o pensamento é traduzido com menos consideração ao texto e fraseologia original. No meio destas duas teorias está "o equivalente dinâmico" que tenta levar o texto original a sério, mas o traduz em formas gramaticais e expressões idiomáticas modernas. Uma discussão muito boa dessas várias teorias de traduções é encontrada em *Entendes O Que Lês?*, (p. 15) de Fee e Stuart.

Parágrafo. Esta é a unidade literária interpretativa básica na prosa. Contém um pensamento central e seu desenvolvimento. Se ficarmos com sua idéia principal, não nos especializaremos nas menores ou erraremos a intenção do autor original.

Paroquialismo. Isto se relaciona aos preconceitos que estão trancados num cenário teológico-cultural local. Não reconhece a natureza transcultural da verdade bíblica ou sua aplicação.

Paradoxo. Isto se refere àquelas verdades que parecem contraditórias, contudo ambas são verdadeiras, embora em tensão uma com a outra. Elas formulam a verdade apresentando-a de lados opostos. Muita verdade bíblica é apresentada em pares paradoxais (ou dialéticos). As verdades bíblicas não são estrelas isoladas, mas são constelações constituídas de padrões de estrelas.

Platão. Ele foi um dos filósofos da antiga Grécia. Sua filosofia influenciou grandemente a igreja primitiva através dos eruditos de Alexandria, Egito, e depois, Agostinho. Ele colocou que tudo na terra é ilusório e uma mera cópia de um arquétipo espiritual. Os teólogos mais tarde igualaram as "formas/idéias" de Platão com o terreno espiritual.

Pressuposição. Isto se refere ao nosso conhecimento pré-concebido de um assunto. Muitas vezes formamos opiniões ou julgamentos sobre questões antes de abordarmos as Escrituras mesmas. Essa predisposição é também conhecida com um preconceito, uma posição *a priori*, uma suposição ou uma pré-compreensão (pressuposição).

Texto-prova. Esta é prática de interpretar a Escritura citando um verso sem consideração por seu contexto imediato ou contexto maior em sua unidade literária. Isto remove os versos da intenção do autor

original e geralmente envolve a tentativa de provar uma opinião pessoal enquanto afirma autoridade bíblica.

Judaísmo Rabínico. Este estágio da vida do povo judeu começou no Exílio Babilônico (586-538 a.C.). Quando a influência dos sacerdotes e do Templo foi removida, as sinagogas locais se tornaram o foco da vida judaica. Esses centros locais de cultura, comunhão adoração e estudo da Bíblia judaico se tornaram o foco da vida religiosa nacional. Na época de Jesus, esta "religião dos escribas" foi paralela àquela dos sacerdotes. Na queda de Jerusalém em 70 A.D. a forma de escriba, dominada pelos fariseus, controlou a direção da vida religiosa judaica. É caracterizada por uma interpretação prática e legalista da Torá como explicada na tradição oral (Talmude).

Revelação. Este é o nome dado ao conceito que Deus tem falado com a humanidade. O conceito completo é geralmente expresso por três termos: (1) revelação – Deus agiu na história humana; (2) inspiração – Ele deu a interpretação apropriada de Seus atos e seu significado para certos homens escolhidos para registrar para a humanidade; e (3) iluminação – Ele deu Seu Espírito para ajudar a humanidade entender Sua auto-revelação.

Campo semântico. Isto se refere à extensão total de significados associados com uma palavra. São basicamente as diferentes conotações que uma palavra tem em contextos diferentes.

Septuaginta. Este é o nome dado à tradução grega do Antigo Testamento hebraico. A tradição diz que ela foi escrita em setenta dias por setenta eruditos judeus para a biblioteca de Alexandria, Egito. A data tradicional é por volta de 250 a.C. (na realidade ela possivelmente levou mais de cem anos para terminar). Esta tradução é significante porque (1) ela nos dá um texto antigo para comparar com o Texto Massorético; (2) ela nos mostra a condição da interpretação judaica no terceiro e segundo século a.C.; (3) ela nos dá a compreensão messiânica judaica antes da rejeição de Jesus. Sua abreviação é "LXX".

Sainaítico. Este é um manuscrito grego do quarto século A.D. Foi encontrado pelo estudioso alemão Tischendorf no monastério de Santa Catarina em Jebel Musa, o local tradicional do Monte Sinai. Este manuscrito é designado pela primeira letra do alfabeto hebraico chamada "álefe" [א]. Contém tanto o Antigo quanto o Novo Testamento inteiro. É um dos MSS unciais mais antigos.

Espiritualizar. Este termo é sinônimo com alegorizar no sentido que remove o contexto literário e histórico de uma passagem e a interpreta baseando-se em outros critérios.

Sinônimo. Isto se refere aos termos com significados exatos ou muito similares (embora na realidade duas palavras não tenham uma coincidência semântica completa). Eles são tão minuciosamente

relacionados que podem substituir um ao outro numa sentença sem perda de significado. É também usado para designar uma das três formas do paralelismo poético hebraico. Neste sentido, refere-se a duas linhas de poesia que expressam a mesma verdade (cf. Sl 103.3).

Sintaxe. Este é um termo grego que se refere à estrutura de uma sentença. Relaciona-se com as maneiras que partes de uma sentença são montadas para produzir um pensamento completo.

Sintético. Este é um dos três termos que relaciona aos tipos de poesia hebraica. Este termo fala das linhas de poesia que se constroem sobre uma outra num sentido cumulativo, às vezes chamado "climático" (cf. Sl 19.7-9).

Teologia sistemática. Este é um estágio de interpretação que tenta relacionar as verdades da Bíblia de uma maneira unificada e racional. É uma apresentação lógica, em vez de mera histórica, da teologia cristã por categorias (Deus, homem, pecado, salvação, etc.).

Talmude. Este é o título da codificação da Tradição Oral judaica. Os judeus acreditam que foi dado oralmente por Deus a Moisés no Monte Sinai. Na realidade parece ser uma sabedoria coletiva dos mestres judeus através dos judeus através dos anos. Há duas versões escritas diferentes do Talmude, o babilônico e o palestino mais curto, inacabado.

Crítica textual. Este é o estudo dos manuscritos da Bíblia. Crítica textual é necessária porque nenhum original existe e as cópias diferem de uma da outra. Ela tenta explicar as variações e chegar (tão próximo quanto possível) ao texto original dos autógrafos dos Antigo e Novo Testamentos. É com freqüência chamada "baixa crítica".

Textus Receptus. Esta designação desenvolveu-se na edição do NT grego de Elzevir em 1633 A.D. Basicamente é uma forma do NT grego que foi produzido a partir de alguns manuscritos gregos tardios e versões latinas de Erasmo (1510-1535), Estéfano (1546-1559) e Elzevir (1624-1678). Em *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament* [Uma Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento], p. 27, A. T. Robertson diz que "o texto bizantino é praticamente o Textus Receptus". O texto bizantino é a menos valiosa das três famílias de manuscritos gregos primitivos (ocidental, alexandrino e bizantino). Contém a acumulação de erros de séculos de textos copiados à mão. Contudo, A. T. Robertson diz, "o Textus Receptus preservou para nós um texto substancialmente preciso" (p. 21). Esta tradição de manuscritos gregos (especialmente a terceira edição de Erasmo de 1522) forma a base da Versão King James de 1611 A.D.

Tora. Este é o termo hebraico para "ensino". Vem a ser o título oficial para os escritos de Moisés (Gênesis a Deuteronômio). É, para os judeus, a divisão mais autoritária do cânon hebraico.

Tipológico. Esta é um tipo especializado de interpretação. Geralmente envolve a verdade do Novo Testamento encontrada em passagens do Antigo Testamento por meio de símbolo analógico. Esta categoria de hermenêutica foi o elemento principal do método alexandrino. Por causa do abuso deste tipo de interpretação, você deveria limitar seu uso a exemplos específicos registrados no Novo Testamento.

Vaticano. Este é um manuscrito grego do quarto século A.D. foi encontrado na biblioteca do Vaticano. Ele originalmente continha todo o Antigo Testamento, Apócrifos e Novo Testamento. Contudo, algumas partes foram perdidas (Gênesis, Salmos, Hebreus, as Pastorais, Filemom e Apocalipse). É um manuscrito muito útil ao determinar o texto original dos autógrafos. É designado por um "B" maiúsculo.

Vulgata. Este é o nome da tradução latina da Bíblia de Jerônimo. Tornou-se a tradução básica ou "comum" para a Igreja Católica Romana. Foi feita nos anos 380 A.D.

Literatura de sabedoria. Este é um gênero de literatura comum no antigo oriente próximo (e no mundo moderno). É basicamente uma tentativa para instruir uma nova geração sobre diretrizes para vida bem sucedida através de poesia, provérbio ou ensaio. Foi dirigida mais para o indivíduo do que para a sociedade coletiva. Não usava alusões à história, mas baseava-se nas experiências e observação da vida. Na Bíblia, Jó e Cantares davam por certo a presença e adoração de YHWH, mas essa visão de mundo religiosa não explícita em cada experiência humana todas as vezes.

Como um gênero afirmava verdades gerais. Contudo, este gênero não pode ser usado em cada situação específica. Estas são afirmações gerais que nem sempre se aplicam a cada situação individual. Esses sábios se atreviam a fazer as perguntas difíceis da vida. Muitas vezes eles desafiavam as visões religiosas tradicionais (Jó e Eclesiastes). Eles formam um equilíbrio e tensão para as respostas fáceis sobre tragédias da vida.

Visão de mundo e cosmovisão. Estes são termos parceiros. São ambos os conceitos filosóficos relacionados à criação. O termo "visão de mundo" se refere a "o como" da criação, enquanto "cosmovisão" se relaciona com "o Quem". Esses termos são relevantes para a interpretação que Gn 1-2 trata fundamentalmente com o Quem, não o como, da criação.

YHWH. Este é o nome do Concerto para Deus no Antigo Testamento. É definido em Êx 3.14, é a forma CAUSATIVA do termo hebraico "ser". Os judeus tinham de pronunciar o nome, para que eles não o tomassem em vão; portanto, eles substituíram pelo termo hebraico *Adonai*, "lord". Este é como o nome do pacto é traduzido em português.

APÊNDICE DOIS

CRÍTICA TEXTUAL

Este assunto será tratado de uma maneira tal como explicar as notas textuais encontradas neste comentário. O seguinte esboço será utilizado

I. As fontes textuais de nossas Bíblias Portuguesas
   A. Antigo Testamento
   B. Novo Testamento
II. Breve explicação dos problemas e teorias da “baixa crítica” também chamada “crítica textual”.

I. As fontes textuais de nossas Bíblias portuguesas
   A. Antigo Testamento
      1. Texto massorético (TM) – texto consonantal hebraico foi estabelecido pelo Rabi Aquiba em 100 A.D. Os pontos vocálicos, acentos, notas marginais, pontuação e pontos do aparato começaram a ser acrescentados no sexto século A.D. e foram terminados no nono século A.D. foi feito por uma família de eruditos judeus conhecidos como Massoretas. A forma textual que eles usaram foi a mesma que a da Mishná, Talmude, Targuns, Peshita e Vulgata.
      2. Septuaginta (LXX) – A tradição diz que a Septuaginta foi produzida por 70 eruditos judeus em 70 dias para a biblioteca de Alexandria sob o patrocínio do Rei Ptolomeu II (285-246 a.C.). A tradução foi supostamente solicitada por um líder judeu morando em Alexandria. Esta tradição vem da “Carta de Aristéia”. A LXX foi freqüentemente baseada numa tradição textual hebraica diferente do texto do Rabi Aquiba (TM).
      3. Rolos do Mar Morto (DSS) – O Rolos do Mar Morto foram escritos no período romano a.C. (200 a.C. a 70 A.D.) por uma seita de separatistas judeus chamados os “Êssênios”. Os manuscritos, em vários locais ao redor do Mar Morto, mostram uma família textual hebraica um tanto diferente por trás tanto do TM quanto da LXX.
      4. Alguns exemplos específicos de como a comparação desses textos têm ajudado os intérpretes compreender o Antigo Testamento
         a. A LXX tem ajudado os tradutores e estudiosos compreenderem o TM
            (1) A LXX de Is 52.14, “Como muitos ficarão admirados n<u>ele</u>”.
            (2) O TM de Is 52.14, “Exatamente como muitos ficaram assombrados por <u>ti</u>”.
            (3) Em Is 52.15 a distinção de pronome da LXX é confirmada
               (a) LXX, “assim muitas nações se maravilharão com ele”
               (b) TM, “assim ele borrifará muitas nações”
         b. Os DSS têm ajudado os tradutores e estudiosos compreenderem o TM
            (1) O DSS de Is 21.8, “então o atalaia gritou, sobre uma torre de vigia eu estou...”
            (2) O TM de Is 21.8, “E eu gritei um leão! Meu Senhor, eu sempre estou na torre de vigia de dia...”
         c. Tanto a LXX quanto os DSS têm ajudado clarificar Is 53.11
            (1) LXX & DSS, “depois da agonia de sua alma ele verá luz, ele ficará satisfeito”
            (2) TM, “ele verá...da agonia de sua alma, Ele ficará satisfeito”

B. Novo Testamento

1. Mais de 5.300 manuscritos de todo ou partes do Novo Testamento grego são ainda existentes. Aproximadamente 85 são escritos em papiros e 268 são escritos em letras maiúsculas (unciais). Mais tarde, aproximadamente o nono século A.D., uma escrita contínua (minúscula) foi desenvolvida. Os manuscritos gregos em escrito formam número mais ou menos de 2.700. Nós também temos cerca de 2.100 cópias de listas de textos da Escritura usados na adoração que nós chamamos lecionários.
2. Aproximadamente 85 manuscritos gregos contendo partes do Novo Testamento escrito em papiro estão acomodados em museus. Alguns são datados do segundo século A.D., mas a maioria são do terceiro quarto séculos A.D. Nenhum desses MSS contêm o Novo Testamento todo. Exatamente porque essas são as cópias mais antigas do Novo Testamento não significa automaticamente que eles têm poucas variantes. Muitos desses foram copiados rapidamente para um uso local. Cuidado não foi exercitado no processo. Portanto, eles contêm muitas variantes.
3. Códice Sinaítico, conhecido pela letra hebraica א (*álefe*) ou (01), foi encontrado no monastério de Santa Catarina no Monte Sinai por Tischendorf. Data do quarto século A.D. e contém tanto a LXX do AT quanto o NT grego. É do tipo de “texto alexandrino”.
4. Códice alexandrino, conhecido como “A” ou (02), é um manuscrito grego do quinto século que foi encontrado em Alexandria, Egito.
5. Códice Vaticano, conhecido como “B” ou (03), foi encontrado na biblioteca do Vaticano em Roma e data do meio do quarto século A.D. contém tanto a LXX do Antigo Testamento quanto o Novo Testamento grego. É do tipo de “texto alexandrino”.
6. Códice efraimita, conhecido como “C” ou (04), é um manuscrito grego do quinto século que foi parcialmente destruído.
7. Códice Beza, conhecido como “D” ou (05), é um manuscrito grego do quinto e sexto século. É o representante principal do que é chamado “O Texto Ocidental”. Contém muitas adições e foi a testemunha grega principal para a tradução King James.
8. Os MSS do NT podem ser agrupados em três, possivelmente quatro, famílias que compartilham certas características.
   a. Texto alexandrino do Egito
      (1) P^{75}, P^{66} (aproximadamente 200 A.D.), que registra os Evangelhos
      (2) P^{46} (aproximadamente 225 A.D.), que registra as cartas de Paulo
      (3) P^{72} (aproximadamente 225-250 A.D.), que registra Pedro e Judas
      (4) Códice B, chamado Vaticano (aproximadamente 325 A.D.), que inclui o AT todo e o NT
      (5) Orígenes cita desse tipo de texto
      (6) Outros manuscritos que mostram esse tipo de texto são א, C, L, 33
   b. Texto ocidental da África do Norte
      (1) Citações dos pais da igreja norte-africanas, Tertuliano, Cipriano e tradução Antiga Latina
      (2) Citações de Irineu
      (3) Citações de Taciano e tradução Antiga Siríaca
      (4) Códice D “Beza” segue este tipo de texto
   c. Texto bizantino oriental de Constantinopla
      (1) Este tipo de texto é refletido em mais de 80% dos 5.300 MSS

(2) Citado pelos pais da igreja de Antioquia da Síria, capadócios, Crisóstomo e Teodoreto
(3) Códice A, somente nos Evangelhos
(4) Códice E (oitavo século) para o NT completo

d. O quarto tipo possível é "cesarense" da Palestina
(1) É fundamentalmente visto somente em Marcos
(2) Algumas testemunhas para ele são P^{45} e W

II. Breve explicação dos problemas e teorias da "baixa crítica" ou "crítica textual".

A. Como as variantes ocorreram

1. Inadvertidas ou acidentais (vasta maioria de ocorrências)

a. Lapso do olho ao copiar de mão lê o segundo caso de duas palavras similares e, desse modo, omite todas as palavras no meio (homeoteleuto)
(1) Lapso do olho ao omitir uma palavra ou frase de letra dobrada (haplografia)
(2) Lapso da mente ao repetir uma frase ou linha de um texto grego (ditografia)

b. Lapso do ouvido ao copiar de mão por ditado oral onde um erro ortográfico ocorre (itacismo). Com freqüência erro ortográfico insinua ou soletra uma palavra grega que soa similar.

c. Os textos gregos mais antigos não tinham divisões de capítulo e verso, pouca ou nenhuma pontuação e nenhuma divisão entre palavras. É possível dividir as letras em lugares diferentes formando palavras diferentes.

2. Intencionais

a. Mudanças foram feitas para melhorar a forma gramatical do texto copiado

b. Mudanças foram feitas para trazer o texto de acordo com outros textos bíblicos harmonização de paralelos)

c. Mudanças foram feitas para combinar duas ou mais leituras variantes num texto combinado longo (conflação)

d. Mudanças foram feitas para corrigir um problema percebido no texto (cf. I Co 11.27 e I João 5.7,8)

e. Alguma informação adicional quanto ao cenário histórico ou interpretação apropriada do texto foi colocada na margem por um escriba, mas colocada no texto por um segundo escriba (cf. João 5.4)

B. Os princípios básicos da crítica textual (diretrizes lógicas para determinar a leitura original de um texto quando variantes existem)

1. O texto mais difícil ou gramaticalmente incomum é provavelmente o original
2. O texto mais curto é provavelmente o original
3. O texto mais antigo é dado mais peso por causa de sua proximidade histórica ao original, todos os outros sendo iguais
4. MSS que são geograficamente diversos geralmente têm a leitura original
5. Textos mais fracos doutrinariamente, especialmente aqueles que se relacionam a discussões teológicas importantes do período das mudanças do manuscrito como a Trindade em I João 5.67,8, devem ser preferidos.
6. O texto que pode melhor explicar a origem das outras variantes
7. Duas citações que ajudam mostrar o equilíbrio nessas variantes inquietantes

a. O livro de J. Harold Greenlee, *Introduction to New Testament Textual Criticism*

[Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento], p. 68: “Nenhuma doutrina cristã depende de um texto discutível; e o estudante do NT deve ser cuidado de querer que seu texto seja mais ortodoxo ou doutrinariamente mais forte do que é o texto inspirado”.

b. W. A. Criswell disse Greg Garrison de *The Birmingham News* que ele (Criswell) não acredita que cada palavra na Bíblia é inspirada, “pelo menos nem toda palavra que tem sido dada ao público moderno por séculos de tradutores”. Criswell disse: “Eu sou muitíssimo um crente na crítica textual. Como tal, eu penso, a última metade do 16º capítulo de Marcos é heresia: não é inspirado, é apenas inventado...Quando você compara esses manuscritos muito tempo atrás, não há coisa semelhante como essa conclusão do Livro de Marcos. Alguém o acrescentou...”

O patriarca dos inerrantistas da SBC também alegou que a “interpolação” é também evidente em João 5, o registro de Jesus no tanque de Betesda. E ele discute os relatos diferentes do suicídio de Judas (cf Mt 27 e Atos 1): “É apenas uma visão diferente do suicídio”, Criswell disse. “Se está na Bíblia, há uma explicação para isso. E os dois relatos do suicídio de Judas estão na Bíblia”. Criswell acrescentou, “Crítica textual é uma ciência maravilhosa em si. Não é efêmera, não é impertinente. É dinâmica e central...”

II. Problemas de manuscritos (crítica textual)

A. Fontes sugeridas para mais leitura

1. *Biblical Criticism: Historical, Literary and Textual* [Crítica Textual: Histórica, Literária e Textual], de R.H. Harrison

2. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration* [O Texto do Novo Testamento: Sua Transmissão, Corrupção e Restauração] de Bruce M. Metzger

3. *Introduction to New Testament Textual Criticism* [Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento], de J. Harold Greenlee,

APÊNDICE TRÊS

BREVES DEFINIÇÕES DE TERMOS GRAMATICAIS GREGOS

O grego coinê, muitas vezes chamado grego helenista, era a língua comum do mundo mediterrâneo começando com a conquista de Alexandre o Grande (336-323 a.C.) e durando aproximadamente oitocentos anos (300 a.C.-500 A.D.). Não foi apenas um grego clássico simplificado, mas de muitas maneiras uma forma mais nova de grego que se tornou a segunda língua do antigo oriente próximo e mundo mediterrâneo.

O grego do Novo Testamento era único de muitas maneiras porque seus usuários, exceto Lucas e o autor de Hebreus, provavelmente usavam aramaico como sua língua primária. Portanto, seu escrito foi influenciado pelas expressões idiomáticas e formas estruturais do aramaico. Também, eles liam e citavam a Septuaginta (tradução grega do AT) que foi também escrita em grego coinê. Mas a Septuaginta foi também escrita por eruditos judeus cuja língua-mãe não era grega.

Isso serve como um lembrete que nós não podemos pressionar o Novo Testamento numa estrutura gramatical rigorosa. É único e contudo tem muito em comum com (1) a Septuaginta; (2) escritos judaicos tais como aqueles de Josefo; e (3) os papiros encontrados no Egito. Como então abordamos uma análise gramatical do Novo Testamento?

As características gramaticais do grego coinê e o grego coinê do Novo Testamento são fluidos. De muitas maneiras foi um tempo de simplificação da gramática. O contexto será nosso guia principal. Palavras só têm significado num contexto maior, portanto, estrutura gramatical só pode ser compreendida à luz de (1) estilo de um autor particular; e (2) um contexto particular. Nenhuma definição conclusiva de formas e estruturas gregas são possíveis.

O grego coinê era fundamentalmente uma língua verbal. Com freqüência a chave para interpretação é o tipo e forma verbais. Na maioria das orações principais o verbo existirá primeiro, mostrando sua preeminência. Ao analisar o verbo grego três peças de informação devem ser observadas: (1) a ênfase básica do tempo, voz e modo (flexão ou morfologia); (2) o significado básico do verbo particular (lexicografia); e (3) o fluxo do contexto (sintaxe).

I. TEMPO

A. Tempo ou aspecto envolve o relacionamento dos verbos com ação completa ou ação incompleta.
   1. Tempos perfeitos focam na ocorrência de uma ação. Mais informação é dada exceto que algo aconteceu! Seu início, continuação ou culminação não é falada.
   2. Tempos imperfeitos focam no processo contínuo de uma ação. Pode ser descrito em termos de ação linear, ação durativa, ação progressiva, etc.

B. Os tempos podem ser categorizados por como o autor vê a ação enquanto progredindo
   1. Ocorreu = AORISTO

2. Ocorreu e os resultados continuam = PERFEITO
3. Estava ocorrendo no passado e os resultados estavam continuando, mas não agora = MAIS-QUE-PERFEITO
4. Está ocorrendo = PRESENTE
5. Estava ocorrendo = IMPERFEITO
6. Ocorrerá = FUTURO

Um exemplo concreto de como esses tempos ajudam na interpretação seria o termo “salvar”. Foi usado em vários tempos diferentes para mostrar tanto seu processo quanto culminação:

1. AORISTO – “salvos” (cf. Rm 8.24)
2. PERFEITO – “tendo sido salvos e o resultado continua” (cf. Ef 2.5,8)
3. PRESENTE – “sendo salvos” (cf. I Co 1.18; 15.2)
4. FUTURO – “seremos salvos” (cf. Rm 5.9, 10; 10.9)

C. Ao focar nos tempos verbais, os intérpretes procuram a razão que o autor original escolheu se expressar num certo tempo. O tempo padrão “sem adornos” era o AORISTO. Era a forma verbal “não específica”, “desmarcada” “não assinalada”. Pode ser usado numa ampla variedade de formas que o contexto deve especificar. Estava simplesmente afirmando que algo aconteceu. O aspecto de tempo passado é somente pretendido no MODO INDICATIVO. Se algum outro tempo foi usado, algo mais específico estava sendo enfatizado. Mas o quê?
   1. TEMPO PERFEITO. Isto fala de uma ação completa com resultados permanentes. De algumas maneiras era uma combinação do AORISTO e TEMPOS PRESENTES. Geralmente o foco está nos resultados permanentes ou conclusão de um ato (exemplo: Ef 2.5 & 8, “vocês têm sido salvos e continuam a ser salvos”).
   2. TEMPO MAIS-QUE-PERFEITO. Este é como o PERFEITO exceto que os resultados permanentes cessaram. Exemplo: João 18.16 “Pedro estava em pé à porta do lado de fora”).
   3. TEMPO PRESENTE. Este fala de uma ação completa ou incompleta. O foco está geralmente na continuação do evento. Exemplo: I João 3.6 & 9, “Todo que permanece nEle não continua pecando”. “Todo que tendo sido gerado de Deus não continua a cometer pecado”.
   4. TEMPO IMPERFEITO. Neste tempo o relacionamento com o TEMPO PRESENTE é análogo ao relacionamento entre o PERFEITO e o PLUPERFECT. O IMPERFEITO fala de ação incompleta que estava ocorrendo mas tem agora cessado ou o início de uma ação no passado. Exemplo: Mt 3.5, “então toda Jerusalém estava continuando a sair para ele” ou “então toda Jerusalém começou a sair para ele”.
   5. TEMPO FUTURO. Isto fala de uma ação que era geralmente projetada numa estrutura de tempo futuro. Focava no potencial para uma ocorrência em vez de uma ocorrência real. Muitas vezes fala da certeza do evento. Exemplo: Mt 5.4-9, “Bem-aventurados são...eles serão...”

II. VOZ

A. Voz descreve o relacionamento entre a ação do verbo e seu sujeito.

B. VOZ ATIVA era a maneira normal, esperada, não acentuada para afirmar que o sujeito estava realizando a ação do verbo.

C. A VOZ PASSIVA significa que o sujeito estava recebendo a ação do verbo produzida por um agente externo. O agente externo produzindo a ação era indicado não NT grego pelas seguintes preposições e casos:
   1. Um agente pessoal direto por *hupo* com o CASO ABLATIVO (cf. Mt 1.22; Atos 22.30).
   2. Um agente pessoal intermediário por *dia* com o CASO ABLATIVO (cf. Mt 1.22).
   3. Um agente impessoal geralmente por *en* com o CASO INSTRUMENTAL.
   4. Às vezes ou um agente pessoal ou impessoal pelo CASO INSTRUMENTAL somente.

D. A VOZ MÉDIA significa que o sujeito produz a ação do verbo e é também diretamente envolvido na ação do verbo. É freqüentemente chamada a voz de interesse pessoal intensificado. Essa construção enfatizava o sujeito da oração ou a sentença de algum modo. Esta construção não é encontrada em português. Tem uma ampla possibilidade de significados e traduções em grego. Alguns exemplos da forma são:
   1. REFLEXIVA – a ação direta do sujeito sobre si mesmo. Exemplo: Mt 27.5 “enforcou-se”.
   2. INTENSIVA – o sujeito produz a ação para si mesmo. Exemplo: II Co 11.14 “Satanás se disfarça como um anjo de luz”.
   3. RECÍPROCA – a interação de dois sujeitos. Exemplo: Mt 26.4 “eles aconselharam um com o outro”.

III. MODO

A. Há quatro modos no grego coinê. Eles indicam a relação do verbo com a realidade, pelo menos dentro da mente do autor. Os modos são divididos em duas categorias gerais: aquela que indicou a realidade (INDICATIVO) e aquela que indicou a potencialidade (SUBJUNTIVO, IMPERATIVO e OPTATIVO).

B. O MODO INDICATIVO era o modo normal para expressar ação que ocorreu ou estava ocorrendo, pelo menos na mente do autor. Era o <u>único</u> modo grego que expressava um tempo definitivo, e mesmo aqui este aspecto era secundário.

C. O MODO SUBJUNTIVO expressava ação futura provável. Algo não tinha ainda acontecido mas as chances eram prováveis que aconteceria. Tinha muito em comum com o INDICATIVO FUTURO. A diferença era que o SUBJUNTIVO expressa algum grau de dúvida. Em português é freqüentemente expresso pelos termos “poderia”, “seria”, “pode”, “podia”.

D. MODO OPTATIVO. Expressava um desejo que era teoricamente possível. Era considerado um passo mais distante da realidade o que o SUBJUNTIVO. O OPTATIVO expressava possibilidade sob certas condições. O OPTATIVO era raro no Novo Testamento. Seu uso mais freqüente é na famosa frase de Paulo, “De maneira nenhuma” (KJV, “Deus proibia”), usada quinze vezes (cf. Rm 3.4, 6, 31; 6.2, 15; 7.7, 13; 9.14; 11.1, 11; I Co 6.15; Gl 2.17; 3.21; 6.14). Outros exemplos são encontrados em Lucas 1.38, 20.16, Atos 8.20 e I Ts 3.11

E. O MODO IMPERATIVO enfatizava uma ordem que era possível, mas a ênfase estava na intenção do falante. Afirmava somente possibilidade volitiva e estava condicionada nas escolhas de outro. Havia um uso especial do IMPERATIVO em orações e pedidos de 3ª pessoa. Essas ordens eram encontradas somente nos tempos PRESENTE e AORISTO no NT.

F. Algumas gramáticas categorizam os PARTICÍPIOS como outro tipo de modo. Eles são muito comuns no NT grego, geralmente definidos como adjetivos verbais. São traduzidos em conjunção com o verbo principal a qual eles se relacionam. Uma ampla variedade era possível ao traduzir particípios. É melhor consultar várias traduções portuguesas. *The Bible in Twenty Six Translations* [A Bíblia em Vinte e Seis Traduções] publicado por Baker é uma grande ajuda aqui.

G. O INDICATIVO ATIVO AORISTO era a maneira normal ou “unmarked” para registrar uma ocorrência. Qualquer outro tempo, voz ou modo tinha alguma significância interpretativa específica que o autor original queria comunicar.

IV. Para a pessoa não familiar com grego os seguintes auxílios de estudo fornecerão a informação necessária:

A. Friberg, Barbara e Tomothy. *Analytical Greek New Testament* [Novo Testamento Grego Analítico]. Grand Rapids: Baker, 1988.

B. Marshall, Alfred. *Interlinear Greek-English New Testament* [Novo Testamento Interlinear Grego-Inglês]. Grand Rapids: Zondervan, 1976.

C. Mounce, William D. *The Analytical Lexicon to the Greek New Testament* [Léxico Analítico para o Novo Testamento Grego]. Grand Rapids: Zondervan, 1993.

D. Summers, Ray. *Essentials of New Testament Greek* [Elementos Essenciais do Grego do Novo Testamento]. Nashville: Broadman, 1950.

E. Cursos por correspondência de grego coinê academicamente aprovados estão disponíveis através do Instituto Bíblico Moody em Chicago, IL.

V. SUBSTANTIVOS

A. Sintaticamente, substantivos são classificados por caso. Caso era aquela forma flexionada de um substantivo que mostrava seu relacionamento com o verbo e outras partes da sentença. Em grego coinê muitas das funções de caso eram indicadas por preposições. Visto que a forma do caso podia identificar vários relacionamentos diferentes, as preposições se desenvolveram para dar separação mais clara para essas possíveis funções.

B. Os casos gregos são caracterizados nas seguintes oito maneiras:

1. O CASO NOMINATIVO era usado para nomear e geralmente era o sujeito da sentença ou oração. Era também usado para substantivos e adjetivos predicados com o verbo de ligação “ser” ou “tornar-se”.
2. O CASO GENITIVO era usado para descrição e geralmente designava um atributo ou qualidade para a palavra a qual estava relacionado. Respondia à pergunta “Que tipo?” Era muitas vezes expresso pelo uso da preposição portuguesa “de”.
3. O CASO ABLATIVO usava a mesma forma flexionada como o GENITIVO, mas era usado para descrever separação. Geralmente denotava separação de um ponto no tempo, espaço, fonte, origem ou grau. Era muitas vezes expresso pelo uso da preposição portuguesa “de”.

4. O CASO DATIVO era usado para descrever interesse pessoal. Isto poderia denotar um aspecto positivo ou negativo. Com freqüência este era o objeto indireto. Era muitas vezes expresso pela preposição portuguesa “para”.
5. O CASO LOCATIVO era a mesma forma flexionada como o DATIVO, mas descrevia posição ou localização no espaço, tempo ou limites lógicos. Era muitas vezes expresso pelas preposições portuguesas “dentro, sobre, em entre, durante, junto a, em cima de e ao lado de”.
6. O CASO INSTRUMENTAL era a mesma forma flexionada como os casos DATIVO e LOCATIVO. Expressava meio ou associação. Era muitas vezes expresso pelas preposições portuguesas “por” ou “com”.
7. O CASO ACUSATIVO era usado para descrever a conclusão de uma ação. Expressava limitação. Seu uso principal era o objeto direto. Respondia a pergunta “Quão distante?” ou “A que extensão?”
8. O CASO VOCATIVO era usado para discurso direto.

VI. CONJUNÇÕES E CONECTIVOS

A. O grego é uma língua muito precisa porque tem muitos conectivos. Eles ligam pensamentos (orações, sentenças e parágrafos). Eles são tão comuns que sua ausência (assíndeto) é muitas vezes exegeticamente significante. Na verdade, essas conjunções e conectivos mostram a direção do pensamento do autor. Eles muitas vezes são cruciais em determinar o que exatamente ele está tentando comunicar.

B. Aqui está a lista de algumas das conjunções e conectivos e seus significados (esta informação foi obtida principalmente de *A Manual Grammar of the Greek New Testament* [Uma Gramática Manual do Novo Testamento Grego] de H. E. Dana e Julius K. Mantey.

1. Conectivos de tempo
    a. *epei, epeidë, hopote, hös, hote, hotam* (subjuntivo) – “quando”
    b. *heös* – “enquanto”
    c. *hotan, epan* (subj.) – “sempre que”
    d. *heös, achri, mechri* (subj.) – “até”
    e. *priv* (infin.) – “antes”
    f. *hös* – “desde”, “quando”, “enquanto”
2. Conectivos lógicos
    a. Propósito
        (1) *hina* (subj.), *hopös* (subj.), *hös* – “para que”, “que”
        (2) *höste* (infinitivo acusativo articular) – “que”
        (3) *pros* (infinitivo acusativo articular) ou *eis* (infinitivo acusativo articular) – “que”
    b. Resultado (há uma associação próxima entre as formas gramaticais de propósito e resultado)
        (1) *höste* (infinitivo, este é o mais comum) – “para que”, “assim”
        (2) *hina* (subj.) – “para que”
        (3) *ara* – “assim”
    c. Causal ou razão
        (1) *gar* (causa/efeito ou razão/conclusão) – “pois”, “porque”
        (2) *dioti, hotiy* – “porque”

(3) *epei, epeidë, hös* – “desde que”
(4) *dia* – (com acusativo) e (com infin. articular) – “porque”

d. Inferencial
(1) *ara, poinum, hoste* – “portanto”
(2) *dio* (conjunção inferencial mais forte) – “em qual conta”, “pelo qual”, “portanto”
(3) *oun* – “portanto”, “assim”, “então”, “conseqüentemente”
(4) *toinoun* – “de acordo”

e. Adversativo ou contraste
(1) *alla* (adversativo forte) – “mas”, “exceto”
(2) *de* – “mas”, “contudo”, “no entanto”, “por outro lado”
(3) *kai* – “mas”
(4) *mentoi, oun* – “contudo”
(5) *plën* – “contudo” (principalmente em Lucas)
(6) *oun* – “contudo”

f. Comparação
(1) *hös, kathös* (introduzem orações comparativas)
(2) *kata* (em compostos, *katho, kathoti, kathösper, kathaper*)
(3) *hosos* (em Hebreus)
(4) *ë* – “do que”

g. Continuativo ou série
(1) *de* – “e”, “agora”
(2) *kai* – “e”
(3) *tei* – “e”
(4) *hina, oun* – “que”
(5) *oun* – “então” (em João)

3. Usos enfáticos
a. *alla* – “certeza”, “na verdade”, “de fato”
b. *ara* – “de fato”, “certamente”, “realmente”
c. *gar* – “mas realmente”, “certamente”, “de fato”
d. *de* – “de fato”
e. *ean* – “mesmo”
f. *kai* – “mesmo”, “de fato”, “realmente”
g. *mentoi* – “de fato”
h. *oun* – “realmente”, “claro que sim”

VII. SENTENÇAS CONDICIONAIS

A. Uma SENTENÇA CONDICIONAL é a que contém uma ou mais orações condicionais. Essa estrutura gramatical ajuda a interpretação porque fornece as condições, razões ou causas por que a ação do verbo principal ocorre ou não. Havia quatro tipos de sentenças condicionais. Elas movem daquilo que foi suposto ser verdadeiro a partir da perspectiva do autor ou para seu propósito para aquilo que era somente um desejo.

B. A SENTENÇA CONDICIONAL DE PRIMEIRA CLASSE expressava ação ou ser que era suposto ser verdadeiro a partir da perspectiva do autor ou para seus propósitos mesmo que fosse

expresso com um “se”. Em vários contextos seria traduzido “visto que” (cf. Mt 4.3; Rm 8.31). Contudo, isto não significa implicar que todas PRIMEIRAS CLASSES são verdadeiras para a realidade. Muitas vezes elas foram usadas para enfatizar num argumento ou ressaltar uma falácia (cf. Mt 12.27).

C. A SENTENÇA CONDICIONAL DE SEGUNDA CLASSE é muitas vezes chamada “contrária ao fato”. Afirma algo que era falso para realidade enfatizar. Exemplos:
   1. “Se Ele realmente fosse um profeta que Ele não é, Ele saberia quem e de que caráter a mulher é que está agarrando nEle, mas ele não sabe” (Lc 7.39)
   2. “Se vós realmente crêsseis em Moisés, o que vós não credes, vós creríeis em mim, o que não credes” (João 5.46)
   3. “Se eu ainda estivesse tentando estar agradando a homens, que não estou, eu não seria um servo de Cristo em absoluto, o que eu sou” (Gl 1.10)

D. A TERCEIRA CLASSE fala de ação possível futura. Muitas vezes supõe a probabilidade dessa ação. Geralmente implica uma contingência. A ação do verbo principal é contingente na ação na oração “se”. Exemplos de I João: 1.6-10; 2.4,6,9,15,20,21,24,29; 3.21; 4.20; 5.14,16.

E. A QUARTA CLASSE é a mais destituída de possibilidade. É raro no NT. Na verdade, na há nenhuma SENTENÇA CONDICIONAL DE QUARTA CLASSE completa em que ambas as partes da condição cabem na definição. Um exemplo de uma QUARTA CLASSE parcial é a oração de abertura em I Pe 3.14. Um exemplo de uma QUARTA CLASSE parcial é a oração de conclusão em Atos 8.31.

VIII. PROIBIÇÕES

A. O IMPERATIVO PRESENTE com PARTICÍPIO Më freqüentemente (mas não exclusivamente) tem a ênfase de parar um ato já em processo. Exemplos: “parai de armazenar vossas riquezas na terra...” (Mt 6.19); “parai de vos preocupar com a vossa vida...” (Mt 6.25); “parai de oferecer ao pecado as partes de vossos corpos como instrumentos do mal...” (Rm 6.13); “vós deveis parar de ofender o Espírito Santo de Deus...” (Ef 4.30); e “parai de embriagar-vos no vinho...” (5.18).

B. O SUBJUNTIVO AORISTO com PARTICÍPIO Më tem a ênfase de “nem mesmo começar ou provocar um ato”. Exemplo: “Nem mesmo começai a supor que...” (Mt 5.17); “nunca começai a preocupar-vos...” (Mt 6.31); “tu nunca deves ficar envergonhado...” (II Tm 1.8).

C. O NEGATIVO DUPLO com o MODO SUBJUNTIVO é uma negação muito enfática. “Nunca, não nunca” ou “não sob nenhuma circunstância”. Exemplos: “Ele nunca, não nunca experimentará a morte” (João 8.51); “Eu nunca, não, nunca...” (I Co 8.13).

IX. O ARTIGO

A. Em grego coinê o artigo definido “o” tinha um uso similar ao português. Sua função básica era aquela de “um indicador”, uma maneira de atrair a atenção para uma palavra, nome ou frase. O uso varia de autor para autor no Novo Testamento. O artigo definido podia também funcionar
   1. como um mecanismo contrastante como um pronome demonstrativo;
   2. como um símbolo para se referir a um sujeito ou pessoa previamente apresentados

3. como uma maneira para identificar o sujeito numa sentença com um verbo de ligação. Exemplos: “Deus é Espírito” (João 4.24); “Deus é luz” (I João 1.5); “Deus é amor” (4.8,16).

B. O grego coinê não tinha um artigo indefinido como o português “um” ou “uma”. A ausência do artigo definido poderia significar
   1. Um foco nas características ou qualidade de alguma coisa;
   2. Um foco na categoria de alguma coisa.

C. Os autores do NT varavam muito quanto a como o artigo era empregado.

X. MANEIRAS DE MOSTRAR ÊNFASE NO NOVO TESTAMENTO GREGO

A. As técnicas para mostrar ênfase variam de autor para autor no Novo Testamento. Os escritores mais consistentes e formais eram Lucas e o autor de Hebreus.

B. Nós afirmamos mais cedo que o INDICATIVO ATIVO AORISTO era padrão e desmarcado para ênfase, mas nenhum outro tempo, voz ou modo tinham significância interpretativa. Isso não deve implicar que o INDICATIVO ATIVO AORISTO não era com freqüência usado num sentido gramatical significante. (Exemplo: Rm 6.10 (duas vezes).

C. Ordem de palavra em grego coinê
   1. O grego coinê era uma língua flexionada que não era dependente, como o inglês, da ordem de palavra. Portanto, o autor podia variar a ordem normal esperada para mostrar
      a. O que o autor queria enfatizar para o leitor;
      b. O que o autor pensava que seria surpreendente para o leitor;
      c. Sobre o que o autor sentia profundamente
   2. A ordem normal de palavra em grego é ainda uma questão incerta. Contudo, a suposta ordem normal é:
      a. Para verbos de ligação
         (1) Verbo
         (2) Sujeito
         (3) Complemento
      b. Para verbos transitivos
         (1) Verbo
         (2) Sujeito
         (3) Objeto
         (4) Objeto indireto
         (5) Frase preposicional
      c. Para frases nominais
         (1) Substantivo
         (2) Modificador
         (3) Frase preposicional
   3. Ordem de palavra pode ser um ponto exegético extremamente importante. Exemplos:
      a. “mão direita eles deram para mim e Barnabé de comunhão”. A frase “mão direita de comunhão” é separada e defrontada para mostrar sua significância (Gl 2.9).
      b. “com Cristo” foi colocado primeiro. Sua morte era central (Gl 2.20).

c. “foi pouco a pouco e de muitas maneiras” (Hb 1.1) foi colocado primeiro. Foi como Deus revelou a Si mesmo que estava sendo contrastado, não o fato da revelação.

D. Geralmente algum grau de ênfase era mostrado por

1. A repetição do pronome que já estava presente na forma flexionada do verbo. Exemplo: “Eu, eu mesmo, certamente estarei convosco...” (Mt 28.20).
2. A ausência de uma conjunção esperada, ou outro mecanismo conectivo entre palavras, frases, orações ou sentenças. Isto é chamado assíndeto (“não ligado”). O mecanismo conectivo era esperado, assim sua ausência atrairia atenção. Exemplos:
   a. As Bem-aventuranças, Mt 5.3ss (enfatizou a lista)
   b. João 14.1 (novo tópico)
   c. Romanos 9.1 (nova seção)
   d. II Co 12.20 (enfatizam a lista)
3. A repetição de palavras ou frases presentes num dado contexto. Exemplos: “para louvor da Sua glória” (Ef 1.6, 12 & 14). Esta frase foi usada para mostrar a obra de cada pessoa da Trindade.
4. O uso de uma expressão idiomática ou jogo de palavra (som) entre termos
   a. Eufemismos – substituem palavras por sujeitos proibidos, como “dormir” por morte (João 11.11-14) ou “pé” pela genitália masculina (Rute 3.7,8; I Sm 24.3).
   b. Circunlóquios – substituem palavras pelo nome de Deus, como “Reino dos céus” (Mt 3.2) ou “uma voz dos céus” (Mt 3.17).
   c. Figuras de linguagem
      (1) Exageros impossíveis (Mt 3.9; 5.29,30; 19.24)
      (2) Moderado sobre declarações (Mt 3.5; Atos 2.36)
      (3) Personificações (I Co 15.55)
      (4) Ironia (Gl 5.12)
      (5) Passagens poéticas (Fp 2.6-11)
      (6) Jogos de som entre palavras
         (a) “igreja”
            (i) “igreja” (Ef 3.21)
            (ii) “chamada” (Ef 4.1,4)
            (iii) “chamados” (Ef 4.1,4)
         (b) “livre”
            (i) “mulher livre” (Gl 4.31)
            (ii) “liberdade” (Gl 5.1)
            (iii) “livre” (Gl 5.1)
   d. Linguagem idiomática – linguagem que é geralmente cultural e linguagem específica:
      (1) Uso figurado de “comida”. (João 4.31-34)
      (2) Uso figurado de “Templo”. (João 2.19; Mt 26.61)
      (3) Expressão idiomática hebraica de compaixão, “aborrecer”. (Gn 29.31; Dt 21.15; Lucas 14.36; João 12.25; Rm 9.13)
      (4) “Todos” versus “muitos”. Compare Is 53.6 (“todos”) com Is 53.11 & 12 (“muitos”). Os termos são sinônimos como Rm 5.18 e 19 mostram.
5. O uso de uma frase lingüística completa em vez de uma única palavra. Exemplo: “O Senhor Jesus Cristo”.

6. O uso especial de *autos*
    a. Quando com o artigo (posição atributiva) era traduzido “mesmo”.
    b. Quando sem o artigo (posição de predicado) era traduzido como um pronome reflexivo intensivo – “ele mesmo”, “ela mesma”.

E. O estudante da Bíblia que não lê grego pode identificar ênfase de várias maneiras:
1. O uso de um léxico analítico e texto interlinear grego/português.
2. A comparação de traduções portuguesas, particularmente de diferentes teorias de traduções. Exemplo: comparando uma tradução “palavra por palavra” (Almeida Corrigida e Almeida Atualizada) com uma “equivalente dinâmica” (NVI, NTLH, BJ). Uma boa ajuda seria *The Bible in Twenty Six Translations* [A Bíblia em Vinte e Seis Traduções] publicado por Baker.
3. O uso de *The Emphasized Bible* [A Bíblia Enfatizada] de Joseph Bryant Rotherham (Kregel, 1994).
4. O uso de uma tradução muito literal
    a. *The American Standard Version* [A Versão Padrão Americana] de 1901
    b. *Young’s Literal Translation of the Bible* [Tradução Literal da Bíblia de Young] de Robert Young (Guardian Press, 1976).

O estudo da gramática é tedioso, mas necessário para interpretação apropriada. Essas breves definições, comentários e exemplos são considerados para encorajar e equipar pessoas que não lêem grego a usar as notas gramaticais fornecidas neste volume. Certamente essas definições estão simplificadas excessivamente. Elas não deveriam ser usadas de uma maneira dogmática, inflexível, mas como ponto de partida para uma compreensão maior da sintaxe do Novo Testamento. Com sorte essas definições também possibilitarão aos leitores compreender os comentários de outros auxílios de estudo tais como comentários técnicos sobre o Novo Testamento.

Nós devemos poder verificar nossa interpretação baseados em itens de informação encontrados nos textos da Bíblia. Gramática é um dos mais úteis desses itens; outros itens incluiriam cenário histórico, contexto literário, uso contemporâneo da palavra e passagens paralelas.